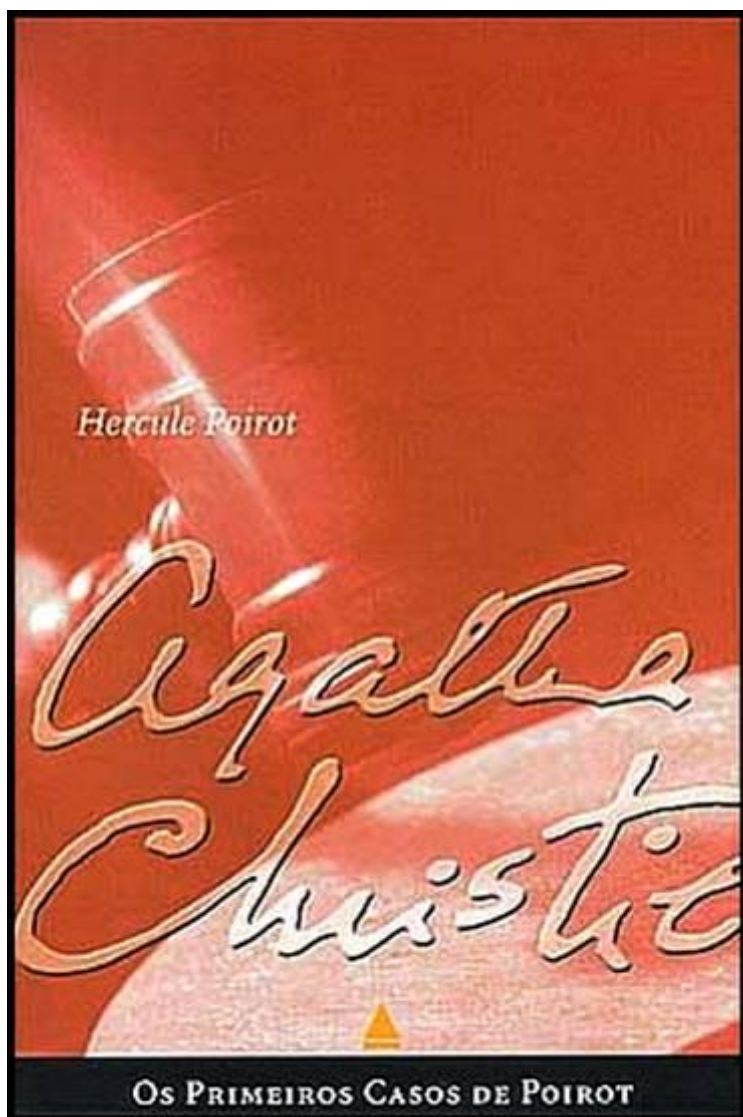




UM CASO DE HERCULE POIROT



OS PRIMEIROS CASOS DE POIROT

Quando soou a última pancada do relógio, ouvimos um alvoroço do lado de fora, gritos e homens correndo. O inspetor levantou a vidraça e um guarda aproximou-se ofegante.

— Nós o pegamos, senhor. Ele estava se esgueirando entre os arbustos. Tinha clorofórmio em seu poder.

Um dos policiais entregou um pacote que tomara do indivíduo. Continha um rolo de algodão e um vidro de clorofórmio.

Fiquei indignado. Havia também um bilhete endereçado para mim. Rasguei o envelope e li: “Você devia ter pago. Para recuperar seu filho terá que nos dar 50 mil libras.”

COLEÇÃO AGATHA CHRISTIE

Agatha Christie

OS PRIMEIROS CASOS DE POIROT

Tradução de
MARIA MORAES REGO

6ª edição



Título original em inglês
POIROT'S EARLY CASES

Copyright © 1974 by Agatha Christie Limited
© 1923, 1924, 1925 by Agatha Christie
© renewed 1951, 1952, 1953 by Agatha
Christie Mallowan
© 1929 by Agatha Christie
© renewed 1957 by Agatha Christie
Limited
© 1935, 1936 by Agatha Christie Mallowan
© renewed 1967 by Agatha Christie
Mallowan

Capa:
Rolf Gunther Braun

Revisão:
Álvaro Tavares

Direitos adquiridos somente para o Brasil pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.
Rua Maria Angélica, 168 — Lagoa — CEP. 22.461 —
Tel.: 286-7822
Endereço Telegráfico: NEOFRONT
Rio de Janeiro — RJ

Proibida exportação para
Portugal e países africanos de língua portuguesa.

ORELHA DO LIVRO

OS PRIMEIROS CASOS DE POIROT

Dezoito histórias de suspense de Agatha Christie compõem estes *Primeiros Casos de Poirot*, que trarão ao leitor um Poirot no início da carreira, quando estabelecia sua reputação de detetive profissional na Inglaterra. Foi aí que ele se viu envolvido no escandaloso caso de Victorie Ball, durante a Primeira Guerra Mundial.

A maioria das histórias aqui apresentadas são narradas pelo amigo de Poirot, que fez às vezes de Watson.

Primeiros Casos de Poirot — uma dúzia e meia de novos contos do famoso detetive belga. Todos com a marca de qualidade da rainha do romance policial, que garante o suspense e o sucesso.

Índice

O Caso do Baile da Vitória

A Aventura da Cozinheira de Clapham

O Mistério da Cornualha

A Aventura de Johnnie Waverly

O Duplo Indício

O Rei de Paus

A Maldição dos Lemesurier

A Mina Perdida

O Expresso de Plymouth

A Caixa de Chocolates

Os Planos do Submarino

O Apartamento do Terceiro Andar

O Duplo Delito

O Mistério de Market Basing

A Casa de Marimbondos

A Dama em Apuros

Problema a Bordo

Que Bonito é o seu Jardim

O Caso do Baile da Vitória

Foi a sorte que levou meu amigo Hercule Poirot, antigo chefe de polícia belga, a se envolver no caso Styles. Seu êxito granjeou-lhe a fama, e ele resolveu dedicar-se aos problemas criminais. Fui ferido na França e licenciado do exército, e finalmente voltei aos nossos aposentos em Londres. Sugeriram-me, como tinha acompanhado a maioria dos casos em que Poirot atuara, que fizesse um relatório dos mais interessantes. Nesse mister, creio que não poderia haver um início mais apropriado, do que o estranho enigma que despertou tanta curiosidade pública na época, o caso do Baile da Vitória.

Embora não demonstre tão cabalmente os peculiares métodos de Poirot como alguns casos mais obscuros, seus aspectos sensacionais, as personalidades famosas envolvidas no escândalo e a tremenda publicidade que a imprensa lhe concedeu, o tornam uma *cause célèbre*, e há bastante tempo creio que é justo que o mundo tenha conhecimento da atuação de Poirot em sua resolução.

Numa bela manhã de primavera, estava na companhia de Poirot, em seus aposentos. Meu amigo, elegante e apurado como sempre, com sua cabeça que lembrava um ovo ligeiramente inclinado para um lado, passava, com meticuloso cuidado, uma nova pomada nos bigodes. Uma vaidade inofensiva era um dos traços de Poirot, compatível e paralela ao seu amor pela ordem e pelo método. O *Daily Newsmonger*, que eu estivera lendo, escorregara para o chão, e estava em profunda meditação quando ele me chamou.

— Em que reflete assim com tanta concentração, *mon ami*?

— Para ser franco, estava intrigado com o misterioso caso do Baile da Vitória. Os jornais só falam nisso — indiquei-lhe a folha.

— É verdade?

— Quanto mais leio sobre o assunto, mais totalmente envolto em brumas parece-me o mistério — e declamei entusiasmado: — Quem matou Lorde Cronshaw? Terá sido mera coincidência a morte de Coco Courtenay na mesma noite? Teria sido um acidente? Ou teria ela ingerido deliberadamente uma dose fatal de cocaína? — fiz uma pausa e acrescentei melodramaticamente: — Eis as perguntas que

me fazia.

Para meu aborrecimento, Poirot não compartilhou do meu interesse. Examinava-se no espelho, e murmurou apenas:

— Decididamente, esta pomada é uma maravilha para os bigodes! — mas percebendo o meu olhar, acrescentou rapidamente: — E que respostas deu a suas próprias perguntas?

Antes que pudesse responder, a porta se abriu e nossa senhoria anunciou o inspetor Japp. O homem da Scotland Yard era um velho amigo nosso e o acolhemos com entusiasmo.

— Meu caro Japp — exclamou Poirot —, o que o traz aqui?

— Bem, *Monsieur* Poirot — disse Japp sentando-se e cumprimentando-me com um aceno —, fui designado para um caso que parece encaixar-se em sua especialidade, e vim aqui ver se lhe apetece pôr a mão na massa.

Poirot tinha Japp em bom conceito, embora deplorasse sua falta de método. Quanto a mim, achava que o maior talento do detetive estava em obter favores como se dispensasse honrarias!

— É o caso do Baile da Vitória — explicou Japp, num tom persuasivo. — Vamos, admita que gostaria de participar das investigações...

Poirot endereçou-me um sorriso:

— Tenho certeza de que pelo menos o meu amigo Hastings adoraria. Estava agora mesmo falando sobre o assunto, *n'est-ce pas, mon ami?*

— Bem, o senhor também poderá participar — disse Japp com condescendência. — Eu lhe digo, é um privilégio estar por dentro de um caso como esse. Bem, vamos à questão. Já conhece os pontos principais do caso, não é, *Monsieur Poirot?*

— Só pelos jornais, e a imaginação dos jornalistas pode apresentar os fatos erradamente. Conte-me tudo.

Japp pôs-se à vontade, cruzou as pernas, e começou:

— Como todos sabem, na última quinta-feira realizou-se o grande Baile da Vitória. Todo arrasta-pés de segunda classe tem essa pretensão, nos dias de hoje, mas este foi o artigo genuíno, Colossus Hall, e todas as pessoas importantes de Londres estavam lá, incluindo Lorde Cronshaw e seus convidados.

— O *dossier* do cavalheiro, por favor? — interrompeu Poirot. — Ou seja, seus dados biográficos como dizem aqui.

— Visconde de Cronshaw, o quinto de

sua linhagem, vinte e cinco anos, rico, solteiro, amante do mundo teatral. Havia boatos de um noivado com Miss Courtenay, do Albany Theatre, apelidada por seus amigos de Coco, que era indiscutivelmente uma jovem fascinante.

— Ótimo, *continuez*..

— O grupo de Lorde Cronshaw consistia de seis pessoas: ele, o tio, o Honorável Eustace Beltane, Mrs. Mallaby, uma bela viúva americana, o jovem ator Chris Davidson e sua esposa, e por último, Miss Coco Courtenay. Era um baile a fantasia, como sabem, e o grupo de Lorde Cronshaw representava a velha Comédia Italiana, ou coisa semelhante.

— A *Commedia dell'Arte* — murmurou Poirot.

— Bem, as fantasias foram copiadas de um conjunto de estatuetas de porcelana que fazia parte da coleção de Eustace Beltane. Lorde Cronshaw era Arlequim, Beltane era Polichinelo, sua companheira Mrs. Mallaby era Pulcinela, o casal Davidson, Pierrô e Pierrete, e naturalmente Miss Courtenay era a Colombina. Mas logo nas primeiras horas da noite, tornou-se evidente que algo estava errado. Lorde Cronshaw estava descontente,

com modos estranhos. Quando o grupo se reuniu para a ceia na pequena sala que ele reservara, todos notaram que Miss Courtenay e ele não se falavam. Era óbvio que ela estivera chorando e parecia à beira de um ataque histérico. A refeição não foi agradável e quando se retiraram da sala ela virou-se para Chris Davidson e pediu-lhe que a levasse em casa, pois estava cansada. O jovem ator hesitou, olhando para Lorde Cronshaw, e finalmente os três retornaram à sala onde haviam ceado.

Mas todos os seus esforços para conseguir uma reconciliação foram ineficazes — prosseguiu Japp — e Davidson terminou por arranjar um táxi e acompanhar Miss Courtenay, agora em prantos, de volta ao apartamento dela. Embora estivesse obviamente transtornada, ela não se abriu com o rapaz, só repetindo com freqüência que “faria o velho Cronch pagar por isso!” É a única pista que nos indica que sua morte pode não ter sido acidental, e é muito pouco para nos basearmos. Quando afinal Davidson conseguiu acalmá-la um pouco, era muito tarde para voltar ao Colossus Hall, e seguiu direto para seu apartamento em Chelsea, aonde sua esposa chegou logo depois, trazendo as

notícias da terrível tragédia que ocorreu logo após a saída dele.

— Lorde Cronshaw foi ficando cada vez mais carrancudo com o passar do tempo, afastou-se do grupo e eles mal o viram durante o resto da noite. Foi mais ou menos à uma e meia, antes da dança, quando todos deveriam tirar suas máscaras, que o capitão Digby, um companheiro de armas que conhecia seu disfarce, viu-o num camarote, olhando o salão.

— Olá, Cronch! — ele o chamou. — Desça e misture-se aos bons! O que está fazendo aí feito uma coruja empalhada? Vão tocar agora uma daquelas bem animadas! Venha!

— Está bem — respondeu Cronshaw. — Espere aí, senão eu o perco na multidão — virou-se e saiu do camarote. O capitão Digby, que estava em companhia de Mrs. Davidson, esperou. Alguns minutos se passaram sem que Lorde Cronshaw aparecesse. Finalmente Digby ficou impaciente:

— Será que ele pensa que esperaremos por ele a noite inteira?

Nesse instante Mrs. Mallaby juntou-se a eles e explicaram-lhe a situação.

— Ah, o pobre homem está meio desorientado esta noite — exclamou a bela

viúva. — Vamos procurá-lo e trazê-lo para cá.

Começaram a busca, mas só obtiveram êxito quando Mrs. Mallaby sugeriu que dessem uma olhada na sala da ceia. Imagine a cena que os esperava: lá estava o Arlequim, sem dúvida alguma, mas caído ao chão com uma faca de mesa enfiada no peito!

Japp calou-se.

Balançando a cabeça, Poirot disse com o entusiasmo de um *connaisseur*:

— *Une belle affaire!* E não acharam nenhuma pista que indicasse a identidade do assassino? Mas certamente que não!

— Bem — continuou o inspetor —, o resto o senhor sabe. A tragédia foi dupla. No dia seguinte estava nas manchetes de todos os jornais, que a popular atriz, Miss Coco Courtenay, fora encontrada morta em sua cama, devido a uma dose fatal de cocaína. Mas terá sido acidente ou suicídio? Sua criada admitira, durante o interrogatório, que Miss Courtenay era viciada em drogas, e o veredicto foi de morte accidental. Entretanto, não podemos abandonar a hipótese de suicídio. A morte da atriz foi para nós uma dupla infelicidade, pois nos deixou no escuro quanto à causa de seu desentendimento com o morto

na noite anterior. Antes que me esqueça, uma pequenina caixa esmaltada foi encontrada junto ao corpo de Lorde Cronshaw. Tinha o nome Coco escrito em brilhantes e estava cheia até o meio com cocaína. A criada a identificou como pertencente a sua patroa, que sempre a levava consigo, pois continha o suprimento da droga que rapidamente a estava escravizando.

— Lorde Cronshaw era um viciado também?

— Muito pelo contrário. Fazia graves e veementes objeções a qualquer espécie de drogas.

Poirot balançou a cabeça pensativo.

— Mas já que a caixa estava em seu poder, ele devia saber que Miss Courtenay tomava cocaína. É bastante sugestivo, não, meu caro Japp?

— Ah! — fez Japp meio atordado.

Eu sorri.

— Bem, este é o caso — disse Japp. — O que pensa dele?

— Não achou nenhuma pista além das que a imprensa divulgou?

— Achei, sim. Isto — e Japp tirou do bolso um pequeno objeto e mostrou-o a Poirot. Era um pequeno pompom de seda verde

esmeralda, com alguns fios repuxados, como se tivesse sido arrancado com violência. — Encontramos isto no punho fechado do morto — explicou o inspetor.

Poirot devolveu o pompom sem comentários e perguntou:

— Lorde Cronshaw tinha inimigos?

— Que eu saiba, não. Ele parecia ser um sujeito muito popular.

— Quem lucra com sua morte?

— Seu tio, Eustace Beltane, que herda o título e as propriedades. Há alguns fatos suspeitos contra ele. Várias pessoas afirmam ter ouvido uma violenta discussão na sala da ceia, e que Beltane era um dos que discutiam. E o fato do crime ter sido cometido com uma faca que estava sobre a mesa parece indicar um ato impulsivo, cometido durante uma exaltação.

— O que tem Mr. Beltane a dizer sobre o assunto?

— Disse que chamava a atenção de um dos garçons, que estava meio bêbado, e que o fato se passou por volta de uma hora. Como já vimos, o testemunho do capitão Digby limita-se a um intervalo de dez minutos, à hora do crime. Foi este o espaço de tempo que decorreu

entre o momento em que falou com Cronshaw e a descoberta do corpo.

— E de qualquer forma, suponho que Mr. Beltane, como Polichinelo, usasse uma corcunda e uma gola de folhos?

— Não conheço bem os detalhes das fantasias — disse Japp olhando para Poirot com curiosidade. — Não vejo a relação que possam ter com o caso.

— Não? — Havia uma ponta de zombaria no sorriso de Poirot. Nos seus olhos brilhava a luzinha verde que eu já aprendera a reconhecer. — Havia uma cortina na sala da ceia, não havia? — ele acrescentou.

— Havia, sim, mas...

— Com espaço suficiente atrás para ocultar um homem?

— Bem, na verdade há um pequeno nicho, mas como soube? Não esteve lá, esteve, *Monsieur Poirot*?

— Não, meu caro Japp. Foi meu cérebro que me sugeriu a cortina. Sem ela a trama não seria possível, e temos que procurar ser sempre racionais. Mas diga-me, o médico não foi chamado?

— Naturalmente, logo em seguida. Mas nada pôde ser feito, a morte deve ter sido

instantânea.

Poirot balançou a cabeça com impaciência.

— Sim, sim, eu compreendo. E esse médico não testemunhou no inquérito?

— Testemunhou.

— Ele mencionou algum sintoma estranho? Nada havia no corpo que lhe parecesse anormal?

Japp encarou o homenzinho.

—Mencionou, *Monsieur* Poirot. Não sei aonde pretende chegar, mas ele disse que havia uma certa rigidez nos membros que não conseguia explicar.

— Haha! — fez Poirot. — *Mon Dieu!* Japp, isso dá o que pensar, não?

Pude ver que certamente Japp não pensara em nada.

— O senhor está pensando em veneno, *monsieur*? Por que diabos alguém envenenaria um homem e depois enfiaria uma faca nele?

— Na verdade isso seria ridículo — concordou Poirot com placidez.

— Gostaria de examinar pessoalmente alguma coisa? Se quiser ver o aposento onde o corpo foi encontrado...

Poirot abanou as mãos.

— De forma alguma. Já me deu a informação mais importante: a opinião de Lorde Cronshaw sobre os toxicômanos.

— Então não há nada que deseje ver?

— Só uma coisa.

— O que é?

— A coleção de estatuetas de onde foram copiadas as fantasias.

Japp o olhou espantado.

— Bem, o senhor é mesmo estranho!

— Pode arranjar isto?

— Podemos ir agora a Berkely Square, se quiser. Mr. Beltane, ou Lorde Cronshaw como deveríamos dizer agora, não se oporá.

Saímos imediatamente num táxi. O novo Lorde Cronshaw não estava em casa, mas a pedido de Japp fomos levados à “sala das porcelanas”, onde eram guardadas as peças mais raras de sua coleção. Japp olhou em torno, atarantado.

— Não vejo como vai conseguir achar o que procura, *monsieur*.

Mas Poirot já tinha levado uma cadeira para a frente da lareira e pulava sobre o assento com a agilidade de um coelho. De um lado do espelho, numa pequena prateleira, estavam seis estatuetas de porcelana. Poirot as

examinou meticulosamente, dirigindo-nos alguns comentários.

— *Les voilà!* A velha *Comedia dell'Arte*. Três casais: Arlequim e Colombina, Pierrô e Pierrete, muito graciosos em verde e branco, e Polichinelo e Pulcinela, em lilás e amarelo. A fantasia de Polichinelo é complicada, uma corcunda, folhos e franzidos, e um chapéu alto. É, bastante complicada, como eu pensava. — E recolocando as estatuetas no lugar com cuidado, pulou para o chão.

Japp tinha uma expressão desapontada, mas como era evidente que Poirot não tinha a intenção de fornecer explicações, o detetive não teve outra saída senão se conformar. Quando já íamos saindo, o dono da casa entrou e Japp fez as apresentações necessárias.

O sexto Visconde de Cronshaw era um homem de uns cinqüenta anos, de maneiras afáveis e um rosto atraente onde se viam sinais de uma vida dissoluta. Era evidentemente um velho libertino, com um ar lânguido e *poseur*. Senti por ele uma antipatia instantânea. Cumprimentou-nos de forma bastante cordial, declarando ter ouvido grandes elogios à perícia de Poirot. e colocando-se à nossa disposição.

— A polícia está fazendo todo o possível

— disse Poirot.

— Mas receio que o mistério da morte de meu sobrinho nunca seja esclarecido. O caso parece-me completamente insolúvel.

Poirot o observava com atenção.

— Conhece algum inimigo de seu sobrinho?

— Não, ele não os tinha. Tenho certeza absoluta — e hesitou antes de acrescentar: — Se há outras perguntas que deseje fazer...

— Só mais uma — e num tom formal Poirot perguntou: — As fantasias eram reproduções fiéis das estatuetas?

— Em todos os detalhes.

— Obrigado, milorde. Era tudo que desejava saber. Desejo-lhe um bom dia.

— E agora? — perguntou Japp enquanto descíamos a rua apressados. — Preciso voltar à Yard.

— *Bien!* Não o deterei. Só preciso verificar mais um ponto e então...

— Então?

— O caso estará encerrado.

— O quê? Fala sério? Sabe quem matou Lorde Cronshaw?

— *Parfaitement.*

— Quem foi? Eustace Beltane?

— Ora, *mon ami*, já devia conhecer minhas pequenas fraquezas, meu desejo de conservar os fios do mistério em minhas mãos até o último momento. Mas não tenha receio. Quando chegar a ocasião revelarei tudo. Não desejo colher os louros, o mérito será seu, com a condição de que me permita conduzir o *dénouement* à minha maneira.

— É bastante justo — disse Japp. — Isto é, será, se esse *dénouement* chegar algum dia! Mas como digo sempre, o senhor é mais fechado que uma ostra, quando se trata de revelar seus segredos, não é mesmo? — Poirot sorriu e Japp acrescentou: — Bem, até mais tarde. Preciso ir à Yard.

Poirot chamou um táxi que ia passando quando o detetive se afastou.

— Aonde iremos agora? — perguntei com a curiosidade aguçada.

— Para Chelsea, ver o casal Davidson — e deu o endereço ao chofer.

— O que acha do novo Lorde Cronshaw? — perguntei.

— O que pensa o meu bom amigo Hastings?

— Meu instinto não confia nele.

— Pensa que ele é o “tio malvado” dos

livros de histórias, não?

— E você, não?

— Eu? Acho que ele foi muito amável conosco — respondeu Poirot evasivamente.

— Ele tinha seus motivos!

Poirot olhou para mim, sacudiu a cabeça com tristeza e murmurou algo que me pareceu ser:

— Nenhum método!

O casal Davidson morava no terceiro andar de um pretensioso conjunto de apartamentos. Informaram-nos que Davidson saíra, mas que a senhora poderia nos receber. Fomos levados a uma sala comprida e baixa, decorada com extravagantes tapeçarias orientais. O ambiente era abafado e opressivo, com um aroma penetrante de incenso chinês. Mrs. Davidson nos recebeu quase imediatamente; uma mulher loura, pequena e delicada, cuja fragilidade seria patética e atraente se não fosse pela expressão astuta e cautelosa de seus olhos azuis claros.

Poirot explicou nossa ligação com o caso e ela sacudiu a cabeça penalizada.

— Pobre Cronch... e pobre Coco! Gostávamos tanto dela, sua morte foi um golpe terrível para nós. Tem alguma pergunta a me

fazer? É realmente necessário reviver outra vez aquela noite horrível?

— Acredite-me, madame, não a importunaria desnecessariamente. Na verdade o inspetor Japp já me deu todas as informações. Só gostaria de ver a fantasia que usou no baile daquela noite.

A dama pareceu algo surpresa, e Poirot prosseguiu num tom suave:

— Compreenda, madame, trabalho pelo sistema de meu país. Lá nós sempre reconstituímos o crime. É possível que encenemos até uma *représentation*, e para isso as fantasias serão importantes.

Mrs. Davidson tinha uma expressão de dúvida.

— Naturalmente já ouvi falar em reconstituições de crimes — disse ela. — Mas não sabia que eram assim tão meticulosos a respeito de detalhes. Mas vou buscar a fantasia — e saiu da sala, retornando dentro em pouco com um delicado traje de cetim, verde e branco.

Poirot examinou-o e o devolveu com uma inclinação cortês:

— *Merci, madame!* Vejo que teve a infelicidade de perder um dos seus pompons

verdes, aqui do ombro.

— Ah, é verdade, caiu durante o baile. Apanhei-o e o dei ao pobre Lorde Cronshaw para que o guardasse para mim.

— Isso foi depois da ceia?

— Foi.

— Não muito tempo antes da tragédia, então?

Um leve toque de alarme apareceu nos olhos claros de Mrs. Davidson e ela respondeu rapidamente:

— Oh, não! Muito antes disso. Logo depois da ceia, para ser precisa.

— Ah, sim. Bem, isso é tudo. Não a incomodaremos mais. *Bonjour*, madame.

— Bem, está explicado o mistério do pompom verde — disse eu quando deixávamos o prédio.

— Será?

— Por quê? O que pretende dizer?

— Examinei bem a fantasia, Hastings.

— E?

— *Eh bien*, o pompom perdido não se desprende, como disse a dama. Ao contrário, meu amigo, foi cortado, cortado com uma tesoura. Os fios estavam todos com o mesmo comprimento.

— Deus meu! Isto está cada vez mais complicado.

— Ao contrário — retrucou Poirot placidamente —, o caso torna-se cada vez mais simples.

— Poirot! — exclamei agastado. — Qualquer dia desses vou matá-lo! Seu hábito de considerar tudo muito simples é extremamente irritante!

— Mas quando chego às explicações tudo não se revela perfeitamente simples, *mon ami*?

— É verdade, o que é ainda mais irritante. Sinto que deveria ter sido capaz de chegar à verdade sozinho.

— E você é capar, Hastings! Se somente arrumasse suas idéias! Sem método...

— Sei, sei — cortei apressadamente pois conhecia bem a eloquência de Poirot quando se tratava de seu tema favorito. — Diga-me, o que faremos agora? Vai realmente reconstituir o crime?

— Não, o drama está encerrado, como poderíamos dizer. Mas eu pretendo acrescentar uma... arlequinada.

A quinta-feira seguinte foi o dia marcado por Poirot para essa misteriosa representação. Os preparativos me intrigaram imensamente.

Levantaram uma tela branca em uma das paredes do aposento, ladeada por pesadas cortinas. Daí a pouco surgiu um homem com uma aparelhagem de iluminação e finalmente um grupo de atores que desapareceu no quarto de Poirot, transformado em camarim provisório.

Pouco antes das oito chegou Japp, num estado de espírito pouco otimista. Percebi que o detetive não via com bons olhos os planos de Poirot.

— São muito melodramáticos, como todas as suas idéias. Mas mal não podem causar, e pode ser que, como ele promete, poupem-nos muito trabalho. Ele tem revelado muita perspicácia nesse caso, embora eu estivesse na mesma pista, evidentemente — senti que Japp exagerava nesse ponto. — Mas prometi dar-lhe completa liberdade de ação para resolver as coisas a seu modo. Olhe, aí vem o pessoal.

Lorde Cronshaw foi o primeiro a chegar, acompanhado de Mrs. Mallaby, que eu ainda não conhecia. Era uma bonita mulher de cabelos escuros, visivelmente nervosa. Em seguida, entrou o casal Davidson. Era a primeira vez que via Chris Davidson, um homem bastante atraente, num estilo óbvio,

alto e moreno, com a graça nata de um ator.

Poirot arranjara um grupo de cadeiras em frente à tela, fortemente iluminada. Apagou as outras luzes, e o aposento ficou escuro, a exceção da tela. A voz de meu amigo ecoou na escuridão:

— *Mesdames, messieurs*, uma palavra de explicação. Seis personagens desfilarão aqui. São bem conhecidos de todos: Pierrô e Pierrete, o bufão Polichinelo e sua elegante Pulcinela, a doce e graciosa Colombina e Arlequim, o duende invisível!

Com estas palavras de introdução, começou o espetáculo. Separadamente cada personagem saltava diante da cortina, imobilizava-se por alguns segundos, e desaparecia do outro lado. Depois que os seis desfilaram, as luzes se acenderam e um suspiro de alívio percorreu a platéia. Todos os componentes do grupo haviam estado apreensivos, sem mesmo saber o que temiam. Pareceu-me que a representação fora um fiasco. Se o criminoso, estava entre nós, e Poirot esperara que se denunciasse à mera visão de um vulto familiar, o estratagema havia falhado e não era de admirar. Entretanto, Poirot não parecia decepcionado, e adiantou-se

sorrindo.

— Agora, *mesdames, messieurs* poderão fazer-me o obséquio de darem as suas impressões sobre o que acabaram de ver? Um de cada vez, por favor. O senhor primeiro, milorde.

O cavalheiro parecia perplexo.

— Tenho receio de não o ter entendido bem.

— Diga-me simplesmente o que acabou de ver.

— Bem ... eu diria que vimos seis personagens, fantasiados como os atores da *Commedia dell'Arte*, desfilando em frente a uma tela... como estávamos vestidos naquela noite.

— Esqueça-se daquela noite — interrompeu Poirot. — A primeira parte de sua declaração é a que interessa agora. Madame, a senhora concorda com Lorde Cronshaw? — ele se virara para Mrs. Mallaby.

— Eu... concordo, sim, naturalmente.

— Concorda que viu seis personagens representando a comédia italiana?

— Ora, certamente.

— *Monsieur* Davidson? O senhor também concorda?

— Concordo.

— Madame?

— Concordo.

— Hastings? Japp? Estão todos de acordo?

Ele correu os olhos pelo grupo. Seu rosto estava um tanto pálido e seus olhos, verdes como os de um gato.

— Pois os senhores *estão todos errados!* Seus olhos os enganaram há pouco, como os enganaram na noite do Baile da Vitória! Ver “com os próprios olhos” nem sempre é ver a verdade. É preciso ver com os olhos da mente, é preciso utilizar as celulazinhas cinzentas. Saibam agora, que na noite do baile e nesta noite, viram cinco personagens, e não seis! Olhem!

As luzes apagaram-se novamente. Um vulto pulou para a frente da tela: Pierrô.

— Quem é aquele? — perguntou Poirot.
— Será Pierrô?

— É ele, sim — todos nós exclamamos.

— Olhem novamente.

Com um gesto rápido o homem livrou-se do seu amplo traje, e as luzes fortes nos revelaram o cintilante Arlequim! No mesmo instante ouviu-se uma exclamação e o ruído de

uma cadeira que caía.

— Maldito seja — a voz de Davidson estava cheia de ódio. — Maldito seja! Como adivinhou?

Ouvimos o estalido de algemas e a voz calma de Japp, no seu tom oficial:

— Christopher Davidson, eu o prendo sob a acusação de assassinato do Visconde de Cronshaw. Qualquer coisa que disser poderá ser usada.

Um quarto de hora havia decorrido. Uma pequena mas requintada ceia fora servida e Poirot, com um largo sorriso, era agora o anfitrião cordial respondendo às perguntas ansiosas.

— Foi tudo muito simples. As circunstâncias em que o pompom verde foi descoberto sugeriam que fora arrancado da fantasia do assassino. Deixei de lado a hipótese de Pierrete, pois é necessário muita força física para introduzir uma faca de mesa sem ponta num corpo de homem, e concentrei-me em Pierrô. Mas Pierrô deixara o baile quase duas horas antes do crime. Teria ele retornado para matar Lorde Cronshaw? Ou o teria morto antes de sair? Seria isso possível? Quem havia visto Lorde Cronshaw depois da ceia daquela

noite? Só Mrs. Davidson, cujo testemunho eu desconfiava ser uma mentira deliberada para explicar a perda do pompom, que ela deve ter cortado da própria fantasia para substituir o que fora arrancado pelo morto do traje do marido. Mas então o Arlequim que fora visto no camarote à uma e trinta não era o verdadeiro Lorde Cronshaw. Por um momento considerei a possibilidade de Mr. Beltane ser o criminoso. Mas seu traje complicado tornava uma impossibilidade prática ter ele representado o duplo papel de Polichinelo e Arlequim... Por outro lado, para Davidson, um jovem da mesma altura do homem assassinado, e ator profissional a encenação não apresentaria nenhuma dificuldade.

— Mas um ponto me preocupava — prosseguiu Poirot. — Como o médico legista não havia percebido que o assassinado morrera há duas horas e não há dez minutos? *Eh bien*, ele havia percebido, sim, mas como ninguém perguntara: “Há quanto tempo este homem está morto?”, e pelo contrário, asseguraram-lhe que o homem estivera vivo há dez minutos atrás, havia simplesmente comentado no inquérito que não sabia explicar a rigidez anormal do cadáver! Tudo confirmava minha

teoria. Davidson matou Lorde Cronshaw logo depois da ceia, quando, como todos se lembram, foi visto retornando com o mesmo para a sala de refeições. Imediatamente depois saiu com Miss Courtenay, deixando-a à porta de seu apartamento (em vez de entrar para acalmá-la como afirmou), e voltou a toda pressa para o Colossus Hall, agora fantasiado de Arlequim, uma transformação rápida, efetuada com a simples retirada do traje de Pierrô.

O tio do morto inclinou-se para a frente, perplexo:

— Mas nesse caso ele deve ter vindo ao baile preparado para matar sua vítima. Mas que motivo o impeliu? Não consigo perceber um motivo.

— Ah, agora chegamos à segunda tragédia ... a morte de Miss Courtenay. Há um fato evidente que ninguém parece ter notado: Miss Courtenay morreu de uma dose fatal de cocaína, mas sua provisão da droga estava em poder de Lorde Cronshaw. Onde, então, ela obteve a dose que a matou? Só uma pessoa poderia ter-lhe fornecido a droga mortal: Davidson. E isso esclarece tudo. Explica sua amizade com o casal Davidson,, sua súplica a

ele para que a levasse para casa. Lorde Cronshaw, que era um inimigo quase fanático dos tóxicos, descobriu que ela era viciada em cocaína e suspeitou de que o fornecedor fosse Davidson. Este indubitavelmente deve ter negado mas Lorde Cronshaw resolvera obter a verdade de Miss Courtenay durante o baile. Ele podia perdoar a desgraçada moça, mas na certa não teria clemência com um homem que vivia do tráfico de drogas. Com receio de ser desmascarado e preso, Davidson foi ao baile resolvido a silenciar Cronshaw a qualquer preço.

— A morte de Coco foi acidental, então?

— Acredito que tenha sido um “acidente” astutamente preparado por Davidson. Ela estava furiosa com Cronshaw, primeiro por suas censuras e segundo por tê-la privado da cocaína. Davidson forneceu-lhe mais, e provavelmente sugeriu que aumentasse a dose para desafiar o “velho Cronch”.

— Mais uma coisa — disse eu. — E o nicho, e a cortina? Como soube de sua existência?

— Ora, *mon ami*, este ponto foi o mais simples. Os garçons haviam entrado e saído do pequeno aposento sem nada notar. Então

obviamente o corpo não poderia estar caído no meio da sala, onde foi encontrado mais tarde. Deveria haver um local onde pudesse ter sido escondido. Por dedução pensei num nicho atrás de uma cortina. Davidson carregou o corpo para lá, e mais tarde, depois de chamar a atenção para si no camarote, tornou a levá-lo para o meio da sala, antes de sair finalmente do baile. Foi um dos seus movimentos mais brilhantes, ele é um homem inteligente!

Mas nos olhos de Poirot era evidente a sua conclusão final: Mas não tão inteligente quanto Hercule Poirot!

A Aventura da Cozinheira de Clapham

Na época em que morava com meu amigo Hercule Poirot, era meu hábito ler-lhe em voz alta as manchetes do jornal matutino *Daily Blare*.

O *Daily Blare* aproveitava todas as oportunidades para fazer sensacionalismo. Roubos e assassinatos não se escondiam na obscuridade das últimas páginas. Ao contrário, agrediam o leitor em letras garrafais logo na primeira página:

BANCÁRIO FOGE COM 50 000 LIBRAS EM TÍTULOS NEGOCIÁVEIS. MARIDO INFELIZ SUICIDA-SE COM CABEÇA DENTRO DO FORNO. BELA DATILÓGRAFA DE 21 ANOS DESAPARECIDA. ONDE ESTÁ EDNA FIELD?

— Bem, Poirot, faça sua escolha. Um bancário foragido, um suicídio misterioso, uma datilógrafa desaparecida. Qual deles lhe apetece?

Meu amigo sacudiu a cabeça pacificamente:

— Nenhum desses casos me atrai, *mon ami*. Hoje sinto-me inclinado ao descanso, à

tranqüilidade. Só um enigma muito interessante seria capaz de arrancar-me da minha poltrona. E tenho problemas próprios, importantes para resolver.

— Que problemas?

— Meu guarda-roupa, Hastings. Se não me engano, há uma mancha de gordura em meu terno cinzento. É só uma pequena mancha, mas é o suficiente para me incomodar. E meu sobretudo, preciso entregá-lo aos cuidados de Keatings. Ah, e meus bigodes, creio que a ocasião é propícia para dar-lhes alguma atenção. Preciso apará-los e aplicar-lhes a pomada.

— Bem — disse eu andando até a janela —, tenho dúvida de que possa dedicar-se a essas deliciosas ocupações. A campanha tocou. Você tem um cliente.

— A menos que o caso seja de importância capital, não me envolverei — declarou Poirot com dignidade.

Um instante depois, uma senhora gorda e corada, com a respiração ofegante pelo esforço de subir as escadas, invadiu nossa intimidade.

— O senhor é *Monsieur* Poirot? — ela perguntou deixando-se cair numa poltrona.

— Sim, sou Hercule Poirot, madame.

— Não se parece em nada com a imagem que fiz — declarou a senhora olhando-o com algum desagrado. — O senhor pagou aos jornais para que o elogiassem dizendo que é um grande detetive, ou escreveram isso espontaneamente?

— Madame! — exclamou Poirot, levantando-se.

— Sinto muito, desculpe, mas sabe como são os jornais de hoje em dia. Começa-se a ler um artigo interessante intitulado: “O que a noiva disse a sua amiga solteirona” e acaba-se vendo que é propaganda de tintura para o cabelo! Mas o senhor não ficou ofendido, não é? Pois preciso que me faça um favor: o senhor tem que achar a minha cozinheira.

Poirot olhou para ela com olhos arregalados. Sua eloquência abandonou-o pela primeira vez na vida. Virei a cabeça para esconder o largo sorriso que não conseguia abafar.

— A culpa toda é dessa maldita pensão de desemprego — prosseguiu a dama. — Põe idéias na cabeça das empregadas, agora só querem ser datilógrafas e não sei o que mais. Na minha opinião é preciso acabar com essa pensão. E gostaria de saber de que as *minhas*

empregadas podem se queixar; uma tarde e uma noite de folga uma vez por semana, e os domingos de quinze em quinze dias. Não lavam roupa, comem a mesma comida que a família, e saiba que na minha casa não entra margarina, só manteiga e da melhor!

Ela parou sem fôlego e Poirot aproveitou a oportunidade, falando-lhe com sua expressão mais ativa e arrogante:

— Receio que esteja enganada, senhora. Não faço investigações a respeito das condições do trabalho doméstico. Sou um detetive particular.

— Sei disso muito bem — disse a nossa visitante. — Não lhe disse que queria que o senhor procurasse a minha cozinheira? Ela saiu de casa na quarta-feira, sem me dizer uma palavra, e nunca mais voltou.

— Sinto muito, madame. mas não me envolvo com esta espécie de investigação. Desejo-lhe um bom dia.

Nossa visitante fungou de indignação.

— É assim, meu distinto senhor? É demasiado orgulhoso, hem? Só lida com segredos de estado e jóias de condessas, não é? Deixe-me dizer-lhe que uma boa empregada é vital e importantíssima para uma mulher

como eu. Nem todas nós podemos ser elegantes damas envoltas em peles, brilhantes e pérolas. E uma boa cozinheira é tão importante para mim quanto as jóias para alguma distinta dama.

Por alguns instantes Poirot pareceu se debater entre sua dignidade e seu senso de humor. Afinal deu uma risada e sentou-se novamente.

— Madame, a senhora está certa e eu estava errado. Seus argumentos são razoáveis e inteligentes. Este caso será uma novidade para mim. Nunca procurei uma empregada desaparecida. Na verdade, esse é o problema de importância capital a que me referia antes de sua chegada. *En avant!* A senhora diz que essa maravilhosa cozinheira saiu na quarta-feira e não voltou. Isto é, anteontem.

— Sim, foi seu dia de folga.

— Mas madame, é provável que lhe tenha acontecido algum acidente. Perguntou nos hospitais?

— Foi exatamente o que ocorreu ontem, mas esta manhã ela mandou buscar o baú. E sem me enviar uma única palavra! Se eu estivesse em casa, não o teria entregue. Imagine só, tratar-me dessa forma! Mas tinha

ido ao açougue...

— A senhora pode descrevê-la para mim?

— É uma mulher de meia-idade, gorda, cabelos escuros começando a ficar grisalhos, de aspecto muito respeitável. Ficou dez anos no último emprego. Chama-se Eliza Dunn.

— E a senhora não teve nenhuma discussão com ela na quarta-feira?

— Nenhuma. É por isso que acho tão estranho.

— Quantas empregadas tem, madame?

— Duas. A copeira, Annie, é muito boazinha. Um pouco distraída e de cabeça meio virada por causa dos rapazes, mas é uma boa empregada quando bem dirigida.

— A cozinheira dava-se bem com ela?

— Tinham as suas diferenças, é natural. Mas em geral, entendiam-se bastante bem.

— E essa moça não pode fornecer nenhuma pista que esclareça o mistério?

— Ela diz que não, mas o senhor sabe como são as empregadas. Têm a sua panelinha.

— Bem, bem, vou investigar o caso. Onde reside, madame?

— Em Clapham. Na Prince Albert Road, número 88.

— *Bien*, madame. Desejo-lhe um bom dia, e pode esperar que irei a sua residência hoje mesmo.

Mrs. Todd, era esse o nome de nossa nova amiga, despediu-se. Poirot olhou para mim um tanto pesaroso:

— Bem, Hastings, pelo menos é um caso diferente: “O Desaparecimento da Cozinheira de Clapham”. Mas nunca, nunca, nunca mesmo, o nosso amigo Japp deve saber disto!

Ele então dedicou-se a remover a mancha de gordura de seu terno cinzento com o auxílio de um ferro quente e de um mata-borrão. Lamentando deixar os bigodes para um outro dia, saímos para Clapham.

A Prince Albert Road era uma rua de casas exatamente iguais, pequenas mas respeitáveis, com cortinas engomadas de renda enfeitando as janelas e aldravas de bronze bem polidas nas portas. Tocamos a campainha do número 88 e uma bonita copeirinha nos abriu a porta. Mrs. Todd veio ao vestíbulo nos receber.

— Fique aí, Annie — ela ordenou. — Este senhor é um detetive e vai lhe fazer algumas perguntas.

O rosto de Annie revelou sua luta íntima

entre o alarme e o entusiasmo.

— Obrigado, madame — disse Poirot com uma inclinação de cabeça. — Gostaria de interrogar sua copeira agora, e a sós, se possível.

Depois de nos conduzir a uma pequena sala de estar, Mrs. Todd nos deixou com óbvia relutância. Poirot começou seu interrogatório.

— *Voyons, Mademoiselle Annie*, tudo que puder nos dizer será de máxima importância. Só a senhorita pode nos fornecer alguma pista para o caso. Sem a sua ajuda, nada poderei fazer.

A moça perdeu o ar alarmado e seu entusiasmo tornou-se evidente.

— Pois não, senhor — disse ela. — Vou lhe dizer tudo que sei.

Ótimo — Poirot deu-lhe um largo sorriso de aprovação. — Bem, para começar, qual a sua opinião? Posso ver de saída que é uma moça de inteligência excepcional! Como a senhorita explica o desaparecimento de Eliza?

Assim encorajada. Annie não se fez de rogada.

— Para mim ela foi vítima de traficantes de escravas brancas, senhor. Ela própria estava sempre me prevenindo contra eles: “Não

cheire nada, nem aceite doces, não importa que o camarada pareça ser um cavalheiro”. Era o que ela sempre dizia. E agora eles a pegaram, tenho certeza! Deve ter sido mandada para a Turquia ou algum daqueles países do Oriente onde gostam de mulheres gordas!

Poirot conservou uma seriedade admirável.

— Mas se fosse esse o caso, e é realmente uma ótima sugestão, ela teria mandado buscar seu baú?

— Bem, não sei, senhor. Ela precisaria de suas coisas, mesmo lá no estrangeiro.

— Quem veio buscar o baú?

— Foi um mensageiro, senhor.

— Foi você quem arrumou a bagagem?

— Não, senhor. Estava tudo arrumado e bem amarrado com cordas.

— Ah, isto é bem interessante. Mostramos que ela não tencionava regressar quando deixou a casa na quarta-feira. Percebe isso, não?

— Percebo, sim, senhor — Annie parecia um pouco desapontada, — Não havia pensado nisso. Mas mesmo assim podem ter sido os traficantes de escravas, não acha? — ela per-

guntou esperançosa.

— Não há dúvida — disse Poirot muito sério, e acrescentou: — Vocês dormiam no mesmo quarto?

— Não, senhor. Temos quartos separados.

— Eliza alguma vez lhe disse que não gostava do emprego? Vocês duas estavam satisfeitas aqui?

— Ela nunca falou em sair. O emprego é bom... — a moça hesitou.

— Seja franca — disse Poirot com bondade. — Nada direi a sua patroa.

— Bem, senhor, a patroa é enjoada, mas a comida é boa e farta. Ela não é mão fechada. Sempre há um prato quente na ceia, a folga é boa, e não há economia de manteiga. E de qualquer forma, se Eliza quisesse variar, não sairia assim sem avisar. Ora, a patroa poderia exigir dela um mês de ordenado por fazer uma coisa dessas!

— E o trabalho, não é pesado?

— Bem, ela é exigente. Está sempre metendo o nariz nos cantos para ver se não há pó. E também há o inquilino. Mas só toma o café da manhã e o jantar, como o patrão. Eles passam o dia na cidade.

— Você gosta de seu patrão?

— Ele é legal. É muito caladão e um tanto unha-de-fome.

— Suponho que não se recorda da última coisa que Eliza disse antes de sair?

— Lembro-me, sim. Ela disse: “Se sobrar alguma compota de pêssago do jantar, nós poderemos fazer uma ceia com *bacon* e batatas fritas”. Ela era maluca por compota de pêssagos. Talvez a tenham pego assim ...

— Ela sempre saía às quartas-feiras?

— Saía. Minha tarde de folga é na quinta, e a dela era na: quarta.

Poirot fez mais algumas perguntas e declarou-se satisfeito. Annie saiu. Mrs. Todd entrou afogueada, o rosto animado pela curiosidade. Ela certamente ressentira-se de ter sido excluída da nossa entrevista com Annie. Entretanto, Poirot teve o cuidado de apaziguá-la diplomaticamente:

— É muito difícil para uma mulher inteligente como a senhora, madame, suportar com paciência os rodeios que nós, os detetives, somos obrigados a usar. Para os de raciocínio rápido é difícil ser indulgente com os ignorantes.

Tendo assim suavizado com tato qualquer leve ressentimento de Mrs. Todd, Poirot

conduziu o assunto para o marido e conseguiu a informação de que este trabalhava numa firma da cidade e não voltaria antes das seis.

— Certamente seu marido está muito preocupado com esse caso inexplicável, não é verdade?

— Não, ele nunca se preocupa com coisa alguma — declarou Mrs. Todd. — “Bem, minha querida, arranje outra. Ela é uma ingrata, estamos melhor sem ela”, foi o que ele disse! É tão calmo que às vezes me irrita.

— E os outros moradores da casa, madame?

— Refere-se a Mr. Simpson, nosso inquilino? Bem, enquanto lhe fornecermos o café da manhã e o jantar, para ele está tudo bem.

— Qual é a profissão dele, madame?

— Ele trabalha num banco — e ela mencionou um nome. Tive um ligeiro sobressalto, lembrando-me do noticiário do *Daily Blare*.

— Ele é jovem?

— Uns vinte e oito anos, creio. É um rapaz amável e tranqüilo.

— Gostaria de trocar algumas palavras com ele, e também com seu marido, se for

possível. Voltarei à noite para esse fim. Se me permitir, gostaria de sugerir-lhe um pequeno descanso, madame. A senhora parece fatigada.

— E é natural que esteja! Primeiro a preocupação com Eliza, depois ontem gastei um dia inteiro fazendo compras, e o senhor sabe como isso é fatigante. Com uma coisa e outra, e tanto trabalho em casa, porque naturalmente Annie não pode fazer tudo ... e é até provável que resolva ir embora... bem, com toda essa confusão, estou mesmo exausta!

Após murmúrios de simpatia, Poirot e eu nos despedimos.

— Que coincidência curiosa — disse eu — , tanto Simpson como aquele caixa desaparecido são do mesmo banco. Acredita que haja alguma ligação?

Poirot sorriu.

— De um lado um caixa dá um desfalque e foge, e de outro uma cozinheira desaparece. É difícil ver alguma ligação; a não ser que Davis, visitando Simpson, se apaixonasse por Eliza e a convencesse a acompanhá-lo em sua fuga.

Eu ri, mas Poirot permaneceu sério.

— Ele podia fazer uma escolha pior — censurou-me ele. — Lembre-se, Hastings, no

exílio uma boa cozinheira pode ser um consolo maior do que uma carinha bonita! — Fez uma pausa e prosseguiu: — É um caso curioso, cheio de aspectos contraditórios. Estou interessado, estou decididamente interessado.

Naquela noite voltamos ao número 88 da Prince Albert Road, e falamos com Todd e Simpson. O primeiro era um homem de ar melancólico, queixo comprido, de uns quarenta e poucos anos.

— Ah, sim, Eliza — disse com ar distraído. — Elisa era uma boa cozinheira, muito econômica. Para mim é uma grande qualidade.

— O senhor pode imaginar a razão pula qual ela saiu de forma tão repentina?

— Bem, sabe como são as empregadas — disse o despreocupado Mr. Todd. — Minha esposa leva tudo muito a sério. Fica exausta de tanto se preocupar. O problema é de fácil resolução. É só arranjar outra, eu disse a ela. É muito simples, não adianta chorar sobre o leite derramado.

Mr. Simpson não foi de maior ajuda. Era um rapaz de óculos, discreto e calado.

— Creio que a conheci — disse ele —, uma mulher de meia-idade, não era? É a outra

empregada, a Annie, que costumo ver. É uma boa moça, muito prestativa.

— As duas davam-se bem?

Mr. Simpson respondeu que não podia saber, mas achava que sim.

— Bem, não conseguimos nada de interessante aqui, *mon ami* — disse Poirot enquanto saíamos da casa. Nossa partida fora retardada por uma explosão de tagarelice de Mrs. Todd, que repetiu tudo que já dissera de manhã com longos detalhes.

— Está desapontado? — perguntei. — Esperava descobrir alguma coisa?

Poirot sacudiu a cabeça:

— Havia uma possibilidade — disse ele — mas não a considerava mesmo muito provável.

Na manhã seguinte Poirot recebeu uma carta. Ficou roxo de indignação quando a leu, e passou-a às minhas mãos:

“Mrs. Todd lamenta comunicar que não precisará dos serviços de *Monsieur* Poirot, afinal. Depois de debater o assunto com seu marido, viu quão tolo fora contratar um detetive para resolver um simples problema doméstico. Anexo segue um guinéu em pagamento à consulta.”

— Há! — fez Poirot furioso. — E pensam

que se livrarão de Hercule Poirot com essa facilidade! Como um favor muito especial consenti em investigar o seu miserável problemazinho, e eles me despedem *comme ça*! Se não me engano, aqui andou a mão de Mr. Todd, mas eu digo não! Mil vezes, não! Gastarei os meus próprios guinéus, trezentos e oitenta e cinco mil se necessário, mas chegarei ao fundo deste caso!

— Está certo — disse eu. — Mas como? Poirot acalmou-se um pouco.

— *D'abord* vamos colocar um anúncio nos jornais — disse ele. — Deixe-me pensar. Algo mais ou menos assim: “Eliza Dunn, comunique-se com este endereço. Trata-se de assunto de grande interesse seu.” Coloque-o no maior número possível de jornais, Hastings. Enquanto isso farei algumas pequenas investigações por minha conta. Vá, vá, temos que agir rapidamente!

Só tornei a vê-lo à noite, quando teve a condescendência de me revelar o que andara fazendo:

— Fiz algumas perguntas discretas na firma de Mr. Todd. Ele não se ausentou na quarta-feira, e goza de bom conceito. Já Simpson estava doente na quinta-feira e não

foi ao banco, mas na quarta estava lá. Tinha relações superficiais de amizade com Davis, nada de profundo. Parece que por aí não conseguiremos nada. Não, temos que centralizar todas as nossas esperanças no anúncio.

O anúncio apareceu pontualmente em todos os principais jornais da cidade. Segundo as ordens de Poirot, deveria ser publicado durante uma semana. Sua ansiedade sobre esse caso banal de uma cozinheira sumida era estranhíssima, mas concluí que ele considerava uma questão de honra perseverar até obter um resultado. Vários casos interessantes foram-lhe oferecidos naquela semana, mas ele não os aceitou. Todas as manhãs examinava sôfrego a correspondência, para finalmente deixá-la de lado com um suspiro desapontado.

Mas por fim nossa paciência foi recompensada. Na quarta-feira que se seguiu à visita de Mrs. Todd, nossa senhoria informou-nos que uma pessoa de nome Eliza Dunn nos procurava.

— *Enfin!* — exclamou Poirot. — Faça-a subir imediatamente, nesse minuto!

A essas palavras a nossa senhoria saiu

apressada, e voltou instantes depois com Miss Dunn. Nossa visitante ajustava-se à descrição que dela fizera a patroa: alta, gorda, e de aspecto muito respeitável.

— Vim em resposta ao anúncio — ela explicou. — Embora creia que deva haver alguma confusão. Talvez o senhor não saiba que já recebi minha herança.

Poirot a estivera observando com atenção. Ofereceu-lhe uma cadeira com um gesto galante.

— A verdade é que sua ex-patroa, Mrs. Todd, estava muito preocupada com você. Receava que lhe houvesse acontecido algum acidente.

Eliza Dunn pareceu ficar extremamente surpresa.

— Então ela não recebeu minha carta?

— Não recebeu nenhuma linha — ele fez uma pausa e acrescentou, em tom persuasivo: — Vamos, conte-me toda a história.

Eliza Dunn não precisava de encorajamentos. Iniciou imediatamente sua longa narrativa:

— Estava quase chegando em casa na quarta-feira à noite quando fui abordada por um cavalheiro. Era um homem alto, de barbas

e um grande chapéu. “A senhora é Miss Eliza Dunn?”, ele perguntou e respondi que era. “Estive perguntando pela senhora no número 88 e eles me disseram que poderia encontrá-lo aqui quando chegasse. Miss Dunn, vim da Austrália especialmente para encontrá-la. Sabe por acaso o nome de solteira de sua avó materna?”, e eu disse: “Jame Emmott”. “Exatamente”, disse ele e acrescentou: “Embora a senhora talvez não saiba, sua avó teve uma grande amiga, Eliza Leech. Esta amiga emigrou para a Austrália onde casou-se com um rico proprietário. Seus dois filhos morreram na infância e ela herdou a fortuna do marido. Há dois meses atrás ela morreu, e pelo seu testamento a senhora herdou uma casa nesse país e uma quantia considerável em dinheiro”.

— Eu fiquei tonta, completamente tonta — prosseguiu Miss Dunn. — Fiquei meio desconfiada a princípio, e ele deve ter percebido, pois sorriu e disse: “A senhora faz bem em acautelar-se, Miss Dunn. Aqui estão minhas credenciais”, e entregou-me uma carta de uns advogados de Melbourne, Hurst e Crotchet, e um cartão. Ele era Mr. Crotchet. “Há algumas condições”, disse ele, “a nossa cliente era um pouco excêntrica, sabe. O

legado está dependendo da senhora poder tomar posse da casa (é em Cumberland) antes do meio-dia de amanhã. A outra condição não é empecilho, é só uma cláusula estipulando que a senhora não deveria estar trabalhando como doméstica.” Fiquei desapontada, e perguntei: “Mas Mr. Crotchet, eu sou cozinheira. Não lhe informaram lá em casa?” “Ora, ora”, disse ele, “nem imaginava uma coisa dessas. Pensei que a senhora fosse uma dama de companhia, ou coisa semelhante. Isto é uma pena, uma grande pena, realmente”.

— “Vou perder todo o dinheiro?”, perguntei ansiosa. Ele refletiu por uns dois minutos e disse: “Há meios de burlar a lei, Miss Dunn. Nós, advogados, temos prática nesse assunto. Acho que a saída em seu caso é a senhora deixar o emprego esta manhã”. “Mas preciso dar um mês de aviso prévio”, eu disse e ele respondeu: “Minha cara Miss Dunn, a senhora pode sair de um emprego a qualquer momento, dando um mês de salário como indenização. Sua patroa compreenderá, em vista das circunstâncias. O problema no seu caso é *tempo*! A senhora precisa pegar o trem que sai de King’s Cross às onze e cinco para o norte. Posso adiantar-lhe umas dez libras para

a passagem, e na estação a senhora poderá escrever um bilhete para sua patroa. Eu mesmo o entregarei e explicarei tudo a ela.” Naturalmente eu concordei e uma hora depois estava no trem, tão atordoada que não sabia se estava acordada ou sonhando. Quando cheguei a Carlisle, já começara a achar que tinha sido vítima de algum conto do vigário, destes que aparecem nos jornais. Mas fui ao endereço que ele me dera, e era realmente um escritório de advogados e era tudo verdade, uma casa bem boazinha e uma renda de trezentas libras por ano. Os advogados sabiam muito pouco. Tinham acabado de receber uma carta de um cavalheiro em Londres dando-lhes instruções para me entregarem a casa e cento e cinquenta libras para os primeiros seis meses. Mr. Crotchet enviou-me minhas coisas, mas não recebi uma palavra da patroa. Pensei que ela estivesse zangada e invejasse a minha boa sorte. Ela ficou com o meu baú e mandou-me as roupas embrulhadas em papel. Mas naturalmente, se ela nunca recebeu meu bilhete, deve ter achado muito atrevimento da minha parte!

Poirot ouvira com atenção a longa história. E agora balançava a cabeça como se

estivesse completamente satisfeito.

— Obrigado, *mademoiselle*. Houve, como disse, uma pequena confusão. Permita-me compensá-la por este aborrecimento — e entregou-lhe um envelope. — Vai voltar imediatamente a Cumberland? Permita-me um pequeno conselho: *Não se esqueça da arte culinária*. É sempre útil ter uma profissão a que recorrer se as coisas correrem mal.

— É muito crédula — ele murmurou quando a nossa visitante partiu. — Mas talvez não mais que a maioria de sua classe — seu rosto adquiriu uma expressão grave. — Venha, Hastings, não há tempo a perder. Arranje um táxi enquanto escrevo um bilhete para Japp.

Poirot esperava na entrada quando voltei com o táxi.

— Aonde vamos? — perguntei ansioso.

— Primeiro, mandar este bilhete por um mensageiro especial.

Feito isso, Poirot retomou o táxi e deu ao chofer outro endereço: — Prince Albert Road, 88, em Clapham.

— Então vamos voltar lá?

— *Mais oui*. Embora francamente receio que seja tarde demais. Nosso pássaro já deve ter voado, Hastings.

— Quem é nosso pássaro?

Poirot sorriu.

— O discreto Mr. Simpson.

— O quê? — exclamei.

— Ah, vamos, Hastings. Não me diga que os fatos não estão bem claros para você!

— Percebo que a cozinheira foi afastada deliberadamente — eu disse, ligeiramente melindrado. — Mas por quê? Por que Simpson desejaria afastá-la da casa? Ela sabia alguma coisa a respeito dele?

— Absolutamente nada.

— E então por que...

— Porque ele queria um objeto que era dela.

— Dinheiro? A herança australiana?

— Não, meu amigo, algo bem diferente — ele fez uma pausa e disse em tom muito sério: — Um velho baú de folha de flandres.

Dirigi-lhe um olhar desconfiado. Sua declaração me parecia tão fantástica que suspeitei de uma brincadeira, mas sua expressão era de perfeita seriedade.

— Ele podia comprar um baú novo, se quisesse — protestei.

— Ele não queria um baú novo. Queria um baú com um passado respeitável, que não

levantasse suspeitas.

— Olhe aqui, Poirot — exclamei —, isto é demais, está brincando comigo!

Ele me olhou.

— Faltam-lhe os miolos e a imaginação de Mr. Simpson, Hastings. Escute: na noite de quarta-feira, Simpson livra-se da cozinheira. Um cartão e uma folha de papel de carta impressos são fáceis de obter, e ele está disposto a gastar cento e cinqüenta libras e um ano de aluguel para assegurar o sucesso de seus planos. Miss Dunn não o reconhece. A barba, o chapéu e o sotaque australiano são suficientes para enganá-la. Foi tudo que Simpson fez na quarta-feira, exceto apropriar-se de cinqüenta mil libras em títulos negociáveis.

— *Simpson?* Mas foi *Davis*...

— Permita-me continuar, Hastings. Simpson sabe que o roubo será descoberto na quinta-feira à tarde. Ele não vai ao banco, mas fica à espreita, esperando por Davis à hora do almoço. Talvez tenha admitido o roubo a este, e prometido devolver-lhe os títulos. De qualquer forma, consegue atrair Davis a Clapham. É o dia de folga da copeira, e Mrs. Todd foi às compras. Não há ninguém em casa.

Quando o roubo for descoberto, relacionarão o fato ao desaparecimento de Davis. Davis será o ladrão, e Mr. Simpson estará em perfeita segurança e poderá voltar ao trabalho no dia seguinte como um honesto funcionário...

— E Davis?

Poirot fez um gesto expressivo e sacudiu a cabeça devagar.

— É difícil acreditar em tamanho sangue frio, mas não consigo encontrar outra explicação, *mon ami*. O problema principal de um assassino é desfazer-se do corpo, e Simpson já planejava tudo com antecedência. O comentário de Eliza Dunn sobre a compota de pêssegos, ao sair quarta-feira de manhã, indicava sua intenção de regressar, e no entanto seu baú estava pronto e amarrado quando vieram buscá-lo. Foi Simpson quem pediu à companhia de transportes que viesse buscá-lo na sexta, e foi Simpson quem o “arrumou” na quinta à tarde. Quem suspeitaria de alguma coisa? Uma empregada sai de uma casa e manda buscar sua bagagem, já pronta e endereçada em seu nome provavelmente para alguma estação de estrada de ferro próxima a Londres. Na tarde de sábado, Simpson, em seu disfarce australiano,

retira a bagagem e a despacha novamente para algum novo endereço onde ficará até que as autoridades a resolvam abrir por motivos óbvios. Tudo que poderão descobrir é que um homem barbado a despachou de alguma estação perto de Londres. Nada haverá que a relacione ao número 88 da Prince Albert Road. Ah! Aqui estamos.

Os prognósticos de Poirot haviam sido corretos. Simpson partira dois dias atrás. Mas não escaparia às conseqüências de seu crime. Com a ajuda do telégrafo, foi descoberto no *Olympia*, a caminho da América.

Um baú de folha de flandres, endereçado a Mr. Henry Wintergreen atraiu a atenção dos funcionários da estrada de ferro em Glasgow. Abriram-no e encontraram o corpo do infeliz Davis.

O cheque de um guinéu de Mrs. Todd nunca foi descontado. Poirot mandou emoldurá-lo e pendurou-o na parede da sala de estar.

— É um pequeno lembrete para mim mesmo, Hastings. Nunca desprezarei o trivial, o prosaico. Uma empregada doméstica desaparecida leva a um assassino impiedoso. Na minha opinião, foi um dos meus casos mais

interessantes.

O Mistério da Cornualha

— Mrs. Pengelley — anunciou nossa senhoria e retirou-se discretamente.

Muitos espécimens estranhos vinham procurar Poirot, mas na minha opinião, a mulher que estava em pé junto à porta, segurando com dedos nervosos o seu melancólico boá de penas, era o mais inverossímil de todos. Seu aspecto era absolutamente prosaico: uma mulher magra e abatida de uns cinqüenta anos, vestida com um costume cinza, a gola fechada por um broche, e o cabelo grisalho escondido sob um chapéu pouco atraente. Nas cidades do interior, vêem-se centenas de Mrs. Pengelleys, todos os dias.

Poirot levantou-se e recebeu-a com amabilidade, percebendo seu óbvio embaraço.

— Madame, sente-se, por favor. Este é o meu colega, o capitão Hastings.

Ela sentou-se, balbuciando sem jeito:

— O senhor é *Monsieur* Poirot, o detetive?

— A seu serviço, madame.

Mas nossa visitante ainda continuava receosa. Suspirou, torceu as mãos e ruborizou-

se ainda mais.

— Posso ajudá-la em alguma coisa, madame?

— Bem, eu pensei... isto é...

— Prossiga, madame. Prossiga, por favor.

Assim encorajada, Mrs. Pengelley decidiu-se: — M. Poirot, o problema é que nada quero com a polícia. Não, eu não recorreria à polícia em hipótese alguma! Mas mesmo assim, estou muito preocupada. E não sei se deveria... — ela parou de repente.

— Nada tenho a ver com a policia. Minhas investigações são estritamente confidenciais.

Mrs. Pengelley animou-se.

— É isto mesmo que desejo, uma investigação confidencial Não quero falatórios, mexericos, ou notícias nos jornais. Essa gente malévola deforma as histórias até que uma família decente não tenha mais coragem de andar com a cabeça erguida! E nem ao menos tenho certeza de coisa alguma, é só esta idéia horrível que não me sai da cabeça — ela parou para respirar — E posso estar caluniando o pobre Edward, uma ação horrorosa para uma esposa. Mas ouve-se falar de cada coisa hoje em dia...

— Por favor, a senhora está se referindo a

seu marido?

— Refiro-me, sim.

— E de que suspeita?

— Não gosto nem de pensar, M. Poirot.

Mas ouve-se falar em cada coisa que acontece, sem que as pobres vítimas nem sequer suspeitem...

Já começava a desesperar que a senhora conseguisse chegar ao centro da questão, mas a paciência de Poirot era inesgotável.

— Fale sem receio, madame. Pense em sua satisfação se pudermos provar que suas suspeitas são infundadas.

— Tem razão, e qualquer certeza é melhor do que esta dúvida cruel. M. Poirot, estou com um medo horrível de estar sendo *envenenada*.

— O que a faz pensar nisso?

Mrs. Pengelley abandonou suas reservas e tornou-se eloqüente, soterrando-nos sob uma montanha de informações que seriam mais apropriadas aos ouvidos de um médico.

— Então sente dores e mal-estar após as refeições? — perguntou Poirot pensativo. — O que diz seu médico, madame?

— Diz que é gastrite aguda, M. Poirot. Mas posso perceber que está perplexo e preocupado, mudando sempre a medicação,

sem que nada dê resultados.

— A senhora falou-lhe de seus receios?

— Não. A história pode se espalhar. E talvez seja gastrite. De qualquer forma é muito estranho que eu passe muito bem quando Edward se ausenta nos fins de semana. Até Freda, a minha sobrinha, notou isso, M. Poirot. E a lata do preparado para matar ervas daninhas, que o jardineiro diz nunca ter usado, está pela metade.

Ela lançou a Poirot um olhar suplicante. Ele sorriu-lhe tranqüilizadoramente e pegou lápis e papel.

— Vamos agir com método, madame. Em primeiro lugar, onde a senhora e seu marido residem?

— Em Polgarwith, uma pequena cidade rural da Cornualha.

— Vivem lá há muito tempo?

— Há quatorze anos.

— A senhora e seu marido moram sós? Não têm filhos?

— Não.

— Mas não mencionou uma sobrinha?

— Mencionei, sim. É Freda Stanton, filha da única irmã de meu marido. Ela viveu conosco durante oito anos. Mudou-se na

semana passada.

— Ah, e o que aconteceu na semana passada?

— Há tempos o ambiente em casa não era agradável, não sei o que aconteceu a Freda. Ela andava grosseira e impertinente, com um gênio terrível e acabou estourando. Resolveu sair de casa e alugou um quarto na cidade. Não a vejo desde então. Mr. Radnor diz que é melhor deixá-la acalmar-se sozinha.

— Quem é Mr. Radnor?

Mrs. Pengelley ficou novamente enleada.

— Oh, ele é só um amigo, um rapaz muito agradável.

— Há alguma coisa entre ele e sua sobrinha?

— Absolutamente nada — ela foi enfática. Poirot mudou de assunto.

— Presumo que a senhora e seu marido estão em boas condições econômicas, não?

— Estamos sim, razoavelmente bem.

— O dinheiro é seu ou de seu marido?

— Oh, é todo de Edward. Não tenho nenhuma renda própria.

— Madame, compreenda. Para sermos eficientes, precisamos ser francos. Temos que procurar um motivo. Seu marido não a

envenenaria só *pour passer le temps!* Sabe de alguma razão que o poderia levar a desejar livrar-se da senhora?

— Há aquela loura desavergonhada que trabalha para ele — a voz de Mrs. Pengelley traiu seu rancor. — Meu marido é dentista, M. Poirot, e faz questão de ter uma assistente de boa aparência num uniforme branco bem ajustado, para atender os clientes e ajudá-lo no consultório. Ouvi falar que anda enrabichado por ela, mas ele nega com veemência.

— Quem comprou a lata de veneno, madame?

— Meu marido, há um ano.

— E sua sobrinha, tem alguma renda?

— Acho que recebe umas cinqüenta libras por ano. Ficaria bem satisfeita em voltar e dirigir a casa para Edward, se eu o abandonasse.

— Já pensou nisso, então?

— Não tenciono permitir que ele me faça de boba. As mulheres não são mais as escravas submissas do passado, M. Poirot.

— Congratulo-a por seu espírito independente, madame. Mas sejamos metódicos, a senhora retorna a Polgarwith

hoje?

— Volto, sim. Vim numa excursão. Saímos de lá às seis da manhã e voltamos no trem das cinco.

— *Bien!* Não tenho nenhum caso importante no momento. Posso dedicar-me ao seu pequeno enigma. Amanhã irei a Polgarwith. A senhora poderia apresentar o meu caro Hastings como um parente distante, filho de um primo em segundo grau, e eu serei o seu excêntrico amigo estrangeiro. Nesse meio tempo, só coma o que for preparado por suas próprias mãos, ou sob sua supervisão. Tem confiança em sua empregada?

— Tenho certeza de que Jessie é uma ótima moça.

— Até amanhã, então, madame. Não perca o ânimo.

Após despedir-se da senhora, Poirot voltou pensativo à sua cadeira. Não estava porém tão absorto em seus pensamentos que deixasse de notar duas minúsculas penas arrancadas do boá pelos dedos nervosos da dama. Recolheu-as meticulosamente e colocou-as na cesta de papéis.

— O que acha deste caso, Hastings?

— A situação parece seria.

— Certamente, se as suspeitas dela. forem procedentes. Mas não serão fantasias? Pobre do marido que comprar uma lata de preparado para matar ervas daninhas, nos dias de hoje! Se sua mulher for de temperamento nervoso e sofrer de gastrite, estará numa enrascada!

— Essa é sua opinião sobre o assunto?

— *Voilà*, eu não sei, Hastings. Mas o caso me interessa, interessa-me muitíssimo. Julgar-se-ia um caso banal, de histerismo. Mas entretanto Mrs. Pengelley não parece o tipo de mulher histérica. Sim, se não estou enganado, temos aqui um doloroso drama humano. Digame, Hastings, em sua opinião, quais são os sentimentos de Mrs. Pengelley em relação ao marido?

— Talvez lealdade, mesclada ao medo — sugeri.

— Entretanto, normalmente uma mulher é capaz de acusar a qualquer pessoa no mundo com exceção do marido. Ela manterá sua crença no homem que ama contra todas as evidências.

— A existência aqui de uma outra mulher complica o quadro.

— É verdade, a afeição pode transformar-

se em ódio, sob o estímulo do ciúme. Mas o ódio a levaria à polícia e não a mim. Ela iria querer provocar um escândalo. Não, vamos usar nossas pequenas células cinzentas. Por que ela me procurou? Para que provasse que estava errada, ou para que provasse que estava *certa*? Ah, aqui temos algo que me escapa, o fator desconhecido. Será a nossa Mrs. Pengelley uma soberba atriz? Não, poderia jurar que foi sincera, e portanto estou interessado. Veja o horário dos trens para Polgarwith, por favor.

O trem mais conveniente para nós saía de Paddington à uma e cinqüenta e chegava a Polgarwith logo depois das sete horas. A viagem decorreu sem incidentes, e acordei de um agradável cochilo para deparar com a pequena e sombria estação. Levamos nossas malas ao Duchy Hotel, e depois de uma ligeira refeição, Poirot sugeriu que saíssemos para fazer uma visita a minha pretensa prima.

A casa dos Pengelleys ficava um pouco afastada da estrada, por trás de um jardim antiquado e aprazível. A brisa noturna trazia-nos o perfume dos goivos e dos resedás, e era quase impossível associar idéias de violência com esse ambiente encantador. Poirot tocou a

campainha e golpeou a porta com a aldrava. Como ninguém respondesse, tocou novamente. Desta vez, após um breve intervalo, uma empregada de olhos vermelhos, soluçando violentamente, abriu-nos a porta.

— Gostaríamos de ver Mrs. Pengelley — explicou Poirot. — Podemos entrar?

A moça nos olhou espantada. Afinal, com franqueza, perguntou-nos:

— Então ainda não sabem? Ela está morta. Faleceu esta noite, há uma meia hora.

Atordoados, ficamos olhando para ela, paralisados.

— De que ela morreu? — perguntei finalmente.

— Aposto que *alguém* sabe — e ela deu uma espiada por sobre o ombro. — Se não fosse pelo fato de alguém precisar velar a patroa, eu faria as malas agora mesmo e iria embora. Não me compete dizer nada, e não vou dizer nada, mas todo mundo sabe. A cidade toda comenta. E se Mr.. Radnor não escrever para a polícia, alguém o fará, não importa o que o doutor diga. Acaso não vi o patrão mexendo essa noite na lata de veneno? E ele pulou quando viu que eu estava olhando! E o mingau da patroa estava ali juntinho na mesa,

à espera dela! Eu é que não como nem mais um pedacinho de pão enquanto estiver nessa casa, nem que morra de fome!

— Onde mora o médico que atendeu sua patroa?

— É o Dr. Adams. Mora na segunda casa da outra quadra na High Street.

Poirot retirou-se bruscamente. Estava muito pálido.

— Para alguém que não ia dizer nada, aquela moça falou um bocado — comentei.

Poirot bateu com o punho fechado contra a palma da mão.

— Fui um imbecil, um imbecil criminoso, Hastings! Vangloriando-me das minhas pequenas células cinzentas, e deixei um ser humano morrer, uma vida que poderia ter sido salva. Nunca imaginei que tal coisa pudesse ocorrer tão cedo. Que o bom Deus me perdoe, mas na verdade nem acreditei que pudesse mesmo acontecer. A história dela me pareceu fantasiosa. Bem, chegamos. Vamos ver o que o médico pode nos adiantar.

O Dr. Adams era o médico rural típico, cordial e corado, dos romances. Recebeu-nos com polidez, mas à primeira menção de nosso propósito, seu rosto ficou roxo.

— É uma idiotice, uma completa e total idiotice! Por acaso não acompanhei a doença? Foi gastrite, pura e simples gastrite. Esta cidade é um poço de mexericos. Um monte de velhas tagarelas se reúnem e inventam essas histórias fantásticas. De tanto lerem esses jornais sensacionalistas, não sossegarão enquanto não descobrirem um envenenamento aqui mesmo. Basta uma lata de inseticida e já estão vendo um envenenador em ação! Eu conheço Edward Pengelley, ele não envenenaria nem o cachorro de sua avó! E por que haveria de querer matar a esposa? Dê-me um motivo.

— Há um fato que talvez o senhor desconheça, doutor — e muito resumidamente, Poirot deu-lhe uma idéia da visita de Mrs. Pengelley. Ninguém poderia ficar mais espantado que o Dr. Adams. Seus olhos quase saltaram das órbitas.

— Que Deus me proteja! — ele exclamou. — A pobre mulher devia estar maluca. Por que ela não me falou? Era o mais razoável.

— Talvez o senhor risse de suas idéias.

— De forma alguma! Acho que sou uma pessoa de espírito flexível, de idéias arejadas.

Poirot olhou para ele e sorriu. O médico

estava evidentemente mais perturbado do que queria admitir. Quando deixamos sua casa, Poirot soltou uma gargalhada.

— Ele é obstinado como uma mula. Disse que é gastrite, e tem que ser gastrite. Mesmo assim, não está tranqüilo.

— Que faremos agora?

— Vamos voltar à estalagem e nos preparar para uma noite de horror naquelas camas de província. A cama inglesa ordinária é de causar pena!

— E amanhã?

— *Rien à faire*. Voltaremos a Londres e aguardaremos os acontecimentos.

— Onde está sua ousadia? — disse eu desapontado. — E se não acontecer nada?

— Vai acontecer! Eu lhe prometo. O velho médico pode assinar todos os atestados de óbito do mundo que não impedirá as línguas de falarem. E pode ter certeza de que falarão.

Tomamos o trem para Londres às onze horas da manhã do dia seguinte. Antes de irmos para a estação, Poirot manifestou o desejo de ver Miss Freda Stanton, a sobrinha que a morta mencionara. Achamos com facilidade a casa onde alugara um quarto. Em sua companhia estava um jovem alto e moreno

que nos apresentou como Mr. Jacob Radnor.

Miss Freda Stanton era uma linda moça, uma beleza típica da Cornualha, de cabelos e olhos escuros e faces coradas. O brilho de seus olhos traía um gênio violento que seria pouco prudente provocar.

— Pobre titia — disse ela quando Poirot se apresentou e explicou sua missão. — Que infelicidade! Passei a manhã lamentando não ter sido mais compreensiva e paciente.

— Você agüentou muita coisa, Freda — interveio Radnor.

— É verdade, Jacob, mas conheço meu gênio estourado. Afinal era só uma tolice dela, devia ter achado graça e não ter-me importado. Naturalmente também era tolice sua achar que titio a estava envenenando. Ela passava mal após todo alimento que ele lhe oferecia, mas tenho certeza de que era só sugestão. Pensava que iria sentir-se mal e acabava por se sentir mal mesmo.

— Qual foi a causa de sua desavença com sua tia, *mademoiselle*?

Miss Stanton hesitou, olhando para Radnor. O jovem percebeu a indireta:

— Preciso ir, Freda, vejo-a esta noite. Adeus, senhores. Suponho que estão a

caminho da estação, não é?

Poirot respondeu afirmativamente e Radnor saiu.

— A senhorita está noiva? — perguntou Poirot com um sorriso malicioso.

Freda Stanton corou e admitiu que era verdade.

— E foi por isso que briguei com titia — ela acrescentou.

— Ela não aprovava o casamento?

— Não era bem isso. Sabe, ela... — a moça hesitou.

— Sim? — encorajou-a Poirot delicadamente.

— Parece-me uma coisa terrivelmente desagradável dizer isto dela, agora que está morta, mas nunca entenderá, se não lhe contar. Titia estava completamente apaixonada por Jacob.

— É verdade?

— É, não é um absurdo? Ela tinha mais de cinqüenta e ele ainda não tem trinta! No entanto ela estava enrabichada por ele. Precisei dizer-lhe claramente que era em mim que ele estava interessado. Ela ficou transtornada, não queria acreditar de forma alguma, e foi tão grosseira e ofensiva que eu

perdi a cabeça, Conversei com Jacob sobre o assunto e concordamos que era melhor eu me afastar um pouco, até ela recobrar a calma. Pobre titia, acho que ela não estava muito equilibrada, também.

— Realmente, é o que parece. Obrigada, *mademoiselle*, por ter sido tão franca comigo.

Para minha surpresa, Radnor estava a nossa espera embaixo, na rua.

— Posso adivinhar o que Freda estava lhe contando — disse ele. — Foi algo muito desagradável, fiquei extremamente embaraçado, como podem imaginar. Nem preciso dizer que não colaborei absolutamente para isso. A princípio fiquei satisfeito com suas atenções, imaginei que a velha aprovasse minhas intenções em relação a Freda. O caso todo foi lamentável, e extremamente desagradável.

— Quando o senhor e Miss Stanton pretendem se casar?

— Em breve, espero. M. Poirot, vou ser franco agora com o senhor. Sei um pouco mais do que Freda. Ela acredita que o tio é inocente, mas eu não tenho tanta certeza. Mas uma coisa lhe digo: vou manter minha boca fechada sobre esse assunto. Deixemos as coisas como

estão. Não quero que o tio de minha mulher seja julgado e enforcado por assassinato.

— Por que nos conta tudo isso?

— Porque ouvi falar no senhor, e sei que é um homem inteligente. É muito possível que apresente uma acusação contra ele. Mas faça-me uma pergunta: de que adiantará? A pobre mulher não lucrará nada com isso, e seria a última a ter desejado tal escândalo. Ora, ela viraria na tumba, só em pensar.

— Talvez o senhor tenha razão. Gostaria então que eu abafasse o caso?

— Era a minha idéia. Admito com franqueza que é por motivos egoístas. Tenho minha reputação a proteger, minha alfaiataria está agora se firmando.

— A maior parte dos homens é egoísta, Mr. Radnor, embora nem todos admitam o fato tão francamente. Farei o que me pede, mas para ser sincero, não creio que consiga abafar o caso.

— Por que não?

Poirot ergueu um dedo em advertência. Era dia de feira, e passávamos pelo mercado. Um burburinho animado enchia o ar.

— A voz do povo, eis o motivo, Mr. Radnor. Ah, precisamos correr ou vamos

perder o trem.

— Muito interessante, não acha, Hastings? — disse Poirot enquanto a composição resfolegava para fora da estação. Ele tirara do bolso um pequeno pente e um microscópico espelhinho e arranjava o bigode, cuja simetria fora ligeiramente afetada durante nossa corrida.

— Se você acha... — disse-lhe eu. — Para mim é um caso sórdido e desagradável. Não vejo nenhum mistério aqui.

— Concordo. Não há mistério.

— Acha que podemos aceitar a versão da moça sobre a extraordinária paixão da tia? Parece-me pouco verossímil, ela era uma mulher educada e respeitável.

— Nada há de extraordinário nessa paixão, é um fato banal. Se ler os jornais com atenção, verá quantas vezes uma respeitável e educada senhora dessa idade abandona o marido com o qual viveu vinte anos, e algumas vezes todos os filhos, para ligar sua vida à de um homem muito mais jovem do que ela. Você admira *les femmes*, Hastings. Derrete-se diante de todas as mulheres bonitas que têm o bom gosto de lhe sorrir, mas nada sabe sobre a psicologia delas. No outono da vida de uma

mulher sempre chega o momento de loucura em que ela sente fome de. romance, de aventura, antes que seja tarde demais. E não é por ser a esposa de um próspero dentista, numa aldeia rural, que escapará desse sentimento!

— E você crê...

— Que um homem astuto pode tirar partido desse momento.

— Não considero Pengelley um homem astuto — comentei. — Despertou os mexericos de uma cidade inteira. Mas suponho que tenha razão, deve ter sido por uma influência que os dois únicos homens que sabem de alguma coisa, Radnor e o médico, querem abafar o caso. Gostaria de ter conhecido o sujeito.

— É fácil. Volte pelo próximo trem e invente uma dor de dente.

Lancei-lhe um olhar perscrutador.

— Gostaria de saber o que achou de tão interessante nesse caso.

— Meu interesse pode ser resumido por um comentário seu, Hastings. Lembra-se de ter dito, após conversarmos com a empregada, que para alguém disposto a não dizer coisa alguma, ela falara um bocado?

— Ah! — fiz eu, ainda no ar, e insisti em

minha censura anterior. — Por que não tentou ver Pengelley?

— *Mon ami*, concedo-lhe um prazo de três meses. Depois poderei vê-lo à vontade, na prisão.

Pela primeira vez julguei que os prognósticos de Poirot não se realizariam. O tempo passou e não ouvimos mais falar no caso da Cornualha. Outros assuntos nos ocuparam, e quase esquecera a tragédia dos Pengelley, quando um pequeno parágrafo nos jornais atraiu minha atenção. Fora expedido um mandado para a exumação do corpo de Mrs. Pengelley pelo Ministério de Negócios Interiores.

Poucos dias depois, o “Mistério da Cornualha” era assunto de todos os jornais. Aparentemente os mexericos nunca haviam diminuído, e quando fora anunciado o noivado do viúvo com Miss Marks, sua assistente, o falatório do povo indignado recrudesceu, até que uma petição fora enviada aos canais competentes e o corpo fora exumado. Encontraram grandes quantidades de arsênico, e Mr. Pengelley fora preso e acusado do assassinato da esposa.

Poirot e eu assistimos às audiências

preliminares. Os testemunhos foram os esperados. O Dr. Adams admitiu que os sintomas de envenenamento por arsênico podiam ser facilmente confundidos com os de uma gastrite. O perito legal testemunhou; a criada Jessie forneceu uma enxurrada de informações, a maior parte das quais foi rejeitada, mas que certamente fortaleceu o caso contra o prisioneiro. Freda Stanton admitiu que a tia passava mal quando ingeria comida preparada pelo marido. Jacob Radnor declarou que ao entrar na copa, sem se anunciar, vira o marido, no dia da morte de Mrs. Pengelley, colocar a lata do exterminador de ervas daninhas na prateleira, junto ao prato de mingau da esposa! Então Miss Marks, a loura assistente, fora chamada, e aos prantos admitira que houvera “algo” entre ela e o patrão, o qual havia prometido casar-se com ela na hipótese da morte da mulher. Pengelley reservou sua defesa, é o julgamento foi marcado.

Jacob Radnor acompanhou-nos à hospedaria. — Eu estava certo, como vê — disse Poirot. — A voz do povo falou, e com veemência. Este caso não poderia ser abafado.

— Ê, tem razão — suspirou Radnor. — Vê

alguma chance dele escapar?

— Bem, ele reservou sua defesa. Pode ter algum trunfo na manga, como dizem vocês ingleses. Quer nos fazer companhia?

Radnor aceitou o convite. Pediu dois uísques com soda e uma xícara de chocolate. Este último pedido foi recebido com um ar consternado, e tive dúvidas se seria atendido.

— Tenho muita experiência nesses assuntos — prosseguiu Poirot. — Só vejo uma escapatória para o nosso amigo.

— E qual é?

— A sua assinatura nesse papel — e com um gesto rápido e inesperado, como um prestidigitador, Poirot apresentou-lhe uma folha datilografada.

— O que é isso?

— Sua confissão do assassinato de Mrs. Pengelley.

Houve um momento de silêncio, e então Radnor deu uma risada.

— O senhor deve estar doido!

— Não, meu amigo, não estou doido. O senhor transferiu-se para essa cidade e iniciou seu pequeno negócio. Mas tinha pouco capital, e Mr. Pengelley estava numa bela situação. Conheceu a sobrinha dele e ela simpatizou

com o senhor. Mas o pequeno dote que talvez recebesse do tio, no casamento, era muito pouco para si, e decidiu livrar-se tanto do tio, como da tia. Como única herdeira, ela receberia o dinheiro e o senhor seria um homem rico.

— Quanta astúcia o senhor empregou!— prosseguiu Poirot.— Cortejou a mulher de meia-idade, sem atrativos, até que se transformasse numa escrava obediente. Fê-la desconfiar do marido. Sob. sua influência ela descobriu que ele a traía, e depois passou a desconfiar de que estava sendo envenenada. O senhor ia à casa deles com freqüência, e teve oportunidade de introduzir arsênico em sua comida, tendo entretanto o cuidado de só agir quando o marido estava presente. Sendo mulher, ela não conservou suas suspeitas só para si; falou com a sobrinha, e é também provável que tenha falado às amigas. Sua única dificuldade estava em cortejar as duas mulheres ao mesmo tempo, sem que desconfiassem da sua falsidade. Mas nem isso foi muito difícil. Explicou à tia que cortejava a sobrinha para afastar as suspeitas do marido. E a jovem, que nunca considerou a tia como rival, foi fácil de tranqüilizar. Mas então Mrs.

Pengelley resolveu me consultar, sem nada lhe dizer. Se ela obtivesse a certeza de que o marido estava tentando envenená-la, sentir-se-ia justificada em abandoná-lo, em ligar a vida dela à sua, o que acreditava ser seu desejo. E isso absolutamente não convinha ao senhor! Não queria um detetive estorvando-lhe os passos. Um momento favorável se apresenta: Mr. Pengelley traz o mingau para a esposa e o senhor introduz a dose fatal. O resto foi fácil. Aparentemente ansioso por abafar o caso, o senhor subrepticamente fomenta o falatório. Mas não contou com Hercule Poirot, meu astucioso jovem!

Radnor estava mortalmente pálido, mas ainda tentou manter uma atitude de tranqüilidade.

— Muito interessante e engenhoso, mas por que está me contando tudo isso?

— Porque não represento a lei, *monsieur*, e sim Mrs. Pengelley. Por ela, dou-lhe uma chance de escapar. Assine este papel e terá vinte e quatro horas de dianteira, vinte e quatro horas antes que eu leve o assunto à polícia.

Radnor hesitou.

— O senhor não pode provar nada.

— Não posso? Eu sou Hercule Poirot. Olhe pela janela, *monsieur*. Vê aqueles dois homens na rua? Eles têm ordens de não perdê-lo de vista.

Radnor levantou uma das persianas e recuou com um impropério.

— Vê, *monsieur*? É a sua única chance.

— Que garantia posso ter de que...

— Que mantereí a minha palavra? Dou-lhe a palavra de Hercule Poirot. O senhor vai assinar? Ótimo. Hastings, quer ter a bondade de levantar a persiana da esquerda? É o sinal para que deixem Mr. Radnor ir em paz.

Pálido, soltando impropérios, Radnor saiu apressadamente. Poirot balançou a cabeça lentamente:

— É um covarde! Como eu esperava.

— Poirot, desta vez não agiu com correção — protestei. — Sempre declarou-se contra o sentimentalismo. E agora, a esse pretexto, deixa escapar um poderoso assassino!

— Não foi por sentimentalismo. foi por necessidade — retrucou Poirot. — Meu amigo, não percebeu que não tínhamos nem uma única prova contra ele? Queria que me erguesse e convencesse doze impassíveis cidadãos de que eu, Hercule Poirot, *sabia* a

verdade? Eles ririam de mim. Minha única oportunidade era assustá-lo e obter sua confissão. Aqueles dois desocupados, que estão lá fora, foram muito úteis. Abaixei a persiana, Hastings, por favor. Não havia razão para levantá-la. Foi parte da *mise en scene*. Bem, bem, devemos manter nossa palavra. Eu disse vinte e quatro horas, não foi? O pobre Mr. Pengelley terá que suportar mais um dia de suplício, e bem o merece, pois quem mandou enganar a esposa? Sou um grande defensor da família, como sabe. Mas tenho grande fé na Scotland Yard. Eles o agarrarão, *mon ami*. Eles o agarrarão!

A Aventura de Johnnie Waverly

— O senhor pode compreender os sentimentos de uma mãe — disse Mrs. Waverly, talvez pela sexta vez, lançando a Poirot um olhar de súplica. Meu amigo, sempre solidário com as mães aflitas, fez-lhe um gesto tranqüilizador.

— Mas compreendo, madame. Compreendo perfeitamente. Tenha confiança no *Père Poirot*.

— A polícia... — principiou Mr. Waverly.

Sua esposa o interrompeu:

— Não quero mais nada com a polícia. Confiamos nela, e veja o que sucedeu. Mas ouvi falar tanto em M. Poirot e em sua maravilhosa perícia, que achei que poderia nos ajudar. Os sentimentos de uma mãe...

Poirot cortou essas súplicas com um gesto eloqüente. A emoção de Mrs. Waverly era obviamente genuína, mas destoava de seu rosto arguto, de traços decididos. Quando soube mais tarde que era filha de um preeminente líder da indústria metalúrgica de Birmingham, que de *boy* de escritório ascendera à sua importante posição,

compreendi que ela herdara muitas das qualidades paternas.

Mr. Waverly era um homem alto, robusto e jovial. Ficou em pé com os pés bem separados, um espécime típico de senhor rural.

— Suponho que ouviu falar no caso, M. Poirot?

A pergunta era quase supérflua. Já há alguns dias os jornais só falavam no sensacional rapto do pequeno Johnnie Waverly, o filho e herdeiro de três anos de Marcus Waverly, Esq., de Waverly Court, Surrey, de uma das famílias mais antigas da Inglaterra.

— Conheço os fatos principais, naturalmente. Mas peço lhe que me conte toda a história, *monsieur*, E com detalhes, por favor.

— Bem, tudo começou há dez dias, quando recebi uma carta anônima. São umas coisas nojentas, não? Mas não lhe dei atenção. O missivista tinha a audácia de exigir o pagamento de vinte e cinco mil libras, vinte e cinco mil, M. Poirot, pois em caso contrário raptaria Johnnie. Naturalmente joguei o papel na cesta do lixo sem pensar duas vezes. Julguei fosse uma brincadeira de mau gosto. Cinco dias depois recebi outra carta: “Se não

pagar, seu filho será raptado no dia vinte e nove.” Isso foi a vinte e sete. Ada estava preocupada, mas eu não conseguia levar o assunto a sério. Que diabos, estamos na Inglaterra. Ninguém anda por aí raptando crianças para exigir resgate!

— Não é comum, realmente — concordou Poirot. — Continue, *monsieur*.

— Mas Ada não me deixou em paz, e sentindo-me um perfeito tolo expus o assunto à Scotland Yard. Eles não levaram o caso a sério. Como eu, acharam que era alguma brincadeira de mau gosto. No dia vinte e oito recebi uma terceira carta: “Você não pagou. Perderá seu filho ao meio-dia de amanhã, dia vinte e nove. Terá que pagar cinqüenta mil para reavê-lo.” Fui novamente à Scotland Yard. Desta vez ficaram mais impressionados. Admitiram que as cartas tivessem sido escritas por algum lunático que provavelmente tentaria algum golpe na hora aprazada. Asseguraram-me que tomariam todas as precauções possíveis. O inspetor McNeill e seus homens iriam a Waverly no dia seguinte e ficariam a postos.

— Voltei para casa bem mais tranqüilo — prosseguiu ele. — Mas ainda com a sensação

de estar sob um cerco. Dei ordem para que nenhum estranho fosse admitido na casa, e para que ninguém saísse. A noite decorreu sem incidentes. Mas de manhã, minha esposa teve uma grave perturbação. Alarmado por seu aspecto, chamei o Dr. Daker, que ficou perplexo ante seus sintomas e, embora hesitasse em sugerir um envenenamento, pude perceber o que estava em sua mente. Ele me tranqüilizou que não havia maiores perigos, mas ela deveria permanecer na cama dois dias. Quando voltei a meu quarto, tive a surpresa de encontrar um bilhete preso a meu travesseiro. Na mesma caligrafia dos demais, continha três palavras: “Ao meio-dia.” M. Poirot, fiquei indignado! Alguém, dentro da minha casa, estava envolvido no caso. Devia ser um dos empregados. Reuni-os e interroguei-os. Eles se mantiveram firmes. Miss Collins, a dama de companhia de minha esposa, informou-me ter visto a babá de Johnnie saindo da propriedade de manhã bem cedo. Acusei-a e ela confessou. Deixara o menino com sua ajudante e saíra para encontrar um amigo, algum namorado. Que falta de compostura! Ela negou ter preso o bilhete ao travesseiro, e talvez estivesse falando a verdade, não sei. Mas julguei que

não podia correr o risco da própria babá da criança estar metida na trama. Não havia dúvida de que um dos empregados estava. Finalmente perdi a paciência e despedi a turma, toda, babá e companhia. Dei-lhes uma hora para fazer as malas e deixar a casa.

As bochechas vermelhas de Mr. Waverly ficaram ainda mais coradas quando ele recordou sua justa indignação.

— Sua decisão não terá sido pouco prudente, *monsieur*? — sugeriu Poirot. — Era bem possível que estivesse agindo de acordo com os planos do inimigo.

Mr. Waverly olhou-o espantado.

— Não vejo como. Minha idéia foi de mandar toda a criadagem passear. Telegrafei a Londres para que me mandassem novos criados à noite. Nesse ínterim só estariam na casa pessoas da minha confiança: a secretária de minha esposa, Miss Collins, e o mordomo, Tredwell, que me acompanha desde a minha infância.

— E esta Miss Collins, há quanto tempo está em sua casa?

— Só um ano — disse Mrs. Waverly. — Ela tem sido uma auxiliar inestimável como dama de companhia e secretária, e também

administra a casa com muita eficiência.

— E a babá?

— Estava conosco há seis meses. Tinha excelentes referências. Apesar disso nunca simpatizei realmente com ela, embora Johnnie a adorasse.

— Mas pelo que entendi, ela já havia partido quando ocorreu a catástrofe, não foi? *Monsieur* Waverly, quer ter a bondade de continuar?

Mr. Waverly prosseguiu:

— O inspetor McNeill chegou por volta das dez e meia. A essa altura, os empregados já se haviam retirado da casa. O inspetor declarou-se satisfeito com as providências que tomáramos e colocou vários homens no parque guardando todos os acessos à casa, e assegurou-me que, se tudo não fosse uma brincadeira, sem dúvida nenhuma apanharíamos meu misterioso missivista. Johnnie, eu e o inspetor fomos para o aposento que chamamos de sala do conselho, e o inspetor trancou a porta à chave. Há ali um grande relógio de pêndulo e confesso que comecei a ficar nervosíssimo quando os ponteiros se aproximaram das doze. Quando o relógio bateu a primeira badalada, agarrei

Johnnie ao colo. Tinha a impressão de que alguém poderia cair do céu para pegá-lo. Quando soou a última badalada, ouvimos um alvoroço do lado de fora, gritos e homens correndo. O inspetor levantou a vidraça e um guarda aproximou-se ofegante. “Nós o pegamos, senhor. Ele estava esgueirando-se entre os arbustos. Tinha clorofórmio em seu poder” — disse ele. Corremos para o terraço onde dois guardas seguravam um camarada mal vestido com ar de malfeitor, que se debatia numa inútil tentativa de se libertar.

— Um dos policiais entregou-nos um pacote que arrancara ao meliante — prosseguiu Mr. Waverly. — Continha um rolo de algodão e um vidro de clorofórmio. Fiquei indignado. Havia um bilhete endereçado a mim. Rasguei o envelope e li: “Você devia ter pago. Para recuperar o seu filho terá que nos entregar cinqüenta mil libras. Apesar de todas as precauções ele foi raptado às doze horas do dia vinte e nove, como prometi.” Dei uma gargalhada, de puro alívio, mas nesse mesmo instante, ouvi o ronco do motor de um carro e um grito. Virei a cabeça e vi um carro cinzento, baixo e comprido disparando numa velocidade louca em direção ao portão sul. Fora o homem

que estava à direção quem gritara, mas o que me deixou paralisado de horror foi a visão de uma cabecinha loura a seu lado. Era Johnnie. O inspetor soltou um impropério. — “O menino estava aqui, não faz um instante” — ele gritou e olhou para nós. Estávamos os três lá: eu, Tredwell e Miss Collins. — “Quando o viu pela última vez, Mr. Waverly?” Eu me concentrei, tentando me recordar. Quando o guarda nos chamara, eu saíra correndo com o inspetor, esquecendo-me de Johnnie. Nesse instante o relógio do campanário da igreja começou a bater. Estremecemos. Com uma exclamação o inspetor tirou o seu relógio do bolso. Eram exatamente doze horas. De comum acordo corremos à sala do conselho. O relógio de pêndulo acusava mais dez minutos. Alguém deve tê-lo adiantado deliberadamente, pois ele sempre marcara as horas com absoluta precisão.

Mr. Waverly calou-se. Poirot sorriu e ajeitou um pequeno tapete que o pai ansioso afastara do lugar.

— Um problema interessante, obscuro e atraente — murmurou Poirot. — Farei as investigações com todo prazer. Certamente o golpe foi planejado *à merveille*.

Mrs. Waverly endereçou-me um olhar de censura.

— Mas o meu menino? — sua voz era um queixume.

Poirot apressadamente retomou um ar sério e compungido, assumindo uma expressão solidária:

— Ele está em segurança, madame. Ele está bem. Fique tranqüila, esses meliantes terão todo o cuidado com ele. A criança representa a galinha dos ovos de ouro para eles.

— Mr. Poirot, estou certa de que só há uma saída: pagar. A princípio fui contra. Mas agora... Meus sentimentos maternos ...

— Mas nós interrompemos a história do *monsieur* — interveio Poirot apressadamente.

— O resto o senhor deve saber pelos jornais — disse Mr. Waverly. — Naturalmente o inspetor McNeill correu logo ao telefone e enviou uma descrição do carro e dos seus ocupantes. A princípio julgamos que o pegaríamos. Um carro, correspondendo à descrição, com um homem e um garoto pequeno, havia atravessado várias aldeias, evidentemente dirigindo-se para Londres. Haviam parado uma vez, e transeuntes

notaram que o menino chorava e parecia ter medo de seu acompanhante. Quando o inspetor McNeill me deu a notícia de que o carro fora interceptado e detidos seus ocupantes, quase desmaiei de alívio. Mas o senhor conhece os acontecimentos posteriores. O menino não era Johnnie, e o motorista era um ardoroso fã de crianças, que levava para passear um menino que apanhara nas ruas de Edenswell, uma aldeia a quinze milhas de nossa propriedade. Graças ao engano, à excessiva confiança da polícia, perdemos todas as pistas. Se não tivessem insistido com tanta persistência em seguir o carro errado, talvez tivéssemos achado o menino.

— Acalme-se, *monsieur*. A polícia é uma organização de homens corajosos e inteligentes. O erro que cometeram é muito natural. No todo foi uma trama inteligente. Soube que o homem preso no parque insiste em defender-se negando tudo. Declara que o bilhete e o pacote foram-lhe entregues para levar a Waverly Court por um homem que lhe deu uma nota de dez xelins e lhe prometeu outra se entregasse a encomenda exatamente aos dez minutos para o meio-dia. Ele deveria aproximar-se da casa pelo parque e bater na

porta lateral.

— Não acredito em uma única palavra — disse Mrs. Waverly, revoltada. — É tudo mentira.

— *En vérité*, não é uma história convincente — disse Poirot com ar pensativo. — Mas até agora ele mantém com firmeza suas declarações, e ouvi falar que também fez certa acusação, não foi? — e dirigiu um olhar inquiridor para Mr. Waverly que tornou a ficar corado.

— O camarada teve a impertinência de fingir ter reconhecido Tredwell como o homem que lhe entregara o pacote, “só que o desgraçado raspou o bigode”, disse ele. Imaginem, Tredwell, que nasceu em nossa propriedade!

Poirot deu um pequeno sorriso à indignação de Mr. Waverly.

— Mas foi o senhor próprio quem suspeitou de que um morador de sua casa fosse cúmplice do raptor.

— É verdade, mas não Tredwell.

— E a senhora, madame? — perguntou Poirot virando-se subitamente para ela.

— Não poderia ter sido Tredwell quem entregou a carta e o pacote àquele vagabundo,

se é que alguém o fez, o que não acredito. O homem diz ter recebido a encomenda às dez horas, e a essa altura Tredwell estava com meu marido na biblioteca.

— Conseguiu ver o rosto do motorista do carro, *monsieur*? Acaso se parecia com Tredwell?

— Ele estava demasiado longe para que pudesse ver-lhe o rosto.

— Tredwell tem algum irmão?

— Tinha vários, mas todos já morreram. O último foi morto na guerra.

— Ainda não compreendi bem a topografia de sua propriedade. O carro dirigia-se para o portão sul. Há outras entradas?

— Há, sim. O portão leste. Pode ser visto da outra fachada da casa.

— Parece-me estranho que ninguém tenha visto o carro entrando no parque.

— Há uma estrada pública que corta o parque dando acesso à capela. Muitos carros a utilizam. O homem deve ter estacionado seu veículo e corrido até a casa quando houve aquele alvoroço e nossa atenção foi distraída.

— A menos que já estivesse dentro da casa — murmurou Poirot. — Há algum lugar onde ele pudesse ter-se escondido?

— Bem, nós não fizemos uma busca meticulosa antes dos acontecimentos. Não achamos necessário. Creio que ele poderia estar escondido em algum canto. Mas quem o teria deixado entrar?

— Isso descobriremos depois, cada coisa a seu tempo. Sejam os metódicos, meu amigo. Não há esconderijos secretos na casa? Waverly Court é uma construção antiga, e nelas costumavam ter refúgios em casos de perigo.

— Por Deus, *existe* um esconderijo. O acesso é por um dos painéis do vestíbulo.

— Perto da sala do conselho?

— Bem junto da porta.

— *Voilà!*

— Mas ninguém o conhece, exceto minha esposa e eu.

— E Tredwell?

— Bem, ele pode ter ouvido falar em sua existência.

— E Miss Collins?

— Nunca o mencionei a ela.

Poirot refletiu um minuto.

— Bem, *monsieur*, necessito ir a Waverly Court. Será conveniente para o senhor, se eu aparecer lá essa tarde?

— Ora, o mais cedo que lhe for possível!

— exclamou Mrs. Waverly. — Por favor, leia esta carta novamente — e ela lhe entregou a última mensagem do raptor, cujo recebimento naquela manhã causara sua rápida ida a Poirot. A carta continha instruções precisas e ardilosas para o pagamento do dinheiro, e terminava com uma ameaça. O menino pagaria com a vida alguma traição. Era claro que Mrs. Waverly se debatia entre seus sentimentos maternos e seu amor ao dinheiro, sendo que os primeiros finalmente agora estavam vencendo a batalha.

Poirot deteve Mrs. Waverly à saída por um minuto:

— Madame, seja franca, por favor. A senhora compartilha dos sentimentos de seu marido em relação a Tredwell? Ele merece a sua total confiança?

— Nada tenho contra ele, *monsieur*, nem vejo como poderia estar envolvido no rapto. Mas... bem, nunca simpatizei realmente com ele, nunca!

— Mais uma coisa, madame. Pode dar-me o endereço da babá do menino?

— Netherall Road, 149, Hammersmith. O senhor não está imaginando que...

— Eu nunca imagino, só utilizo minhas

células cinzentas. Mas algumas vezes, só algumas vezes, ocorre-me uma pequena idéia...

Depois de fechar a porta, Poirot voltou e disse-me:

— Então madame nunca simpatizou com o mordomo... Isto é interessante, não acha, Hastings?

Recusei-me a emitir uma opinião. Poirot tinha-me feito de bobo tantas vezes que agora me tornara cauteloso. Sempre havia um dente de coelho escondido em algum lugar.

Depois de nos vestirmos com esmero para uma excursão ao campo, saímos para Netherall Road. Tivemos sorte em encontrar Miss Jessie Withers em casa. Era uma mulher de uns trinta e cinco anos, com um rosto simpático, de aspecto eficiente e educada. Não me pareceu possível que estivesse envolvida no caso. Ressentia-se amargamente da forma em que havia sido despedida, mas admitia que estivera errada. Ia se casar com um pintor e decorador que estava trabalhando nas proximidades de, Waverly Court, e saíra para encontrá-lo. O fato pareceu-me bastante compreensível. Não consegui alcançar a meta de Poirot; todas as suas perguntas me pareceram irrelevantes. Eram todas

concernentes à rotina diária de Miss Jessie em Waverly Court. Eu estava francamente entediado e fiquei satisfeito quando Poirot despediu-se.

— Um rapto não oferece dificuldades maiores, *mon ami* — ele comentou no táxi que nos levou à estação de Waterloo. — Aquela criança poderia ter sido raptada facilmente em qualquer dia dos últimos três anos.

— Não vejo como essa conclusão pode nos ajudar — retruquei com frieza.

— *Au contraire*, é de grande ajuda, de enorme ajuda. Hastings, se necessita usar um alfinete de gravata, ao menos prenda-o bem no centro. O seu está no mínimo deslocado um meio centímetro para a direita!

Waverly Court era uma bela construção antiga e havia sido recentemente restaurada com gosto e cuidado. Mr. Waverly mostrou-nos a sala do conselho e o terraço e todos os outros locais relacionados com o caso. Por fim, a pedido de Poirot, ele apertou uma mola na parede e um painel deslizou para o lado. Atravessamos uma estreita passagem e chegamos a um cubículo.

— Como vê, não há nada aqui.

O esconderijo estava limpo, não se viam

nem pegadas no chão. Poirot curvou-se para examinar alguma coisa num canto.

— O que acha disto, meu amigo?

Eram quatro pequenas marcas, bem próximas.

— Um cão! — exclamei.

— Um cãozinho bem pequeno, Hastings.

— Um lulu da Pomerânia?

— Menor ainda.

— Um *poodle* miniatura?

— Ainda menor. Uma espécie desconhecida pelo Kennel Club.

Olhei para ele. Seus olhos traíam seu entusiasmo e sua satisfação.

— Eu estava certo — ele murmurou. — Sabia que estava certo. Venha, Hastings.

Mal o painel se fechara às nossas costas, uma jovem saiu de uma sala mais adiante. Mr. Waverly fez as apresentações:

— Esta é Miss Collins.

Miss Collins tinha cerca de trinta anos, um ar eficiente, cabelos claros um tanto opacos e usava *pince-nez*. A pedido de Poirot, passamos a uma pequena sala de estar e ele interrogou-a meticulosamente sobre os criados, Tredwell em particular. Ela admitiu não gostar do mordomo.

— Ele é muito emproado — justificou-se a moça.

Poirot fez perguntas sobre a refeição ingerida por Mrs. Waverly na noite do dia vinte e oito. Miss Collins declarou ter comido o mesmo *menu*, em cima, em sua saleta de estar particular, sem ter sentido absolutamente nada. Quando ela ia se retirar, cutuquei meu amigo:

— Pergunte-lhe sobre o cachorro — sussurrei.

— Ah, sim, o cachorro — e ele mostrou um largo sorriso — A família possui algum cão, *mademoiselle*?

— Há dois *retrievers* no canil.

— E nenhum cachorro pequeno, de uma dessas raças miniatura?

— Não, não temos um cão dessa espécie.

Poirot deu-lhe, permissão para que se retirasse, e apertando a campainha, comentou:

— Ela está mentindo, essa *Mademoiselle* Collins. Talvez eu também mentisse em seu lugar. Passemos agora ao mordomo.

Com um ar muito digno, seguro de si, Tredwell contou-nos sua história, que em seus pontos essenciais coincidia com a de Mr. Waverly. O mordomo admitiu conhecer a

existência do esconderijo. Quando se retirou, mantendo sua pose majestosa até o fim, Poirot me olhou:

— Qual é sua opinião, Hastings?

— Qual é a sua? — retruquei.

— Não seja tão cauteloso, as minhas células cinzentas não funcionarão sem o seu estímulo. Ah, está bem, não o provocarei mais. Vamos fazer nossas deduções em conjunto. Quais são os pontos que considera de mais difícil explicação?

— Há um detalhe que me parece estranho — disse eu. — Por que o raptor não saiu pelo portão leste em vez do portão sul? Lá não teria sido visto.

— Excelente, Hastings. Tem toda razão. Vou sugerir-lhe outro ponto para reflexão: por que avisar a família do rapto? Por que não pegaram simplesmente a criança e exigiram o resgate?

— Porque esperavam conseguir o dinheiro sem serem forçados à ação.

— Não acha pouco provável que obtivessem o dinheiro só com uma simples ameaça?

— Talvez pretendessem chamar a atenção para o meio-dia para que o raptor pudesse sair

desapercebido do seu esconderijo e escapar com a criança.

— Esse raciocínio não altera o fato de que estavam dificultando uma ação simples. Se não especificassem nem o dia, nem a hora, seria fácil aguardarem uma oportunidade propícia e raptarem a criança num automóvel quando estivesse passeando a sós com a governanta.

— É, pode ser — admiti num tom de dúvida.

— Na verdade, tudo me parece uma encenação! Examinemos a situação por outro ângulo. Tudo indica que havia um cúmplice dentro da casa: primeiro, o misterioso envenenamento de Mrs. Waverly; segundo, o bilhete preso ao travesseiro; terceiro, o relógio adiantado dez minutos. E mais um fato que você não reparou: não havia poeira no esconderijo, fora bem varrido. Agora, na casa havia cinco pessoas, podemos excluir a governanta pois não poderia ter varrido o esconderijo, embora pudesse ter-se encarregado dos outros três pontos. Ficamos assim reduzidos a quatro pessoas: Mr. e Mrs Waverly, o mordomo Tredwell e Miss Collins. Começemos por esta. Nada temos contra ela,

exceto que sabemos muito pouco a seu respeito. É obviamente uma mulher inteligente e só está no emprego há um ano.

— Ela mentiu a respeito do cachorro, não esqueça — disse eu.

— Ah, sim, o cachorro... — Poirot deu um estranho sorriso. — Bem, consideremos Tredwell, agora. Há vários detalhes suspeitos contra ele. Para começar o vagabundo declarou que foi Tredwell quem lhe entregou o pacote na aldeia.

— Mas Tredwell tem um álibi para aquela hora.

— Mesmo assim ele poderia ter envenenado Mrs. Waverly, preso a nota ao travesseiro, adiantado o relógio e varrido o esconderijo. Por outro lado, ele nasceu e cresceu a serviço dos Waverlys. Parece pouco provável que colaborasse com o rapto do herdeiro da casa, não se ajusta ao quadro!

— Então, o que sugere?

— Precisamos ordenar nosso raciocínio de maneira lógica, não importa quão absurdo pareça. Consideremos rapidamente Mrs. Waverly. Mas ela é rica, o dinheiro é dela. Não há motivos para que rapte o próprio filho e pague o resgate a si própria. Mas já seu

marido está numa posição bem diferente. Tem uma esposa rica, o que não é a mesma coisa do que ser rico. Na verdade, parece-me que a dama não gosta muito de se separar do seu dinheiro, a não ser por uma razão muito forte. E vê-se logo de saída que Mr. Waverly é o *bon vivant*.

— É impossível — exclamei.

— De forma alguma. Quem despediu os criados? Mr. Waverly. Ele teve oportunidade de escrever os bilhetes, dar um sonífero à esposa, adiantar o relógio e fornecer um excelente alibi para seu fiel servidor, Tredwell. Este nunca teve simpatia por Mrs. Waverly, é absolutamente dedicado ao patrão e está disposto a obedecer a todas as suas ordens. Três pessoas estavam envolvidas na trama: Waverly, Tredwell e um amigo do primeiro. Esse foi o erro da polícia: não investigou os antecedentes do homem que dirigiu o carro que os despistou. Ele era o terceiro homem. Dá carona a um garoto de cabelos louros encaracolados na aldeia, entra pelo portão leste, atravessa a propriedade e sai pelo portão sul, exatamente ao meio-dia, acenando e aos gritos. Não viram seu rosto, nem o número do carro e obviamente também não viram o rosto

da criança. Ele deixa uma pista falsa até Londres. Nesse ínterim Tredwell fez sua parte providenciando o aparecimento do vagabundo com o pacote incriminador no momento propício. Seu patrão pode lhe fornecer um álibi caso seja reconhecido apesar do bigode falso. Quanto a Mr. Waverly, logo que o inspetor sai correndo com o alvoroço, ele coloca a criança no esconderijo secreto e o segue. Mais tarde, quando o inspetor se retirar e Miss Collins for momentaneamente afastada, será fácil levar a criança para um lugar seguro.

— Mas e o cachorro? — perguntei. — E as mentiras de Miss Collins?

— Foi brincadeira minha. Perguntei-lhe se havia algum cachorro miniatura em casa, e ela respondeu não. Mas era evidente que havia: no quarto da criança! Mr. Waverly colocou alguns brinquedos no esconderijo para manter Johnnie entretido e quieto.

— M. Poirot? — era Mr. Waverly quem entrava. — O senhor já descobriu alguma coisa? Tem alguma pista que indique onde está o menino?

Poirot estendeu-lhe uma folha de papel.

— Eis o endereço.

— Mas esta folha está em branco!

— Só até que o senhor o escreva para mim.

— O quê? — Mr. Waverly ficou roxo.

— Sei de tudo, *monsieur*. Dou-lhe vinte e quatro horas para devolver o menino. Explicar seu reaparecimento não será tarefa árdua para si. Em caso contrário, Mrs. Waverly será informada de toda a verdade.

Mr. Waverly deixou-se cair numa poltrona e escondeu o rosto nas mãos.

— Ele está com minha velha governanta, a quinze quilômetros daqui. Está feliz, e em ótimas mãos.

— Não tenho dúvidas a esse respeito. Se não acreditasse que no íntimo é um bom pai, não estaria disposto a lhe dar mais uma chance.

— O escândalo...

— Exatamente. O nome que leva é antigo e honrado. Não o coloque em perigo novamente. Boa noite, Mr. Waverly. Ah, e um conselho! Nunca se esqueça de varrer os cantos!

O Duplo Indício

— E acima de tudo, nenhuma publicidade — advertiu-nos Mr. Marcus Hardman, talvez pela décima quarta vez.

A palavra publicidade repetia-se em sua conversação com a regularidade de um *leitmotif*. Mr. Hardman era um homem baixo, ligeiramente balofo, com unhas extravagantemente bem cuidadas e uma voz lamurienta de tenor. Era uma celebridade, à sua maneira, e sua ocupação, a vida mundana. Era rico, mas não exageradamente, e gastava seu dinheiro com zelo e diligência à procura dos prazeres da vida social. Tinha o espírito do colecionador. Seu passatempo favorito era colecionar velhos leques, rendas e jóias antigas. Mr. Hardman só gostava de coisas refinadas e abominava o moderno.

Poirot e eu, acorrendo a seu chamado urgente, encontramos o homenzinho debatendo-se nas agonias da indecisão. Naquelas circunstâncias era-lhe repugnante chamar a polícia. Por outro lado, não chamar implicaria em perder algumas jóias preciosas de sua coleção. Como meio termo concordara

em chamar Poirot.

— *Monsieur* Poirot, meus rubis! E o colar de esmeraldas que dizem ter pertencido a Catarina de Medici! O meu colar de esmeraldas!

— O senhor não quer nos descrever as circunstâncias em que desapareceram? — sugeriu Poirot com delicadeza.

— Mas é o que estou tentando fazer! Ontem à tarde ofereci um chá, uma reunião informal, só com meia dúzia de pessoas. Nesta estação já ofereci dois, e embora não caiba a mim dizê-lo, foram um sucesso absoluto! Uma reunião seleta, para ouvirmos boa música: Nacora ao piano, acompanhando o contralto australiano Katherine Brid, no grande salão. Mas antes eu mostrara aos meus convidados minha coleção de jóias medievais. Guardo-as naquele pequeno cofre de parede. É inteiramente forrado de veludo, e as jóias estavam expostas como numa vitrina. Depois vimos os leques, ali adiante, e nos dirigimos ao salão, para ouvir música. Só depois que todos os convidados se haviam retirado, foi que descobri que o cofre fora assaltado. Não devo tê-lo fechado bem, e alguém aproveitou a oportunidade para limpar seu conteúdo.

Monsieur Poirot, meus rubis, meu colar de esmeraldas, a coleção de toda uma vida! O que não daria para recuperá-los! Mas não deve haver a menor publicidade! Compreende todas as implicações, não compreende, M. Poirot? Meus convidados, meus próprios amigos! Seria um escândalo horrível!

— Quem foi a última pessoa a deixar esse aposento quando foram embora?

— Foi Mr. Johnston. O senhor o conhece? É um milionário sul-africano que acaba de alugar a mansão Abbotbury em Park Lane. Recordo-me que se atrasou alguns instantes. Mas certamente não poderia ter sido ele!

— Mais algum de seus convidados voltou a este aposento durante a tarde sob qualquer pretexto?

— Estava à espera dessa pergunta, *Monsieur* Poirot. Três deles o fizeram: a Condessa Vera Rossakoff, Mr. Bernard Parker e *Lady*. Runcorn.

— Fale-nos a respeito deles.

— A Condessa Rossakoff é uma encantadora dama da velha nobreza russa. Chegou recentemente a este país. Ela já se havia despedido e fiquei um tanto surpreso em encontrá-la neste aposento, aparentemente

contemplando embevecida a minha coleção de leques. Sabe, *Monsieur* Poirot, quanto mais penso nesse episódio, mais suspeito me parece, não concorda?

— Extremamente suspeito. Mas fale-me sobre os outros.

— Bem, Parker voltou aqui só para apanhar um estojo de miniaturas que eu estava ansioso para mostrar a *Lady* Runcorn.

— E quanto a ela?

— Como deve saber, *Lady* Runcorn é uma senhora de meia-idade, de considerável força de caráter, que dedica a maior parte de seu tempo a vários comitês de caridade. Ela voltou para buscar a bolsa que havia esquecido aqui.

— Bem, *monsieur*, então temos quatro possíveis suspeitos: a condessa russa, a *grande dame* inglesa, o milionário sul-africano e Mr. Bernard Parker. A propósito, quem é este Mr. Parker?

A pergunta pareceu embaraçar consideravelmente Mr. Hardman.

— Ele... bem, ele é um jovem... Na verdade, é um conhecido meu.

— Já chegara a essa conclusão — disse Poirot perfeitamente sério.. — Qual é a ocupação desse Mr. Parker?

— Ele não pertence à alta sociedade, e talvez não tenha uma ocupação definida.

— Como se tornou seu amigo, se me permite a pergunta?

— Bem... em uma ou duas ocasiões ele... realizou alguns serviços para mim.

— Prossiga, *monsieur* — disse Poirot.

Hardman endereçou-lhe um olhar queixoso. Era evidente que continuar era a última coisa que desejaria fazer. Mas como Poirot manteve-se em silêncio, inexorável, ele capitulou.

— Bem, *Monsieur* Poirot, meu interesse por jóias antigas é um fato do conhecimento público. Algumas vezes uma pessoa precisa se desfazer de um bem de família, que nunca poderia ser vendido abertamente, mas uma transação particular é diferente. Parker arranja os detalhes dessas transações, serve de mediador entre as partes interessadas e assim evita qualquer inconveniência. Ele me mantém informado de tais oportunidades. Por exemplo, a Condessa Rossakoff trouxe jóias de família da Rússia e está ansiosa para vendê-las. Bernard Parker ia funcionar como mediador.

— Compreendo — disse Poirot pensativo.
— E deposita nele plena confiança?

— Não vejo motivos para proceder de outra forma.

— Mr. Hardman, de qual dessas quatro pessoas o senhor suspeita?

— Oh, *Monsieur* Poirot, que pergunta! São todos meus amigos, como já lhe disse. Não suspeito de nenhum deles.

— Não concordo. O senhor suspeita, sim, e não é da Condessa Rossakoff, nem de Mr. Parker. É de *Lady* Runcorn ou de Mr. Johnston?

— O senhor está me deixando encurralado, M. Poirot, está mesmo. *Lady* Runcorn pertence a uma das famílias mais antigas da Inglaterra, mas é verdade, infelizmente é a verdade, que *Lady* Caroline, sua tia, sofria de um desagradável mal. Todos os seus amigos compreendiam, e sua criada sempre devolvia as colheres de chá, ou o que fosse, tão prontamente quanto possível. Agora veja a minha situação!

— Então *Lady* Runcorn tinha uma tia cleptomaniaca? Muito interessante. Posso examinar o cofre?

Com a permissão de Mr. Hardman, Poirot abriu a porta do Cofre e examinou seu interior. Só as prateleiras de veludo, completamente

vazias, nos esperavam.

— Mesmo agora a porta não está fechando bem — murmurou Poirot tentando trancá-lo. — Por que será? Ah, o que temos aqui? É uma luva presa na dobradiça, uma luva masculina — e Poirot a mostrou a Mr. Hardman.

— Esta luva não é minha — declarou este.

— Haha! Há algo mais! — e Poirot curvou-se e apanhou um pequeno objeto do fundo do cofre. Era uma cigarreira forrada de *moiré* preto.

— Minha cigarreira! — exclamou Mr. Hardman.

— Sua? Certamente não, *monsieur*. Estas não são suas iniciais — e Poirot apontou para duas letras entrelaçadas executadas em platina.

Hardman examinou o objeto.

— O senhor tem razão — ele declarou. — É muito semelhante à minha, mas as iniciais são diferentes, um “P” e um “B”. Meu Deus do céu! Parker!

— É, parece — disse Poirot. — Um jovem um tanto descuidado, especialmente se a luva também é dele. Seria uma pista dupla, não?

— Bernard Parker! — murmurou Mr. Hardman, — Que alívio! Bem, *Monsieur* Poirot, confio-lhe a tarefa de recuperar as jóias. Leve o caso ao conhecimento da polícia, se julgar necessário, isto é, se estiver bem certo de que ele é culpado.

— Veja só, meu amigo — disse-me Poirot enquanto deixávamos a casa —, nosso Mr. Hardman tem uma lei para a nobreza e outra para a plebe. Eu, como ainda não fui agraciado com nenhum título, estou do lado da plebe. Tenho simpatia por esse jovem. O caso todo é um pouco curioso, não acha? Enquanto Hardman suspeitava de Lady Runcorn, eu suspeitava da condessa e de Jonston. E, no entanto, todo o tempo o culpado era o obscuro Mr. Parker.

— Por que suspeitava dos outros dois?

— *Parbleu!* É uma coisa tão simples passar por uma refugiada russa ou por um milionário sul-africano. Qualquer mulher pode intitular-se uma condessa russa, e qualquer pessoa pode comprar uma casa em Park Lane e transformar-se num milionário sul-africano. Quem irá contradizê-los? Mas vejo que já estamos em Bury Street. É aqui a casa do nosso descuidado amigo. Vamos malhar

enquanto o ferro está em brasa, como dizem vocês.

Mr. Bernard Parker estava em casa. Encontramo-lo reclinado sobre um monte de almofadas, envolvido num extravagante *robe-de-chambre* roxo e laranja. Raras vezes já senti uma antipatia tão forte e instantânea por alguém, como por aquele jovem pálido e efeminado, de fala afetada e ciciante.

— Bom dia, *monsieur* — disse Poirot secamente. — Venho da parte de Mr. Hardman. Ontem, durante a reunião, alguém roubou todas as suas jóias. Permita-me perguntar, *monsieur*, esta luva é sua?

Os processos mentais de Mr. Parker não pareciam ser muito rápidos. Ficou olhando fixamente para a luva, talvez ganhando tempo para se recompor.

— Onde a encontrou? — perguntou finalmente.

— A luva é sua, *monsieur*?

Mr. Parker deve ter chegado a uma decisão:

— Não, não é — declarou.

— E esta cigarreira, é sua?

— Não, de forma alguma. A minha é de prata.

— Muito bem, *monsieur*. Vou passar o caso às mãos da polícia.

— Oh! Não faria isso se fosse o senhor! — exclamou Mr. Parker preocupado. — Esse pessoal da polícia é uma gente muito pouco compreensiva. Espere aí, irei ver o velho Hardman! Olhe aqui, hei, espere um minuto!

Mas Poirot já batia em retirada.

— Demos-lhe algo para pensar, não? — ele riu. — Amanhã veremos o que vai acontecer.

Mas o destino não nos deixaria esquecer o caso Hardman, nem por uma tarde. Sem aviso prévio, nossa porta abriu-se de sopetão, e um furacão humano invadiu nossa intimidade, envolta num casaco negro de peles de zibelina (embora fosse junho na Inglaterra), e sob um chapéu exuberante enfeitado por uma guirlanda de pássaros empalhados. A Condessa Vera Rossakoff era certamente uma personalidade perturbadora.

— O senhor é *Monsieur* Poirot? O que está pretendendo fazer? Acusou aquele pobre garoto! É uma infâmia, é escandaloso! Eu o conheço bem, é um pintainho, um inocente carneirinho, nunca roubaria coisa alguma. Ele fez tanta coisa por mim, não posso ficar

imobilizada e vê-lo ser torturado, martirizado!

— Diga-me, madame, esta cigarreira é dele? — Poirot mostrou-lhe o estojo negro.

A condessa deteve-se por um instante para examiná-lo.

— Sim, é dele. Eu a conheço. E daí? O senhor a encontrou por lá? Mas nós todos estivemos na sala do cofre. Ele a deve ter deixado cair. Ah, vocês policiais são mais cruéis que a Guarda Vermelha...

— E esta luva, é dele?

— Como eu iria saber? Todas as luvas são parecidas. Não tente me deter, ele precisa ser libertado, sua reputação restabelecida! Venderei minhas jóias e dar-lhe-ei muito dinheiro.

— Madame...

— Estamos de acordo? Não, não argumente. Oh pobre garoto! Veio a mim, com os olhos cheios de lágrimas. “Eu o salvarei”, eu lhe disse. “Irei procurar esse homem, esse ogre, esse monstro. Deixe com Vera.” E agora que estamos combinados, eu vou.

Com tão pouca cerimônia como entrara, ela saiu, deixando atrás de si um perfume penetrante e exótico.

— Que mulher! — exclamei. — E que

peles!

— Ah, sim, *elas* eram genuínas! Poderia uma falsa condessa ter peles verdadeiras? Perdoe a piada, Hastings... Não, creio que ela é mesmo russa. Bem, bem, então Mr. Bernard foi correndo chorar nos ombros dela...

— A cigarreira é dele. Será que a luva também é?

Com um sorriso Poirot retirou do bolso uma outra mão de luva e colocou-a ao lado da primeira. Não havia dúvida que formavam um par.

— Onde arranjou essa outra, Poirot?

— Estava sobre a mesa do vestíbulo de Bury Street, junto a uma bengala. Não há dúvida, *Monsieur* Parker é um jovem muito descuidado. Entretanto, *mon ami*, não podemos ser omissos. Vamos fazer uma visita a Park Lane.

É desnecessário dizer que acompanhei meu amigo. Johnston não estava, mas falamos com seu secretário particular. Disse-nos que Johnston chegara recentemente da África do Sul e nunca havia estado antes na Inglaterra.

— Ele se interessa por pedras preciosas, não é verdade? — arriscou Poirot.

— Acho que as minas de ouro gozam de

sua preferência — sorriu o secretário.

Poirot deixou a entrevista pensativo. À noite, para minha completa surpresa, encontrei-o entretido no estudo de uma gramática russa.

— Por Deus, Poirot! — exclamei. — Está aprendendo russo para fascinar a condessa em seu próprio idioma?

— Ela certamente não daria ouvidos ao meu inglês, *mon ami*.

— Mas Poirot, os russos de boa estirpe não falam invariavelmente o francês?

— Você é uma mina de informações, Hastings! Não cansarei mais o meu cérebro com as dificuldades do alfabeto russo — e dizendo isso ele jogou o livro longe, num gesto melodramático.

Não fiquei totalmente satisfeito. Havia em seus olhos um brilho que já conhecia de muito. Era um indício invariável de que Poirot estava contente consigo mesmo.

— Talvez esteja duvidando de que ela seja realmente russa, não? — eu arrisquei, querendo demonstrar sapiência. — Vai testá-la?

— Ah, não! Ela é mesmo russa.

— Bem, então...

— Se quer realmente ter uma bela atuação nesse caso, Hastings, “As Primeiras Lições de Russo” ser-lhe-ão de inestimável ajuda — ele riu e não deu mais nenhuma palavra

Peguei o livro do chão e mergulhei curioso na leitura, mas não consegui entender a razão do comentário de Poirot.

A manhã seguinte não nos trouxe nenhuma novidade, mas isto não pareceu preocupar meu amigo. À mesa, ele anunciou suas intenções de fazer uma visita a Mr. Hardman nas primeiras horas do dia. Encontramos a velha raposa em casa, mas ele parecia mais calmo que no dia anterior.

— Bem, *monsieur*, tem novidades? — perguntou ansioso.

Poirot entregou-lhe uma folha de papel.

— Esta é a pessoa que roubou as jóias, *monsieur*. Quer que leve o caso à polícia? Ou acaso prefere que eu recupere as jóias sem envolver estes cavalheiros no assunto?

Mr. Hardman olhava fixo para o papel. Finalmente recuperou a voz.

— É surpreendente. Prefiro indubitavelmente que o assunto não provoque escândalo. Dou-lhe *carie blanche*, M. Poirot.

Tenho certeza de que será discreto.

Nosso próximo passo foi apanhar um táxi, que Poirot mandou seguir para o Carlton. Ali perguntou pela Condessa Rossakoff. Em poucos minutos fomos conduzidos à suíte da dama. Ela veio ao nosso encontro de mãos estendidas, envolvida num maravilhoso *negligée* de um estampado exótico.

— *Monsieur* Poirot! — exclamou ela. — Já conseguiu? Já inocentou aquela pobre criança?

— *Madame la Comtesse*, seu amigo Mr. Parker não corre nenhum perigo de ser preso.

— Ah! Mas o senhor é tão inteligente! É soberbo! E tão rápido, também!

— Por outro lado, prometi a Mr. Hardman que lhe devolveria as jóias hoje.

— E então?

— Então, madame, ficaria extremamente agradecido se as entregasse imediatamente. Sinto apressá-la, mas o táxi está esperando, se acaso for necessário ir até a Scotland Yard! Nós, os belgas, somos um povo econômico, madame.

A condessa havia acendido um cigarro. Por alguns segundos ficou perfeitamente imóvel, soltando anéis de fumaça, olhando

para Poirot. Então ela explodiu numa gargalhada e levantou-se. Andou até uma escrivaninha, abriu uma gaveta e retirou uma bolsa de seda preta. Jogou-a com um gesto gracioso para Poirot e disse num tom calmo e jovial:

— Nós. os russos, ao contrário, somos um povo pródigo. Mas para isso. infelizmente é necessário ter dinheiro. Não precisa verificar. Estão todas aí.

Poirot levantou-se.

— Madame, eu a congratulo pela sua rapidez de raciocínio, e por sua presteza.

— Mas o que mais eu poderia fazer, se o táxi está a sua espera?

— A senhora é muito amável, madame. Vai ficar muito tempo em Londres?

— Receio que não. Graças ao senhor.

— Aceite minhas desculpas.

— Talvez nos encontremos outra vez.

— Espero que sim.

— Mas eu não ! — exclamou a condessa com uma gargalhada. — E isto é um elogio que lhe estou fazendo. Há muito poucos homens no mundo que me inspiram receio. Adeus, *Monsieur Poirot*.

— Adeus, *Madame la Comtesse*. Ah,

perdão, estava me esquecendo. Permita-me devolver-lhe a sua cigarreira.

E com uma reverência ele entregou-lhe o pequeno estojo de *moiré* negro que encontráramos no fundo do cofre, Ela o aceitou sem modificar a expressão do rosto. Só ergueu uma sobrancelha e murmurou:

— Ah, agora percebo!

— Que mulher! — exclamou Poirot entusiasmado enquanto descíamos as escadas. — *Mon Dieu, quelle femme!* Nem uma palavra de argumentação, de protesto, de fingimento. Num olhar ela fez a avaliação correta de sua situação. Eu lhe digo, Hastings, uma mulher que pode aceitar a derrota assim, com um sorriso descuidado, irá longe! Ela é perigosa, tem nervos de aço, ela... — ele tropeçou.

— Se conseguir moderar sua admiração, e olhar onde pisa, será bem melhor — eu sugeri. — Quando começou a suspeitar da condessa?

— *Mon ami*, foi o duplo indício, a luva e a cigarreira. que me preocupou. Bernard Parker poderia facilmente ter deixado cair uma ou outra, mas dificilmente as duas. Não, era descuido demasiado! Da mesma forma se a intenção fosse incriminar Parker, uma teria

sido suficiente, a luva ou a cigarreira, não ambas, novamente. Então fui levado a concluir que um dos objetos *não* pertencia a Parker. A princípio pensei que a cigarreira fosse dele, e não a luva. Mas quando descobri a outra luva em sua casa, vi que me enganara. Então, de quem era a cigarreira? Evidentemente não pertencia a *Lady* Runcorn, as iniciais não coincidiam. Mr. Johnston? Só se estivesse sob um nome falso. Mas pela entrevista com o seu secretário tornou-se evidente para mim que sua posição era clara e acima de qualquer suspeita. Nada havia de obscuro no passado de Mr. Johnston. A condessa então? Ela pretendia ter trazido jóias da Rússia, só necessitaria retirar as pedras dos engastes e penso que nunca mais poderiam ser identificadas. O que seria mais fácil do que apanhar uma luva de Parker do vestibulo e deixá-la no cofre? Mas, *bien sur*, ela não tivera nenhuma intenção de deixar cair sua própria cigarreira.

— Mas se a cigarreira era dela, por que tinha as iniciais B. P.? As iniciais da condessa são V. R.

Poirot mostrou um leve sorriso.

— Exatamente, *mon ami*, mas no alfabeto

russo B é V, e P é R.

— Bem, não poderia esperar que eu adivinhasse isso. Não conheço o russo.

— Nem eu, Hastings. Foi por isso que comprei aquele manual, e o recomendei a você.

Ele deu um suspiro.

— Que mulher notável! — Tenho uma intuição, uma intuição muito forte de que tornarei a vê-la. Mas onde? Gostaria bem de saber.

O Rei de Paus

— A realidade é mais estranha que a ficção — comentei, deixando de lado o *Daily Newsmonger*.

O comentário talvez não fosse original, e irritou o meu amigo. Inclinando a cabeça que lembrava um ovo, o homenzinho retirou uma imaginária partícula de poeira de suas calças de vincos impecáveis, e disse:

— Que pensamento profundo! O meu amigo Hastings está se revelando um filósofo!

Sem demonstrar qualquer melindre ante sua inesperada zombaria, indiquei-lhe o jornal que acabara de folhear.

— Já leu o jornal desta manhã?

— Já, e quando terminei dobrei-o com cuidado e simetria, e não o atirei ao chão como acaba de fazer, com sua lamentável falta de ordem e método.

O mal de Poirot é sua idolatria pela ordem e pelo método. Chega ao ponto de atribuir-lhes todas as suas vitórias!

— Então deve ter lido a notícia do assassinato do empresário Henry Redburn; foi o que provocou meu comentário. A realidade

não é somente mais estranha que a ficção, é também mais dramática. Imagine uma família de classe média, típica deste país, composta de pai, mãe, um filho e uma filha. Os homens vão para o trabalho na cidade todos os dias e as mulheres cuidam da casa. Suas vidas decorrem em perfeita tranqüilidade e monotonia. Pois na noite de ontem, quando a família Oglander jogava pacificamente bridge em sua sala dê estar, em Daisymead, Streatham, uma das portas envidraçadas abre-se de sopetão e uma mulher invade o aposento. Seu vestido de cetim cor de areia está manchado de sangue. Ela balbucia uma palavra: “assassinado” e cai no chão inconsciente. Talvez a tenham reconhecido por seus retratos nos jornais: é Valeria SaintClair, a famosa dançarina, última coqueluche de Londres!

— Essa narrativa eloqüente é sua ou do *Daily News-monger*?

— Na pressa de lançarem nova edição, o *Daily News-monger* restringiu-se aos simples fatos, mas logo percebi as possibilidades dramáticas da história.

Poirot balançou a cabeça, pensativo.

— Onde está a natureza humana, está o

drama. *Mas* nem sempre onde acreditamos vê-lo. Lembre-se disto. Também estou interessado no caso, pois é provável que venha a colaborar em sua investigação.

— É verdade?

— É. Um cavalheiro telefonou-me esta manhã para marcar uma hora para o Príncipe Paul da Maurânia.

— Mas o que tem esse fato a ver com o caso?

— Pelo jeito não tem lido as seções de mexericos dos jornais, aquelas que começam assim: “Um passarinho me contou...” Olhe aqui. — E me indicou um parágrafo com seu dedo curto e roliço:

“... que um príncipe do continente está encantado por uma famosa dançarina que agora ostenta no dedo anular um novo e deslumbrante solitário...”

— Mas prossiga a sua dramática narrativa — disse Poirot. — Deixou *mademoiselle* desmaiada na sala de estar de Daisymead, lembra-se?

Encolhi os ombros.

— Em conseqüência às primeiras palavras pronunciadas por *Mademoiselle* SaintClair ao recobrar a consciência, Mr.

Oglander e o filho saíram, um para chamar um médico que socorresse a dama, que evidentemente sofria de choque, e o outro para a delegacia, onde contou sua história e conseguiu que a polícia o acompanhasse a Mon Désir, a magnífica propriedade do Mr. Redburn, vizinha a Daisymead. Encontram esta conhecida personalidade, que gozava de uma reputação duvidosa, caído na biblioteca com o crânio arrebatado como uma casca de ovo.

— Parece que tolhi o seu estilo — disse Poirot amavelmente. — Peço-lhe desculpas... Ah, aí vem o príncipe!

Nosso nobre visitante foi anunciado sob o título de Conde Feodor. Era um jovem de estranha aparência, alto, nervoso. com um queixo indeciso, a famosa boca dos Mauranberg e os olhos escuros e ardentes de um fanático.

— É *Monsieur* Poirot?

Meu amigo inclinou-se.

— *Monsieur*, estou numa situação angustiosa, mais dolorosa do que possa imaginar.

Poirot fez-lhe um gesto tranquilizador.

— Compreendo sua ansiedade.

Mademoiselle SaintClair é uma amiga muito querida, não é verdade?

O príncipe respondeu com simplicidade:

— Espero fazê-la minha esposa.

Poirot ergueu a cabeça e seus olhos mudaram de expressão.

O príncipe prosseguiu:

— Não serei o primeiro de minha família a realizar um casamento morganático. Meu irmão Alexandre também desafiou o Imperador. Vivemos agora numa era mais esclarecida, livre dos preconceitos de casta. Além disso, *Mademoiselle* SaintClair é na realidade de uma estirpe tão nobre quanto a minha. Não ouviu boatos sobre seu passado?

— Há muitas histórias românticas sobre sua origem, o que é comum no caso de bailarinas célebres. Já ouvi falar que seria filha de uma faxineira irlandesa e também de uma grã-duquesa russa.

— A primeira história não passa de uma tolice, naturalmente — disse o jovem. — Mas a segunda é verdadeira. Valerie, embora tenha jurado guardar segredo, deixou-me entrever a verdade. Além disso, ela o demonstra, inconscientemente, de mil maneiras. Acredito em hereditariedade, *Monsieur* Poirot.

— Eu também acredito em hereditariedade — disse Poirot pensativo. — Tenho visto estranhas coisas a este respeito, *moi qui vous parle...* Mas voltando ao assunto, *Monsieur le Prince*, o que deseja de mim? O que teme? Posso falar com franqueza, não? Há qualquer elemento que possa ligar *Mademoiselle SaintClair* ao crime? Ela conhecia Redburn, não?

— Conhecia. Ele se dizia apaixonado por ela.

— E ela?

— Nada tinha a lhe dizer.

Poirot lançou-lhe um olhar penetrante.

— Ela possuía algum motivo para temê-lo?

O jovem hesitou.

— Houve um incidente... Já ouviu falar em Zara, a vidente?

— Não.

— Ela é maravilhosa, devia ir vê-la. Valerie e eu formos consultá-la na semana passada. Zara leu as cartas para nós. Falou para Valerie de dificuldades, de nuvens tempestuosas se acumulando no horizonte, e finalmente virou a última carta Era o rei de paus. Ela disse a Valerie: “Ele significa

desastre para você. Tome cuidado. Há um homem que a tem em seu poder. Sabe a quem me refiro?” Valerie estava pálida, balançou a cabeça e disse: “Sim, sei.” Logo depois saímos. As últimas palavras de Zara foram uma advertência para Valerie: “Tome cuidado com o rei de paus. O perigo a ameaça!” Interroguei Valerie, mas ela nada quis me dizer, e assegurou-me que tudo estava bem. Mas agora, depois dos acontecimentos de ontem; estou mais certo do que nunca de que o rei de paus era Redburn, que ele era o homem que Valerie temia.

O príncipe calou-se abruptamente.

— Agora pode compreender minha preocupação quando abri o jornal esta manhã. Suponhamos que Valerie num acesso de desespero... Não, não é possível!

Poirot levantou-se e deu umas palmadinhas tranqüilizadoras no ombro do rapaz.

— Não se desespere, peço-lhe. Deixe tudo em minhas mãos.

— O senhor irá a Streatham? Sei que ela ainda está lá, em Daisymead, prostrada pelo choque.

— Irei imediatamente.

— A embaixada facilitará seus passos. Terá livre acesso ao local do crime.

— Então partiremos já. Hastings, quer me acompanhar? *Au revoir, Monsieur le Prince.*

Mon Désir era uma belíssima casa, moderna e confortável. Uma curta estrada dava acesso à construção, e lindos jardins estendiam-se aos fundos da casa por uma vasta extensão.

Quando mencionamos o nome do Príncipe Paul, o mordomo levou-nos imediatamente à cena da tragédia. A biblioteca era um aposento magnífico, estendendo-se da fachada aos fundos da casa, com uma grande janela em cada extremo, uma dando para a entrada e a outra para os jardins. O corpo fora encontrado no nicho formado pela segunda. Tinha sido removido há pouco tempo, depois que a polícia concluíra seus exames.

— Que aborrecimento — murmurei para Poirot. — Podem ter destruído provas importantes.

Meu amigo sorriu.

— Quantas vezes preciso dizer-lhe que a solução está aqui dentro? — ele indicou o

crânio. — Nas pequeninas células cinzentas do cérebro é que se encontram as pistas para todos os mistérios! — e virando-se para o mordomo, perguntou-lhe: — Suponho que não houve modificações no aposento, além da retirada do corpo?

— Não, senhor. Está exatamente como a polícia o encontrou na noite de ontem.

— E as cortinas? Vejo que elas encobrem o nicho formado pelas janelas, e a mesma coisa na fachada da frente. Estavam fechadas à noite passada?

— Estavam, sim, senhor. Corro-as todas as noites.

— Então Redburn deve tê-las aberto.

— Creio que sim, senhor.

— Sabe se o seu patrão esperava algum visitante ontem à noite?

— Ele não disse, senhor. Mas deu ordens para que não o perturbássemos depois do jantar. Há uma porta abrindo da biblioteca para o lado da casa. Ele poderia admitir qualquer visitante por ali.

— Este procedimento era habitual?

O mordomo tossiu discretamente.

— Acredito que sim, senhor.

Poirot dirigiu-se à porta em questão. Não

estava trancada. Desceu ao terraço que acompanhava a fachada lateral, terminando na frente na estrada de acesso, e atrás numa parede de tijolos vermelhos.

— É o pomar, senhor — explicou o mordomo. — Há um portão de entrada ali adiante, mas está sempre fechado depois das seis horas.

Poirot fez um sinal de aquiescência, e tornou a entrar.

— Não ouviu ruídos alarmantes ontem à noite? — perguntou ao mordomo.

— Bem, senhor, ouvimos vozes na biblioteca, um pouco antes das nove. Mas isso era habitual, especialmente tratando-se de voz feminina. E como fomos todos então para a sala dos criados que fica no outro extremo, não ouvimos mais nada, até que chegou a polícia, por volta das onze horas.

— Quantas pessoas falavam?

— Não poderia precisar, senhor. Só notei a da senhora.

— Ah!

— O Dr. Ryan ainda está aqui, senhor. Se desejar vê-lo...

Aceitamos pressurosos a sugestão, e em poucos minutos o médico, um homem de meia-

idade, muito cordial, juntou-se a nós e forneceu a Poirot todas as informações a seu alcance. Redburn fora encontrado caído junto à janela, perto do banco largo de mármore embutido no nicho formado por aquela. Tinha dois ferimentos: um entre os olhos e outro, que o matara, na parte posterior do crânio.

— Estava deitado de costas?

— Estava. Olhe a marca — e ele indicou uma mancha escura no assoalho.

— O ferimento do crânio poderia ter sido causado pela queda?

— Impossível. Qualquer que tenha sido a arma, ela penetrou no crânio a alguma profundidade.

Poirot examinou pensativo o local. No recesso formado pela janela, havia um banco de mármore com os braços esculpidos em feitiço de cabeça de leão. Os olhos do meu amigo se iluminaram.

— Suponhamos que ele tenha caído para trás e batido o crânio nesta cabeça de leão, daí escorregando ao chão. Essa pancada não produziria um ferimento semelhante ao que o senhor descreveu?

— É possível. Mas o ângulo em que estava o corpo não confirma esta teoria. E além

disso encontraríamos vestígios de sangue no mármore.

— O banco pode ter sido lavado.

O médico encolheu os ombros.

— Isto é muito pouco provável. Não traria vantagens a ninguém dar a um acidente o aspecto de assassinato.

— Concordo — disse Poirot. — Acredita que qualquer dos dois golpes possa ter sido desferido por uma mulher?

— Na minha opinião, não. Acaso está pensando em *Mademoiselle* SaintClair?

— Não penso em ninguém em particular até ter certeza — disse Poirot num tom suave, examinando a porta envidraçada.

O médico explicou:

— Foi por aí que *Mademoiselle* SaintClair fugiu. Por entre as árvores pode se ver ao longe Daisymead. Há outras residências mais próximas na direção da estrada, mas deste lado, Daisymead é a única visível.

— Agradeço suas informações, doutor — disse Poirot. — Venha Hastings, vamos seguir os passos de *mademoiselle*.

Com Poirot a minha frente, atravessamos o jardim, passamos por um portão de ferro batido e cortamos por um pequeno bosque até

chegarmos à entrada de Daisymead, uma casa pequena e despretensiosa com cerca de dois mil metros quadrados de terreno. Alguns degraus levavam a uma porta lateral envidraçada. Poirot indicou-a com um aceno de cabeça.

— Foi por ali que *mademoiselle* entrou. Nós, que não estamos numa situação tão aflitiva, entraremos pela porta da frente.

Uma criada nos recebeu e conduziu-nos à sala de estar, antes de ir procurar Mrs. Oglander. O aposento evidentemente não fora arrumado desde a noite anterior. A lareira ainda estava cheia de cinzas e a mesa de bridge deslocada para o centro da sala, com as cartas do morto viradas para cima e as cartas de cada jogador ainda em frente a seus lugares. A sala estava atulhada de bibelôs e vários horríveis retratos de família decoravam as paredes.

Poirot examinou-os com mais complacência que eu e alinhou dois que estavam tortos.

— *La famille*, são fortes os laços de sangue, não? Os sentimentos suprem a falta de beleza.

Concordei, olhando o retrato de um grupo

dominado por um senhor de suíças, uma senhora com um penteado alto, um garoto forte e atarracado e duas meninazinhas enfeitadas com um número excessivo de laçarotes de fita. Deduzi que era uma fotografia antiga da família Oglander e examinei-a com interesse.

A porta abriu-se e uma jovem entrou. Seus cabelos escuros estavam presos num arranjo severo e trajava uma saia de *tweed* e um casaco de lã de uma cor neutra. Havia uma pergunta em seus olhos.

Poirot adiantou-se.

— É Miss Oglander? Lamento importuná-la depois do transtorno por que passaram.

— É, ficamos bastante preocupados — admitiu a jovem com cautela. Comecei a suspeitar de que os aspectos dramáticos do caso não haviam sido percebidos por Miss Oglander, que sua falta de imaginação a impedia de sentir a tragédia. Minha impressão acentuou-se com as suas palavras seguintes: — Peço desculpas pelo desarranjo da sala. Os criados ficam excitados com qualquer tolice.

— Estavam reunidos nesta sala na noite de ontem, *n'est-ce-pas?*

— Sim, jogávamos bridge depois da ceia

quando...

— Desculpe-me interrompê-la, mas há quanto tempo estavam jogando?

— Bem... — Miss Oglander refletiu um instante. — Não posso precisar, mas quando ela entrou por volta das dez horas já jogáramos várias partidas.

— E a senhorita onde estava sentada?

— Em frente à janela. Jogava de parceria com minha mãe e acabara de dizer “uma sem trunfo”, quando inesperadamente a porta envidraçada se abriu e Miss SaintClair precipitou-se dentro da sala.

— A senhorita a reconheceu?

— Tive uma vaga idéia de que já vira seu rosto antes.

— Ela ainda está aqui, não?

— Está, mas recusa-se a receber qualquer pessoa. Ainda está muito prostrada.

— Penso que ela me receberá. Quer dizer-lhe que vim a pedidos insistentes do Príncipe Paul da Maurânia?

Pareceu-me que a menção de um príncipe real abalou a calma imperturbável de Miss Oglander, mas ela deixou a sala para cumprir sua missão, sem mais comentários, e voltou quase imediatamente após para dizer que

Mademoiselle. SaintClair nos receberia em seu quarto.

Subimos as escadas até um quarto amplo e arejado. Num sofá junto à janela, uma mulher estava reclinada. À nossa entrada virou a cabeça. O contraste entre as duas mulheres era gritante, e fazia-se mais veemente ainda pela ligeira semelhança de coloração e de traços fisionômicos. Mas que diferença! O olhar, os gestos, tudo em Miss SaintClair era expressivo, dramático! Uma atmosfera de romance parecia envolvê-la. Um *peignoir* de flanela vermelha aquecia seus pés, uma peça de vestuário bastante prosaica, mas o encanto de sua personalidade conferia-lhe um sabor exótico, e ele transformava-se em reluzente manto oriental.

Os grandes olhos escuros da jovem procuraram Poirot.

— O senhor vem da parte de Paul? — a voz dela ajustava-se a sua personalidade, era profunda e lânguida.

— Venho, *mademoiselle*. Estou aqui para servir a ambos.

— O que deseja saber?

— Tudo que aconteceu na noite passada.

Tudo!

Ela deu um sorriso cansado.

— Pensa que eu mentiria? Não sou estúpida. Vejo claramente que nada posso esconder. O homem que morreu sabia um segredo de minha vida, e ameaçou divulgá-lo. Por causa de Paul, tentei entrar em acordo com ele. Não poderia arriscar-me a perder Paul... Agora que Redburn está morto, estou em segurança. Mas apesar disso, eu não o matei.

Poirot sacudiu a cabeça e sorriu.

— Não era necessário que o dissesse, *mademoiselle*. Agora conte-me o que aconteceu na noite passada.

— Eu lhe ofereci dinheiro. Ele fingiu estar disposto a negociar e marcou um encontro para as nove horas da noite passada, em Mon Désir. Eu conhecia a casa, já estivera lá antes. Deveria entrar pela porta lateral da biblioteca, para que os criados não me vissem.

— Desculpe-me, *mademoiselle*, mas não teve medo de ir lá sozinha à noite?

Fora imaginação minha, ou ela teria hesitado antes de responder:

— Talvez eu tivesse medo. Mas não havia ninguém a quem pudesse pedir que me acompanhasse, e estava desesperada. Redburn

recebeu-me na biblioteca. Que homem horrível! Estou satisfeita com sua morte. Ele brincou comigo, como um gato atormentando um pobre camundongo. Zombava de mim enquanto eu implorava, suplicava de joelhos! Ofereci-lhe todas as minhas jóias, em vão. Então ele impôs suas condições. Talvez o senhor possa imaginar quais fossem. Recusei, disse-lhe o que pensava dele, injuriei-o, e ele permaneceu calmo e sorridente. Quando me calei finalmente, ele dirigiu-se às cortinas, de onde viera um ruído suspeito, e correu-as num gesto rápido. O homem que estivera ali escondido, maltrapilho, com um ar feroz saltou e golpeou Mr. Redburn duas vezes, com violência e ele caiu. O vagabundo agarrou-me com sua mão ensangüentada, mas consegui me desvencilhar, pulei pela janela e corri para salvar minha vida. Então vi as luzes desta casa e corri para cá. As venezianas estavam abertas e vi algumas pessoas jogando baralho. Quase me lancei para dentro da sala, consegui balbuciar “assassinado”, e desmaiei.

— Obrigado, *mademoiselle*. Deve ter sido um grande choque para seu sistema nervoso. E quanto a esse vagabundo, pode descrevê-lo? Lembra-se de como estava vestido?

— Não, foi tudo muito rápido. Mas poderia reconhecer aquele homem em qualquer lugar. Seu rosto está impresso em meu cérebro.

— Só mais uma pergunta, *mademoiselle*. As cortinas da outra janela, a que abre para a entrada de acesso, estavam fechadas?

Pela primeira vez uma expressão de perplexidade apareceu no rosto da bailarina. Ela esforçava-se para recordar.

— *Eh bien, mademoiselle?*

— Tenho quase certeza... sim, tenho certeza! Elas *não* estavam fechadas.

— É curioso, já que as outras estavam. Mas não creio que tenha importância. Vai ficar aqui muito tempo, *mademoiselle?*

— Na opinião do médico já devo estar em condições de voltar à cidade amanhã — ela olhou para certificar-se de que Miss Oglander havia saído. — Esta gente tem sido muito bondosa, mas não fazem parte do meu mundo. Eu os choco! E... bem... não simpatizo com a *bourgeoisie!* — em suas palavras havia um leve traço de amargura.

— Compreendo — disse Poirot. — Espero não a ter fatigado em demasia com as minhas perguntas.

— De forma alguma, *monsieur*. Estou ansiosa para que Paul tome conhecimento dos fatos tão cedo quanto possível.

— Desejo-lhe um bom dia, *mademoiselle* — disse Poirot despedindo-se e ia saindo quando indicou um par de delicados sapatos de cromo e perguntou: — São seus, *mademoiselle*?

— São, *monsieur*. A criada acabou de trazê-los. Alguém os deve ter limpo.

— Ah... — fez Poirot quando descíamos as escadas. — Então os empregados não estão nervosos demais para limparem sapatos, embora não tenham limpo a lareira. Bem, *mon ami*, a princípio acreditei perceber alguns pontos estranhos, mas receio agora que tenhamos de dar o caso como encerrado. Tudo me parece bastante claro.

— E o assassino?

— Hercule Poirot não corre atrás de vagabundos — retrucou ele com arrogância.

Encontramos Miss Oglander no vestíbulo.

— Os senhores poderiam esperar um minuto na sala de estar? Mamãe gostaria de lhes falar.

O aposento ainda não fora arrumado, e Poirot distraidamente juntou as cartas e as

embaralhou, com suas mãos pequenas e bem cuidadas.

— Sabe o que estou pensando, meu amigo?

— O quê? — perguntei ansioso.

— Acho que Miss Oglander cometeu um erro em declarar uma sem trunfo. Deveria ter dito três de espadas.

— Ora, Poirot!

— *Mon Dieu*, não posso falar o tempo todo em sangue e mistérios profundos!

Mas meu amigo abandonou o ar brincalhão e subitamente animado disse:

— Hastings! Veja, está faltando o rei de paus neste baralho.

— Zara! — exclamei.

— O quê? — ele não pareceu compreender a minha alusão. Arrumou as cartas mecanicamente e guardou-as no estojo. Seu rosto estava sério. — Hastings — disse ele, finalmente —, eu, Hercule Poirot estive a ponto de cometer um grave erro.

Olhei para ele, impressionado, mas sem nada entender.

— Precisamos recomeçar, Hastings. Precisamos recomeçar. Mas desta vez não erraremos.

Suas palavras foram interrompidas pela chegada de uma atraente mulher de meia-idade. Poirot fez-lhe uma inclinação respeitosa.

— Acaso o senhor é amigo de Miss SaintClair?

— Vim a pedido de um amigo dela, madame.

— Ah, compreendo. Pensei que...

Poirot indicou-lhe as janelas.

— As venezianas não estavam descidas ontem à noite?

— Não. Deve ter sido por isso que Miss SaintClair viu as nossas luzes com tanta clareza.

— Havia luar ontem. Do seu lugar em frente à janela a senhora não viu Miss SaintClair se aproximando?

— Estávamos muito entretidos com o jogo, e nada semelhante jamais nos havia acontecido.

— Acredito, madame, e quero tranqüilizá-la. *Mademoiselle* SaintClair vai embora amanhã.

— Ah. — O rosto da boa senhora desanuviou-se.

— Desejo-lhe um bom dia, madame.

Uma criada limpava os degraus quando

passamos pela porta. Poirot dirigiu-se a ela:

— Foi você quem limpou os sapatos da jovem que está lá em cima?

A moça sacudiu a cabeça.

— Não, senhor. Não creio que tenham sido limpos.

— Quem os limpou então? — perguntei a Poirot enquanto descíamos a estrada.

— Ninguém. Eles não estavam sujos.

— Concordo que não ficariam enlameados se tivessem sido usados na estrada numa noite de bom tempo. Mas depois de atravessar aquele longo trecho de relva alta entre as árvores ...

— É, neste caso deveriam mesmo estar sujos — e Poirot deu um estranho sorriso.

— Mas...

— Meu amigo, tenha um pouco de paciência. Vamos voltar a Mon Désir.

O mordomo pareceu surpreso ao nos ver retornar, mas não fez nenhuma objeção a que voltássemos à biblioteca.

— Ei, a janela não é esta, Poirot — exclamei quando o vi dirigir-se à fachada da frente.

— Pois penso o contrário, meu amigo. Olhe aqui — e ele indicou a cabeça do leão de mármore. Percebi uma pequena mancha desbotada. Poirot apontou para uma mancha semelhante no assoalho encerado. — Alguém acertou um soco entre os olhos de Redburn. Este caiu para trás, e seu crânio chocou-se com o braço de mármore, e ele escorregou ao chão. Depois arrastaram-no até a outra janela e o deixaram lá, mas num ângulo diferente, como nos explicou o médico.

— Mas por quê? Não vejo a finalidade desta mudança.

— Pelo contrário, era essencial, e constitui a chave para a identidade do assassino. Mas não devíamos dar-lhe este rótulo, pois não teve a intenção de matar Redburn. Deve ter sido um homem bastante vigoroso!

— Por ter arrastado o corpo através da sala?

— Por mais do que isso. Este foi um caso muito interessante, embora eu tenha me conduzido como um imbecil.

— Está insinuando que já sabe de tudo, e o caso está encerrado?

— Estou.

Um detalhe me veio à mente.

— Ainda não! — exclamei. — Há uma coisa que você não sabe!

— E o que é?

— Onde está o rei de paus que faltava ao baralho.

— Esta tem graça, meu amigo.

— Por quê?

— *Por que ele está aqui no meu bolso!* — e apresentou-o como num passe de mágica.

— Ah — fiz eu meio desapontado. — Onde você o encontrou? Aqui?

— Não há nada de sensacional nessa descoberta. A carta fora simplesmente esquecida dentro do estojo.

— E mesmo assim, forneceu-lhe uma pista, não foi?

— É verdade, meu amigo. Devo meus agradecimentos à sua Majestade!

— E a Madame Zara.

— Ah, sim. A esta senhora, também.

— Bem, que faremos agora?

— Vamos voltar à cidade. Mas primeiro preciso trocar umas palavras com uma certa senhora de Daisymead.

A mesma criadinha abriu-nos a porta.

— Estão todos almoçando agora. A menos

que queira ver Miss SaintClair que está repousando.

— Gostaria de falar com Mrs. Oglander alguns minutos Quer chamá-la?

Ela nos conduziu à sala de estar. Ao passar pela sala de refeições, tive uma rápida visão da família, agora acrescida da presença de dois homens fortes e atarracados, um de bigode e o outro barbado.

Em poucos minutos Mrs. Oglander veio ao nosso encontro. Havia uma pergunta em seus olhos.

Poirot inclinou-se.

— Madame, temos um grande respeito pelas mães, em nosso país. *La mère de famille*, ela é a base de tudo!

Mrs. Oglander ficou espantada com essa introdução.

— É por esta razão que estou aqui, para tranquilizar uma mãe aflita O assassino de Mr. Redburn não será descoberto, não tenha receio. Eu, Hercule Poirot, lhe asseguro. Estou certo, não estou? Ou acaso será a esposa que cumpre tranquilizar?

Houve um pequeno silêncio. Mrs. Oglander dirigiu um olhar penetrante a Poirot, tentando avaliá-lo. Finalmente disse num tom

baixo:

— Não sei como descobriu, mas está certo.

Poirot balançou a cabeça, muito sério.

— É tudo, madame. Não tenha receio, os policiais ingleses não têm os olhos de um Hercule Poirot — e indicando um retrato na parede, perguntou: — A senhora teve duas filhas madame. A outra está morta?

Houve uma nova pausa, enquanto ela o fitava. Finalmente respondeu:

— Sim, ela morreu.

— Ah! — fez Poirot e acrescentou: — Bem, precisamos voltar a Londres. Permita-me devolver-lhe este rei de paus do seu baralho. Foi a única falha da encenação. Sabe, ninguém acreditaria que teriam podido jogar por quase uma hora só com cinqüenta e uma cartas! *Bonjour.*

— E agora, meu amigo — disse-me Poirot enquanto nos dirigíamos apressados para a estação —, já descobriu tudo, não?

— Não descobri nada! Quem matou Redburn?

— John Oglander Júnior. Não sabia ao certo se fora o pai ou o filho, mas inclinava-me para o filho, por ser o mais jovem e mais forte

dos dois. Tinha que ser um deles, por causa da janela.

— Por quê?

— Havia quatro saídas da biblioteca: duas portas e duas janelas. Três dessas saídas davam para a frente, direta ou indiretamente. Era preciso fazer acreditar que a tragédia ocorrera na janela dos fundos, para dar a impressão de que fora o acaso que impelira Valerie SaintClair para Daisymead. Na realidade ela desmaiou, e John Oglander carregou-a nos ombros. Foi por isso que eu disse que ele deveria ser um homem forte.

— Então os dois vieram juntos?

— Vieram. Lembra-se da hesitação de Valerie quando lhe perguntei se não tivera receio de vir só? John Oglander a acompanhou, o que não deve ter melhorado em nada a disposição de Redburn. Eles discutiram e deve ter sido algum insulto dirigido a Valerie que fez Oglander agredi-lo. O resto, você já sabe.

— Mas por que o bridge?

— São necessárias quatro pessoas para jogar bridge, Um fato óbvio como esse é muito convincente. Ninguém imaginaria que só havia três pessoas naquela sala naquela noite.

Eu ainda estava intrigado.

— Há um fato que não entendo. O que têm os Oglander a ver com a bailarina Valerie SaintClair?

— Ora, admira-me que não tenha descoberto depois de ter olhado tanto tempo aquele retrato na parede, mais tempo do que eu. A outra filha de Mrs. Oglander pode estar morta para a família, mas o mundo a conhece como Valerie SaintClair!

— *O quê?*

— Não notou a semelhança quando viu as duas irmãs juntas?

— Não — confessei. — Só pensei quão extraordinariamente diferentes elas eram.

— A sua mente se deixa influenciar muito por impressões externas e românticas, meu caro Hastings. Os traços fisionômicos das duas são quase idênticos, assim como a cor da pele e dos cabelos. O fato interessante é que Valerie se envergonha tanto de sua família quanto esta dela. Apesar desse fato, num momento de perigo, ela recorreu ao irmão. E quando os acontecimentos se complicaram, todos se mantiveram coesos, numa maravilhosa união. Os laços sangüíneos são muito fortes, e naquela família todos são capazes de

representar. É daí que Valerie herdou seu talento dramático. Como o príncipe Paul, também acredito em hereditariedade! Eles conseguiram enganar até a mim! Se não fosse por um feliz incidente e por uma resposta de Mrs. Oglander em que contradisse sua filha quanto a sua posição na mesa do jogo, a família Oglander teria derrotado Hercule Poirot!

— O que dirá o príncipe?

— Que Valerie não poderia ter cometido o crime, e que duvido que possam localizar o assaltante. Pedir-lhe-ei que apresente meus cumprimentos a Zara. Que coincidência curiosa! Penso que intitularei este caso de “A Aventura do Rei de Paus”. Que acha, meu amigo?

A Maldição dos Lemesurier

Em companhia de Poirot, tenho seguido a investigação de muitos casos estranhos, mas nenhum se compara àquela espantosa série de acontecimentos que atraiu nosso interesse por um período de anos, até culminar no problema apresentado a meu amigo. A primeira vez que ouvimos falar na história da família Lemesurier foi durante a guerra. Poirot e eu reencontráramo-nos há pouco e rememorávamos os velhos tempos da nossa amizade na Bélgica. Ele acabara de resolver satisfatoriamente uma pequena questão para o Ministério da Guerra, e nós estávamos jantando no Carlton com uma alta patente que fez os maiores elogios a Poirot durante a refeição. O figurão teve que sair logo para uma reunião com colegas de farda — enquanto nós terminamos nosso café com tranqüilidade.

Íamos deixando o restaurante, quando ouvi uma saudação numa voz familiar. Voltei-me e vi o Capitão Vincent Lemesurier, um oficial jovem que conhecera na França. Estava em companhia de um homem mais velho, muito parecido com ele e evidentemente da

mesma família, que nos foi apresentado como Mr. Hugo Lemesurier, tio do meu jovem amigo.

Na verdade não conhecia intimamente o Capitão Lemesurier, mas o considerava um camarada jovial e agradável, de um temperamento algo sonhador. Lembrei-me de ter ouvido que pertencia a uma velha e distinta família, que possuía propriedades em Northumberland desde antes da Reforma. Poirot e eu não estávamos com pressa, e a convite do jovem, sentamos à mesa de nossos dois novos amigos e batemos um papo agradável sobre diversos assuntos. O mais velho era um homem de uns quarenta anos, de ombros caídos, testa inteligente, que na época dedicava-se a pesquisas químicas para o governo.

Nossa conversa foi interrompida por um jovem alto e moreno que se dirigiu à nossa mesa. Sua agitação era evidente.

— Graças a Deus, eu os encontrei! — ele exclamou.

— O que aconteceu, Roger?

— Trata-se de seu pai, Vincent. Teve uma queda feia daquele potro novo — o resto ele explicou a uma pequena distância onde os dois o haviam seguido.

Logo após os dois amigos se despediram apressadamente de nós. O pai de Vincent Lemesurier sofrera um sério acidente enquanto domava um cavalo novo e não deveria sobreviver às primeiras horas da manhã. Vincent havia perdido toda a cor, e parecia completamente atordoado pela notícia. De certa forma, fiquei surpreso, pois pelas poucas palavras que trocáramos sobre o assunto na França, ficara-me a impressão de que ele não era muito chegado ao pai, e assim suas atuais demonstrações de amor filial me espantaram.

O jovem alto que nos fora apresentado como um primo, Mr. Roger Lemesurier, não os acompanhou, e comentou dirigindo-se a meu amigo:

— É um caso curioso, este, e talvez interessasse a M. Poirot. Já ouvi falar no senhor, por Higginson. — (Higginson era o figurão que nos convidara para jantar). — Disse-me que o senhor é um monstro em psicologia.

— A psicologia me interessa, é verdade — admitiu meu amigo com cautela.

— Viu a expressão de meu primo? Ele ficou completamente arrasado, não ficou? E sabe por quê? Por causa de uma antiga

maldição de família. Gostaria de ouvi-la?

— Como não! Conte-nos, por favor.

Roger Lemesurier consultou o relógio.

— Tenho muito tempo ainda. Devo encontrá-los na estação de King's Cross. Bem, M. Poirot, os Lemesurier são uma velha família que data dos tempos medievais. Nessa época, um Lemesurier suspeitou da virtude de sua mulher, por tê-la encontrado em uma situação comprometedora. Ela jurou inocência, mas o velho Barão Hugo não quis dar-lhe ouvidos. Ela tinha um filho, e ele jurou que o menino não seria seu herdeiro, pois não era seu filho. Não me lembro do que fez, provavelmente alguma agradável invenção medieval como emparedar vivos mãe e filho. Bem, de qualquer forma os matou, e ela morreu protestando inocência e amaldiçoando os Lemesurier para sempre. Nenhum filho primogênito jamais herdaria as propriedades, assim reza a maldição. O tempo passou e ficou provado, acima de qualquer dúvida, que a dama estava inocente. Parece que o tal Hugo entrou para um mosteiro e usou um cilício em penitência até o fim de seus dias. Mas o fato curioso é que, desde aqueles tempos, nenhum primogênito realmente herdou os bens da

família. Esses passaram a outros, irmãos mais novos, sobrinhos, tios, nunca a um primogênito. O pai de Vincent era o segundo de cinco irmãos, o mais velho tendo morrido na infância. Vincent acreditava que estava destinado a morrer na guerra. Mas coisa estranha, seus dois irmãos mais novos faleceram e ele escapou ileso.

— Uma interessante história de família — disse Poirot pensativo. — Mas agora o pai está à morte, e ele, o filho primogênito, será o herdeiro...

— Exatamente. Uma velha maldição perdeu a força, incapaz de sobreviver aos rigores da vida moderna.

Poirot sacudiu a cabeça, como se reprovasse o tom jocoso de nosso companheiro. Lemesurier consultou novamente o relógio e declarou que precisava ir-se.

Na manhã seguinte, ao sabermos da morte trágica do Capitão Vincent Lemesurier, vimos que a história não havia terminado. Ele seguira para o norte pelo trem postal da Escócia, e durante a noite deve ter aberto a porta de sua cabina e se atirado sob as rodas. O choque do acidente ocorrido com o pai,

somado à sua neurose de guerra deve ter provocado uma temporária privação de sentidos. Novamente veio à baila a curiosa superstição da família, pois o novo herdeiro, o irmão de seu pai, Ronald Lemesurier, já havia perdido o filho mais velho na França durante a guerra.

Suponho que nosso encontro accidental com o jovem Vincent na véspera de sua morte tenha despertado nosso interesse por tudo que se relacionasse à família Lemesurier, e dois anos mais tarde soubemos do falecimento de Ronald Lemesurier, que já era um inválido na época em que herdara as propriedades. Seu irmão John o sucedeu, um homem vigoroso e saudável com um filho em Eton.

Certamente um destino cruel perseguia os Lemesurier. Logo nas férias seguintes o menino matou-se accidentalmente com um tiro de carabina. E a morte súbita do pai, após a picada de uma abelha, passou o espólio ao mais novo dos cinco irmãos, Hugo, que conhecêramos naquela noite fatal nu Hotel Carlton.

Até então não nos envolvêramos pessoalmente com a família, apesar de comovidos com a extraordinária série de

infortúnios que perseguiram os Lemesurier, mas a ocasião em que tomaríamos uma parte ativa nos acontecimentos aproximava-se.

Certa manhã, uma Mrs. Lemesurier nos procurou. Era uma mulher alta, de uns trinta anos de idade, que dava a impressão de um temperamento decidido e bastante bom senso. Falava com um leve sotaque americano.

— É M. Poirot? Tenho muito prazer em conhecê-lo. Meu marido, Hugo Lemesurier, foi-lhe apresentado há muitos anos, mas é muito provável que não se recorde.

— Recordo-me perfeitamente, madame. Foi no Carlton.

— Sua memória é surpreendente, M. Poirot. Eu estou muito preocupada.

— Qual é o motivo, madame?

— Meu filho mais velho. Tenho dois meninos: Ronald de oito, e Gerald de seis.

— Prossiga, madame. Por que está preocupada com o pequeno Ronald?

— M. Poirot, nos últimos seis meses ele escapou de morrer três vezes: a primeira por afogamento, quando estávamos na Cornualha no verão; a segunda quando caiu da janela de seu quarto, e a terceira por envenenamento por ptomaína.

Talvez o rosto de Poirot deixasse transparecer seus pensamentos, pois Mrs. Lemesurier acrescentou imediatamente:

— Naturalmente está pensando que sou uma mulher tola, dada a fantasias, e exagerada.

— Não, madame. Qualquer mãe ficaria perturbada por essas ocorrências, mas não vejo como posso ajudá-la. Não sou *le bon Dieu* para controlar os mares, mas poderia sugerir algumas barras para a janela do quarto. Quanto à comida, o que se pode comparar aos cuidados maternos?

— Mas por que tudo isso aconteceu a Ronald e não a Gerald?

— A sorte, madame. *Le hasard!*

— Acredita nisso?

— O que pensam a senhora e seu marido, madame?

Uma sombra toldou o rosto de Mrs. Lemesurier.

— Não adianta recorrer a Hugo. Ele não me dá ouvidos. Como talvez o senhor saiba, existe uma maldição sobre a família: nenhum filho primogênito herdará as propriedades. Hugo acredita nisso, está obcecado pela história da família e é supersticioso até o

último grau. Quando lhe exponho meus receios, ele diz que é a maldição, que não escaparemos dela. Mas eu sou americana, M. Poirot, e por aqueles lados não damos muito crédito a superstições. Não nego que dão um certo *cachei* a uma família antiga, de tradições. Eu era atriz, com um papel secundário numa comédia musical, quando Hugo me conheceu. Naquele tempo achei deliciosa essa história de maldição de família. É um ótimo assunto para animar a conversa num serão de inverno, mas quando se trata de meus próprios filhos... Eu adoro meus filhos, faria qualquer coisa por eles.

— Então nega-se a acreditar nesta lenda familiar, madame?

— Acaso uma lenda pode serrar os caules de uma hera?

— O que está dizendo? — exclamou Poirot com uma expressão de grande surpresa no rosto.

— Perguntei se uma lenda, ou um fantasma, se preferir, pode serrar caules de hera. Nada posso afirmar sobre a Cornualha, qualquer menino pode se arriscar demais e se colocar numa situação embaraçosa, embora Ronald saiba nadar desde os quatro anos. Mas

a hera, é diferente. Os meus dois meninos são muito levados. Descobriram que podem subir ao seu quarto do segundo andar pela hera, e estão sempre repetindo a façanha. Um dia, Gerald estava fora, Ronald foi escalar a parede mais uma vez, a hera cedeu e ele caiu. Felizmente não se feriu gravemente. Mas resolvi investigar e descobri que alguém serrara os caules — deliberadamente!

— É muito sério o que está me dizendo, madame. Disse que o seu filho mais moço estava fora na ocasião?

— Estava.

— E na época da intoxicação alimentar, ele também estava fora?

— Não, os dois estavam em casa.

— Curioso — murmurou Poirot. — Digame, madame, quais são os outros moradores de sua propriedade?

— A governanta das crianças. Miss Launders, e o secretário de meu marido, John Gardiner... — Mrs. Lemesurier hesitou, como se estivesse ligeiramente embaraçada.

— E quem mais, madame?

— O Major Roger Lemesurier, que o senhor também deve ter conhecido naquela noite. Ela passa longas temporadas conosco.

— Ah, sim... Ele é primo de seu marido, não é?

— Um primo distante. Não pertence ao nosso ramo da família. Mas suponho que agora seja o parente mais próximo de meu marido. É um ótimo camarada, e todos nós gostamos muito dele. Os meninos o adoram.

— Não foi ele quem os ensinou a subir pela hera?

— Pode ter sido. Ele costuma instigá-los a travessuras, com bastante freqüência.

— Madame, peço-lhe desculpas por minhas palavras anteriores. O perigo é real, e acredito que possa auxiliá-la. Proponho que nos convide a passar uns dias em sua casa. Seu marido não fará objeções?

— Oh, não. Só dirá que de nada adiantará. Fico furiosa de vê-lo esperar sentado a morte de meu filho.

— Acalme-se, madame. Faremos nossos preparativos com método.

No dia seguinte viajamos para o norte. Poirot estava imerso em seus pensamentos. Subitamente disse-me:

— Foi de um trem semelhante a este que Vincent Lemesurier caiu?

Ele deu uma certa ênfase ao “caiu”.

— Suspeita de um crime, por acaso? — perguntei.

— Já lhe ocorreu que algumas dessas mortes da família Lemesurier podem ter sido planejadas, Hastings? A de Vincent, por exemplo, e a do garoto de Eton também. Há um elemento equívoco em todo acidente por arma de fogo. Se essa criança tivesse caído da janela do seu quarto e morrido, seria mais um acidente plausível, que não levantaria suspeitas. Mas por que só uma das crianças, Hastings? Quem lucra com a morte do filho primogênito? Seu irmão mais novo, uma criança de seis anos. É um absurdo!

— Eles pretendem matar o outro mais tarde — sugeri, sem a menor idéia de quem fossem esses “eles”.

Poirot sacudiu a cabeça, como se a idéia não o satisfizesse.

— Envenenamento por ptomaína — murmurou. — Atropina produz os mesmos sintomas. É, a nossa presença se faz necessária.

Mrs. Lemesurier acolheu-nos com entusiasmo, levou-nos ao gabinete do marido, e nos deixou a sós. Ele modificara-se bastante desde a vez que o víamos. Suas costas

estavam mais curvadas que nunca e o rosto tinha uma cor doentia e acinzentada. Ouviu em silêncio Poirot explicar o motivo de nossa presença em sua casa.

— É bem típico do espírito prático e do bom senso de Sadie! — comentou ele finalmente. — Peço-lhe que fique, M. Poirot, e agradeço-lhe sua vinda, mas o que está escrito, está escrito. A senda do pecador é árida; nós, os Lemesurier, sabemos disso bem. Nenhum de nós pode escapar do destino.

Poirot mencionou a hera serrada, mas Hugo não pareceu impressionado.

— Deve ter sido algum jardineiro descuidado. Sim, pode ter havido um instrumento humano, mas foi a mão do destino que o manejou. E vou dizer-lhe mais, M. Poirot, ela não poderá ser detida por muito tempo mais.

Poirot olhou-o com atenção.

— Por que diz isso?

— Porque eu próprio estou condenado. Fui ao médico o ano passado. Sofro de uma doença incurável, e o fim está próximo. Mas antes que eu morra, Ronald será destruído. Gerald será o meu herdeiro.

— E se acontecer alguma coisa também a

seu filho mais novo?

— Nada lhe acontecerá. Ele não está ameaçado.

— Mas se acontecer? — insistiu Poirot.

— Meu primo Roger será o próximo herdeiro.

Fomos interrompidos. Um homem alto, com um belo fisico e cabelos ruivos entrou com um maço de papéis.

— Vamos deixar isto para depois, Gardiner — disse Hugo Lemesurier e acrescentou: — Meu secretário, Mr. Gardiner.

O secretário cumprimentou-nos, disse algumas palavras amáveis e saiu. Apesar de sua bela estampa, havia algo repelente no homem. Comuniquei essa impressão a Poirot logo depois, quando percorríamos o belo parque juntos, e para minha surpresa, ele concordou.

— Também acho, Hastings. Não gosto dele, é excessivamente bonito. Parece um homem pouco afeito ao trabalho pesado. Ah, aí vêm as crianças.

Mrs. Lemesurier se aproximava com seus filhos. Eram belos meninos, o mais novo moreno como a mãe, e o mais velho de cabelos ruivos. Cumprimentaram-nos polidamente e

logo se mostraram encantados com Poirot. Em seguida fomos apresentados a Miss Saunders, uma mulher insignificante, que completava o grupo.

Durante alguns dias levamos uma existência fácil e agradável, sempre vigilantes, mas sem obter resultados. Os meninos continuavam sua vida ativa e normal, e nada parecia fora dos eixos. No quarto dia de nossa estada, o Major Roger Lemesurier chegou. Pouco mudara, ainda era o camarada folgazão e descontraído dos velhos tempos, com o mesmo hábito de não levar as coisas a sério. Sua popularidade com os meninos, que o receberam com gritos de prazer, era evidente. Imediatamente o levaram para brincar de mocinho no jardim. Percebi que Poirot os seguiu, disfarçadamente.

No dia seguinte, fomos todos convidados, inclusive as crianças, a tomar chá com *Lady Claygate*, cuja propriedade era vizinha à dos Lemesurier. Mrs. Lemesurier sugeriu que também os acompanhássemos, mas pareceu aliviada quando Poirot declinou o convite, declarando que preferia ficar em casa.

Quando todos saíram, Poirot começou sua tarefa, fazendo-me lembrar um terrier

inteligente. Penso que não houve nenhum canto da casa que não fosse revistado, mas sem estardalhaço e com tanto método que seus movimentos não atraíram a atenção. Mas no final da tarde era evidente que continuava insatisfeito. Tomamos chá no terraço com Miss Saunders, que não fora incluída entre os convidados.

— Os meninos devem estar se divertindo — disse ela em seu tom isento de qualquer vibração. — Só espero que se portem bem, não estraguem os canteiros, nem cheguem perto das abelhas.

Poirot ficou paralisado, com a xícara aos lábios. Parecia um homem que vira um fantasma.

— Abelhas? — perguntou ele numa voz rouca.

— Abelhas, sim, M. Poirot. *Lady Claygate* tem muito orgulho das suas colméias.

— Abelhas! — exclamou Poirot outra vez, e levantando-se num ímpeto, começou a andar de um lado para outro no terraço, com as mãos na cabeça. Eu não podia imaginar por que o homenzinho ficara tão agitado à simples menção de abelhas.

Naquele instante ouvimos o ruído do

carro retornando. Poirot recebeu o grupo na escadaria.

— Ronald foi picado por uma abelha! — exclamou Gerald.

— Não foi nada — disse Mrs. Lemesurier. — Nem ao menos inchou. Esfregamos amônia no local.

— Deixe-me ver, meu rapaz — disse Poirot. — Onde foi?

— Aqui, no pescoço — disse Ronald, todo importante. — Mas não está doendo nada. Papai me disse: “Fique quieto, há uma abelha em seu pescoço”. E eu fiquei, e ele tirou a abelha, mas antes ela me mordeu, pareceu uma alfinetada. Mas não chorei, porque já sou grande e vou para a escola no ano que vem.

Depois de examinar o pescoço da criança, Poirot pegou-me pelo braço e murmurou:

— Esta noite temos um trabalho a realizar, *mon ami*. Não diga nada a ninguém.

Ele recusou-se a ser mais comunicativo e passei o serão devorado pela curiosidade. Retirou-se cedo, e seguiu seu exemplo. Enquanto subíamos as escadas, ele me pegou pelo braço e deu-me instruções:

— Não troque de roupa. Espere algum tempo, apague a luz e encontre-me aqui.

Obedeci, e encontrei-o à minha espera, quando chegou o momento combinado. Com um gesto ele impôs-me silêncio, e esgueiramo-nos sorratamente pela ala das crianças. Ronald ocupava sozinho um pequeno quarto. Entramos e ficamos a postos no canto mais escuro. A respiração da criança era regular. Parecia profundamente adormecida.

— O sono dele não lhe parece muito pesado? — murmurei.

Poirot fez um movimento afirmativo.

— Narcotizado — sussurrou.

— Por quê?

— Para não gritar quando...

— Quando o quê? — perguntei ao vê-lo calar-se.

— Quando o espetarem com a agulha de injeção, *mon ami!* Agora quieto, não vamos falar mais, embora ache que os acontecimentos ainda vão demorar.

Mas ele estava errado. Menos de dez minutos depois, a porta se abriu suavemente e alguém entrou no quarto. Ouvi o arfar de uma respiração acelerada. Passos dirigiram-se para a cama e ouvimos um estalido. A luz de uma pequena lanterna focalizou a criança adormecida. A pessoa que a empunhava ainda

estava invisível nas sombras. O vulto colocou a lanterna em posição sobre a cama. Uma seringa hipodérmica apareceu em sua mão direita, enquanto a esquerda segurava o pescoço do menino.

Poirot e eu saltamos sobre ele no mesmo minuto. A lanterna rolou ao chão e lutamos com o intruso no escuro. Sua força era extraordinária, mas finalmente conseguimos dominá-lo.

— A lanterna, Hastings — pediu Poirot. — Preciso ver seu rosto, embora receie saber, até bem demais, quem ele é!

Também sei, pensei enquanto procurava o objeto com o pé. Por algum tempo suspeitara do secretário, levado pela antipatia que me inspirara, mas agora estava certo de que o monstro que segurávamos era o homem que se tornaria herdeiro com a morte dos sobrinhos.

Meu pé chocou-se com a lanterna. Apanhei-a e acendi a luz, e vi o rosto de Hugo Lemesurier, o pai do menino! Chocado, quase deixei a lanterna cair.

— É impossível! — murmurei com voz rouca. — É impossível!

Lemesurier estava inconsciente. Poirot e eu o carregamos para o seu quarto e o

deitamos na cama. Poirot debruçou-se sobre ele e retirou um objeto de sua mão direita. Era uma seringa. Eu estremeci.

— O que ela contém? Veneno?

— Creio que é ácido fórmico.

— Ácido fórmico?

— É, obtido provavelmente de formigas. Ele é químico, lembra-se? A morte do menino seria atribuída à picada da abelha.

— Meu Deus! — murmurei. — Seu próprio filho! Você sabia?

— Sabia. Ele está louco, naturalmente. A história da família deve ter-se tornado uma obsessão para ele. Sua grande ambição de herdar as propriedades levaram-no a cometer uma série de crimes. É possível que a idéia tenha lhe ocorrido naquela viagem de trem para o norte com Vincent. Ele não pode suportar ver a maldição cair por terra. O filho de Ronald já havia morrido, e o próprio Ronald era quase um moribundo, pois eles constituem uma raça débil. Hugo preparou o acidente com a arma e provocou a morte do irmão por esse mesmo método de injetar ácido fórmico na veia jugular. Realizou assim suas ambições e tornou-se o senhor das terras da família. Mas seu triunfo foi curto! Descobriu que sofria de

uma doença incurável. E tinha a idéia fixa do louco: o primogênito de um Lemesurier não podia herdar! Desconfio que o menino quase se afogou por sua causa. Deve ter encorajado o filho a se afastar da praia. Quando isso falhou, ele serrou a hera, e mais tarde envenenou a comida da criança.

— Diabólico! — murmurei. — E tão habilmente planejado!

— *Mon ami*, nada há mais surpreendente que a extraordinária acuidade dos loucos, a não ser a extraordinária excentricidade dos sãos! Penso que só nos últimos tempos ele tenha perdido completamente o controle. Inicialmente havia método em sua loucura.

— E pensar que suspeitei de Roger, aquele ótimo sujeito!

— Era a dedução lógica, *mon ami*. Sabíamos que também viajara com Vincent naquela noite e que era o próximo herdeiro na linha de sucessão, depois de Hugo e de seus dois filhos. Mas os fatos não confirmavam essa hipótese. A hera fora serrada quando só o pequeno Ronald se encontrava em casa, e era do interesse de Roger que as duas crianças morressem. Da mesma forma, só a comida de Ronald fora envenenada. E hoje, quando

chegaram em casa, percebi que só tínhamos a palavra do pai para corroborar o fato de que uma abelha picara o menino. Lembrei-me da outra morte provocada por uma abelha, e descobri a verdade!

Hugo Lemesurier morreu alguns meses depois num sanatório de doenças mentais no qual fora internado. Sua viúva tornou a casar-se no ano seguinte com Mr. John Gardiner, o secretário ruivo. Ronald herdou as extensas propriedades do pai, e é hoje um saudável adolescente.

— Bem, bem — comentei com Poirot —, outra ilusão perdida. Você provou a falsidade da maldição dos Lemesurier.

— Tenho minhas dúvidas — disse Poirot pensativo. — Tenho sérias dúvidas.

— A que se refere?

— *Mon ami*, responder-lhe-ei com uma única palavra: vermelho.

— Sangue? — perguntei e minha voz era um murmúrio de horror.

— Mas que inclinação para o melodrama tem você, Hastings! Refiro-me a algo muito mais prosaico, à cor dos cabelos do pequeno Ronald.

A Mina Perdida

Larguei meu talão de cheques com um suspiro.

— É uma coisa curiosa — comentei — mas não consigo fechar o mês com um saldo!

— E isso não o perturba? Se eu estivesse nessa situação não conseguiria pregar os olhos a noite inteira — declarou Poirot.

— Suponho que deva ter um saldo tranqüilizador! — retruquei.

— Quatrocentos e quarenta e quatro libras, quatro xelins e quatro *penies* — disse Poirot num tom complacente. — Um belo número, não acha?

— O gerente do banco deve ser um homem de tato. Provavelmente já percebeu sua paixão pela simetria. Que tal acha de investir umas trezentas libras dessa quantia nos campos petrolíferos da Pocurpine Company? Os jornais de hoje anunciam que pagarão cem por cento de dividendos no próximo ano.

— Isto não é para mim — disse Poirot sacudindo a cabeça. — Não gosto de coisas sensacionais. Prefiro investimentos prudentes: *les rentes*, os títulos do governo, ações seguras.

— Nunca fez um investimento em que entrasse o fator jogo?

— Não, *mon ami* — disse Poirot com severidade —, eu não. E as únicas ações que possuo que não são totalmente conservadoras, são quatorze mil cotas de participação das Minas de Burma, Ltda.

Poirot deteve-se com um ar de quem queria ser encorajado a prosseguir.

— Como as comprou? — perguntei.

— Não me custaram um tostão. Foram uma recompensa pelo bom uso de minhas pequenas células cinzentas. Gostaria de ouvir a história?

— Naturalmente.

— Essas minas estão situadas no interior de Burma, a umas duzentas milhas para o interior de Rangoon. Foram descobertas pelos chineses no século quinze e exploradas até o tempo da rebelião maometana, sendo finalmente abandonadas no ano de 1868. Os chineses extraíram o minério rico em chumbo e prata, fundindo-o para obter a prata e deixando grandes quantidades de ganga rica em chumbo. Isto foi logo descoberto pelos trabalhos de prospecção, mas como as velhas galerias estavam cheias de detritos e haviam

sido inundadas, todas as tentativas de encontrar o filão principal foram infrutíferas. Uma grande área foi explorada, sem resultados. Mas o representante de um dos sindicatos de mineração descobriu a pista de uma família chinesa que teria conservado um registro da localização da mina. O chefe da família na ocasião chamava-se Wu Ling.

— Que página fascinante de romance mercantil! — exclamei.

— Não é? *Mon ami*, pode existir romance sem a presença de belíssimas moças de cachos dourados... Ah, não, estou enganado. O que o fascina são as cabeleiras ruivas! Lembra-se...

— Continue a história — disse eu depressa.

— *Eh bien*, meu amigo, conseguiram localizar esse tal Wu Ling. Era um próspero mercador, muito respeitado na província onde vivia. Admitiu logo que possuía os documentos e estava disposto a negociar sua venda, mas só entraria em entendimentos com os chefões. Finalmente ficou combinado que ele viajaria para a Inglaterra para encontrar-se com os diretores de uma importante companhia.

Wu Ling viajou para a Inglaterra a bordo do *S. S. Assunta* que atracou em Southampton

numa fria e enevoadada manhã de novembro. Um dos diretores, Mr. Pearson, foi ao cais esperar o navio, mas devido ao nevoeiro seu trem atrasou-se e quando chegou Wu Ling já desembarcara e seguira para Londres num trem especial. Mr. Pearson voltou à cidade um tanto aborrecido, pois não tinha idéia onde o chinês pretendia se hospedar. Mais tarde recebeu um telefonema. Wu Ling estava no Russel Square Hotel, não se sentia muito bem após a viagem mas comprometia-se a comparecer à reunião da diretoria no dia seguinte. A reunião principiou às onze horas. Quando bateu onze e meia e Wu Ling ainda não aparecera, a secretária telefonou para o Russel Hotel, informaram-lhe que o chinês saíra com um amigo por volta das dez e meia. Parecia evidente que seu propósito fora comparecer à reunião, mas a tarde se escoou sem que tivessem notícias dele. Era possível que se tivesse perdido, pois não conhecia Londres. Quando a noite chegou e Wu Ling não retornara ao hotel, Mr. Pearson, alarmadíssimo, procurou a polícia. Um dia se passou sem que encontrassem vestígios do homem desaparecido, mas na tarde seguinte apareceu boiando no Tâmesa um corpo que foi

identificado como sendo o do infortunado chinês. Os papéis relativos à mina não foram encontrados no corpo, nem na bagagem do hotel.

A essa altura, Mr. Pearson procurou minha ajuda, e embora estivesse profundamente chocado pela morte de Wu Ling, seu objetivo principal era recuperar os documentos que haviam ocasionado a ida do chinês à Inglaterra. Já a meta primordial da polícia era descobrir o assassino, sendo a recuperação dos papéis uma preocupação secundária. O que Mr. Pearson desejava de mim era que cooperasse com a polícia, ao mesmo tempo agindo no interesse da companhia.

Concordei prontamente. Dois campos de pesquisas se abriam à minha frente. De um lado, os empregados da companhia que estavam cientes da vinda do chinês, e de outro, os passageiros do navio que poderiam ter descoberto a finalidade de sua viagem. Comecei por esses últimos, que eram em menor número. Nisto as minhas deduções coincidiram com as do inspetor Miller, que estava encarregado do caso — um homem muito diferente do nosso amigo Japp,

convencido, grosseiro; em suma, insuportável. Juntos interrogamos os oficiais do navio. Tinham pouco a dizer. Wu Ling mantivera-se muito reservado durante a viagem, só travando relações com dois passageiros: um europeu decaído chamado Dyer, que tinha ma reputação, e com Charles Lester, um jovem bancário que voltava de Hong Kong. Tivemos a sorte de obter uns instantâneos de ambos. No momento, tudo parecia indicar que se algum dos dois estava envolvido, deveria ser Dyer. Era fato notório que mantinha relações com uma *gang* de escroques chineses, sendo pois um suspeito muito provável.

Nosso próximo passo foi fazer uma visita ao Russel Square Hotel. Reconheceram logo o instantâneo de Wu Ling, mas quando mostramos o retrato de Dyer, o recepcionista declarou enfaticamente, para nosso desapontamento, que aquele não era o homem que procurara o chinês na manhã fatídica. Para desencargo de consciência, mostrei-lhe o retrato de Lester, e para minha surpresa, o homem o reconheceu imediatamente.

— Sim, senhor — afirmou —, este é o cavalheiro que chegou às dez e meia e perguntou por Mr. Wu Ling, saindo em sua

companhia logo depois.

A investigação progredia. Nosso próximo passo seria interrogar Mr. Charles Lester. Ele nos recebeu com uma atitude muito franca, mostrou-se desolado ao saber da morte trágica do chinês e colocou-se inteiramente à nossa disposição. Sua história era a seguinte: conforme combinação prévia, fora encontrar-se com Wu Ling no hotel às dez e meia. Em seu lugar aparecera o criado, e explicando que seu amo saíra, ofereceu-se para conduzir o jovem ao seu encontro. De nada suspeitando, Lester concordara, e tomara um táxi com o chinês. Seguiam há algum tempo em direção ao cais quando Lester, desconfiado, fizera parar o carro e saltara, apesar dos protestos do criado. E isto era tudo o que sabia, ele nos assegurou.

Aparentemente satisfeitos, agradecemos e nos despedimos. Cedo ficou provado que sua história não era verdadeira. Para começar, Wu Ling não se fizera acompanhar de nenhum criado, nem no navio, nem no hotel. Em segundo lugar o motorista do táxi que conduzira os dois homens naquela manhã se apresentara, e segundo seu testemunho, Lester não abandonara o carro no percurso mas seguira com o chinês até uma certa casa

suspeita em Limehouse, bem no coração de Chinatown. O lugar em questão era conhecido como um antro de ópio da mais baixa categoria. Os dois cavalheiros haviam entrado, e mais ou menos uma hora mais tarde, o cavalheiro que identificara pela fotografia saíra só. Estava muito pálido e abatido, e dera ordens ao motorista para deixá-lo na estação do metrô mais próxima.

Os antecedentes de Charles Lester foram investigados, e verificou-se que, embora gozasse de uma boa reputação, tinha pesadas dívidas e uma grande paixão pelo jogo. Dyer não foi esquecido, naturalmente. Havia uma ligeira possibilidade de que pudesse ter representado o papel do outro; mas ficou provado que esta idéia não tinha fundamento, pois seu álibi para todo o dia do assassinato era muito sólido. O proprietário do antro de ópio negou tudo com imperturbabilidade oriental, nunca havia visto Wu Ling, nem Charles Lester. Ninguém entrara em sua casa naquela manhã, a polícia estava completamente enganada. Nunca se fumara ópio em seu estabelecimento!

Suas negativas, embora bem intencionadas, não ajudaram Lester em nada.

Foi preso pelo assassinato de Wu Ling. Deram busca em seu apartamento, mas os papéis da mina não foram descobertos. O proprietário do antro também foi preso, e o seu estabelecimento revistado, sem resultados. Nem vestígios de ópio foram encontrados para recompensar os esforços da polícia.

Nesse ínterim, meu amigo Mr. Pearson passava por um estado de grande agitação. Andava de um lado para outro em minha sala, em profundas lamentações:

— Mas o senhor tem que ter alguma idéia, M. Poirot — ele repetia. — Não é possível que nada lhe ocorra!

— É verdade que tenho algumas idéias — respondi com cautela. — E este é o problema, pois cada uma conduz a uma direção diferente.

— Por exemplo? — ele insistiu.

— Por exemplo: temos só a palavra do motorista de táxi que levou os dois homens àquela casa. Outra idéia: a casa teria sido realmente o ponto final daquela excursão? Talvez tenham saído pelo outro lado e ido a outro lugar qualquer...

O impacto daquela sugestão abalou Mr. Pearson.

— Mas o senhor não pode fazer nada

além de ficar sentado, pensando? Não podemos *fazer* alguma coisa?

Ele tinha um temperamento impaciente, sabe.

— *Monsieur* — retruquei-lhe com toda a minha dignidade —, correr pelas ruas malcheirosas de Limehouse, atrás de malfeitores, não é tarefa para Hercule Poirot. Tenha calma. Meus agentes estão trabalhando no caso.

No dia seguinte, eu tinha novidades para ele. Os dois homens haviam realmente atravessado a casa em questão, e seu objetivo real fora uma pequena casa de pasto perto do rio. Tinham sido vistos ao entrar mas só Lester saíra. E foi então que Mr. Pearson teve uma idéia pouquíssimo razoável. Imagine só, Hastings! Ele só ficaria satisfeito se fôssemos os dois à casa de pasto investigar. Argumentei, implorei, mas ele não me deu ouvidos. Falou em disfarces, e chegou a sugerir que eu, Hercule Poirot, raspasse meus bigodes! E, *rien que ça!* Mostrei-lhe que era uma idéia absurda e ridícula, não se destrói assim um objeto de arte, e além disso, por que um cavalheiro belga de bigodes não poderia ter tanto interesse em viver novas experiências, conhecer o ópio, tanto quanto um sem bigodes?

Eh bien, ele desistiu desse detalhe, mas insistiu que levássemos avante os seus planos. Voltou à noite, e *Mon Dieu*, que figura! Trajava uma japona grossa de marinheiro, não fizera a barba, o rosto estava sujo, e o lenço do seu pescoço ofendia o olfato! E imagine só, estava se divertindo! Na verdade, os ingleses são doidos. Ele fez algumas modificações na minha aparência, fui obrigado a permitir, pois não se pode discutir com um maníaco. E afinal saímos, pois não podia deixá-lo ir sozinho como uma criança que fosse participar de uma brincadeira.

— Tem razão, não podia mesmo — comentei.

— Continuando, chegamos a tal casa de pasto. Mr. Pearson começou a empregar um inglês macarrônico, fingindo ser um velho lobo do mar. Entramos numa sala pequena e abafada, cheia de chineses comendo umas coisas esquisitas. Nós os imitamos. *Ah, Dieu, mon estomac!* — Poirot esfregou essa parte de sua anatomia, antes de prosseguir: — Então apareceu o proprietário, um chinês de sorriso sinistro:

— Os cavalheiros não gostar comida aqui — disse ele. — Querer coisa melhor, não é?

Querer fumar um pouco?

Mr. Pearson deu-me um pontapé sob a mesa (e ainda por cima usava botas de marinheiro) e disse:

— Não é uma idéia má, John. Vamos experimentar!

O chinês sorriu e nos conduziu a um porão. Depois de atravessarmos umas portas e descer mais alguns degraus, chegamos a uma sala cheia de divãs e confortáveis almofadas. Um chinês nos tirou as botas depois que nos recostamos (e esse foi o melhor momento da noite!), e nos trouxeram os cachimbos de ópio e os acenderam. Fingimos estar fumando, e finalmente adormecer, mas quando ficamos sozinhos, Mr. Pearson me chamou num sussurro, e nos esgueiramos para fora da sala. Passamos a outro cubículo onde homens dormiam e continuamos até que ouvimos duas pessoas conversando. Ficamos atrás de uma cortina. Os dois falavam de Wu Ling.

— E os papéis? — disse um deles.

— O Mr. Lester levou — disse o outro chinês. — Falou que ia guardar todos eles num lugar bem seguro onde a polícia nunca encontraria.

— É, mas eles o pegaram — disse o

primeiro.

— Ele vai ser solto. A polícia não pode provar que foi ele.

Nessa altura os dois homens se levantaram e nós rastejamos de volta a nossos lugares.

— É melhor sairmos daqui — disse Pearson depois de alguns minutos. — Esse lugar não é muito saudável.

— Tem razão, *monsieur* — respondi. — Já representamos esta farsa por tempo suficiente.

Conseguimos sair sem ser molestados, depois de pagar um bom preço por nossas cachimbadas. Quando nos afastamos de Limehouse, Pearson deu um suspiro de alívio.

— Ainda bem que estamos longe daquele antro — disse ele. — Mas a experiência foi lucrativa.

— É verdade — concordei. — E creio que não teremos maiores dificuldades em descobrir o que procuramos, depois de toda essa encenação.

— E na realidade não houve dificuldade alguma — concluiu Poirot abruptamente.

Esse epílogo inesperado foi tão surpreendente que fiquei olhando espantado para ele.

— Mas... mas onde estavam os papéis? — perguntei.

— No bolso dele, *tout simplement*.

— No bolso de quem?

— No de Mr. Pearson, *parbleu!* — e vendo meu ar estupefato, explicou delicadamente: — Então não percebeu? Mr. Pearson, como Charles Lester, estava endividado. Tinham a mesma paixão secreta pelo jogo. Ele concebeu o plano de roubar os papéis do chinês. Encontrou-o em Southampton, seguiu com ele para Londres diretamente para Limehouse. O nevoeiro era denso, e o chinês não percebeu para onde era levado. Penso que Mr. Pearson costumava fumar ópio naquele estabelecimento e fizera algumas amizades esquisitas. Não creio que planejasse um assassinato. Sua intenção fora que um dos chineses tomasse o lugar de Wu Ling e recebesse o dinheiro pela venda dos documentos. Até aí muito bem, mas para uma mente oriental, era infinitamente mais simples matar Wu Ling e atirar seu corpo no rio, e os cúmplices de Pearson seguiram seus próprios métodos sem o consultar. Imaginem a aflição de Mr. Pearson! Alguém pode tê-lo visto no trem com Wu Ling, e assassinato é uma coisa muito diferente de um

simples seqüestro.

Sua salvação repousa na chinês que representa o papel de Wu Ling no Russel Square Hotel. Se ao menos não descobrirem o corpo cedo demais... Provavelmente Wu Ling falara-lhe sobre a combinação que fizera com Charles Lester de saírem juntos pela manhã. Pearson vê nesse fato uma excelente oportunidade de afastar as suspeitas de si. Charles Lester será a última pessoa a ser vista em companhia de Wu Ling. O impostor recebe ordens de se apresentar como criado de Wu Ling e conduzir o rapaz o mais rapidamente possível a Limehouse. Ali devem ter-lhe oferecido uma bebida narcotizada, e quando despertou uma hora mais tarde, tinha uma impressão muito nebulosa do que lhe acontecera. Tanto é verdade, que quando descobre o assassinato de Wu Ling, Charles Lester perde a cabeça e nega ter chegado a Limehouse.

E aí ele cai direitinho na armadilha de Pearson. Mas este ainda não está satisfeito. Não, meus modos o intranqüilizam e ele decide reforçar as provas contra Lester. E assim encena aquela farsa, e acredita ter-me enrolado completamente. Não disse que ele

parecia uma criança numa brincadeira? *Eh bien*, eu represento meu papel: Ele volta para casa exultante! Mas de manhã o inspetor Miller bate à sua porta. Os papéis são encontrados em seu poder, o jogo terminou. Ele se recrimina amargamente por ter querido enganar Hercule Poirot! Só houve uma dificuldade real nesse caso.

— Qual foi? — perguntei curioso.

— Convencer o inspetor Miller! Mas que animal! Obstinado e imbecil! E no final colheu todos os louros.

— Que desaforo! — exclamei.

— Ah, bem, tive minhas compensações. Os demais diretores das Minas de Burma presentearam-me com quatorze mil ações em recompensa aos meus serviços. Bem razoável, não acha? Mas Hastings, quando for investir seu dinheiro, siga meu conselho, seja conservador. O que lê nos jornais, nem sempre é verdade, e os diretores dessa Companhia Pocurpine podem ser da mesma laia de Mr. Pearson!

O Expresso de Plymouth

Alec Simpson, da Marinha Real, subiu a um compartimento de primeira classe do Expresso de Plymouth, em Newton Abbot. Um carregador o seguiu levando uma pesada valise. Ia colocá-la em cima, no porta-malas, quando o jovem o deteve.

— Não, pode deixá-la no banco. Guardo-a mais tarde. Tome aqui.

— Obrigado, senhor — e o carregador retirou-se com uma generosa gorjeta.

Portas bateram, e uma voz potente gritou:

— Direto até Plymouth. Façam baldeação para Torquay. A próxima parada é Plymouth. — Soou um apito, e o trem deixou vagarosamente a estação.

O Tenente Simpson estava só em sua cabina. O ar de dezembro estava gelado, e ele fechou a janela. Deu uma ligeira fungadela, e franziu a testa. Aquele cheiro... Fazia-lhe lembrar sua estada no hospital, e a operação na perna. Isso mesmo, era clorofórmio, não havia dúvida!

Tornou a fechar a janela, e mudou-se para o outro banco, ficando de costas para a

locomotiva. Tirou um cachimbo do bolso, e o acendeu. Por algum tempo ficou ocioso, olhando e fumando.

Finalmente levantou-se, retirou alguns papéis e revistas da mala, tornou a fechá-la e tentou empurrá-la para baixo do banco em frente, sem sucesso. Algum obstáculo invisível opunha-se à sua pretensão. Empurrou com força, impaciente. Mas a mala só entrava até meio caminho.

— Por que diabos ela não entra? — ele resmungou e puxando-a para fora, curvou-se e olhou para baixo do banco.

No momento seguinte um grito cortou a noite, e o grande expresso freou com relutância obedecendo ao imperioso sinal de alarme.

— *Mon ami* — disse Poirot —, já que está profundamente interessado no mistério do Expresso de Plymouth, leia isto.

Apanhei o bilhete que ele me estendia sobre a mesa, Era breve e conciso.

“Caro senhor,

Ficarei agradecido se me procurar o mais cedo possível.

Seu fiel,

Ebenezer Halliday.”

Não percebi a ligação, e lancei um olhar

inquiridor a Poirot.

Por resposta, pegou o jornal e leu em voz alta: “Uma descoberta sensacional foi feita na noite passada. Um jovem oficial de marinha, voltando a Plymouth, achou sob o banco de sua cabina o corpo de uma mulher, com o coração trans-passado por um punhal. O oficial puxou instantaneamente o alarme, e a composição freou. A mulher, de uns trinta anos presumíveis, ricamente trajada, ainda não foi identificada.” E noutra edição, esta notícia: “A mulher encontrada morta no Expresso de Plymouth foi identificada como a Honorável Mrs. Rupert Carrington.” Percebe agora, meu amigo? Se ainda não o fez, saiba que Mrs. Rupert Carrington foi em solteira Flossie Halliday, filha do velho Halliday, o rei do aço americano.

— E ele o mandou chamar? Esplêndido!

— Prestei-lhe um serviço no passado, no extravio de umas ações ao portador. E em Paris vi uma vez *Mademoiselle* Flossie em companhia do pai. *La jolie petite pensionnaire!* Ela tinha um *joli dot*, também, que só lhe trouxe infelicidade. Ela quase deu um mau passo.

— Como foi?

— Um certo Conde de la Rochefour, *un bien mauvais sujet!* Um canalha, como você diria. Um aventureiro, que sabia como fascinar uma jovem romântica. Felizmente o pai descobriu em tempo e levou-a de volta à América bem depressa. Ouvi ralar que se casara, mais tarde, mas nada sei sobre o marido.

— Hum! — fiz eu. — O Honorável Rupert Carrington não é nenhum amorzinho, de forma alguma. Tinha desbaratado quase toda sua fortuna no turfe, e creio que os dólares do velho Halliday chegaram em boa hora. Penso que seria difícil encontrar outro calhorda tão inescrupuloso, tão bem parecido, e de maneiras tão refinadas quanto as dele!

— Ah, pobrezinha! *Elle n'est pas bien tombée!*

— Pelo jeito ele demonstrou-lhe de forma bem óbvia, logo no início, que fora o seu dinheiro, e não ela, que o atraía. Ultimamente ouvi boatos de que finalmente iriam se separar legalmente.

— O velho Halliday não é nenhum tolo. Deve ter tomado todas as precauções para que ela não fosse espoliada de seus bens.

— Acredito. Fala-se também que o Honorável Rupert está muito mal de finanças.

— Ah... Dá o que pensar...

— Pensar o quê?

— Meu bom amigo, não tiremos conclusões apressadas. Vejo que você está interessado. Que tal acompanhar-me à casa de Mr. Halliday? Há um ponto de táxi na esquina.

Poucos minutos foram suficientes para que chegássemos à esplêndida casa que o magnata americano alugara em Park Lane. Fomos conduzidos à biblioteca e quase imediatamente um homem alto e vigoroso, com olhos penetrantes e um queixo agressivo, juntou-se a nós.

— Mr. Poirot, acredito que não preciso dizer-lhe a razão de meu chamado — disse Halliday. — Já deve ter lido os jornais, e não costumo deixar nada para mais tarde. Ouvi falar que estava em Londres, e lembrei-me do bom trabalho que realizou a respeito daquelas ações. Nunca me esqueço de um nome. Os ases da Scotland Yard estão trabalhando no caso, mas quero também um agente sob minha orientação direta. Dinheiro não é problema. Acumulei todos os meus dólares para a minha garotinha, e agora que ela se foi, gastarei até meu último centavo para apanhar o maldito canalha que a matou! Compreende? O encargo

está em suas mãos.

— Aceito, e empregarei todos os meus esforços, *monsieur* — disse Poirot com uma medida. — Mas agora peço-lhe que me esclareça sobre todos os detalhes da viagem para Plymouth, e quaisquer outros pontos que possam ter relação com o caso.

— Bem. para começar, ela não ia para Plymouth — disse Halliday. — Ia hospedar-se por alguns dias em Avonmead Court, a propriedade da Duquesa de Swansea. Minha filha deixou Londres no trem das 12:14 que parte da estação de Paddington e chega a Bristol, onde ela deveria baldear, às 14:50. A maioria dos expressos para Plymouth vão pelo ramal de Westbury e não passam por Bristol. Mas o trem das 12:14 vai direto a Bristol, e depois pára em Weston, Tauton, Exeter e Newton Abbot. Minha filha viajou sozinha em sua cabina, que estava reservada até Bristol, e sua criada ia num compartimento de terceira classe no vagão seguinte.

Poirot fez um sinal de aquiescência e Mr. Halliday prosseguiu:

— A temporada em Avonmead Court deveria ser movimentada, com vários bailes e conseqüentemente ela levava quase todas as

suas jóias, num valor aproximado de uns cem mil dólares.

— *Un moment* — interrompeu Poirot. — Quem levava as jóias? Sua filha ou a criada?

— Minha filha sempre se encarregava delas, levando-as numa frasqueira azul de marroquim.

— Prossiga, *monsieur*.

— Em Bristol, Jane Mason, a criada, pegou a mala e os agasalhos que estavam consigo e dirigiu-se à cabina de Flossie. Para sua imensa surpresa, minha filha disse-lhe que não ia descer em Bristol, e que continuaria a viagem. Deu ordem a Jane para que apanhasse as malas e as deixasse no depósito de bagagens da estação. Ela poderia tomar um chá no restaurante, mas deveria voltar à plataforma para esperá-la, pois regressaria a Bristol num dos próximos trens. A criada, embora muito espantada, obedeceu às ordens. Guardou a bagagem, tomou um chá e voltou para esperar a patroa. Mas vários trens voltaram para Londres sem que esta aparecesse. Depois que o último trem passou, ela resolveu passar a noite num hotel próximo da estação. Esta manhã ela soube da tragédia pelos jornais e voltou a Londres pelo primeiro trem.

— Não há nada que possa explicar a súbita mudança de planos de sua filha?

— Bem, segundo Jane Mason, Flossie não estava sozinha em sua cabina em Bristol. Havia ali um homem que ficou em pé, virado para a janela, para que ela não pudesse ver-lhe o rosto.

— O vagão possuía um corredor?

— Possuía.

— De que lado ficava esse corredor?

— Do lado da plataforma. Minha filha ficou em pé no corredor enquanto falava com Jane Mason.

— E o senhor não tem dúvidas de que... ah, desculpe-me — e Poirot levantou-se e endireitou cuidadosamente o tinteiro que estava um pouco de lado, — *Je vous demande pardon* — disse, tornado a sentar-se —, afeta-me os nervos ver qualquer coisa torta. Estranho, não é? Eu perguntava, *monsieur*, se acaso não tem dúvidas de que esse encontro inesperado tenha sido a causa da súbita mudança de planos de sua filha?

— Parece-me ser a única suposição razoável.

— Tem alguma idéia de quem possa ser o cavalheiro em questão?

O milionário hesitou por um momento antes de responder:

— Não, não posso saber.

— E quanto à descoberta do corpo?

— Foi um jovem oficial da marinha quem o descobriu e deu o alarme. Havia um médico no trem, e examinou o corpo. Ela fora cloroformizada antes, e depois apunhalada. Em sua opinião ela estava morta há umas quatro horas, de modo que o crime deve ter ocorrido logo após a saída de Bristol, provavelmente antes de Weston, ou entre Weston e Taunton.

— E o estojo de jóias?

— O estojo de jóias não estava lá, M. Poirot.

— Mais um detalhe, *monsieur*. A quem passa a fortuna de sua filha por sua morte?

— Flossie fez um testamento logo após seu casamento deixando tudo para o marido — ele hesitou um instante e acrescentou: — M. Poirot, é melhor que lhe diga que considero meu genro um patife sem princípios, e que a meu conselho, minha filha estava em vésperas de se separar pelos meios legais, o que não apresentava dificuldades. Apliquei a fortuna dela de tal forma que ele não poderia tocá-la

enquanto minha filha fosse viva, embora eles vivessem separados há alguns anos, ela freqüentemente atendia seus pedidos de dinheiro para evitar um escândalo. Entretanto eu estava determinado a pôr um paradeiro nessa situação. Afinal Flossie concordou e deu instruções a meus advogados para iniciar o processo.

— E onde está o *Monsieur* Carrington?

— Aqui em Londres. Parece que esteve fora ontem, mas retornou à noite.

Poirot refletiu algum tempo e disse:

— É tudo por hora, *monsieur*.

— Gostaria de ver a criada, Jane Mason?

— Se o permitir.

Halliday tocou a campainha e deu uma ordem ao laçao. Alguns minutos depois Jane Mason apresentou-se. Era uma mulher de traços severos com um ar respeitável, impassível diante da tragédia como todo bom empregado.

— Permita-me fazer-lhe algumas perguntas, senhorita. O estado de espírito de sua patroa, antes da viagem, era normal? Não se mostrava excitada, ou nervosa?

— Oh, não, senhor!

— Mas em Bristol ela estava bem

diferente, não é?

— Sim, mostrava-se bastante agitada, e tão nervosa que nem sabia bem o que dizia.

— Quais foram exatamente as suas palavras?

— Bem, senhor, algo parecido com: “Jane, preciso alterar meus planos. Aconteceu algo que... Bem, não vou mais descer aqui. Preciso prosseguir viagem. Leve a bagagem e deixe-a no guarda-malas. Pode ir tomar um chá, mas depois espere-me na estação.” — Quer que espere pela senhora aqui, madame? — perguntei. — “Quero, sim. Não saia da estação. Voltarei mais tarde num outro trem, não sei qual ainda. Posso me demorar.” — Está certo, madame — disse eu, pois não me cabia fazer perguntas, mas achei tudo muito estranho.

— Ela não costumava agir dessa forma, não é?

— Não, senhor.

— O que pensou de sua atitude?

— Bem, senhor, julguei que era devido ao cavalheiro que estava na cabina. Ela não se dirigiu a ele, mas virou-se umas duas vezes como se lhe perguntasse se estava agindo corretamente.

— Não conseguiu ver o rosto desse cavalheiro?

— Não, senhor. Ele ficou de costas para mim o tempo todo.

— Pode descrevê-lo?

— Ele usava chapéu e um sobretudo castanho — claro. Era alto e esbelto, e seus cabelos eram escuros.

— Não o reconheceu?

— Não, acho que não, senhor.

— Mas não tem *certeza*?

— Ele era da mesma altura do patrão, senhor. Mas não pensei nele na hora. Nós o vemos tão raramente, senhor... Mas não posso afirmar que não fosse ele.

Poirot abaixou-se para pegar um alfinete no tapete, e olhando-o carrancudo prosseguiu:

— Seria possível que o homem tivesse subido ao trem em Bristol, antes que a senhorita chegasse à cabina?

Jane Mason refletiu.

— É possível, senhor. Meu compartimento estava superlotado, e demorei algum tempo para sair, e a plataforma estava cheia de gente, e isto me atrasou mais ainda. Mas mesmo assim ele só teria uns poucos minutos para falar com a patroa. Eu estava

certa de que ele viera de outro vagão pelo corredor.

— Certamente é mais provável — Poirot calou-se com a testa franzida.

— O senhor sabe acaso como a minha patroa estava vestida?

— Os jornais forneceram alguns detalhes, mas gostaria de que os confirmasse.

— Ela usava um chapeuzinho branco de peles com um véu de bolinhas, também branco, e um costume azul elétrico.

— Devia chamar bastante a atenção, então.

— É verdade — concordou Mr. Halliday. — O inspetor Japp tem esperanças de que esse fato ajude a precisar o local onde o crime foi cometido. Quem a viu, não a deve ter esquecido.

— *Précisément!* Obrigado, *mademoiselle*.

A criada retirou-se.

— Bem! — Poirot levantou-se com um ar decidido. — Não posso fazer mais nada, *monsieur*, se não me contar tudo. *Tudo!*

— Mas já o fiz.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Então nada mais há que eu possa

fazer. Vou recusar o caso.

— Por quê?

— Porque o senhor não foi franco comigo.

— Eu lhe asseguro...

— Não, o senhor está me escondendo alguma coisa.

Houve um silêncio momentâneo. Finalmente Halliday tirou um papel do bolso e o entregou a meu amigo.

— Creio que se refere a isso, M. Poirot, embora não consiga saber como adivinhou.

Poirot sorriu e desdobrou a folha. Era uma carta escrita numa caligrafia indecisa e rebuscada. Poirot leu em voz alta:

“*Chère* Madame,

É com infinito prazer que espero a hora feliz de revê-la. Após sua amável resposta à minha carta, mal posso refrear minha impaciência. Nunca esqueci aqueles dias em Paris. É uma infelicidade que precise deixar Londres amanhã. Entretanto, em breve, mais cedo do que imagina, terei a alegria de reencontrar a mulher cuja imagem sempre esteve presente em meu coração.

Esteja certa, *chère* madame, de que meus sentimentos permanecem inalterados.

Seu dedicado

Armand de la Rochefour.”

Poirot devolveu a carta a Halliday com uma medida.

— Posso concluir, *monsieur*, que não sabia das intenções de sua filha de reatar relações com o Conde de la Rochefour?

— Para mim foi uma tremenda surpresa! Achei essa carta na bolsa de minha filha. Como provavelmente sabe, *Monsieur* Poirot, este pseudoconde é um aventureiro da pior espécie.

Poirot fez um sinal afirmativo.

— Mas gostaria de saber como teve a intuição da existência dessa carta?

Meu amigo sorriu.

— *Monsieur*, eu não sabia com certeza. Mas um detetive não se limita a examinar pegadas e a recolher cinzas de cigarro. Precisa ser um bom psicólogo. Sabia que o senhor não gosta nem confia em seu genro. E apesar dele se beneficiar com a morte de sua filha, e da descrição da criada se aproximar bastante dele, o senhor não está muito empenhado em sua captura. Por quê? Certamente porque suas suspeitas incidem sobre outro alvo! Portanto, estava me escondendo alguma coisa.

— Tem razão, Poirot. Estava certo de que

Rupert era o culpado até que achei essa carta que abalou minhas convicções.

— Acredito. O conde diz aqui: “Dentro em breve, talvez antes do que imagina”. Obviamente ele não pretendia esperar até que o senhor tivesse ciência do seu reaparecimento. Seria ele o passageiro do expresso das 12:14 que estava na cabina de sua filha? Se não estou enganado, o Conde de la Rochefour também é alto e moreno.

O milionário fez um sinal afirmativo.

— Bem, *monsieur*, minhas despedidas. Presumo que a Scotland Yard tenha uma lista das jóias, não?

— Tem, sim. O inspetor Japp está aqui. Se desejar vê-lo...

Japp era um velho amigo nosso, e cumprimentou Poirot com uma atitude zombeteira, porém afetuosa.

— Como vai, *monsieur*? Espero que não guarde ressentimentos de mim, embora nossas maneiras de encarar os fatos sejam diferentes. Como vão as suas célebres células cinzentas? Estão funcionando bem?

Poirot deu-lhe um largo sorriso.

— Ótimo. Acha que o culpado é o Honorável Rupert ou algum outro escroque?

Estamos vigiando os locais conhecidos, evidentemente. Saberemos logo se tentarem se desfazer das jóias, e não acredito que o autor da façanha as tenha roubado para contemplar o seu brilho! Não é nada provável. Estou tentando descobrir agora onde Rupert Carrington estava metido ontem. Parece haver algum mistério no caso. Ele está sendo seguido.

— Uma ótima precaução, com talvez um dia de atraso, não? — sugeriu Poirot delicadamente.

— Sempre fazendo piadas, M. Poirot. Bem, estou de saída para Paddington. Tenho que ir a Bristol, Weston e Taunton. Até breve.

— Poderia ir visitar-me essa noite e contar-me os resultados?

— Certamente, se tiver voltado.

— O nosso bom inspetor é a favor da ação das pistas materiais — murmurou Poirot quando Japp saiu. — Ele viaja, mede pegadas, coleciona cinzas, está sempre ocupado! É extremamente diligente! Se acaso eu mencionasse psicologia, sabe o que ele faria? Iria sorrir, e diria para si mesmo: Pobre Poirot! Está ficando velho, está gagá!

— E o que vai fazer agora?

— Como temos *carie blanche* vou gastar

três *pennies* para dar um telefonema para o Ritz, onde você deve ter visto que o nosso conde está hospedado. Depois disso, como meus pés estão úmidos e já espirrei duas vezes, voltarei aos meus aposentos e prepararei uma *tisane* no fogareiro.

Só tornei a ver Poirot na manhã seguinte. Encontrei-o placidamente terminando de tomar seu café da manhã.

— Bem? — inquiri ansioso. — O que aconteceu? . — Nada.

— E Japp?

— Não o vi.

— E o conde?

— Deixou o Ritz anteontem.

— No dia do assassinato?

— Isso mesmo.

— Isso decide a questão. Rupert Carrington é inocente.

— Só porque o Conde de la Rochefour deixou o Ritz? Anda depressa demais, meu amigo.

— De qualquer forma ele devia ser seguido, ou preso! Mas qual seria o seu motivo?

— Cem mil dólares de jóias é um ótimo motivo para qualquer pessoa. Não, a pergunta

que não me sai da cabeça é: por que ele iria matá-la? Por que não roubaria simplesmente as jóias? Ela não apresentaria queixa.

— Por que não?

— Porque era uma mulher, *mon ami*. Ela já amou esse homem e suportaria a perda em silêncio. E o conde, que é um ótimo conhecedor da psicologia feminina, e daí o seu sucesso, sabia disso perfeitamente. Por outro lado, se Rupert Carrington a matou, por que levaria as jóias que o poderiam incriminar?

— Para deixar uma pista falsa.

— Talvez tenha razão, meu amigo. Ah. aí vem Japp. Reconheço seu modo de bater a porta.

O inspetor sorria bem-humorado.

— Bom dia, Poirot. Acabei de chegar. Obtive bons resultados. E você?

— Eu? Estive ordenando minhas idéias — replicou Poirot com toda calma.

Japp soltou uma gargalhada jovial.

— Nosso amigo está ficando velho — ele comentou baixinho para mim. — Para nós, jovens, há outros métodos — disse em voz alta.

— *Quel dommage!* — disse Poirot.

— Bem, quer saber o que consegui?

— Posso adivinhar? Você encontrou o

punhal com o qual o crime foi cometido ao lado dos trilhos entre Weston e Taunton, e achou o jornaleiro que falou com Mrs. Carrington em Weston!

O queixo de Japp caiu.

— Com mil diabos! Como descobriu? Não vá me dizer que foi através de suas todopoderosas células cinzentas!

— Fico satisfeito em vê-lo admitir, pelo menos uma vez, que elas são poderosas! Diga-me, ela deu um xelim de gorjeta ao garoto?

— Não, foi meia-coroa — Japp havia recuperado seu bom humor e sorria. — Esses americanos ricos são um bocado extravagantes!

— E conseqüentemente, o menino não a esqueceu, não é?

— Esqueceu nada! Não é todo dia que ganha uma moeda de meia-coroa. Ela o chamou e comprou duas revistas, uma com um retrato de uma moça de azul na capa. “Esta combina comigo” foi o comentário dela. Ora, ele se lembrava perfeitamente. E para mim é o suficiente. Na opinião do médico o crime deveria ter sido cometido antes de Taunton. Deduzi que haviam jogado o punhal logo pela janela e andei ao longo dos trilhos até

descobri-lo. Estava mesmo onde pensei. Em Taunton fiz perguntas sobre o nosso homem, mas a estação é muito grande e deve ter andado por lá sem que o vissem. Provavelmente voltou a Londres logo em seguida.

Poirot fez um sinal afirmativo.

— É muito provável.

— Mas soube de outra novidade quando cheguei. Eles estão se desfazendo das jóias. A esmeralda grande foi penhorada na noite de ontem por um conhecido ladrão. Quem pensa que foi?

— Não sei. Só sei que é um homem baixo.

Japp o olhou espantado.

— Bem, você tem razão, ele é bem baixinho. Foi Red Narky.

— Quem é Red Narky? — perguntei.

— Um ladrão de jóias muito astuto, senhor, e que não teria escrúpulos de cometer um assassinato. Geralmente trabalha com uma mulher, Gracie Kidd. Mas desta vez ela não parece estar envolvida, a não ser que tenha fugido para a Holanda com o resto do roubo.

— Já prendeu Narky?

— Certamente. Mas é o outro homem que queremos, o homem que estava com Mrs.

Carrington no trem. Foi ele quem planejou o serviço. Mas Narky não vai delatar o companheiro.

Percebi que o verde dos olhos de Poirot se intensificara.

— Creio que posso descobrir o companheiro de Narky para você — disse ele num tom suave.

— Teve uma de suas pequenas idéias, hem? — Japp olhou curioso para Poirot. — É maravilhoso como consegue encontrar a solução, na sua idade! Tem uma sorte dos diabos, meu amigo.

— Talvez, talvez — murmurou Poirot. — Hastings, meu chapéu e a escova. Ótimo! E minhas galochas, se ainda está chovendo. Não podemos desperdiçar os bons efeitos da *tisane*. *Au revoir*, Japp.

— Boa sorte, Poirot.

Poirot fez sinal ao primeiro táxi que encontramos e deu ordem ao chofer para nos levar a Park Lane. Quando chegamos à casa de Halliday, ele saltou com agilidade, pagou ao motorista e tocou a campainha. Fez um pedido em voz baixa ao lacaio que nos abriu a porta, e fomos imediatamente conduzidos para cima até um pequeno quarto.

Os olhos de Poirot percorreram o aposento e se detiveram **num** pequeno baú preto. Ele se ajoelhou diante dele, examinou as etiquetas e retirou do bolso um pequeno arame fino.

— Peça a Mr. Halliday a gentileza de subir até aqui — disse ele por sobre o ombro ao lacaios.

O homem saiu e Poirot forçou a fechadura do baú com a habilidade e a destreza de um perito. Em poucos minutos a fechadura cedeu, e ele pode erguer a tampa. Rapidamente começou a examinar seu conteúdo, jogando as roupas no chão. Ouvimos passos na escada e Halliday entrou.

— Que diabos está fazendo aqui? — perguntou ele!

— Estava procurando *isto* — e Poirot tirou do baú um costume azul elétrico e um pequeno chapéu branco de pele de raposa.

— O que quer com meu baú?

Era a voz de Jane Mason que acabara de entrar no quarto.

— Por favor, feche a porta, Hastings, e fique encostado aí. Agora, Mr. Halliday, deixe-me apresentar-lhe Gracie Kidd, vulgo Jane Mason, que dentro em breve reunir-se-á a seu

cúmplice Red Narky, graças à gentileza do inspetor Japp.

— Foi realmente muito simples — Poirot fez um gesto de protesto e serviu-se de mais caviar. — Foi a insistência da criada em chamar a atenção para as roupas que a patroa usava, que me despertou as primeiras suspeitas. Por que estava tão interessada em que nos ocupássemos do fato? Refleti que só tinha a palavra dela sobre o misterioso ocupante» da cabina em Bristol. Pela parte que tocava ao médico legista, Mrs. Carrington poderia ter sido morta antes de chegar a Bristol. Mas se fora assim, a criada deveria ser cúmplice do crime, e neste caso precisaria que outros testemunhos corroborassem suas palavras. As roupas que Mrs. Carrington usava na ocasião atraíam muita atenção, e uma criada geralmente pode ter bastante influência nas roupas que sua patroa veste. Ora, se alguém visse, depois de Bristol, uma senhora num costume azul elétrico e um chapéu de peles, estaria pronto a jurar ter visto Mrs. Carrington.

Comecei a reconstruir o crime. A criada levou uma duplicata do traje da patroa. Ela e seu cúmplice cloroformizaram e apunhalaram

Mrs. Carrington entre Londres e Bristol, provavelmente aproveitando-se de algum túnel. Colocaram o corpo sob o banco e a criada tomou seu lugar. Em Weston ela precisa atrair a atenção sobre si. Como? É fácil. Chama um pequeno jornaleiro e lhe dá uma generosa gorjeta, para que não a esqueça. Também o faz notar a cor do seu vestido pelo comentário a respeito da revista. Depois que o trem saiu de Weston, ela jogou o punhal pela janela para marcar o local onde o crime teria sido supostamente cometido e mudou de roupa, ou colocou uma capa sobre o costume. Em Taunton ela desce do trem e volta a Bristol, onde seu cúmplice deixou a bagagem no guarda-malas. Ele lhe entrega o talão das malas e volta a Londres, enquanto ela espera na plataforma, representando o seu papel, passa a noite num hotel e volta a Londres de manhã, exatamente como disse.

Quando Japp voltou de sua expedição, confirmou todas as minhas deduções, e disse-me que um conhecido escroque estava passando as jóias. Sabia que, fosse quem fosse, deveria ser o oposto do homem descrito por Jane Mason. Quando soube que se tratava de Red Narky que sempre trabalha com Gracie

Kidd... Bem, soube no mesmo instante onde encontrá-la.

— E o conde?

— Quanto mais pensava no caso, ficava cada vez mais convicto de que nada tivera a ver com o crime. O cavalheiro é demasiado preocupado com a própria pele para arriscá-la num assassinato. Não se ajustaria ao seu caráter.

— Bem, *Monsieur Poirot* — disse Halliday —, sou eu devedor, e o cheque que preencheri depois do almoço não resgatará a minha dívida.

Poirot deu um sorriso de modéstia e murmurou para mim:

— O bom Japp vai colher os louros oficiais, e embora vá receber de mãos dadas a sua Gracie Kidd, quem vai receber o tutu, como vocês dizem, sou eu!

A Caixa de Chocolates

A noite era de tempestade. O vento uivava lá fora e fortes rajadas de chuva sacudiam as vidraças.

Poirot e eu estávamos sentados em frente a lareira, aquecendo-nos às chamas reconfortantes. Do meu lado, sobre a mesa que nos separava, fumegava uma caneca de *toddy*¹ preparado com carinho. Junto a Poirot uma xícara de chocolate espesso e perfumado, que eu não beberia nem por cem libras.

Poirot bebeu um gole daquela beberagem em sua xícara rosa de porcelana e deu um suspiro de satisfação.

— *Que belle vie!* — murmurou.

— É um mundo bem satisfatório — concordei. — Aqui estou eu, com um bom emprego, e aí está você, famoso...

— Ora, *mon ami!* — protestou Poirot.

— É verdade, e bem o merece. Quando recordo a sua longa série de êxitos, fico abismado. Creio que nunca conheceu o fracasso!

¹ Nota do tradutor: *Toddy* — bebida feita com uísque, *brandy*, água quente, açúcar e temperos.

— Que idéia, meu caro!

— Falando sério, já fracassou alguma vez?

— Inúmeras vezes, meu amigo. O que quer? *La bonne chance* não pode estar sempre a nosso lado. Já fui chamado quando era tarde demais. Várias vezes outra pessoa, com os mesmos propósitos, passou a minha frente, e em duas ocasiões fiquei doente quando já vislumbrava a solução do caso. É preciso aceitar os fracassos juntamente com. os êxitos, meu amigo.

— Não me referia bem a esses casos — disse eu. — Queria saber se já meteu os pés pelas mãos alguma vez, e fez alguma trapalhada, por culpa exclusiva sua.

— Ah, compreendo. Quer saber se já fiz papel de bobo. não é? Já, meu amigo, uma vez — e um sorriso espalhou-se lentamente pelo seu rosto. — Já fiz papel de bobo. — Empertigando-se subitamente em sua cadeira, acrescentou: — Olhe, não está escrevendo um relato de meus pequenos sucessos? Pois terá mais uma história para a sua coleção, a história de um fracasso!

Ele inclinou-se e colocou mais uma acha no fogo. Limpou meticulosamente as mãos

numa flanela pendurada ao lado da lareira, recostou-se, e iniciou sua história:

— O que vou lhe contar aconteceu há muitos anos na Bélgica. Foi na época da luta entre a Igreja e o Estado na França. M. Paul Déroulard era um famoso deputado francês. Falava-se que seria designado para um Ministério. Ele formava entre a facção anticatólica mais encarniçada, e certamente teria que enfrentar violenta oposição, uma vez nomeado ministro. Em muitos aspectos era um homem estranho. Embora não bebesse, nem fumasse, não era tão escrupuloso em outros setores. Você entende, Hastings, *c'était des femmes, toujours des femmes!*

Casara-se alguns anos antes com uma jovem de Bruxelas que lhe trouxera um dote substancial. Indubitavelmente o dinheiro lhe foi útil em sua carreira, pois sua família não era rica, embora pudesse usar o título de barão, se lhe aprouvesse. O casamento não produziu filhos, e sua esposa morreu dois anos depois, em consequência de uma queda. Entre as propriedades que ela lhe deixou, constava uma casa na Avenue Louise, em Bruxelas.

Foi nesta casa que Paul Déroulard faleceu subitamente, no mesmo dia em que o ministro

que deveria substituir demitiu-se. Todos os jornais publicaram longas reportagens sobre sua carreira, e sua morte ocorrida à noite, após o jantar, foi atribuída a um colapso cardíaco.

Naquele tempo, como você sabe, *mon ami*, eu era detetive da polícia belga. A morte de M. Paul Déroulard não me comoveu. Sou católico, como sabe, e sua morte pareceu-me um afortunado incidente.

Três dias depois, mal entrara em férias, recebi uma visita em meu apartamento: uma senhora, com um espesso véu, mas evidentemente muito jovem. Percebi logo de saída que era uma *jeune filie tout à fait comme il faut*.

— É. *Monsieur* Hercule Poirot? — ela perguntou numa voz doce e baixa.

Fiz-lhe uma medida.

— O detetive?

Inclinei-me novamente.

— Sente-se por favor, *mademoiselle*.

Ela aceitou uma cadeira e levantou o véu. Seu rosto era encantador, embora desfeito pelas lágrimas e revelando uma profunda angústia.

— *Monsieur* — disse ela —, sei que entrou

de férias, e talvez esteja livre para encarregar-se, não oficialmente, de um caso. Compreenda, não desejo chamar a polícia.

Sacudi a cabeça numa negativa.

— Receio que não possa aceder a seu pedido. Mesmo em férias, pertenço à polícia.

Ela inclinou-se para mim:

— *Ecoutez, monsieur*. Só lhe peço para investigar, fica a seu critério comunicar à polícia os resultados dessa investigação. E se o que penso é verdade, precisaremos das engrenagens da lei.

Esta declaração colocava o assunto sob um outro prisma, e coloquei-me prontamente a seu serviço. Um pouco de cor voltou às suas faces.

— Obrigado, *monsieur*. Vou lhe pedir para investigar a morte de M. Paul Déroulard.

— *Comment?* — exclamei surpreso.

— *Monsieur*, não tenho provas, nada além do meu instinto feminino, mas estou convencida de que M. Déroulard não morreu de morte natural!

— Mas certamente os médicos...

— Os médicos podem se enganar. Ele era tão vigoroso, tão forte... Ah, *Monsieur Poirot*, imploro-lhe que me ajude!

A pobre criança estava transtornada, prestes a se ajoelhar a meus pés. Eu a tranqüilizei no que estava a meu alcance;

— Eu a ajudarei, *mademoiselle*. Tenho quase certeza de que seus receios são infundados, mas investigarei o caso. Em primeiro lugar, quero que me descreva os moradores da casa.

— Além das empregadas, Jeanette, Félice e Denise, a cozinheira que está lá há muitos anos, temos o velho criado François. Há a mãe de *Monsieur* Déroulard que morava com ele, e eu. Meu nome é Virgine Mesnard. Sou uma prima pobre da falecida Madame Déroulard, a esposa de M. Paul, e vivo com a família há mais de três anos. Os moradores são esses, mas havia dois hóspedes na ocasião.

— Quem eram eles?

— M. de Saint Alard, um vizinho de M. Déroulard na França, e um amigo inglês, Mr. John Wilson.

— Ainda permanecem lá?

— Mr. Wilson, sim, mas M. de Saint Alard viajou ontem.

— E qual é o seu plano, *Mademoisele* Mesnard?

— Se o senhor me conceder uma meia

hora, arranjaréi um pretexto para explicar sua presença. Talvez possa apresentá-lo como um jornalista vindo de Paris, que trouxe uma carta de apresentação de M. de Saint Alard. Madame Déroulard tem uma saúde muito precária e não prestará atenção a detalhes.

Sob esta ardilosa desculpa fui recebido pela mãe do deputado morto, uma imponente, e aristocrática figura, embora de saúde obviamente frágil, e após breve troca de palavras, fiquei em liberdade para começar as investigações.

Meu amigo, tem alguma idéia das dificuldades da minha tarefa? (perguntou-me Poirot). Tratava-se de uma morte ocorrida há três dias. Se tivesse havido um crime, uma única possibilidade era admissível: veneno! E o corpo estava fora de alcance, e não havia possibilidade de examinar ou analisar qualquer veículo em que o veneno pudesse ter sido administrado. Não havia pistas, falsas ou genuínas. Tratava-se de um envenenamento, ou de uma morte natural? Cumpria a mim, Hercule Poirot, decidir, sem nada em que me pudesse basear.

Inicialmente interroguei os empregados, e com sua ajuda reconstituí o serão. Dediquei

uma atenção especial à comida e à maneira como fora servida. O próprio M. Déroulard servira a sopa de uma sopeira. O segundo prato foi de costeletas, seguido de galinha. Finalmente uma compota de frutas, tudo colocado na mesa e servido pelo próprio dono da casa. Um grande bule de café completara a refeição. Portanto fui obrigado a excluir o jantar, *mon ami*. Não havia possibilidade de envenenar uma pessoa sem envenenar a todos!

Após o jantar, Madame Déroulard se retirara para seus aposentos acompanhada por *Mademoiselle* Virginie. Os três homens haviam passado ao escritório de M. Déroulard, onde conversavam animadamente há algum tempo, quando de repente, sem nenhum aviso, o deputado tombara pesadamente ao solo. M. de Saint Alard correria para pedir a François que chamasse imediatamente o médico, acreditando tratar-se de uma apoplexia. Mas quando este chegou, o paciente já havia falecido.

Mr. John Wilson, a quem fui apresentado por *Mademoiselle* Virginie, era um típico e corpulento inglês de meia-idade. Seu relato, num francês muito britânico, foi basicamente o mesmo:

— Déroulard ficou com a cara muito vermelha, e caiu.

Foi tudo que pude obter. Em seguida, dirigi-me à cena da tragédia e pedi que me deixassem só, Até ali nada encontrara que corroborasse a teoria de *Mademoiselle Mesnard*. Estava quase certo de que fora uma fantasia sua. Era evidente que nutrira uma paixão romântica pelo morto, e este fato não lhe permitia encarar o caso normalmente. Apesar disso, dei uma busca meticulosa no escritório, pois era possível que uma seringa hipodérmica houvesse sido inserida de tal modo na poltrona do morto, que lhe injetasse uma dose fatal de veneno ao sentar-se. A minúscula picada nem seria notada, provavelmente. Mas não descobri nenhum indício que desse força a essa teoria. Deixei-me cair numa cadeira, desalentado.

— Ah, vou desistir! — disse eu em voz alta. — Não há indícios, tudo está perfeitamente normal.

Mal pronunciara essas palavras quando meu olhar foi atraído por uma grande caixa de chocolates sobre uma mesinha. Meu coração deu um pulso. Talvez não fosse uma pista, mas finalmente encontrara algo fora da

normalidade. Levantei a tampa. O conteúdo não fora tocado, nem um só chocolate estava faltando, mas esse fato tornava o detalhe que me chamara a atenção ainda mais estranho. Pois, Hastings, embora a caixa propriamente dita fosse rosa, a tampa era *azul*. É freqüente encontrarmos uma fita azul numa caixa rosa, e vice-versa, mas a base de uma cor e a tampa de outra, não, decididamente não, *ça ne se voit jamais!*

Ainda não percebia aonde aquela descoberta poderia me levar, mas de qualquer forma resolvi investigar, por se tratar de um detalhe estranho. Chamei François pela campainha, e perguntei-lhe se seu falecido patrão fora um apreciador de bombons. Um leve sorriso melancólico pairou em seus lábios.

— Era doido por eles, *monsieur*. Fazia questão de ter sempre uma caixa de chocolates em casa. Ele não bebia nenhuma espécie de bebida alcoólica, sabe.

— Mas esta caixa nem chegou a ser tocada — disse eu levantando a tampa para mostrar-lhe o conteúdo.

— Esta é a caixa nova comprada no dia de sua morte, pois a outra estava quase vazia.

— Então esvaziaram-na nesse dia...

— É verdade, *monsieur*. Encontrei-a vazia na manhã seguinte, e a joguei fora.

— M. Déroulard costumava comer bombons o dia inteiro?

— Geralmente só depois do jantar, *monsieur*.

Uma luz acendeu-se em meu espírito.

— François, posso confiar em sua descrição?

— Se houver necessidade, senhor.

— *Bon!* Vou confiar em si. Sou da polícia. Sabe onde está essa outra caixa.

— Sem dúvida, senhor. Deve estar na lata de lixo.

Ele saiu e voltou dentro de poucos minutos com um objeto empoeirado. Era a duplicada da outra caixa, só que com as cores trocadas, a base desta era azul e a tampa rosa. Agradei a François, recomendei-lhe mais uma vez que fosse discreto e, sem mais, deixei a casa da Avenue Louise. Procurei em seguida o médico que atendera M. Déroulard. Dialogar com ele foi uma tarefa delicada. Entrincheirou-se por trás de um jargão técnico, mas suspeitei de que não se encontrava tão tranqüilo quanto desejaria.

— Casos curiosos acontecem — ele

comentou depois que consegui desarmá-lo um pouco. — Uma explosão de raiva, uma emoção violenta, depois de um lauto jantar, *c'est entendu*, e o sangue sobe à cabeça e pronto, dá-se o desastre!

— Mas M. Déroulard não teve nenhuma emoção violenta.

— Não? Pois segundo me disseram estava no meio de uma acirrada discussão com M. de Saint Alard.

— A respeito de quê?

— *C'est évident!* — o médico encolheu os ombros. — M. de Saint Alard é um católico fanático e a amizade dos dois estava muito abalada por essa divergência entre o Estado e a Igreja. Eles discutiam todos os dias. Para M. de Saint Alard, Déroulard estava se transformando num verdadeiro Anticristo.

Era uma informação inesperada, e deu-me o que pensar.

— Só mais uma pergunta, doutor: seria possível introduzir uma dose fatal de veneno num chocolate?

— Creio que sim — disse o médico lentamente. — Poder-se-ia usar ácido prússico se não houvesse evaporação, ou talvez encher o bombom com minúsculos glóbulos de uma

substância qualquer venenosa, o que não me parece muito plausível. Ou ainda um bombom cheio de morfina ou estriquinina — e ele fez uma careta — uma só mordida seria suficiente, M. Poirot!

— Obrigado, M. *le docteur*.

Retirei-me. Em seguida corri às farmácias, especialmente as da vizinhança da Avenue Louise. É prático pertencer à polícia; consegui as informações que desejava sem muita dificuldade. Uma única solução venenosa fora preparada para aquele endereço: tratava-se de um colírio de sulfato de atropina para Madame Déroulard. Atropina é um veneno poderoso e por um instante me senti exultante, mas os sintomas de envenenamento por atropina são bastante semelhantes aos de uma intoxicação alimentar, o que não ocorrera no caso em questão. Além disso a receita era antiga, Madame Déroulard sofria há muitos anos de catarata em ambos os olhos.

Ia saindo, desanimado, quando o farmacêutico me chamou:

— *Un moment*. M. Poirot, lembrei-me de uma coisa. A moça que trouxe a receita disse que precisava ir à farmácia dos ingleses. Tente por lá.

Foi o que fiz, e consegui a informação usando minhas prerrogativas oficiais. Na véspera da morte de M. Déroulard, haviam aviado uma receita para Mr. John Wilson, coisa simples, uns minúsculos comprimidos de trinitrina. O farmacêutico foi buscá-los, e meu coração começou a bater mais depressa, pois os pequenos comprimidos eram de *chocolate*.

— Essa substância é venenosa? — perguntei.

— Não, *monsieur*.

— Que efeitos produz?

— Abaixa a pressão sangüínea. É indicada para alguns males do coração, *angina pectoris*, por exemplo. Alivia a tensão arterial. Em arterioesclerose...

Eu o interrompi:

— *Ma foi!* Esse palavrório está complicado demais. Acaso a trinitrina faz o sangue subir ao rosto?

— Certamente.

— E se eu engolisse dez ou vinte desses comprimidos, o que aconteceria?

— Não o aconselharia a tentar — foi seu comentário seco.

— E apesar disso, ainda diz que não é venenosa?

— Há muitas substâncias não venenosas capazes de matar um homem — ele respondeu no mesmo tom.

Deixei exultante a farmácia. Afinal, os acontecimentos se precipitavam. Sabia agora que John Wilson tivera em seu poder os meios de cometer o crime, mas, e o motivo? Ele viera à Bélgica a negócios, e tinha pedido a M. Déroulard, que conhecia superficialmente, para hospedá-lo. Aparentemente, a morte deste em nada o beneficiava. Além disso, informações da Inglaterra confirmaram que sofria há anos de uma dolorosa doença do coração chamada angina. Tinha pois uma razão legítima para ter os comprimidos de trinitrina em seu poder. Mas de qualquer forma, eu estava convencido de que alguém, depois de abrir primeiro a outra caixa por engano, pegara um dos últimos bombons, retirara o recheio, e o atulhara de minúsculos comprimidos de trinitrina, uns vinte a trinta, possivelmente. Mas quem?

Havia dois hóspedes na casa. John Wilson possuía a arma do crime, e Saint Alard, o motivo. Lembre-se, ele era um fanático, e não há fanatismo pior que o religioso. Será que de alguma forma ele poderia ter-se

apoderado da trinitrina?

Outra idéia me ocorreu. Ah, não ria das minhas pequenas idéias! Por que Wilson teria tido necessidade de comprar mais trinitrina? Certamente ele deveria ter viajado com um suprimento adequado. Voltei à casa da Avenue Louise. Wilson não estava, mas falei com a criada encarregada da arrumação de seu quarto, Félicie. Perguntei-lhe se acaso o vidro de remédio de Mr. Wilson não se extraviara há algum tempo? A moça confirmou minhas suspeitas imediatamente. Era verdade, e ela, Félicie, levava a culpa. O cavalheiro inglês havia evidentemente pensado que ela o quebrara, embora não o tivesse dito. E ela nem ao menos o tocara, sem dúvida fora Jeanette, que sempre metia o nariz onde não era chamada.

Tranqüilizei-a e me retirei. Agora sabia tudo que era necessário saber. Só me faltavam as provas, e estas não seria fáceis de obter. *Eu* podia ter certeza de que Saint Alard pegara o vidro de trinitrina do lavatório de John Wilson, mas precisava de provas para convencer outras pessoas, e não tinha nenhuma.

Não me afligi. *Eu sabia*, isto era o

importante. Lembra-se de nossas atribuições no caso Styles, Hastings? Naquela época também, eu sabia, mas não fora fácil achar o último elo da cadeia que incriminaria o assassino. Pedi para falar com *Mademoiselle* Mesnard, Ela veio imediatamente. Pedi-lhe o endereço de M. de Saint Alard. Seu rosto assumiu uma expressão preocupada.

— Para que, *monsieur*?

— É necessário, *mademoiselle*.

Com um tom de dúvida e preocupação, ela disse:

— Ele nada lhe poderá informar, não pensa nas coisas desse mundo. Mal vê o que se passa em torno de si.

— É possível, *mademoiselle*. Mas ele era um velho amigo de M. Déroulard. Talvez possa me contar fatos do passado, velhas rixas, velhos casos de amor.

A moça corou e mordeu os lábios.

— Como queira, mas agora estou certa de que me enganei. Foi muita bondade sua aceder ao meu pedido, mas eu estava nervosa, quase transtornada, naquela altura. Agora vejo que não há mistério algum. Desista, eu lhe peço, *monsieur*.

Olhei-a atentamente.

— *Mademoiselle* — disse-lhe —, algumas vezes um cão tem dificuldade em descobrir o rastro de uma caça, mas depois que a fareja, nada desse mundo fará que a abandone! Isto se for um bom cão, e eu, Hercule Poirot, sou um esplêndido cão de caça, *mademoiselle*.

Sem mais uma palavra ela retirou-se, e poucos minutos depois regressou com uma folha de papel onde escrevera um endereço. Sai. François estava a minha espera do lado de fora. Olhou-me com ansiedade.

— Alguma novidade, *monsieur*?

— Ainda não, meu amigo.

— Ah! *Pauvre Monsieur* Déroulard — e ele suspirou. — Eu também pensava como ele. Não gosto de padres, mas nunca diria isso lá dentro. As mulheres da casa são muito religiosas, o que talvez seja bom. *Madame est très pieuse, et Mademoiselle Virginie aussi,*

Mademoiselle Virginie? Seria ela “*très pieuse*”? Tive minhas dúvidas, lembrando-me do seu rosto transtornado daquela primeira entrevista. Tendo obtido o endereço de M. de Saint Alard, não perdi tempo. Hospedei-me nos arredores de sua casa de campo em Ardenne, mas alguns dias se passaram antes que arranjasse um pretexto para ali penetrar.

Afinal consegui, e adivinhe como, meu amigo! Como bombeiro. Não gastei muitos minutos para provocar um pequeno vazamento de gás em seu quarto. Retirei-me para buscar ferramentas, e só voltei quando calculei que o campo estaria livre. Nem mesmo sabia o que procurava. Não me parecia crível que conservasse a prova incriminatória, não correria tamanho risco.

Mas quando descobri que o pequeno armário sobre a pia estava fechado a chave, não pude resistir à tentação de examinar o seu interior. Forcei a fechadura, de um tipo muito simples, e deparei com prateleiras repletas de velhos medicamentos. Examinei-os um a um, com a mão trêmula. Um grito me escapou subitamente. Adivinhe o que tinha na mão, meu amigo: um vidro com um rótulo de uma farmácia inglesa onde lia-se: “Comprimidos de Trinitrina. Dose: um comprimido, quando necessário. Mr. John Wilson.”

Contive meu entusiasmo, fechei o armarinho, coloquei o vidro no meu bolso e continuei a consertar o vazamento. É fundamental agir com método, Hastings. Só então deixei a casa e tomei o primeiro trem para o meu país. Cheguei a Bruxelas tarde da

noite. Escrevia um relatório para o *préfet*, de manhã, quando recebi um bilhete da velha Madame Déroulard, pedindo que fosse à casa da Avenue Louise sem demora.

François abriu-me a porta.

— A baronesa está a sua espera.

Encontrei-a sentada numa ampla cadeira de braços, em seus aposentos. Não vi sinal de *Mademoiselle Virginie*.

— M. Poirot — disse a velha senhora —, soube há pouco que o senhor é funcionário da polícia, e não um jornalista.

— É verdade, madame.

— Veio investigar as circunstâncias em que meu filho faleceu?

— É verdade, madame — repeti.

— Gostaria de ser informada sobre os progressos da investigação.

Hesitei.

— Como descobriu, madame?

— Por alguém que já não pertence mais a este mundo.

Suas palavras e seu ar sombrio provocaram-me um estremecimento. Não soube o que dizer.

— *Monsieur*, conte-me detalhadamente o que descobriu.

— Madame, a investigação chegou ao fim.

— E a morte de meu filho?

— Ele foi envenenado.

— Sabe por quem?

— Sei, madame.

— Quem foi?

— M. de Saint Alard.

A velha senhora sacudiu a cabeça numa negativa.

— O senhor está errado. M. de Saint Alard é incapaz de cometer um crime.

— Tenho provas.

— Peço-lhe mais uma vez me conte tudo.

Desta vez, obedeci, descrevendo cada passo da investigação, até a descoberta da verdade. Ela ouvia com atenção. No final, balançou a cabeça:

— Suas deduções estão todas corretas, menos uma. Não foi M. de Saint Alard quem matou meu filho. Fui eu, sua mãe.

Encarei-a, sem poder desviar os olhos. Ela continuou a balançar a cabeça muito suavemente.

— Ainda bem que mandei chamá-lo, dou graças à Providência Divina. Virginie contou-me o que fizera, antes de partir para o convento. Ouça, M. Poirot! Meu filho era um

homem mau. Perseguia a Igreja, vivia em pecado mortal, e arrastava consigo outras almas. Mas não é só. Uma manhã, quando saía deste quarto, vi minha nora lendo uma carta em pé, junto às escadas. Vi quando meu filho esgueirou-se por trás dela e deu-lhe um forte empurrão. Ela caiu e partiu o crânio nos degraus de mármore. Já estava morta quando a foram socorrer. Meu filho era um assassino, e somente eu, sua mãe, sabia.

Ela fechou os olhos por um momento.

— O senhor não pode perceber minha agonia, meu desespero, *monsieur*. O que deveria eu fazer? Denunciá-lo à polícia? Não consegui me obrigar a isto. Era meu dever, mas minha carne é fraca. Além disso, quem acreditaria? Minha visão vem diminuindo há algum tempo, diriam que me enganara. Guardei silêncio, mas minha consciência não me deixou em paz, pois silenciando estava sendo cúmplice de seu crime. Meu filho herdou o dinheiro da mulher, e sua carreira teve um grande impulso. Iria ser nomeado ministro, sua perseguição à Igreja recrudesceria. E havia Virginie. A pobre criança, bela, piedosa, estava fascinada por ele. Meu filho tinha um estranho e terrível poder sobre as mulheres. Vi o que iria

acontecer, não tinha forças para impedir, e ele não tinha nenhuma intenção de casar-se com ela. E Virginie estava prestes a entregar-se totalmente.

Vi meu caminho claramente. Ele era meu filho, eu dera-lhe a vida e era responsável por ele. Paul matara o corpo de uma mulher e agora iria destruir a alma de outra! Fui ao quarto de Mr. Wilson e peguei o vidro de comprimidos. Uma vez ele dissera rindo que o seu conteúdo era suficiente para matar um homem! Fui ao escritório e abri a caixa de bombons que sempre havia sobre a mesa. Por engano abri a nova que estava ao lado. Na outra só havia um bombom, o que simplificava as coisas. Só meu filho e Virginie gostavam de chocolate, e eu a manteria a meu lado naquela noite. Tudo decorreu como eu havia planejado ...

Ela calou-se, fechou os olhos por alguns instantes e os tornou a abrir:

— M. Poirot, estou em suas mãos. Dizem que tenho poucos dias de vida. Estou pronta a responder por meus atos diante de meu Criador. Devo responder por eles, aqui também?

Hesitei.

— Mas e o vidro vazio, madame? — perguntei para ganhar tempo. — Como foi parar entre os objetos de M. de Saint Alard?

— Quando ele veio se despedir de mim, coloquei o vidro em seu bolso, sem que o visse. Não sabia como me livrar dele, *monsieur*. Estou tão fraca que não posso me locomover sem auxílio, e se alguém o encontrasse em meu quarto, vazio, poderia ter suspeitas. Entenda, *monsieur* — ela ergueu a cabeça com grande dignidade —, nunca tive a intenção de desviar as suspeitas para M. de Saint Alard, nunca pensei nisso. Julguei que o seu criado de quarto acharia o vidro vazio e o jogaria fora, sem fazer perguntas.

— Compreendo, madame — e curvei minha cabeça diante dela.

— E qual a sua decisão, *monsieur*?

Sua voz era firme, inabalável, e mantinha a cabeça erguida.

Levantei-me.

— Madame, tenho a honra de desejar-lhe um bom dia. Minhas investigações terminaram, fracassei. O caso está encerrado.

Poirot ficou em silêncio por um momento e então disse pausadamente:

— Ela morreu dali a uma semana.

Mademoiselle Virginie completou seu noviciado e fez votos perpétuos. E esta é a história, meu amigo. Devo admitir que não tive um belo papel nela.

— Mas não vejo por que a considera um fracasso — protestei. — O que mais poderia fazer em tais circunstâncias?

— Ah, *sacré, mon ami* — exclamou Poirot subitamente exaltado. — Mas você não percebe? Banquei o idiota completo! Minhas células cinzentas não funcionaram, o tempo todo, a pista que levaria à verdade estava bem em frente a meus olhos!

— Que pista?

— *A caixa de chocolates!* Não percebe? Ninguém com uma visão perfeita cometeria tal erro. E eu sabia que Madame Déroulard sofria de cataratas pelas gotas de atropina. Era a única pessoa da casa que enxergava tão mal que seria capaz de trocar as tampas. Foi a caixa de chocolates que me despertou as suspeitas, mas apesar disso, até o final fui incapaz de perceber seu significado real!

E minha psicologia também falhou. Se M. de Saint Alard fosse o criminoso jamais guardaria o vidro incriminador. Achá-lo foi prova de sua inocência. No todo foi um caso

deplorável, e meu papel não foi melhor. Uma velha senhora comete um crime de forma tão simples e inteligente que engana completamente a. mim, Hercule Poirot. *Sapristi!* Não adianta remoer o fato, é melhor esquecê-lo ... ou talvez não! Tenha isto sempre em mente, e se alguma vez achar que estou ficando convencido... Não é muito provável, mas pode acontecer.

Reprimi um sorriso.

— *Eh bien*, meu amigo, então você me dirá: “caixa de chocolates”. Estamos combinados?

— Certamente.

— Afinal — disse Poirot com um ar pensativo —, valeu a experiência. E eu, que sou o cérebro mais poderoso da Europa no momento, pude me mostrar generoso.

— Caixa de chocolates — murmurei baixinho.

— *Pardon, mon ami?*

Olhei para a expressão inocente de Poirot, e meu coração confrangeu-se. Passara maus pedaços em suas mãos, mas embora eu não possuísse o cérebro mais poderoso da Europa, podia ser generoso.

— Não foi nada — menti, e sorrindo

acendi meu cachimbo.

Os Planos do Submarino

Um mensageiro especial trouxera-nos um bilhete. Os olhos de Poirot brilharam de entusiasmo e interesse enquanto o lia. Despediu o homem com algumas poucas palavras e virou-se para mim:

— Arrume a mala bem depressa, meu amigo. Vamos a Sharples.

À menção da famosa casa de campo de Lorde Alloway tive um sobressalto. Recentemente nomeado Ministro da Defesa, Lorde Alloway era um membro importante do Gabinete. Ele se destacara na Câmara dos Comuns, ainda como Sir Ralph Curtis, chefe de uma grande firma de engenharia, e agora mencionava-se insistentemente o seu nome como o do homem do momento, e seria provavelmente indicado para formar um ministério se os boatos sobre o estado de saúde de Mr. David MacAdam fossem verdadeiros.

Um grande Rolls-Royce nos esperava embaixo, e enquanto cortávamos a escuridão, enchi Poirot de perguntas.

— Que diabos eles querem de nós a esta hora da noite? — O meu relógio acusava onze e

dez.

Poirot sacudiu a cabeça.

— Algo muito urgente, sem dúvida.

— Lembro-me de que há alguns anos, o então Ralph Curtis foi envolvido em um escândalo, uma trapaça com títulos, se não me engano. Terminou sendo completamente inocentado. Será que algo semelhante tornou a ocorrer?

— Não justificaria esse chamado no meio da noite, não acha, meu amigo?

Fui forçado a concordar, e o resto da viagem decorreu em silêncio. Quando saímos de Londres a poderosa máquina aumentou de velocidade e chegamos a Sharples pouco antes da uma hora. Um imponente mordomo nos conduziu imediatamente a um pequeno gabinete onde Lorde Alloway nos esperava. O homem alto e esbelto que irradiava força e vitalidade levantou-se para nos receber.

— M. Poirot, estou encantado em vê-lo. É a segunda vez que o governo recorre a seus serviços. Lembro-me muito bem do que fez por nós durante a guerra, quando o Primeiro-Ministro foi raptado daquela forma inacreditável. Suas deduções magistrais — e devo acrescentar, sua descrição — salvaram a

situação.

Um lampejo passou pelos olhos de Poirot.

— Posso deduzir que este é outro caso a exigir... discrição, milorde?

— Total e absoluta, M. Poirot. Ah, deixe-me apresentá-lo: Almirante Sir Harry Weardale, Primeiro Lorde do Almirantado ... M. Poirot. E o Capitão...

— Hastings — completei.

— Tenho ouvido falar com freqüência no senhor, M. Poirot — disse Sir Harry apertando-lhe a mão. — Estamos diante de um enigma inexplicável, e se puder resolvê-lo ficar-lhe-emos extremamente gratos.

Era um oficial de marinha do tipo antigo, de uma franqueza rude, e simpatizei imediatamente com ele.

Poirot ficou à espera de suas revelações, e Alloway tomou a dianteira:

— O senhor compreende, certamente, que este é um assunto confidencial, M. Poirot. Sofremos há pouco uma séria perda. Os planos do novo submarino Z foram roubados.

— Quando se deu o fato?

— Esta noite, há menos de três horas. Talvez o senhor avalie quão desastroso isto é. É fundamental que o fato não passe ao

domínio público. Mas far-lhe-ei um resumo dos acontecimentos. Neste fim de semana, o almirante, sua esposa, seu filho, e Mrs. Conrad, uma senhora bem conhecida da sociedade londrina, são meus hóspedes. As senhoras retiraram-se cedo, por volta das dez horas, logo seguidas por Mr. Leonard Weardale. Sir Harry está aqui em parte para deliberarmos sobre a construção desse novo tipo de submarino, e assim pedi a Mr. Fitzroy, meu secretário, que retirasse os planos daquele cofre ali, para que os pudéssemos examinar Juntamente com outros documentos relativos ao assunto.

— Enquanto ele se desincumbia dessa tarefa — prosseguiu Lorde Alloway —, o Almirante e eu fomos dar uma volta pelo terraço, saboreando nossos cachimbos e apreciando a noite agradável de junho. Afinal resolvemos iniciar nosso trabalho e íamos voltando quando tive a impressão de ver um vulto sair por esta porta envidraçada, atravessar o terraço e desaparecer. Não dei muita atenção ao fato, entretanto. Sabia que Fitzroy estava aqui e não me passou pela cabeça que pudesse haver algo errado. Foi esse o meu erro. Bem, entramos no gabinete pela

porta envidraçada do terraço e no mesmo instante vimos Fitzroy entrar pela porta do vestibulo.

— Já aprontou todos os papéis que lhe pedi, Fitzroy? — perguntei.

— Já, Lorde Alloway. Estão sobre a escrivaninha — e desejando-nos uma boa noite, dirigiu-se para a porta.

— Espere um minuto — disse eu indo até a escrivaninha. — Posso precisar de mais alguma coisa.

Examinei rapidamente os papéis que ali estavam.

— Você se esqueceu do mais importante, Fitzroy — disse eu. — Onde estão os planos do submarino?

— Os planos estão bem em cima, Lorde Alloway.

— Não, não estão — disse eu examinando mais uma vez os papéis.

— Mas eu os coloquei aí não faz um minuto!

— Bem, eles não estão aqui agora.

Fitzroy aproximou-se com uma expressão de espanto no rosto, sem acreditar. Conferimos os papéis que estavam sobre a escrivaninha, revistamos o cofre e finalmente tivemos que

admitir o fato: os planos haviam desaparecido no breve intervalo de três minutos em que Fitzroy se ausentara do aposento.

— Por que ele saiu do gabinete? — interveio Poirot.

— Foi a primeira pergunta que lhe fiz! — exclamou Sir Harry. — Justamente quando acabara de arrumar os papéis sobre a escrivaninha ouviu um grito de mulher. Precipitou-se para o vestibulo e viu nas escadas a criadinha francesa de Mrs. Conrad, muito pálida e com um ar assustado. A moça disse que vira um fantasma, um vulto alto, vestido de branco, que se movia sem ruído. Fitzroy riu, achando graça em seus receios, e advertiu-a, de forma cortês, para que não bancasse a tola. Voltava ao gabinete quando entramos pela porta envidraçada.

— O caso parece claro — disse Poirot pensativo. — Minha dúvida é se a criada é cúmplice. Teria gritado seguindo uma combinação prévia com um assecla, ou acaso alguém estaria somente esperando uma oportunidade propícia? O vulto que o senhor vislumbrou era de um homem ou de uma mulher?

— Não posso precisar, M. Poirot. Foi só

uma sombra.

O Almirante pigarreou de uma forma tão estranha que atraiu a atenção.

— O Almirante parece ter algo a dizer — sugeriu Poirot com um leve sorriso. — Viu a sombra, Sir Harry?

— Não, não vi — retrucou o outro —, e Alloway também não. Deve ter visto algum ramo de árvore agitado pelo vento, e quando descobrimos o roubo mais tarde, essa imagem transformou-se em sua mente no vulto de um ladrão, mas foi só o produto de sua imaginação.

— Muitos me julgam totalmente desprovido de tal atributo — disse Lorde Alloway com bom humor.

— Bobagem, todos nós possuímos imaginação, e facilmente nos convencemos de ter visto mais que a realidade. Tenho uma longa experiência no mar e confio em meus olhos. Estava olhando diretamente em frente no terraço, e teria visto essa sombra se houvesse algo para ver.

O Almirante estava inflamado e parecia categórico sobre o assunto. Poirot levantou-se com um ar decidido e dirigiu-se para a porta envidraçada do terraço.

— Com sua permissão, precisamos esclarecer logo este ponto, se for possível.

Nós o seguimos. Ele tirou uma lanterna elétrica do bolso e começou a examinar a grama ao longo do terraço. Afinal desligou a lanterna e ergueu-se.

— Sir Harry tem razão. O senhor equivocou-se, Lorde Alloway — disse ele com gentileza. — Choveu forte no começo da noite. Se alguém houvesse passado por aqui deixaria pegadas, e não há marcas de espécie alguma.

Lorde Alloway assumiu uma expressão de perplexidade enquanto o Almirante se mostrava visivelmente satisfeito:

— Sabia que não estava errado. Tenho plena confiança em minha visão.

Era tão semelhante ao protótipo do velho e honesto lobo do mar que não pude deixar de sorrir.

— E isto nos leva aos ocupantes da casa — disse Poirot pausadamente. — Vamos entrar. Milorde, será que alguém poderia ter entrado pelo vestíbulo enquanto Fitzroy falava com a criada nas escadas?

Lorde Alloway sacudiu a cabeça numa negativa.

— Absolutamente impossível. Teriam que

passar por ele para chegar ao gabinete.

— E o senhor tem plena confiança em seu secretário?

Lorde Alloway corou.

— Absoluta, M. Poirot. Respondo por ele, com toda a tranqüilidade. Não é possível que esteja envolvido nesse assunto.

— Nada parece ser possível — comentou Poirot secamente. — Talvez os planos tenham criado asas e voado, *comme ça!* — e Poirot, lembrando um cômico querubim, encheu as bochechas e assoprou.

— É mesmo inacreditável — concordou Lorde Alloway impaciente. — Mas peço-lhe que nem sonhe em desconfiar de Fitzroy. E se ele quisesse roubar os planos seria fácilimo, em sua posição, tirar uma cópia deles em vez de arriscar-se assim.

— Milorde, a sua dedução é *bien juste* — disse Poirot com aprovação. — Vejo que tem uma mente ordenada e metódica. *L'Angleterre* deve orgulhar-se de tê-lo como filho.

Lorde Alloway ficou sem jeito ante esse inesperado elogio. Poirot voltou ao assunto.

— O aposento para o qual os senhores se retiraram após o jantar...

— A sala de estar?

— Também possui uma porta para o terraço por onde saíram, não é? Acaso não seria possível alguém sair da sala de estar, passar pelo terraço e entrar no gabinete enquanto Fitzroy estava entretido nas escadas?

— Mas nós o teríamos visto — protestou o Almirante.

— Não se estivessem de costas, andando para a extremidade do terraço.

— Fitzroy só se ausentou do gabinete uns poucos minutos, o tempo justo para que fôssemos ao fim do terraço e voltássemos.

— Não importa, é uma possibilidade. Na verdade é a única que posso vislumbrar no momento.

— Mas não ficou ninguém na sala de estar quando saímos.

— Alguém pode ter entrado mais tarde.

— Está querendo dizer que quando Fitzroy ouviu o grito da criada e saiu, alguém que estava escondido na sala de estar passou rapidamente pelo terraço, apoderou-se dos planos e voltou a sala de estar? — perguntou Lorde Alloway.

— A mente metódica revela-se novamente — disse Poirot com uma mesura. — O senhor descreveu a ação de forma perfeita.

— Talvez tenha sido um dos criados.

— Ou talvez um hóspede. Foi a criada de Mrs. Conrad quem gritou. Que informações pode me fornecer acerca dessa senhora?

Lorde Alloway refletiu um minuto.

— É uma senhora bastante conhecida na alta sociedade. Costuma oferecer grandes recepções, e é recebida em toda parte. Mas pouco se sabe acerca de suas verdadeiras origens e de seu passado. Ela freqüenta muito os meios diplomáticos, e o Serviço Secreto está interessado em descobrir o porquê.

— Compreendo — disse Poirot. — E ela foi convidada para passar aqui o fim de semana...

— Para que pudéssemos observá-la de perto.

— *Parfaitement!* E é possível que ela tenha conseguido inverter a jogada com muita habilidade.

Lorde Alloway ficou com um ar desconcertado e Poirot prosseguiu:

— Milorde, acaso fizeram, em presença dela, alguma referência aos assuntos que iriam debater?

— Fizemos — admitiu Lorde Alloway. — Sir Harry disse: “E agora ao trabalho! Vamos

ao nosso submarino!”, ou coisa semelhante. Os outros já se haviam retirado, mas ela voltara para apanhar um livro.

— Compreendo — disse Poirot pensativo. — Milorde, já é muito tarde, mas o assunto é importante. Se fosse possível gostaria de interrogar os hóspedes agora.

— Certamente — disse Lorde Alloway. — O ponto delicado é que não queremos que a notícia se espalhe. *Lady* Juliet Weardale e o jovem Leonard são de confiança, mas já Mrs. Conrad, se acaso não for culpada, é um caso diferente. Talvez o senhor possa se limitar a declarar que um papel importante se extraviou, sem especificar a sua natureza, nem entrar em detalhes sobre as circunstâncias de seu desaparecimento.

— É exatamente o que lhe ia propor — disse Poirot sorrindo. — Na verdade julgo uma medida recomendável para todos os três, pois até as mais devotadas esposas...

— Estou de acordo — disse Sir Harry. — Todas as mulheres falam demais, pobrezinhas. Mas eu preferiria que Juliet jogasse menos bridge e falasse um pouco mais. Mas hoje em dia parece que as mulheres só estão satisfeitas se estão jogando ou dançando! Vou lá em cima

chamar Juliet e Leonard, Alloway.

— Obrigado. Eu me encarregarei de chamar a criada francesa. Poirot vai querer vê-la, e ela poderá acordar a patroa. Vou tratar disso agora. Enquanto isso mandarei Fitzroy aqui.

Mr. Fitzroy era um jovem magro e pálido, de *pince-nez* e uma expressão severa. Seu testemunho foi praticamente igual ao de Lorde Alloway, palavra por palavra.

— Qual é a sua teoria, Mr. Fitzroy?

Mr. Fitzroy encolheu os ombros.

— Não há dúvida de que alguém enfronhado no assunto estava à espreita lá fora. Ele podia ver o que estava acontecendo pela porta envidraçada, e aproveitou-se da minha saída. É uma pena que Lorde Alloway não tenha corrido em sua perseguição quando o viu.

Poirot não o desiludiu. Limitou-se a perguntar:

— Acredita na história da criada francesa a respeito de ter visto um fantasma?

— É muito pouco provável, não acha M. Poirot?

— Mas acredita que ela estava sendo sincera?

— Bem, não posso dizer. Ela parecia bem agitada. Estava com as mãos no rosto.

— Haha! — fez Poirot como se houvesse feito uma descoberta. — E ela é sem dúvida uma bonita moça, não?

— Não reparei — disse Mr. Fitzroy muito sério.

— Por acaso viu a patroa dela?

— Para falar a verdade, vi. Ela estava em cima na galeria e chamava pela criada: — “Leonie!” Então me viu e naturalmente retirou-se.

— Em cima... — repetiu Poirot com a testa franzida.

— Compreendo que os fatos me colocam numa posição desagradável, ou melhor, colocariam se Lorde Alloway não houvesse visto o intruso. De qualquer forma gostaria de que revistassem o meu quarto e a minha pessoa.

— É realmente seu desejo?

— Certamente.

Não sei qual teria sido a resposta de Poirot se naquele momento Lorde Alloway não houvesse reaparecido para nos informar que as duas senhoras e Mr. Leonard Weardale estavam na sala de estar.

As duas mulheres trajavam atraentes *négligées*. Mrs. Conrad era uma bela mulher de uns trinta e cinco anos, com cabelos dourados e uma ligeira tendência para o *embonpoint*. *Lady* Juliet Weardale devia ter uns quarenta, era alta e morena, muito magra, ainda bela, com mãos e pés delicados e um ar tenso e irritado. Seu filho era um jovem de aspecto efeminado, um contraste gritante ao pai rude e jovial.

Poirot proferiu o pequeno discurso que combináramos previamente, mostrando-se ansioso para saber se alguém vira ou ouvira qualquer coisa que pudesse auxiliar-nos. Virou-se para Mrs. Conrad e pediu-lhe que fizesse uma descrição de todos os seus movimentos naquela noite.

— Deixe-me pensar... Subi e toquei a campainha para chamar minha criada. Como ela não apareceu, saí para o corredor e a chamei, pois ouvi sua voz nas escadas. Logo depois que ela escovou meus cabelos a despedi, ela estava bastante nervosa. Li um pouco e me deitei.

— E a senhora, *Lady* Juliet?

— Subi e fui direto para a cama. Estava muito cansada.

— Esqueceu-se do livro, querida? — perguntou Mrs. Conrad com um sorriso maldoso.

— Que livro? — disse *Lady Juliet* corando.

— Não se lembra de que estava subindo as escadas quando Leonie desceu? Não me disse que fora buscar um livro na sala de estar?

— Ah, sim, foi mesmo. Já havia me esquecido — e *Lady Juliet* torceu as mãos num gesto de nervosismo.

— Ouviu a criada de Mrs. Conrad gritar. *Milady?*

— Não. não ouvi.

— É curioso, pois a senhora devia estar na saia a essa altura.

— Não ouvi nada — repetiu *Lady Juliet* numa voz mais firme.

Poirot virou-se para o jovem Leonard:

— E *Monsieur?*

— Nada feito. Subi direto e me deitei.

Poirot passou a mão pelo queixo:

— Pelo jeito não obterei nada aqui. *Mesdames, messieurs*, lamento muitíssimo ter interrompido o seu sono por tão pouco. Peço-lhes que aceitem minhas desculpas.

Sempre desculpando-se ele os levou até a porta e voltou com a criada francesa, uma bonita moça com um ar atrevido. Alloway e Weardale haviam acompanhado as senhoras.

— *Mademoiselle*, agora diga-me a verdade, nada de histórias fantásticas. Por que gritou na escadaria?

— Ah, *monsieur*, vi um vulto comprido, todo de branco...

Poirot a interrompeu, sacudindo energicamente o indicador:

— Não lhe disse que não queria saber de histórias fantásticas? Deixe-me adivinhar... Ele a beijou, não foi? Estou falando de Mr. Leonard Weardale.

— *Eh bien, monsieur*, que mal há nisso?

— Acho até muito natural — disse Poirot galantemente. — Até eu e o próprio Hastings ficaríamos tentados... Mas conte-me o que aconteceu.

— Ele veio por trás e me agarrou. Levei um susto e gritei, mas se soubesse que era ele não teria gritado. Então apareceu *M. le secrétaire*, e M. Leonard subiu as escadas correndo. E o que eu poderia dizer a um rapaz como aquele, *tellement comme il faut*? *Ma foi*, inventei um fantasma!

— E está tudo explicado — exclamou Poirot com um sorriso. — Então a senhorita subiu para o quarto de sua patroa, não foi? Por falar nisso, qual é o quarto dela?

— No final do corredor, *monsieur*. Daquele lado de lá.

— Bem em cima do gabinete, então. *Bien, mademoiselle*, não a deterei mais. E da *prochaine fois*, não grite.

Levou a moça até a porta e voltou sorrindo.

— É um caso interessante, não, Hastings? Começo a ter umas pequenas idéias... *Et vous?*

— O que Leonard Weardale estava fazendo nas escadas? Não simpatizo com aquele jovem, Poirot. Creio que é um depravado.

— Tenho a mesma impressão, *mon ami*.

— Já Fitzroy parece ser um camarada honesto.

— Como Lorde Alloway faz questão de afirmar.

— Mas apesar disso há qualquer coisa nele...

— Que parece boa demais para ser verdade? Também tive essa sensação. Por

outro lado, nossa cara Mrs. Conrad é obviamente um elemento perigoso.

— E o quarto dela fica bem em cima do gabinete — disse eu para Poirot.

Ele sacudiu a cabeça numa negativa com um leve sorriso:

— Não, *mon ami*, não consigo imaginar aquela elegantíssima senhora descendo pela chaminé ou escalando paredes.

A essas palavras a porta se abriu e, para minha surpresa, *Lady Juliet* entrou com um ar furtivo.

— M. Poirot — ela estava um tanto ofegante —, posso falar-lhe a sós?

— *Milady*, confio plenamente no Capitão Hastings. Pode ignorar a sua presença. Sente-se, por favor.

Ela sentou-se, sempre olhando fixamente para Poirot:

— O que tenho a dizer é bastante difícil. O senhor está encarregado desse caso... Se os papéis fossem devolvidos, isso encerraria o assunto? Quero saber se os aceitariam, sem fazer perguntas.

Poirot encarou-a.

— Deixe-me tentar entendê-la bem, madame. Esses planos me serão entregues e

devo devolvê-los a Lorde Alloway com a condição de que não faça perguntas a respeito de como os obtive. É isso?

Ela inclinou a cabeça.

— É isso mesmo. Mas preciso ter certeza de que o fato não se tornará público.

— Creio que Lorde Alloway não fará nenhuma questão de publicidade — disse Poirot muito sério.

— Aceita, então? — sua voz traía grande ansiedade.

— Um momentinho, *milady*. Depende. Daqui a quanto tempo poderá me entregar esses papéis?

— Quase de imediato.

Poirot consultou o relógio.

— Exatamente a que horas?

— Digamos... daqui a dez minutos — ela sussurrou.

— Aceito, *milady*.

Ela saiu quase correndo. Soltei um assobio.

— O que deduz disso, Hastings?

— Bridge — respondi sucintamente.

— Ah, então não se esqueceu das palavras imprudentes do Almirante. Que boa memória! Eu o felicito, Hastings.

Não dissemos mais nada pois Lorde Alloway entrou, lançando um olhar indagador a Poirot.

— Teve alguma idéia nova, M. Poirot? Receio que não tenha obtido informações muito esclarecedoras.

— Ao contrário, milorde. Auxiliaram-me o suficiente. Minha permanência aqui não será mais necessária, e com sua permissão voltarei imediatamente a Londres.

Lorde Alloway o olhou espantado.

— Mas... mas o que descobriu? Sabe com quem estão os planos?

— Sim, milorde, eu sei. Diga-me, se os papéis lhe forem devolvidos anonimamente, desistiria da investigação?

Lorde Alloway o encarou.

— Devolvidos contra o pagamento de uma quantia em dinheiro?

— Não, milorde. Devolvidos incondicionalmente.

— Naturalmente. O que importa é recuperarmos os planos — Lorde Alloway falou pausadamente. Ainda tinha um ar de perplexidade.

— Então eu o aconselharia a concordar. Só o senhor, o Almirante e seu secretário têm

conhecimento do roubo, e só os três precisam saber que foram restituídos. Pode contar com o meu apoio irrestrito. Deixe a responsabilidade cair sobre os meus ombros. Pediu que eu recuperasse os papéis, e assim o fiz. Pode dizer que é tudo que o senhor sabe. — Poirot levantou-se e estendeu-lhe a mão: — Milorde, estou feliz por tê-lo conhecido. Tenho confiança no senhor, e em sua dedicação a Inglaterra. O senhor guiará os destinos do país com mãos fortes e firmes.

— M. Poirot, juro-lhe que empregarei todos os meus esforços para esse fim. Pode ser um defeito, ou uma virtude, mas tenho fé em mim mesmo!

— Como todo grande homem. Eu também! — disse Poirot com imponência.

Em poucos minutos o carro estava à nossa disposição. Lorde Alloway despediu-se de nós na entrada da casa com grande cordialidade.

— Ele é um grande homem, Hastings — disse Poirot quando deixávamos a propriedade. — Tem inteligência, iniciativa, energia. É o homem forte que a Inglaterra necessita para guiá-la nessa fase difícil de reconstrução.

— Estou pronto a concordar com tudo

isso, Poirot, mas e *Lady Juliet*? Ela irá entregar os planos diretamente a Alloway? O que irá pensar quando descobrir que partimos sem uma única palavra de explicação?

— Hastings, vou lhe propor uma pergunta: Por que ela não me entregou os planos naquele momento?

— Ela não os tinha.

— Exato. E quanto tempo gastaria para ir buscá-los em seu quarto ou em qualquer ponto da casa? Não precisa responder, eu mesmo lhe direi: provavelmente uns dois minutos e meio! Mas ela pediu dez. Por quê? É evidente que pensava obtê-los de alguma outra pessoa, e precisará argumentar até convencer esse alguém para que os entregue. Ora, quem poderá ser essa pessoa? Não Mrs. Conrad, de forma alguma, mas um membro de sua própria família, seu filho ou seu marido. Qual dos dois é mais provável? Leonard Weardale disse que foi direto para a cama, o que sabemos ser falso. Suponhamos que a mãe tenha ido a seu quarto e não o tenha encontrado. Suponhamos que tenha descido imensamente receosa, pois sabe que o filho não é nenhum anjinho. Ela não o encontra, mas o ouve declarar que não saiu de seu quarto. Ela conclui que ele é o

ladrão, e vem me procurar. Mas, *mon ami*, sabemos de um fato que *Lady* Juliet ignora. Sabemos que seu filho não poderia ter entrado no gabinete pois estava nas escadas, roubando beijos da criadinha bonita. Leonard Weardale tem um álibi, embora sua mãe não saiba.

— Bem, então quem roubou os planos? Parece que eliminamos todo mundo. *Lady* Juliet, o filho, Mrs. Conrad, a criada...

— Exatamente. Use suas células cinzentas, meu amigo. A solução está bem na sua frente.

Sacudi a cabeça desnorteadado.

— Mas a solução é óbvia! Se ao menos você perseverasse... Escute, Fitzroy sai do gabinete e deixa os papéis sobre a mesa. Poucos minutos depois Lorde Alloway entra no aposento, vai até a escrivaninha e os papéis desapareceram. Só há duas hipóteses: primeiro, Fitzroy não deixou os papéis sobre a mesa, e os embolsou. Isto não é razoável, pois como Alloway nos mostrou, ele poderia ter tirado uma cópia se quisesse. Segundo: os papéis ainda estão sobre a escrivaninha quando Lorde Alloway se aproxima. Neste caso eles foram parar em seu bolso.

— Lorde Alloway, um ladrão? — disse eu

estupefato. — Mas por quê, por quê?

— Você mesmo não me falou sobre um escândalo em seu passado? Ele foi inocentado, mas suponhamos que tivesse culpa. Nem uma sombra de suspeita deve pairar sobre a vida de um político inglês. Se o fato viesse à tona e pudessem provar sua culpa... adeus à sua carreira política. Vamos supor pois que ele estava sofrendo uma chantagem, e o preço fosse os planos do submarino.

— Mas então ele é um traidor abjeto! — exclamei.

— Não, ele não é nada disso. É um homem inteligente, e hábil. Suponha que ele tenha copiado aqueles planos fazendo algumas ligeiras alterações que os tornem inexecutáveis (pois é um engenheiro capaz). Ele entrega os planos falsificados ao agente inimigo (Mrs. Conrad, provavelmente), e encena o roubo para que acreditem que são legítimos. Faz o possível para afastar as suspeitas dos ocupantes da casa, fingindo ter visto um vulto atravessar o terraço. Mas não contava com a atitude obstinada do Almirante, e fica ansioso para que não suspeitemos de Fitzroy.

— Tudo isso não passa de deduções, Poirot — protestei.

— Mais que dedução, é psicologia, *mon ami*. Um homem capaz de entregar os planos verdadeiros ao inimigo não teria escrúpulos em deixar que as suspeitas caíssem sobre outros. E por que estava tão preocupado que Mrs. Conrad não tomasse conhecimento das circunstâncias em que o roubo se efetuara? Porque lhe entregara os planos mais cedo, e não queria que ela soubesse da hora do roubo.

— Ainda tenho as minhas dúvidas.

— Pois eu não. Meu diálogo com Lorde Alloway foi de um grande homem para outro. O futuro lhe dirá!

Uma coisa é certa. No dia em que Lorde Alloway tornou-se Primeiro-Ministro, recebemos um cheque e uma fotografia autografada, onde se lia: Ao meu discreto amigo Hercule Poirot, Alloway.

Soube que o novo submarino Z é motivo de grande regozijo nos círculos navais. Dizem que revolucionará as táticas de guerra naval. Ouvi dizer também que certa potência estrangeira tentou construir um submarino semelhante, mas a empreitada redundou num completo fracasso. Mas ainda creio que Poirot estava só arriscando um palpite. Qualquer dia desses ele vai se dar mal!

O Apartamento do Terceiro Andar

— Que diabo! — exclamou Pat, e com a testa franzida revirou impaciente o conteúdo de sua frágil carteira de seda. Dois jovens e outra moça a observavam ansiosos. Os quatro estavam em frente à porta fechada do apartamento de Patrícia Garnett.

— Não adianta — disse Pat. — Não está aqui. E agora, o que vamos fazer?

— De que vale a vida sem uma chave? — murmurou Jimmy Faulkener. Era um rapaz baixo de ombros largos com olhos azuis bem-humorados.

Pat virou-se para ele, zangada.

— Não brinque, Jimmy. Isto é sério.

— Procure mais uma vez, Pat — disse Donovan Bailey. — Deve estar aí mesmo — sua voz era pausada e agradável e combinava com seu vulto esbelto e moreno.

— Se é que você a trouxe — disse a outra moça, Mildred Hope.

— Trouxe, sim — disse Pat. — Creio que a dei a um de vocês dois — e ela virou-se acusadoramente para os rapazes. — Disse a

Donovan que a apanhasse.

Mas ela não conseguiria assim tão facilmente um bode expiatório. Donovan protestou com o apoio de Jimmy.

— Eu vi quando você a colocou na bolsa — disse ele.

— Bem, então um de vocês dois a perdeu quando apanhou minha bolsa. Eu a deixei cair umas duas vezes.

— Duas vezes, nada! — disse Donovan. — Umas cinco, pelo menos, além de a ter esquecido em todos os lugares por onde andamos.

— Não sei como não perde tudo o que tem — disse Jimmy.

— A questão agora é: como vamos entrar? — disse Mildred, uma garota sensata, que não se perdia em rodeios, mas muito menos atraente que a impulsiva e trapalhona Pat.

Os quatro olharam a porta, desnorteados.

— Que tal chamar o porteiro? — sugeriu Jimmy. — Ele não tem uma chave mestra?

Pat sacudiu a cabeça. Só existiam duas chaves. Uma estava pendurada lá na cozinha e a outra deveria estar em sua malfadada bolsa.

— Se ao menos o apartamento fosse térreo — lamentou-se Pat. — Poderíamos

forçar uma janela ou coisa assim. Donovan, que acha da idéia de bancar o alpinista e escalar essas paredes?

Donovan achou a idéia péssima.

— Não está querendo muito, Pat? Um quarto andar é uma altura respeitável — disse Jimmy.

— E a escada de incêndio? — lembrou Donovan.

— Não temos escada de incêndio.

— Deviam ter — disse Jimmy. — Um prédio de cinco andares devia ter uma escada de incêndio.

— Também acho — disse Pat. — Mas isso não nos ajuda em nada. Como é que vou entrar em casa?

— Vocês não têm um ascensor de carga, por onde sobem as mercadorias?

— Temos, sim, mas é muito pequeno, praticamente só uma cesta de metal. Ah, espere aí! E o ascensor de carvão?

— Ora, é uma boa idéia — disse Donovan.

Mildred deu seu palpite desanimador:

— A porta de acesso deve estar trancada pelo lado de dentro, na cozinha de Pat.

— Pois eu não creio — disse Donovan.

— Pat nunca fecha nada a chave —

concordou Jimmy.

— A porta não deve estar fechada — disse Pat. — Recolhi a lata de lixo esta manhã e tenho certeza de que não a tranquei, e não cheguei mais perto dela.

— Bem — disse Donovan —, essa sua omissão vai nos ser muito útil esta noite, mas de qualquer forma, moça sem juízo, deixe-me alertá-la que esses hábitos displicentes a deixam à mercê dos ladrões.

Pat não fez caso dessa advertência.

— Venham — e com esse convite ela começou a descer correndo as escadas. Pat os conduziu a um corredor escuro atulhado de carrinhos de bebê. Finalmente chegaram à área interna onde ela lhes mostrou o ascensor, ocupado no momento por uma lata de lixo. Donovan a retirou e, franzindo o nariz, subiu na plataforma com cautela.

— Essa geringonça é um bocado barulhenta — ele comentou. — Mas é o jeito. Devo me aventurar sozinho ou alguém está disposto a me acompanhar?

— Vou com você — disse Jimmy se colocando ao lado de Donovan. — Espero que o elevador agüente o nosso peso — ele acrescentou com um ar de dúvida.

— Vocês não devem pesar mais do que uma tonelada de carvão — disse Pat que nunca fora boa em matemática.

— Nós logo descobriremos — disse Donovan jovialmente, puxando a corda.

Com um rangido estridente o ascensor começou a subir.

— Que barulho horrível! — comentou Jimmy. — O que pensará o pessoal dos outros andares?

— Que somos fantasmas ou ladrões — disse Donovan. — Não é sopa puxar essa corda. O porteiro desse edificio tem um trabalho mais pesado do que eu calculava! Ei, Jimmy, amigo velho, está contando os andares?

— Oh, Deus! Esqueci.

— Ainda bem que eu não conheci. Este é o terceiro. O próximo é o nosso.

— E agora preparemo-nos para descobrir que Pat afinal trancou a porta — resmungou Jimmy.

Mas seus receios eram infundados. A porta abriu-se facilmente e Donovan e Jimmy pularam para dentro da cozinha escura de Pat.

— Devíamos ter trazido uma lanterna para essa empreitada perigosa — disse

Donovan. — Se conheço bem Pat o chão deve estar cheio de louça suja, e vamos tropeçar nos cacos até conseguir chegar ao interruptor. Não se mexa, Jimmy, até que eu acenda a luz.

O rapaz tateou na escuridão soltando um furioso “Porcaria!” quando se chocou contra a quina da mesa da cozinha. Afinal alcançou o interruptor, mas no momento seguinte outro “Porcaria” ressoou na penumbra.

— O que há? — perguntou Jimmy.

— A luz não acende, deve estar queimada. Espere aí, vou acender a da sala.

A porta da sala era a primeira do corredor. Jimmy ouviu os passos de Donovan se afastando e dali a pouco novos improperbérios o alcançaram.

— O que há?

— Não sei. A casa parece enfeitada, nada está no mesmo lugar. Está cheia de mesas e cadeiras por todos os lados. Oh, diabo! há mais uma aqui.

Mas felizmente nesse momento Jimmy achou o interruptor e o apertou. No instante seguinte os dois jovens se olhavam horrorizados. Aquela não era a sala de Pat. Estavam no apartamento errado.

Para começar, o aposento estava dez

vezes mais entulhado que o de Pat, o que explicava o atordoamento de Donovan ao chocar-se com tantos móveis. No centro da sala havia uma mesa redonda coberta por uma toalha de repes, e uma grande samambaia na janela. Era a espécie de sala que devia pertencer a uma pessoa muito formal, a quem seria difícil explicar o engano. Havia uma pilha de cartas sobre a mesa.

— Mrs. Ernestine Grant — murmurou Donovan apanhando a de cima e lendo o sobrescrito. — Oh diabo! Será que ela nos ouviu?

— É um milagre que ainda não tenha aparecido — disse Jimmy —, com os seus impropérios e essa barulhada toda! Vamos, pelo amor de Deus, vamos sair daqui depressa!

Eles apagaram a luz precipitadamente e recuaram nas pontas dos pés até o ascensor. Jimmy soltou um suspiro de alívio quando se viram no interior do poço sem mais incidentes.

— Essa Mrs. Ernestine Grant tem um sono profundo — comentou ele com aprovação. — Uma ótima qualidade para uma mulher.

— Agora entendo por que nos enganamos de andar. Esqueci-me de que saímos do porão — disse Donovan puxando a corda. O ascensor

subiu. — Desta vez estamos no andar certo.

— Faço votos que sim — disse Jimmy enquanto saltavam. — Meus nervos não agüentarão mais choques.

Mas não houve novos sustos. O primeiro clique do interruptor revelou a cozinha de Pat. Mais uns instantes e eles abriram a porta para deixar entrar as duas moças.

— Vocês demoraram — resmungou Pat. — Mildred e eu estávamos esperando aqui há cem anos.

— Tivemos uma aventura — disse Donovan. — Podíamos ter ido parar na polícia como perigosos malfeitores.

Estavam na sala de estar e Pat largara o seu abrigo sobre a poltrona, ouvindo com interesse crescente o relato das aventuras por Donovan.

— Ainda bem que ela não os surpreendeu — ela comentou. — Recebi um bilhete dela esta manhã. Ela quer falar comigo, tem uma reclamação a fazer. Calculo que seja sobre o meu piano. Gente que não gosta de pianos na vizinhança não devia alugar apartamentos! Ei, Donovan, você cortou sua mão, está cheia de sangue! Vá lavá-la na pia.

Donovan olhou surpreso para suas mãos

e deixou a sala obedientemente. Dali a instantes chamou Jimmy.

— Oi — respondeu o outro —, o que aconteceu? O corte é profundo?

— Eu não me cortei.

Havia algo estranho no seu tom de voz e Jimmy o olhou surpreso. Donovan estendeu as mãos recém-lavadas e Jimmy viu que a pele estava ilesa.

— É estranho! — disse franzindo o cenho. — De onde veio todo aquele sangue? — e de repente chegou à mesma conclusão que o raciocínio mais rápido do amigo já alcançara. — Meu Deus, deve ter vindo daquele apartamento! — e calou-se refletindo sobre as possíveis explicações. — Tem certeza de que era... sangue? Não era tinta, por acaso?

Donovan sacudiu a cabeça numa negativa.

— Era sangue mesmo — disse com um estremecimento.

Os dois homens se encararam. O mesmo pensamento lhes ocorrera. Foi Jimmy quem finalmente o expressou:

— Acha que devíamos voltar lá e dar uma olhada? — disse sem muita convicção. — Para ter certeza de que está tudo bem?

— E as garotas?

— Não diremos nada a elas. Pat foi arranjar um avental para nos preparar uma omelete. Quando nos procurarem já estaremos de volta.

— Está certo, vamos — disse Donovan. — Só para desincumbimento de consciência, não acredito que haja nada de errado — mas não havia firmeza em suas palavras.

Pegaram o ascensor e desceram ao andar de baixo, atravessando a cozinha sem dificuldades até alcançar o interruptor da sala.

— Deve ter sido aqui que sujei a mão — disse Donovan. — Na cozinha não toquei em nada.

Os dois correram um olhar atento pela sala. Tudo parecia normal, nada sugeria violência ou tragédia. Súbito Jimmy estremeceu violentamente e agarrou o braço do companheiro.

— Olhe!

Donovan obedeceu a sua voz imperiosa e também soltou uma exclamação. Um pé de mulher calçado num sapato alto de cromo por baixo dos pesados reposteiros.

Jimmy adiantou-se e com um repelão puxou as cortinas. O corpo inerte e sem vida

de uma mulher ocupava o nicho da janela em meio a uma poça escura de sangue coagulado. Ele curvou-se instintivamente para erguê-la quando Donovan o deteve:

— Não faça isso. Não toque em nada até que a polícia chegue.

— Tem razão, vamos chamar a polícia. Que coisa pavorosa, Donovan! Quem será ela? Mrs. Ernestine Grant?

— Tem todo o jeito. Se há mais alguém por aqui é gente muito silenciosa.

— Que faremos agora? Vamos chamar um guarda na rua ou será melhor telefonar do apartamento de Pat?

— Acho melhor telefonar. Vamos sair mesmo pela porta da frente. Não podemos levar a noite inteira subindo e descendo por aquele ascensor fedorento.

Jimmy concordou. Mas quando já iam saindo ele hesitou:

— Olhe aqui, não acha que um de nós devia ficar de olho no cadáver até que a polícia chegue?

— É, você tem razão. Fique aí que vou lá em cima telefonar.

Donovan subiu correndo as escadas e tocou a campainha. Pat, muito atraente de

avental e faces coradas, veio abrir a porta. Arregalou os olhos, surpreendida:

— Você? Mas como? O que aconteceu?

Ele segurou as mãos dela.

— Está tudo bem, Pat. Nós fizemos uma descoberta desagradável no andar de baixo. Há uma mulher morta.

— Oh! — ela prendeu a respiração. — Que coisa horrível! Ela teve um colapso ou coisa assim?

— Não. Parece... bem, ela foi assassinada.

— Donovan!

— É, é horrível!

Ele ainda segurava as mãos dela. A moça não as retirara, e apertava as dele com força. Querida Pat, como ele a amava! E ela, gostaria dele? Às vezes achava que sim, às vezes tinha receio de que Jimmy Faulkener... A imagem de Jimmy esperando pacientemente embaixo fê-lo sentir-se culpado.

— Pat, querida, precisamos telefonar à polícia.

— *Monsieur* tem razão — disse uma voz atrás dele. — E talvez eu possa auxiliá-los enquanto ela não chegar.

A moça e o rapaz olharam para trás. Um vulto descia as escadas que levavam ao

pavimento superior. Dali a um segundo puderam ver um homem baixinho, com um imponente bigode e uma cabeça em feitiço de ovo. Trajava um *robe de chambre* exótico e chinelos bordados. Fez uma mesura amável para Patrícia.

— *Mademoiselle*, sou o inquilino do andar de cima — disse ele. — Gosto de andares altos, a vista sobre Londres é belíssima. Aluguei o apartamento sob o pseudônimo de Mr. O'Connor, mas não sou irlandês. Meu nome verdadeiro é outro. É por isso que me atrevo a oferecer-lhe meus serviços. Permita-me — e apresentou o seu cartão a Pat. Ela leu em voz alta:

— M. Hercule Poirot. Oh! — ela prendeu a respiração. — O famoso M. Poirot? O grande detetive? E quer nos ajudar?

— Esta é a minha intenção, *mademoiselle*. Quase lhe ofereci meus serviços há uma meia hora atrás.

O rosto de Pat revelou sua perplexidade.

— Eu os ouvi discutindo o problema de como entrar no apartamento, e tenho grande habilidade para forçar fechaduras. Poderia, com toda a certeza, ter aberto a porta para a senhorita, mas hesitei em sugerir tal medida.

Poderia ter despertado suas suspeitas.

Pat riu.

— Vamos, *monsieur* — exortou Poirot a Donovan —, telefone para a polícia. Vou descer ao andar de baixo.

Pat o acompanhou e explicou a Jimmy a presença do detetive. Poirot ouviu com atenção enquanto o rapaz relatava as aventuras da noite.

— O senhor disse que a porta do ascensor não estava trancada? E não conseguiram acender a luz da cozinha? — e Poirot atravessou o corredor e apertou o interruptor. — *Tiens! Voilà ce qui est curieux!* — disse ele quando a luz se acendeu. — Está funcionando muito bem agora. Será que... — nesse instante ele levou um dedo aos lábios pedindo silêncio, e escutou. Um som ritmado quebrava a quietude da noite, o ruído inconfundível de alguém que roncava. — Ah! *La chambre de domestique.*

O detetive atravessou pé ante pé a cozinha até uma pequena área. Abriu uma porta e acendeu a luz. O cubículo era aquilo que as companhias construtoras designam otimisticamente como quarto de empregada, e mal acomodava uma cama onde uma garota de

bochechas rosadas ressonava placidamente com a boca aberta.

Poirot apagou a luz e bateu em retirada.

— Ela não acordou — disse ele. — Vamos deixá-la dormir até que a polícia chegue.

Voltaram à sala. Donovan acabara de entrar.

— A polícia virá imediatamente — ele estava ofegante. — Ninguém deve tocar em nada.

Poirot fez um gesto de aquiescência.

— Não tocaremos — disse ele. — Vamos só olhar.

Mildred acompanhara Donovan e agora todos os quatro jovens em pé no portal o observavam com interesse.

— Não posso entender uma coisa, senhor — disse Donovan. — Como fui sujar a mão de sangue se não cheguei perto daquela janela?

— Meu jovem amigo, a resposta está bem na sua frente. De que cor é a toalha da mesa? É vermelha, não é? Com toda a certeza o senhor apoiou-se na mesa.

— É verdade! Foi assim que... — ele calou-se.

Poirot balançou a cabeça numa afirmativa. Estava curvado sobre a mesa e

indicou com um gesto uma nódoa escura na toalha.

— O crime foi cometido aqui — declarou num tom solene. — Depois levaram o corpo para a janela.

Correu os olhos pela sala. Não se moveu, não tocou em nada. e no entanto os quatro espectadores tinham a impressão de que todos os objetos lhe revelavam seus segredos ocultos. Finalmente Hercule Poirot balançou a cabeça como se estivesse satisfeito.

— Não há dúvida — disse ele.

— Não há dúvida de quê? — perguntou Donovan curioso.

— Não há dúvida de que há móveis demais, você estava certo.

Donovan sorriu.

— Ê, andei por aí aos esbarrões — confessou. — Tudo estava em lugar diferente, fiquei um bocado confuso.

— Nem tudo — disse Poirot.

Donovan o olhou perplexo.

— Estava me referindo aos detalhes idênticos dos apartamentos de um mesmo edifício: as portas, as janelas, a lareira, por exemplo, estão dispostos da mesma forma.

— Onde pretende chegar? — perguntou

Mildred olhando para Poirot com um ligeiro ar de desaprovação.

— Devemos nos expressar com clareza e precisão. É uma mania que eu tenho, *mademoiselle*.

Ouviram passos nas escadas e em segundos três homens apareceram no portal: um inspetor da polícia, um guarda e o médico legista. O inspetor reconheceu Poirot e o cumprimentou quase com deferência, antes de virar-se para o grupo:

— Vou querer ouvir os depoimentos de todos vocês, mas em primeiro lugar...

Poirot o interrompeu:

— Permita-me uma sugestão. Nós cinco subiremos para o apartamento de cima pois a *mademoiselle* vai nos preparar uma omelete, e eu tenho paixão por omeletes. E quando *M. le Inspecteur* terminar o seu trabalho aqui, poderá subir e interrogar-nos com mais calma.

A sugestão foi aceita. Nas escadas Pat disse:

— M. Poirot, o senhor é um amor. Vou lhe preparar uma linda omelete, especialidade minha.

— Ótimo, *mademoiselle*. Sabe, uma vez estive apaixonado por uma linda moça inglesa

parecida com a senhorita, mas infelizmente ela não sabia cozinhar. Talvez tenha sido melhor assim... — havia um leve tom de tristeza na voz de Poirot e Jimmy Faulkener o olhou com curiosidade.

Mas no apartamento ele esforçou-se ao máximo para ser um conviva alegre e divertido. A deprimente tragédia do andar inferior quase foi esquecida. Da deliciosa omelete só restava a lembrança quando os passos do inspetor ressoaram nas escadas. Ele entrou em companhia do médico.

— Bem, M. Poirot, o caso me parece bastante óbvio, bem fora de sua especialidade, embora talvez não seja fácil apanharmos o culpado. Agora gostaria que me contassem como encontraram o corpo.

Donovan e Jimmy deram as explicações necessárias. O inspetor voltou-se para Pat e a repreendeu:

— Não deve se esquecer nunca mais de trancar a porta do ascensor, *miss*. É muito perigoso.

— Não me esquecerei — disse Pat com um estremecimento. — Alguém pode entrar e me matar como aquela pobre mulher.

— Mas o criminoso não entrou por lá —

disse o inspetor.

— Pode nos contar o que descobriu? — pediu Poirot.

— Não sei se devo, mas como se trata do senhor, M. Poirot...

— *Précisément* — disse Poirot —, e esses jovens são discretos.

— Os jornais irão publicar tudo daqui a pouco, de qualquer forma — disse o inspetor. — Bem, a morta é mesmo Mrs. Grant, o porteiro a identificou. Tinha uns trinta e cinco anos. Estava sentada na mesa quando foi atingida por uma bala de pistola de pequeno calibre, provavelmente por alguém que estava sentado em sua frente. Ela caiu sobre a mesa, daí a nódoa de sangue.

— Mas por que ninguém ouviu o tiro? — perguntou Mildred.

— A pistola tinha um silenciador. Por falar nisso, ouviram o berro que a criada soltou quando soube que a patroa estava morta? Não? Bem, isso lhes mostra que ninguém deve ter ouvido nada.

— A empregada não tem nada para contar? — perguntou Poirot.

— Foi sua noite de folga. Ela tem sua própria chave. Voltou às dez horas, tudo

estava em silêncio e ela julgou que a patroa já se deitara.

— Ela não foi à sala de estar?

— Foi. Deixou a correspondência entregue pelo carteiro da noite sobre a mesa, mas não notou nada de anormal, pois o assassino escondera o corpo atrás da cortina.

— Não acha o fato curioso? Por que teria feito isso? — A entonação da voz de Poirot fez com que o inspetor virasse a cabeça:

— Não queria que descobrissem o corpo até que pudesse escapar.

— É uma hipótese, mas continue o seu relato.

— A criada saiu às cinco horas. O doutor aqui diz que a mulher está morta há umas quatro ou cinco horas, não é isso mesmo, doutor?

O médico, homem de poucas palavras, contentou-se em balançar a cabeça afirmativamente.

— Faltam quinze minutos para a meia-noite, agora. Podemos determinar a hora do crime com bastante precisão; achamos isto no bolso da morta — e o inspetor mostrou-lhes uma folha amassada de papel. — Não tenha receio de pegá-la, não tem impressões digitais.

Poirot alisou o papel e leu a curta mensagem escrita em letras de imprensa:

ESTAREI AÍ ESTA NOITE ÀS 7 E MEIA. J. F.

— O assassino não devia ter-se esquecido de um documento tão comprometedor — comentou Poirot devolvendo-o ao inspetor.

— Bem, ele não desconfiava que estava no bolso dela, provavelmente calculou que ela o rasgara. Mas teve o cuidado de limpar meticulosamente a pistola com um lenço de seda. Encontramos a arma sob o cadáver e não tinha nenhuma impressão digital.

— Como sabe que o lenço era de seda? — perguntou Poirot.

— Porque nós o encontramos — disse o inspetor com uma expressão de triunfo. — Deve tê-lo deixado cair quando fechava as cortinas.

Ele nos mostrou um grande lenço branco de seda de boa qualidade. Em letras bem nítidas e legíveis lia-se a um canto: John Fraser.

— John Fraser — disse o inspetor —, o nosso J. F. do bilhete. Já sabemos o nome do assassino, e quando descobrirmos os parentes da morta saberemos onde procurá-lo.

— Não tenho tanta certeza de que o

pegarão assim tão facilmente — disse Poirot. — Esse John Fraser é uma personalidade estranha, cuidadoso e descuidado ao mesmo tempo, marca seus lenços e limpa as impressões digitais, mas esquece-se do bilhete e deixa cair o lenço incriminador...

— Devia estar nervoso — disse o inspetor.

— É possível — retrucou Poirot. — Ninguém o viu entrar no edifício?

— Há sempre muito movimento, o número de apartamentos é grande. Por acaso algum de vocês — disse o inspetor dirigindo-se ao grupo — não viu alguém suspeito deixando o prédio.?

Pat sacudiu a cabeça.

— Nós saímos antes, por volta das sete.

O policial despediu-se e Poirot o acompanhou até a porta:

— Com a sua permissão, gostaria de examinar o apartamento da morta.

— Ora, certamente, M. Poirot. Meus chefes o têm em alto conceito. Vou lhe deixar uma das chaves que tenho. O apartamento deve estar vazio, a empregada foi para a casa de uns parentes, pois teve receio de passar a noite lá.

— Obrigado — disse Poirot, e voltou para

o apartamento de Pat com ar pensativo.

— Não está satisfeito, M. Poirot? — perguntou Jimmy.

— Não, não estou satisfeito.

Donovan o olhou com curiosidade.

— O que o preocupa?

Poirot não respondeu. Ficou em silêncio alguns momentos com o cenho franzido e finalmente ergueu os ombros num gesto de impaciência.

— Vou me retirar, *mademoiselle*. Deve estar bem cansada depois de cozinhar para tantas pessoas, não é?

Pat riu.

— Foi só o omelete, não jantaram aqui. Fomos comer num pequeno restaurante em Soho com Donovan e Jimmy.

— E certamente depois ao teatro, não?

— Acertou. Fomos ver *Os Olhos Castanhos de Caroline*.

— Não deviam ser mais bonitos que os olhos azuis de *mademoiselle* — disse Poirot num galanteio, e desejou mais uma vez uma boa noite a Pat e a Mildred. Esta, atendendo a insistentes apelos de Pat, passaria ali a noite, pois a amiga confessara francamente que não conseguiria dormir sozinha, de pavor.

Os dois jovens acompanharam Poirot. Quando a porta se fechou Poirot antecipou-se às suas despedidas:

— Meus caros jovens, estava sendo sincero quando disse que não estava satisfeito. Vou descer e fazer minha investigaçãozinha particular. Gostariam de me acompanhar?

A proposta foi recebida com entusiasmo. Desceram as escadas e após abrir a porta com a chave recebida do inspetor Poirot não se dirigiu para a sala de estar, como seus companheiros esperavam. Em vez disso foi direto à pequena área junto da cozinha, abriu uma grande lata de lixo metálica e começou a revolver o seu conteúdo com a energia de um terrier. Jimmy e Donovan o observavam espantados.

— *Voilà!* — exclamou, subitamente e com uma expressão triunfante ergueu-se tendo na mão um vidro arrolhado. — Achei o que procurava — e levou cautelosamente o vidro ao nariz. — Ora, que pena, estou resfriado!

Donovan adiantou-se, pegou o vidro e o cheirou, mas como não percebesse nenhum odor, retirou a rolha e levou novamente o recipiente ao nariz antes que Poirot pudesse impedi-lo. Instantaneamente perdeu os

sentidos, mas o detetive, precipitando-se em seu auxílio, conseguiu suavizar sua queda.

— *Imbecile!* Que idéia! Ele não reparou como segurei o vidro com cautela? *Monsieur...* Faulkener, quer me fazer o favor de apanhar um pouco de *brandy*? Vi uma garrafa na sala de estar.

Jimmy saiu apressado, mas quando voltou Donovan já estava sentado protestando que estava bem. Poirot fez-lhe uma pequena preleção sobre a necessidade de cautela ao cheirar uma substância desconhecida.

— Acho que vou para casa — disse Donovan levantando-se ainda trôpego, — Isto é, se não precisam mais de mim. Estou um pouco tonto ainda.

— É uma boa idéia — concordou Poirot. — M. Faulkener, espere por mim um instante, voltarei logo.

Depois de acompanhar Donovan até a porta, Poirot dirigiu-se à sala de estar, onde Jimmy o esperava com uma expressão de perplexidade:

— O que vamos fazer agora, M. Poirot?

— Nada mais. O caso está encerrado.

— Como?

— Agora já sei de tudo.

Jimmy olhou para ele.

— Por causa daquele vidro?

— Exatamente, por causa daquele vidro.

Jimmy sacudiu a cabeça.

— Não consigo entender nada. Só percebo que por alguma razão o senhor não está satisfeito com as provas contra John Frazer, seja lá quem for esse cavalheiro.

— Seja lá quem for — repetiu Poirot com uma expressão pensativa. — Para mim será uma grande surpresa se ele existir.

— Não estou entendendo.

— Esse cavalheiro não passa de um nome, uma marca fictícia num lenço.

— Mas, e o bilhete?

— Não reparou que estava escrito em letras de imprensa? Um trecho datilografado ou em caligrafia corrente são identificáveis, mas um John Fraser de carne e osso não se importaria com isso, não após assinar o bilhete. Não, aquela mensagem é uma pista falsa, colocada propositalmente no bolso da morta para que a encontrássemos. Não existe ninguém chamado John Fraser.

Jimmy o encarou perplexo.

— Com esta dedução voltei ao primeiro detalhe que me atraiu a atenção. Você me

ouviu comentar que existem detalhes idênticos em apartamentos superpostos. Dei-lhes três exemplos, e poderia ter acrescentado um quarto: os interruptores de luz, meu amigo.

Jimmy o olhava ainda sem compreender. Poirot prosseguiu:

— Seu amigo Donovan não passou perto da janela, sujou a mão de sangue na toalha da mesa, e eu perguntei a mim mesmo: por que ele estaria andando pela sala escura? Não se esqueça de que o interruptor fica junto à porta. Por que ele não o acendeu logo? Era o mais natural! Segundo ele, a luz da cozinha estava queimada, mas quando apertei o interruptor ela funcionou perfeitamente. Acuso ele não estaria evitando que você percebesse que haviam se enganado de apartamento? Não teria então um pretexto para vir a esta sala.

— A que ponto está querendo chegar, M. Poirot?

— A este — disse o homenzinho mostrando-lhe uma chave Yale.

— É a chave deste apartamento?

— Não, *mon ami*, é a chave do apartamento de cima, a chave de *Mademoiselle* Patrícia, que M. Donovan surrupiou de sua bolsa em algum momento desta noite.

— Mas por quê? Qual a razão?

— *Parbleu!* Para que pudesse realizar seu intento: entrar nesse apartamento de uma forma inteiramente inocente. Tivera a precaução de destrancar a porta do ascensor.

— Onde achou essa chave?

Poirot sorriu.

— Acabei de encontrá-la onde deduzi que estaria: no bolso de M. Donovan. Entenda, aquele vidro não estava na lixeira, foi um ardil, e M. Donovan caiu como um patinho na armadilha. Consegui meu intento: ele aspirou o conteúdo, clorido de etila, um anestésico muito poderoso e instantâneo. Ficou inconsciente alguns segundos, o suficiente para que eu tirasse de seu bolso os dois objetos que procurava. Esta chave é um deles.

Ele fez uma pausa e prosseguiu:

— Não me pareceu plausível a explicação do inspetor para o fato do corpo estar escondido atrás da cortina. Somente para ganhar tempo? Um outro pensamento me ocorreu: o correio! O carteiro da noite passa mais ou menos às nove e meia, e digamos que o assassino, não tendo encontrado o que procurava, tenha deduzido que este algo possa ser entregue pelo correio noturno. Ele

precisava voltar e resolve esconder o corpo para impedir que a criada o descubra e chame a polícia. Sem suspeitar de nada, esta deixa a correspondência sobre a mesa, como sempre.

— Uma carta?

— Exatamente, eis o outro objeto que retirei do bolso de M. Donovan quando estava inconsciente — e Poirot mostrou-lhe um envelope endereçado a “Mrs. Ernestine Grant”. — Mas antes de vermos seu conteúdo, quero lhe fazer uma pergunta: o senhor está apaixonado por *Mademoiselle Patrícia*?

— Sou louco por ela, mas não creio que tenha chance.

— Pensou que ela gostasse de M. Donovan? É possível que ela tenha começado a se apaixonar por ele, mas foi só um prelúdio, meu amigo. Cabe-lhe fazê-la esquecer, dar-lhe o seu apoio nessa hora difícil.

— Hora difícil? — estranhou Jimmy.

— Exatamente, meu amigo. Faremos o possível para conservar o nome dela longe deste caso, mas não conseguiremos abafar totalmente a ligação. Sabe, ela foi o motivo do crime.

Poirot rasgou o envelope e um documento caiu ao chão. Anexa vinha uma carta de uma

firma de advogados:

“Cara senhora,

A certidão anexa é perfeitamente legal. O fato do casamento ter sido realizado num país estrangeiro não o invalida.

A seu dispor...”

Poirot apanhou a outra folha. Era uma certidão de casamento de Donovan Bailey e Ernestine Grant, com data de oito anos atrás.

— Meu Deus! — exclamou Jimmy. — Patty recebeu hoje uma carta dessa mulher dizendo que precisava falar-lhe, mas ela nunca imaginou que o assunto fosse importante!

Poirot balançou a cabeça num gesto de compreensão.

— Mas M. Donovan sabia do que se tratava, e veio ao apartamento da mulher pouco antes de subir à casa de Pat. Aliás foi uma estranha ironia do destino que conduziu esta mulher para o mesmo prédio de sua rival. Ele matou a esposa a sangue-frio e subiu para passar uma alegre noite com sua nova paixão. Antes de ser assassinada a esposa deve ter-lhe dito que mandara a certidão a seus advogados e esperava uma resposta ainda hoje. Com toda a certeza ele havia tentado convencê-la de que o casamento não era

válido.

— E ele esteve tão bem-humorado a noite toda! — Jimmy estremeceu. — M. Poirot, será que não o deixou escapar?

— Para ele não há escapatória possível — disse Poirot com gravidade,. — Não tenha receio.

— É Pat quem me preocupa. Acredita que ela o amava?

— *Mon ami*, cabe a você fazê-la esquecer. Não acredito que a tarefa seja difícil...

O Duplo Delito

Ao visitar meu amigo Poirot, encontrei-o sobrecarregado de trabalho. Tal era sua fama, que toda grã-fina que desse por falta de uma pulseira, ou perdesse seu gatinho de estimação, recorria imediatamente aos serviços do grande Hercule Poirot. Meu amigo era uma estranha mistura de parcimônia flamenga e fervor artístico, e aceitava muitos casos pouco interessantes quando o primeiro instinto predominava. Mas quando o problema o interessava, envolvia-se embora o caso não compensasse financeiramente. O resultado é que trabalhava demais. Ele mesmo admitiu o fato, e não tive dificuldades de convencê-lo a me acompanhar numa semana de férias a Ebermouth, o conhecido balneário da costa sul da Inglaterra.

Quatro dias agradabilíssimos haviam decorrido quando Poirot me procurou com uma carta nas mãos:

— Lembra-se de meu amigo Joseph Aarons, o empresário teatral?

Aquiesci após uns momentos de reflexão. Os amigos de Poirot são em grande número e

variados, incluindo garis e duques.

— *Eh bien*, Hastings, Joseph Aarons está em Charlock Bay. Sua saúde não está boa, e alguma coisa o preocupa. Ele é um amigo fiel, e me auxiliou muito no passado. O bom Joseph me pede para ir vê-lo, e creio que atenderei o seu chamado.

— E tem toda razão — disse eu. — Ouvi dizer que Charlock Bay é um lugar lindo.

— Então poderemos unir o útil ao agradável — disse Poirot. — Pode se informar sobre o horário dos trens?

— É provável que tenhamos algumas baldeações pelo caminho — disse eu com uma careta. — Sabe como são esses trens do interior. Às vezes leva-se um dia inteiro para ir do sul até o norte de Devon.

Entretanto descobri que a viagem só incluía uma baldeação em Exeter, em trens confortáveis. Voltava apressado para transmitir essa informação a Poirot quando vi anunciado na vitrina da Agência de Transportes Rápidos uma excursão de um dia a Charlock Bay. “Amanhã” — dizia o cartaz — “Saída às 8:30. O trajeto inclui algumas das mais belas paisagens de Devon”. Pedi detalhes e voltei ao hotel cheio de entusiasmo.

Infelizmente Poirot não compartilhou da minha animação.

— Meu amigo, onde arranjou essa súbita paixão pelas jardineiras?² Os trens são muito mais seguros, sem pneus passíveis de um estouro, nem vento excessivo, e o risco de acidentes é muito menor. Poderemos fechar as janelas e evitar correntes de ar.

Insinuei delicadamente que as delícias do ar fresco constituíam para mim um dos atrativos das jardineiras.

— E se chover? O clima inglês é muito instável.

— A jardineira tem capota. Além disso, se chover muito, a excursão será cancelada.

— Ah! — fez Poirot. — Então vamos torcer para que chova.

— Se você faz tantas objeções...

— Não, não, *mon ami*. Estou vendo que a perspectiva o entusiasma, e felizmente trouxe meu sobretudo e dois cachecóis — e ele suspirou. — Ao menos teremos tempo suficiente em Charlock Bay?

— Bem, precisaremos passar a noite lá. Daremos a volta por Dartmoor, almoçaremos

² Nota do tradutor: Este livro data de 1925, quando era corrente o uso desses ônibus abertos.

em Monkhampton e por volta das quatro chegaremos a Charlock Bay. A jardineira inicia a viagem de volta às cinco e chega aqui às dez da noite.

— Imagine só! E ainda há gente que faz uma viagem dessas por prazer! Naturalmente teremos um desconto, já que não voltaremos na jardineira.

— Não acho muito provável, não.

— Mas você deve fazer questão do desconto!

— Vamos, Poirot, não seja tão parcimonioso. Você está praticamente nadando em dinheiro.

— Meu amigo, é uma questão de princípio. Ainda que fosse milionário só pagaria o preço justo e razoável.

Entretanto, como eu previra, desta vez Poirot perdeu. O cavalheiro do guichê da Agência de Transportes Rápidos,, embora calmo e amável, manteve-se inflexível. Segundo seu ponto de vista deveríamos fazer a excursão completa. Chegou até mesmo a insinuar que deveríamos pagar uma taxa extra pelo privilégio de saltar em Charlock Bay. Derrotado, Poirot pagou a quantia exigida e saímos.

— Os ingleses não têm noção de dinheiro — ele resmungou. — Reparou naquele jovem que pretende saltar em Monkhampton e no entanto pagou a passagem inteira?

— Não. Para falar a verdade...

— Você estava observando aquela bela mocinha que reservou o banco número cinco, junto aos nossos. Vi muito bem, meu amigo, e foi por causa dela que você protestou dizendo que os lugares quatro e cinco eram melhores, quando eu quis reservar o quatorze e o quinze, bem no centro e protegidos.

— Ora, Poirot... — disse eu corando.

— Os cabelos castanhos avermelhados são o seu fraco, não?

— De qualquer maneira valia mais a pena olhar para ela do que para o tal rapaz.

— Depende do ponto de vista. A mim, o jovem interessou.

Uma entonação estranha na voz de Poirot atraiu minha atenção.

— Por quê? De que maneira?

— Ah, não se exalte, ele me interessou porque estava deixando crescer o bigode e o resultado era desanimador — Poirot acariciou com orgulho sua imponente bigodeira. — Cultivar um bigode é uma arte. Tenho simpatia

por todos que a praticam.

Era sempre difícil saber quando Poirot falava sério, ou quando estava simplesmente se divertindo à custa dos outros. Achei mais prudente cortar o assunto.

O dia seguinte amanheceu limpo e ensolarado, uma belíssima manhã. Poirot, entretanto, não ia se arriscar. Usava um colete de lã, um sobretudo, uma capa impermeável, e dois cachecóis, além de trajar o seu terno mais grosso. Antes de sairmos engoliu dois comprimidos antigripais e enfiou mais alguns no bolso.

Levamos conosco duas pequenas valises. A bela mocinha que víamos na véspera também levava uma. Assim como o jovem que despertara a simpatia de Poirot. Mais ninguém trazia bagagem. O motorista guardou as quatro valises no compartimento próprio e ocupamos nossos lugares.

Poirot, com malícia, deixou-me o banco da ponta, “já que eu tinha mania de ar fresco”, e sentou-se junto à nossa bela companheira. Dali a pouco, entretanto, a pretexto de que o ocupante do banco seis era tagarela e atrevido, ofereceu-se, em voz baixa, para trocar de lugar com a mocinha. Ela concordou, agradecida, e

entabulamos uma conversa agradável e animada.

Ela era bem jovem, com menos de vinte anos, e ingênua como uma criança. Logo confiou-nos o objetivo de sua viagem. Ia a Charlock Bay a serviço de sua tia, proprietária de uma loja de antigüidades em Ebermouth. Esta senhora ficara numa situação precária com a morte do pai e empregara o seu pequeno capital e o punhado de belos objetos que ornamentavam sua casa para abrir a loja. Obtivera grande sucesso e firmara sua reputação no ramo. A moça, Mary Durrant, estava morando com a tia para iniciar-se no negócio, e estava muito entusiasmada com o trabalho, achando-o muitas vezes superior à alternativa de tornar-se uma governanta ou dama de companhia.

Poirot ouviu-a com interesse e demonstrou sua aprovação:

— Estou certo de que *mademoiselle* terá sucesso em sua profissão — disse ele com galanteria. — Mas permita-me um conselho: não seja demasiado confiante. O mundo está cheio de pilantras e vigaristas. Pode encontrá-los até mesmo aqui nessa jardineira. Deve estar sempre alerta, e suspeitar de todos!

Ela o encarou com uma expressão de pasmo, e ele sacudiu a cabeça, com um ar solene.

— É, não tenha dúvidas, não. Até eu posso ser um malfeitor da pior espécie — e seus olhos brilharam divertidos ante o rosto surpreso da moça.

Paramos em Monkhampton para almoçar. Após umas palavras com o garçom, Poirot nos arranjou uma mesa para três junto à janela. Fora, num grande pátio, umas vinte jardineiras estavam estacionadas, procedentes de todo o país. O restaurante do hotel estava repleto e o barulho era considerável.

— Essa atmosfera de férias atordoa um pouco, não? — disse eu com uma careta.

Mary Durrant concordou.

— Os verões em Ebermouth não são mais como antigamente. As calçadas estão sempre apinhadas de gente. Minha tia costuma dizer que era muito diferente.

— Mas o turismo é bom para o comércio local, *mademoiselle*.

— Para nós não faz diferença. Só vendemos objetos raros e valiosos, nada de quinquilharia barata. Minha tia tem fregueses em todo o país. Quando querem uma mesa ou

uma cadeira de um determinado período, escrevem para ela, e mais cedo ou mais tarde ela arranja o que procuram. Foi o que aconteceu há pouco tempo.

Mostramo-nos interessados e ela explicou. Um certo cavalheiro americano, Mr. J. Baker Wood, era *connaissanceur* e colecionador de miniaturas. Um jogo muito valioso de miniaturas havia sido posto à venda recentemente e fora adquirido por Miss Elizabeth Penn, a tia de Mary. Ela escrevera a Mr. Wood, descrevendo a mercadoria e ele respondera imediatamente que estava disposto a comprá-la se correspondesse à descrição. Pediu que as miniaturas fossem levadas a Charlock Bay, onde estava hospedado. E ali seguia a nossa amiga como representante da firma.

— Elas são lindas, sem dúvida alguma — disse a moça — mas não posso imaginar como exista alguém disposto a pagar quinhentas libras por elas. É muito dinheiro. Foram pintadas por Cosway.... será que o nome é esse mesmo? Ainda me confundo toda nesses detalhes.

Poirot sorriu.

— *Mademoiselle* ainda não tem muita

experiência, não é?

— Não tive nenhum preparo especial para esse ramo — disse ela aborrecida. — Nunca me ensinaram nada sobre coisas antigas, tenho muito que aprender — disse ela num suspiro. De repente arregalou os olhos. Seu lugar era em frente à janela, e estivera olhando para o pátio. Com uma exclamação levantou-se e saiu, quase correndo. Voltou em poucos minutos, ofegante, e desculpou-se:

— Sinto muito ter saído correndo daquele jeito, mas pensei ter visto um homem tirando minha mala da jardineira. Corri atrás dele, mas a mala era dele mesmo. Era quase igual a minha e fiquei com cara de boba. Parecia que eu o estava acusando de ladrão — e ela riu-se à lembrança.

Poirot entretanto não riu.

— Como era esse homem, *mademoiselle*? Descreva-o para mim.

— Vestia um terno marrom, um rapaz magricela com um bigode bem ralo.

— Haha! — fez Poirot. — É o nosso amigo, Hastings. Conhece esse homem, já o viu antes?

— Não, nunca. Por quê?

— Nada. É curioso, é só.

Ele calou-se e não tomou mais parte na

conversa até que uma frase de Mary Durrant atraiu sua atenção.

— O que disse, *mademoiselle*?

— Na viagem de volta precisarei tomar cuidado com os malfeitores, pois Mr. Wood sempre paga em dinheiro sonante. E com quinhentas libras em meu poder serei uma bela isca para ladrões.

Ela tornou a rir, mas Poirot não a acompanhou. Em vez disso perguntou-lhe onde iria hospedar-se em Charlock Bay.

— No Anchor Hotel. É pequeno e não é dispendioso, mas é bem razoável.

— Ora, no mesmo hotel em que vamos ficar! — Poirot piscou para mim.

— Vão demorar-se muito em Charlock Bay? — perguntou Mary.

— Só uma noite. Tenho um trabalho a realizar. Não adivinha qual é a minha profissão, *mademoiselle*?

Vi que Mary pesava várias hipóteses e as rejeitava, provavelmente por cautela. Afinal arriscou o palpite de que Poirot era um mágico. Ele ficou encantado.

— Ah, que bela idéia! Então *mademoiselle* pensa que tiro coelhos de uma cartola? Não, não, eu sou o oposto de um mágico. Um

mágico faz desaparecer objetos, e eu os faço aparecer! — ele inclinou-se diante dela e disse num tom melodramático para dar mais impacto à sua revelação: — É segredo, *mademoiselle*, mas vou lhe contar: sou um detetive!

Ele recostou-se na cadeira satisfeito com o resultado obtido. Mary Durrant o olhava estupefacta. Mas a conversa foi interrompida pelo ronco das buzinas anunciando que o nosso veículo estava pronto para retomar o caminho.

Poirot e eu saímos juntos comentando o encanto de nossa companheira de viagem.

— Ela é mesmo encantadora — disse ele.
— Mas avoada.

— Avoada?

— Não se exalte, Hastings. Uma moça pode ser linda, com belos cabelos avermelhados, e ainda assim ser avoada. É o cúmulo da insensatez confiar em dois estranhos, como ela fez.

— Bem, ela viu que éramos pessoas honestas.

— Isso é uma tolice, meu amigo. Qualquer bom vigarista tem uma aparência perfeitamente respeitável. Aquela mocinha

disse que precisaria ter cuidado quando tivesse as quinhentas libras em seu poder. Mas ela já as tem, nesse momento.

— Em miniaturas.

— Exatamente, em miniaturas, *mon ami*. E não há muita diferença.

— Mas ninguém sabe disso além de nós.

— Nós, o garçom, o pessoal da mesa ao lado, e com certeza muita gente em Ebermouth. *Mademoiselle* Durrant é encantadora, mas se eu fosse Miss Elizabeth Penn primeiro lhe daria lições de bom senso — ele calou-se e acrescentou mudando de tom: — Meu amigo, seria a coisa mais fácil da mundo roubar uma valise desta jardineira enquanto estávamos almoçando.

— Ora, vamos, Poirot, alguém veria, com toda a certeza.

— Veria o quê? Uma pessoa retirando a sua bagagem. O ladrão poderia agir abertamente e ninguém suspeitaria.

— Poirot, você está insinuando que... Mas a valise que o rapaz de terno marrom levou era dele mesmo.

Poirot franziu a testa.

— É, parece. De qualquer forma é curioso que ele não tenha retirado a bagagem logo. que

chegamos. Não sei se você notou que ele não almoçou aqui, Hastings.

— Se Miss Durrant não estivesse em frente da janela nem o teria visto — disse eu lentamente.

— E não teria importância, pois a mala era dele — disse Poirot. — Portanto vamos esquecer este assunto, meu amigo.

Apesar dessas palavras, quando a viagem recomeçou, ele aproveitou a oportunidade para fazer a Miss Durrant mais uma pequena preleção sobre os perigos da indiscrição. Ela ouviu com complacência, com um leve sorriso.

Chegamos a Charlock Bay às quatro horas e tivemos a sorte de conseguir quartos no Anchor Hotel, uma encantadora e antiquada hospedaria numa das ruas secundárias.

Poirot abriu a mala e passava uma pomada nos bigodes preparando-se para uma visita a Joseph Aarons, quando ouvimos batidas insistentes em nossa porta. — Entre — gritei, e para meu mais completo espanto, a porta abriu-se e lá estava Mary Durrant com o rosto muito pálido e os olhos cheios de lágrimas.

— Peço-lhes desculpas, mas aconteceu

uma coisa horrível. As miniaturas desapareceram! Elas estavam nesse estojo de crocodilo dentro da minha mala, vejam! — e ela estendeu-o a Poirot. A fechadura fora forçada, os sinais eram evidentes. — Elas sumiram, foram roubadas. O que farei agora?

— Não se preocupe — disse eu. — Meu amigo é Hercule Poirot. A senhorita deve ter ouvido falar nele. Se for possível recuperar as suas miniaturas, ele o fará.

— *Monsieur Poirot!* O grande *Monsieur Poirot!*

Poirot era vaidoso, e a óbvia admiração na voz da moça deve ter-lhe sido agradável.

— Sim, minha filha, sou eu mesmo. Deixe o seu problema em minhas mãos, farei todo o possível. Mas receio que seja tarde demais. Diga-me, a fechadura da mala também foi forçada?

Ela sacudiu a cabeça numa negativa.

— Deixe-me vê-la.

Fomos ao quarto dela e Poirot examinou a mala com cuidado. Não havia sinais de arrombamento.

— As fechaduras dessas malas são todas muito semelhantes, não haveria grande dificuldade em abri-la com outra chave. *Eh*

bien, precisamos telefonar à polícia e entrar em contato com Mr. Baker Wood o mais cedo possível. Tratarei disso pessoalmente.

Saímos e perguntei-lhe o que insinuara com aquele “tarde demais”.

— *Mon cher*, apesar de eu ser o oposto de um mágico e fazer reaparecer objetos perdidos, talvez alguém tenha se antecipado a mim. Ainda não compreendeu? Compreenderá dentro de um minuto.

Ele dirigiu-se a uma cabina telefônica, de onde saiu, depois de alguns minutos de conversa, com uma expressão taciturna.

— O que receava, aconteceu. Uma senhora procurou Mr. Wood há meia hora dizendo-se enviada por Miss Elizabeth Penn. Ele ficou encantado com as miniaturas e pagou imediatamente o preço pedido.

— Há meia hora? Foi antes de chegarmos aqui! E o que faremos agora?

— Meu bom Hastings, sempre o homem prático! Vamos informar a polícia e ter uma entrevista com Mr. J. Baker Wood. Faremos por Miss Durrant o que estiver em nosso alcance.

A infeliz Mary estava terrivelmente preocupada com receio de que a tia a culpasse

pelo acontecido.

— O que ela fará, muito provavelmente, com toda razão, — comentou Poirot quando saímos para o Hotel Beiramar onde Mr. Wood estava hospedado. — Que idéia a dela, ir almoçar e deixar quinhentas libras em objetos valiosos dentro da jardineira! Mas há detalhes desse caso que são curiosos, meu amigo. Por que forçaram a fechadura daquele estojo?

— Para tirar as miniaturas, ora.

— Parece-me uma tolice. Imagine o ladrão remexendo naquela mala, a pretexto de retirar sua bagagem. Não era muito mais simples transferir o estojo para a sua valise e safar-se, do que perder tempo forçando fechaduras?

— Ele queria certificar-se de que as miniaturas estavam ali.

Poirot não pareceu convencido, mas naquele instante fomos admitidos aos aposentos de Mr. Wood e não houve tempo para mais discussões.

Senti uma antipatia instantânea por Mr. Baker. Era um homem grandalhão, de aspecto vulgar, com roupas espalhafatosas e um grande solitário no dedo. Mostrou-se agressivo e loquaz.

Não, não suspeitara de nada. E por que

haveria de suspeitar? A mulher trouxera as miniaturas e eram belos exemplares. Não, não tomara nota dos números das notas. E quem era Poirot para lhe fazer tantas perguntas?

— Só lhe pedirei mais uma informação, *monsieur*. Descreva-me essa mulher, por favor. Acaso era jovem e bonita?

— Não senhor, de forma alguma. Era uma mulher de meia-idade, alta, de cabelos grisalhos, pele manchada e buço marcado. Estava longe de ser uma sereia sedutora.

— Poirot! — exclamei quando saímos. — Ouvi-o mencionar o bigode?

— Minha audição felizmente é normal, Hastings.

— E que homem desagradável!

— Ê, suas maneiras estão longe de ser modelares.

— Bem, deve ser fácil agarrar o ladrão — comentei. — Nós poderemos identificá-lo. Acredita que ele tenha um álibi?

— Espero que sim, sinceramente — respondeu Poirot, para minha surpresa.

— O seu problema é que gosta de complicar as coisas.

— Tem razão, *mon ami*. Eu não gosto... como dizer? Eu não gosto da caçada sem

emoções.

A profecia de Poirot realizou-se. Nosso companheiro de viagem de terno marrom chamava-se Mr. Norton Kane. Fora direto ao George Hotel em Monkhampton e lá passara toda a tarde. A única prova contra ele era o fato de Miss Durrant tê-lo visto mexer no depósito de bagagens.

— O que é um ato inocente, em si — disse Poirot com um ar pensativo.

Após esse comentário ele ficou em silêncio o recusou-se a discutir mais o assunto dizendo, quando o pressionei, que estava pensando em bigodes em geral, e que eu deveria seguir o seu exemplo.

Descobri porém que ele pedira informações a Joseph Aarons, com quem jantara, sobre Mr. Baker Wood. Como estavam ambos hospedados no mesmo hotel, havia a possibilidade de colher alguns dados. Mas Poirot guardou para si o que conseguira descobrir.

Mary Durrant, depois de interrogada pela polícia, voltara a Ebermouth pelo primeiro trem da manhã. Almoçamos com Joseph Aarons, e à tarde Poirot declarou ter resolvido satisfatoriamente o problema de seu velho

amigo, e estar livre para retornar a Ebermouth.

— Mas desta vez, vamos de trem.

— Está com receio de deparar com algum ladrão de carteiras, ou alguma outra donzela em perigo?

— Isso pode acontecer tanto numa jardineira quanto num trem. Não, tenho pressa em chegar a Ebermouth e resolver o nosso caso.

— Nosso caso?

— Exatamente, meu amigo. *Mademoiselle* Durrant procurou minha ajuda. Só porque a polícia assumiu as rédeas da investigação, não quer dizer que eu vá lavar minhas mãos. Ninguém dirá que Hercule Poirot abandonou um estranho em dificuldades! — disse ele com um ar majestoso.

— Penso que o seu interesse é ainda anterior a todos esses acontecimentos — eu arrisquei. — Começou na agência de viagens quando viu aquele rapaz, embora não saiba o que despertou a sua atenção.

— Pois devia saber, Hastings. Mas vou guardar esse pequeno segredo, por enquanto.

Antes de partirmos, trocamos algumas palavras com o inspetor da polícia encarregado do caso. Ele havia interrogado Mr. Norton

Kane, e revelou confidencialmente a Poirot que a reação do jovem não o impressionara de modo favorável. O rapaz ficara nervoso, negara a acusação, mas fizera declarações contraditórias.

— Mas ainda não sei como deu o golpe — confessou o inspetor. — Talvez tenha entregue as miniaturas a um cúmplice que seguiu imediatamente de carro para Charlock Bay. Mas por enquanto são só teorias. Precisamos encontrar esse cúmplice para poder acusá-lo.

Poirot balançou a cabeça pensativo.

— Concorda com a teoria do inspetor? — perguntei a Poirot no trem.

— Não, meu amigo. Foi um golpe ainda mais inteligente.

— Não vai me contar o que sabe?

— Ainda não. Você conhece minhas fraquezas. Gosto de manter meus segredos até o final.

— E o final está próximo?

— Muito próximo.

Chegamos a Ebermouth um pouco depois das seis, e Poirot dirigiu-se imediatamente à loja de antiguidades de Miss Elizabeth Penn. A porta estava fechada, mas Poirot tocou a campainha e dali a pouco a própria Mary veio

abrir a porta. Pareceu surpresa e encantada ao ver-nos.

— Por favor, entrem. Minha tia está lá dentro.

Ela nos levou a uma sala nos fundos. Uma velha senhora de cabelos brancos, pele rosada e olhos azuis, parecendo ela própria uma delicada miniatura antiga, recebeu-nos. Usava em volta dos ombros uma mantilha de renda finíssima.

— É o grande *Monsieur* Poirot? — disse ela numa voz suave e agradável. — Mal posso acreditar. O senhor está realmente disposto a nos auxiliar?

Poirot olhou-a por um momento e fez-lhe uma mesura.

— *Mademoiselle* Penn, é uma visão encantadora. Mas alguma vez considerou a hipótese de deixar crescer o bigode?

Miss Penn prendeu a respiração e recuou.

— A senhora não estava em sua loja ontem, não é?

— Estive aqui de manhã, mas à tarde senti uma forte dor de cabeça e fui para casa.

— Para casa, não, *mademoiselle*. Pensou que uma mudança de ares faria bem a sua enxaqueca, não foi? O ar de Charlock Bay é

muito revigorante, não é? — Poirot me pegou pelo braço e andou em direção à porta. Antes de sairmos, ele voltou-se para ela:

— Compreenda, eu sei de tudo. A sua encenação deve ter um fim — havia uma ameaça em sua voz.

Miss Penn, muito pálida, balançou a cabeça numa aquiescência muda. Poirot virou-se para a moça:

— *Mademoiselle* — ele disse com gentileza —, é jovem e encantadora. Mas se continuar a envolver-se em tais aventuras, sua juventude acabará indo fenecer atrás das grades de uma prisão. E eu, Hercule Poirot, digo-lhe que será uma pena!

Ele abriu a porta e saiu, e eu o segui, atordado.

— Desde o começo eu estava intrigado, *mon ami*. Aquela moça interessou-se subitamente por nosso companheiro Mr. Kane quando ele reservou passagem até Monkhampton. Por que motivo? Ele não era do tipo que atrai a atenção de uma mulher. Quando tomamos a jardineira tive a intuição de que algo anormal iria se passar. Quem viu o jovem remexer na bagagem? Só a nossa amiga, e lembre-se de que ela escolheu o lugar de

frente para a janela, uma escolha pouco feminina. Depois ela nos procura com aquela história de roubo, e nada justificava terem forçado a fechadura do estojo, como eu disse naquela altura.

— E qual é o resultado disso tudo? — prosseguiu Poirot. — Mr. Baker Wood pagou um bom dinheiro por mercadoria roubada, que será devolvida a Miss Penn. Ela tornará a vendê-la, e ganhará mil libras, em vez de quinhentas. Fiz algumas perguntas discretas e descobri que seus negócios vão mal, está à beira da falência. E então disse a mim mesmo: a tia e a sobrinha são cúmplices dessa falcatrua.

— E nunca suspeitou de Norton Kane?

— *Mon ami!* Com um bigode daqueles? Um criminoso usa o rosto escanhado, ou então um bigode de verdade que possa ser removido. Mas aqueles fiozinhos tímidos? . . . Que oportunidade para uma senhora idosa de pele clara! Basta ela enfiar uns sapatos pesados, acrescentar umas manchas a sua pele e uns cabelinhos esparsos ao lábio superior e qual o resultado? Uma mulher com um jeito masculino, na opinião de Mr. Wood. E nós julgaríamos logo tratar-se de um homem

disfarçado em mulher!

— Ela foi mesmo a Charlock Bay ontem?

— Com toda a certeza. O trem, como você me informou, sai daqui as onze e chega a Charlock Bay às duas horas. E o trem de retorno é ainda mais rápido: sai de lá às quatro e cinco e chega aqui às seis e quinze. Não, as miniaturas nunca estiveram naquele estojo. Ele foi forçado antes da viagem. Mary só precisava encontrar dois bobos que se deixassem envolver por seus encantos e estivessem dispostos a se transformar em defensores da beleza desvalida ... Mas acontece que um dos bobos não era bobo, e sim, Hercule Poirot.

Não gostei da indireta e retruquei:

— E você me tapeou deliberadamente com aquela conversa de ajudar estranhos em dificuldades!

— Eu nunca o enganei, Hastings. Só permiti que você se enganasse a si próprio. Referia-me a Mr. Baker Wood, um hóspede estrangeiro nessas plagas — e seu rosto assumiu uma expressão indignada: — Ah, quando penso naquela exploração, naquele abuso de cobrar por uma passagem de ida a Charlock Bay o mesmo preço de ida e volta,

sinto meu sangue ferver! Mr. Baker Wood não é um homem agradável, nem simpático, mas é um visitante numa terra alheia. E nós precisamos nos unir, Hastings. É preciso proteger os visitantes!

O Mistério de Market Basing

— Não há nada como o campo, não é verdade? — perguntou o inspetor Japp inspirando sofregamente pelo nariz e soltando o ar pela boca, na forma recomendada pelos entendidos.

Poirot e eu concordamos plenamente. Partira do inspetor da Scotland Yard a idéia de passarmos o fim de semana em Market Basing, uma cidadezinha do interior. Nas horas de folga Japp era um ardoroso botânico e discorria sobre flores minúsculas com estranhos nomes em latim (pronunciados de forma ainda mais estranha), com mais entusiasmo do que dedicava a seus casos.

— A grande vantagem está em não conhecermos ninguém aqui, nem ninguém nos conhecer — declarou Japp.

A verdade não era bem essa, pois o representante local da polícia já servira em um lugarejo a vinte e cinco quilômetros dali, onde estivera em contato com o nosso inspetor devido a um envenenamento por arsênico. Entretanto mostrara-se tão encantado ao rever o grande homem que Japp sentia-se eufórico

naquela manhã de domingo. O sol brilhava e as jardineiras da janela da sala de refeições da hospedaria estavam cheias de margaridas em flor. Os ovos com *bacon* estavam excelentes, e o café, embora não da mesma qualidade, era passável e bem quente.

— Isto é que é vida! — disse Japp. — Quando me aposentar vou comprar um sitiozinho no campo, bem longe do crime.

— *Le crime, il est partout* — retrucou Poirot, servindo-se de uma fatia de pão de centeio e franzindo o cenho a um pardal que pousara no peitoril da janela.

— É, ninguém sabe o mal que se esconde no coração dos homens — disse eu, achando o momento apropriado para uma citação.

— Hum — fez Japp recostando-se pachorrento —. acho que vou pedir mais um ovo e umas fatias de *bacon*. Que acha da idéia, capitão?

— Eu o acompanho — respondi com entusiasmo. — E você, Poirot?

O homenzinho sacudiu a cabeça.

— Não se deve encher o estômago a ponto de impedir o funcionamento do cérebro.

— Eu vou me arriscar — disse Japp rindo. — Meu estômago é grande. Por falar

nisso, está engordando um pouco, M. Poirot. Ei, *miss*, mais dois pratos de ovos com *bacon*.

Nesse momento, entretanto, um vulto imponente bloqueou a entrada. Era o guarda Pollard.

— Espero que não se aborreçam com esta interrupção, senhores, mas gostaria de que o inspetor me desse uma mãozinha.

— Estou de folga, não quero nada com o trabalho — foi logo dizendo Japp. — Mas o que aconteceu?

— O inquilino da mansão dos Leigh suicidou-se com um tiro na cabeça.

— Bem, isso acontece — disse Japp prosaicamente. — Deve ter sido por causa de dinheiro, ou talvez de uma mulher. Sinto não poder ajudá-lo, Pollard.

— O problema é que, na opinião do Dr. Giles, ele não poderia ter-se matado.

Japp pousou a xícara no pires.

— *Não* poderia ter-se matado? O que quer dizer com isso?

— É o que o Dr. Giles diz — repetiu o guarda. — Segundo ele é completamente impossível, e não vê como pode ter sido, pois a porta estava fechada a chave e a janela bem trancada. E ele insiste em afirmar que o

homem não poderia ter-se suicidado.

Essa curiosa declaração resolveu o assunto. Desfizemos o pedido tentador de mais ovos e *bacon* e em poucos minutos andávamos a toda pressa em direção da mansão dos Leigh, enquanto Japp ia fazendo perguntas ao policial.

O morto chamava-se Walter Protheroe, um homem solitário de meia-idade que chegara a Market Basing há oito anos e alugara a velha mansão dos Leigh, um casarão arruinado. Utilizava uma das alas da casa, servido por uma governanta vinda em sua companhia. Miss Clegg, uma mulher educada e bem conceituada na comunidade. Há poucos dias Mr. Protheroe recebera dois hóspedes, um casal de Londres, Mr. e Mrs. Parker.

Nesta manhã, não obtendo resposta ao chamar o patrão e encontrando a porta trancada a chave, Miss Clegg se alarmara e telefonara ao médico e ao policial. Foram necessários seus esforços conjugados para arrombar a pesada porta de carvalho.

Encontraram Mr. Protheroe caído ao chão com uma bala na cabeça e a pistola em sua mão direita. Parecia um caso óbvio de suicídio.

Entretanto, depois de examinar o corpo, o

Dr. Giles sentira-se intrigado e confiara suas dúvidas ao guarda Pollard, que pensara instantaneamente em Japp, e deixando o médico no local, correria à hospedaria.

Quando o policial acabou de relatar os fatos, chegamos à mansão arruinada, no centro de um grande jardim abandonado e invadido pelas ervas daninhas. A porta da frente estava aberta, e atravessando um vestibulo chegamos a uma pequena sala onde se reuniam quatro pessoas: um homem com uma indumentária espalhafatosa pelo qual senti uma antipatia instantânea, uma mulher também vulgar embora atraente, outra mulher num sóbrio vestido preto, provavelmente a governanta, e um homem alto num paletó de *tweed*, com um rosto inteligente e capaz, que estava obviamente em comando da situação.

— Dr. Giles — disse o policial —, o Inspetor Japp da Scotland Yard e seus amigos.

O médico cumprimentou-nos e nos apresentou a Mr. e Mrs. Parker. Subimos com ele ao segundo andar, enquanto Pollard, obedecendo a um sinal de Japp, permaneceu de guarda embaixo. Atravessamos um corredor e chegamos ao quarto do morto, A porta arrombada continuava no chão.

Entramos. O cadáver ainda permanecia no assoalho. Mr. Protheroe fora um homem de meia-idade com o cabelo das têmporas já grisalho e barba. Japp ajoelhou-se junto ao corpo.

— Por que não o deixaram como estava?
— ele resmungou.

O médico encolheu os ombros.

— Julgamos que ele houvesse se suicidado.

— Hum... — fez Japp. — A bala penetrou por trás da orelha esquerda.

— Exatamente — disse o médico. — É impossível que ele tenha disparado a arma. Não conseguiria torcer a mão direita para colocar a arma em tal ângulo. É uma impossibilidade física.

— Mas o senhor encontrou a arma em sua mão, não foi? E onde está ela?

O médico indicou a mesa.

— Mas os seus dedos não estavam fechados em torno da coronha. A mão estava aberta.

— Então a arma foi colocada ali mais tarde, é claro — disse Japp examinando-a. — Só um cartucho foi disparado. Vamos procurar impressões digitais mas provavelmente só

encontraremos as suas, Dr. Giles. Há quanto tempo ele está morto?

— Morreu durante a noite. Não posso precisar a hora como alguns desses fabulosos legistas das histórias de mistério, mas acredito que esteja morto há umas doze horas, mais ou menos.

Até então Poirot permanecera silencioso a meu lado, observando o trabalho de Japp. Umas duas vezes dera uma leve fungadela, como se o cheiro do ambiente o intrigasse. Eu o imitei, mas não consegui perceber nada de anormal, o ar estava fresco e isento de odores. Mesmo assim Poirot continuou a fungar como se seu olfato mais aguçado percebesse algo que me escapava.

Quando Japp se afastou, Poirot ajoelhou-se junto ao cadáver. Não se interessou pelo ferimento e pensei por um instante que estivesse examinando os dedos da mão direita, mas logo vi que seu interesse se dirigia a um lenço enfiado na manga do casaco. Afinal Poirot levantou-se, mas seus olhos continuaram presos ao lenço como se estivesse intrigado.

Japp o chamou para ajudar a erguer a porta. Aproveitando a oportunidade abaixei-

me, e tirando o lenço da manga do cadáver, examinei-o com cuidado. Era um lenço simples de cambráia branca, sem nenhuma mancha ou marca de qualquer espécie. Tornei a colocar o lenço no lugar, sacudindo a cabeça e admitindo minha perplexidade.

Meus companheiros haviam levantado a porta, e procuravam a chave, sem resultados.

— Isso fecha a questão — disse Japp. — A janela esta trancada por dentro. O assassino deve ter saído pela porta, e levado a chave. Certamente julgou que todos pensariam que Protheroe havia trancado a porta e se suicidado, e nem notariam a ausência da chave. Não concorda, M. Poirot?

— Concordo, mas teria sido mais simples e mais convincente empurrar a chave de volta por baixo da porta. Assim pensariam que ela caíra da fechadura quando a porta fora arrombada.

— É verdade, mas nem todos têm as suas idéias brilhantes. O senhor teria sido o terror da lei se houvesse se dedicado ao crime, M. Poirot. Algum outro detalhe lhe chamou a atenção?

Poirot, com um ar indeciso, correu o olhar pelo quarto e comentou com pouca convicção:

— Este cavalheiro fumava muito, não?

— É, deve ter fumado uns vinte cigarros na noite passada — disse Japp, examinando o interior da lareira e transferindo logo após sua atenção para o cinzeiro. — São todos da mesma marca, e fumados pela mesma pessoa. Não nos levarão a nada, M. Poirot.

— Não insinuei tal coisa — murmurou meu amigo.

— Ei, o que é isso? — disse Japp indicando um pequeno objeto que brilhava no chão junto ao morto. — É uma abotoadura quebrada! A quem pertencerá? Dr. Giles, ficaria agradecido se descesse e chamasse a governanta.

— Que faremos com os Parker? Ele está ansioso para partir, tem negócios a resolver em Londres.

— Imagino, mas terão que passar sem eles. Do modo como os acontecimentos se encaminham, ele terá problemas urgentes a resolver aqui também. Diga à governanta para subir e não deixe os Parker escaparem. Algum dos ocupantes da casa entrou nesse quarto de manhã?

O médico refletiu por uns instantes.

— Não. Ficaram no corredor enquanto

Pollard e eu entramos.

— Tem certeza?

— Absoluta.

O médico desceu.

— Sujeito capaz, esse — disse Japp com aprovação. Bem, gostaria de saber quem atirou nesse camarada. Pelo jeito foi um dos três ocupantes da casa. A governanta não deve ter sido, ela teve oito anos para matá-lo, se o quisesse fazer. E quem serão esses Parker? Têm um aspecto pouco respeitável.

Miss Clegg entrou no quarto nesse momento. Era uma mulher magra, com cabelos grisalhos reunidos num penteado severo, e parecia calma e controlada, com um ar de eficiência que inspirava respeito. Em resposta às perguntas de Japp, explicou que estava na casa há quatorze anos. Mr. Protheroe fora um patrão generoso e delicado. Só conhecera o casal Parker três dias atrás quando haviam chegado inesperadamente. Na sua opinião, o patrão não os convidara e não parecera satisfeito ao vê-los. A abotoadura que Japp lhe mostrara não pertencera a ele, tinha absoluta certeza. Quanto à pistola, o patrão possuía uma semelhante. Ela só a vira uma vez já há muito tempo, e não podia afirmar que

fosse a mesma. Não ouvirá nenhum tiro durante o noite, o que não era de admirar, pois a casa era muito grande e o seu quarto e os aposentos do casal Parker ficavam na outra extremidade. Não sabia a que horas Mr. Protheroe fora para o quarto, ele ainda estava acordado quando ela se recolhera, às nove e trinta. Não era hábito dele deitar-se cedo. Costumava ficar acordado até de madrugada, lendo e fumando. Era um fumante inveterado.

A essa altura, Poirot fez-lhe uma pergunta:

— Seu patrão costumava dormir com as janelas abertas • ou fechadas?

Miss Clegg refletiu um momento.

— Ficavam habitualmente abertas, pelo menos a parte de cima.

— Mas estão fechadas agora. Tem alguma explicação para o fato?

— Não, a menos que ele tenha sentido alguma corrente de ar.

Japp fez-lhe mais algumas perguntas e deu-lhe permissão para se retirar. Em seguida interrogou o casal Parker, um de cada vez. Mrs. Parker estava nervosa, e derramou algumas lágrimas, enquanto o marido mostrou-se loquaz e agressivo. Negou que a

abotoadura fosse sua, mas como a esposa já a houvesse reconhecido, essa negativa só piorou sua situação. Como ele também negara ter estado no quarto de Protheroe. Japp julgou ter provas suficientes para pedir sua prisão.

Deixando Pollard de guarda, Japp dirigiu-se ao centro para telefonar à sede da Scotland Yard, enquanto Poirot e eu dirigimo-nos à hospedaria.

— Você está tão quieto! — disse eu. — O caso não o interessa?

— *Au contraire*, interessa-me muitíssimo. Mas ainda estou no escuro.

— O motivo do crime me escapa, mas tenho certeza de que esse Parker é um mau elemento — disse eu. — As provas circunstanciais contra ele são fortes, só falta o motivo.

— Não notou nada de anormal, nenhum detalhe em que Japp não tenha reparado?

Olhei para ele, curioso.

— O que está escondendo, Poirot?

— O que havia dentro da manga do morto?

— Ah, o lenço!

— Exatamente, o lenço.

— Os marinheiros é que costumam andar

com o lenço dentro da manga do casaco.

— Uma observação atilada, Hastings, mas não foi a que me ocorreu.

— Há mais algum detalhe que o esteja intrigando?

— Há, sim. Fico pensando no cheiro daqueles cigarros.

— Mas não senti cheiro algum! — exclamei surpreso.

— Nem eu, *cher ami*.

Olhei para Poirot sem saber se ele estava brincando. Mas sua expressão era perfeitamente séria e franzia a testa.

O inquérito judicial realizou-se dois dias depois. Nesse ínterim novas provas haviam surgido. Um vagabundo confessou ter pulado o muro da mansão para dormir no velho barraco de ferramentas do jardim, como já era seu hábito, e declarou ter ouvido uma discussão acirrada por volta de meia-noite no quarto do morto, entre dois homens. Um deles exigia uma quantia em dinheiro, e o outro recusava-se, revoltado. Escondido atrás de um arbusto, ele vira bem os dois vultos através da janela. Um ele conheceu bem, fora o dono da casa, Mr. Protheroe, e o segundo ele identificou categoricamente como sendo Mr. Parker.

Ficou claro que os Parker tinham vindo a Market Basing para fazer chantagem com Protheroe. Descobriu-se que o verdadeiro nome do morto era Wendover, um ex-tenente da marinha envolvido na explosão do cruzador *Merrythought* em 1910. Provavelmente Parker, ciente da culpa de Wendover, havia descoberto seu paradeiro e exigido dinheiro para manter-se calado. O outro recusara-se a pagar, e durante a discussão apanhara seu revólver, e Parker tentando tomar-lhe a arma, devia tê-lo morto e posteriormente tentado dar ao crime a aparência de suicídio.

Parker foi preso para aguardar julgamento. Na saída do inquérito, Poirot balançou a cabeça:

— Deve ter sido assim — ele murmurou para si mesmo. — É, deve ter sido assim. Preciso agir com rapidez.

Dirigiu-se à agência do correio e mandou um bilhete por mensageiro especial. Não vi a quem estava endereçado. Voltamos à hospedaria onde passáramos um fim de semana tão agradável, mas Poirot estava inquieto, andando de um lado para outro e olhando pela janela.

— Estou esperando uma pessoa — ele

explicou. — Será que me enganei? Não, aí vem ela.

Para meu espanto, dali a um minuto Miss Clegg entrou, menos calma do que a vira pela última vez, e ofegando, como se tivesse corrido. Vi medo no olhar que dirigiu a Poirot.

— Sente-se, *mademoiselle* — disse ele com brandura. — Eu estava certo, não?

Por resposta ela estourou em lágrimas.

— Por que fez aquilo? — perguntou Poirot. — Por quê?

— Eu o amava tanto — ela soluçou. — Fui para a sua casa menina ainda. Ah, tenha pena de mim.

— Farei o que puder. Mas entenda que não posso permitir que um homem inocente seja enforcado, mesmo se tratando de um velhaco.

Ela ergueu a cabeça e disse baixo:

— Talvez eu também não pudesse, afinal. Faça o que tem que ser feito — e levantando-se saiu quase correndo.

— Ela o matou? — perguntei perplexo.

Poirot sorriu e sacudiu a cabeça numa negativa.

— Ele se suicidou. Lembra-se de que usava o lenço na manga direita? Esse detalhe

mostrou-me que era canhoto. Com medo da desonra ele se matou depois da discussão com Parker. Quando Miss Clegg veio chamá-lo de manhã, encontrou-o morto, e encheu-se de uma fúria insana, pois o conhecia desde criança, como acabou de nos dizer. Os Parker o haviam impellido ao suicídio, e eram assassinos a seus olhos. Subitamente ela viu uma oportunidade de fazê-los pagar pela morte que haviam causado. Só ela sabia que seu patrão era canhoto. Mudou o revólver para a mão direita, fechou a janela, deixou no chão a abotoadura que apanhara no andar de baixo, e saiu, fechando a porta e tirando a chave.

— Poirot, você é magnífico! — exclamei num arroubo de entusiasmo. — Deduziu tudo isso de um lenço!

— E da ausência de fumaça de cigarro. Se a janela tivesse sido fechada à noite, com todos aqueles tocos de cigarro, o quarto deveria estar impregnado do cheiro enjoativo de cigarros apagados. Mas ao contrário, o ar estava fresco, donde deduzi que as janelas só deviam ter sido fechadas há pouco tempo, e isso me forneceu uma linha de raciocínio interessante. O assassino não teria nenhum motivo para fechar a janela. Seria vantajoso para ele deixá-

la aberta, para que restasse a possibilidade dela ter servido como meio de fuga, caso a hipótese de suicídio não fosse aceita. O depoimento do vagabundo confirmou minhas suspeitas. Ele não teria ouvido a conversa se a janela estivesse fechada.

— Esplêndido! — disse eu entusiasmado.

— E agora, que tal um chá?

— Você é mesmo inglês — disse Poirot com um suspiro. — Acredita que seja possível conseguir um cálice de licor por aqui?

A Casa de Marimbondos

John Harrison, de pé no terraço de sua casa, olhava o jardim. Homem alto, de rosto magro e macilento, tinha geralmente uma expressão taciturna, mas quando seus traços severos suavizavam-se num sorriso, como agora, era muito atraente.

Gostava imensamente de seu jardim, tão belo nesse anoitecer cálido de agosto: As rosas trepadeiras ainda floresciam e as ervilhas de cheiro perfumavam o ar.

Um rangido familiar fê-lo virar subitamente a cabeça. Quem abrisse o portão do jardim? Uma figura janota aproximou-se pela aléia, e o rosto de John Harrison assumiu uma expressão de completa surpresa.

— Mas é maravilhoso! — exclamou. — *Monsieur Poirot!*

Era realmente o grande Hercule Poirot, famoso no mundo inteiro por suas façanhas como detetive.

— Eu mesmo! Lembra-se de ter-me convidado para aparecer, se acaso viesse a esta parte do mundo? Tomei suas palavras ao pé da letra, e aqui estou.

— E me dá imenso prazer — disse Harrison cordialmente. — Sente-se. Quer beber alguma coisa? — e num gesto hospitaleiro indicou-lhe a bandeja de bebidas na mesa da varanda.

— Obrigado — disse Poirot sentando-se numa cadeira de vime. — Tem por acaso um licor? Não? Não faz mal. Só um copo de soda pura, sem uísque, por favor — e quando o companheiro lhe estendeu o copo acrescentou aborrecido: — Ah, meus pobres bigodes perderam a forma. É esse calor!

— E o que o traz a esse recanto tão sossegado? — perguntou Harrison sentando-se a seu lado. — Prazer?

— Não, *mon ami*, trabalho.

— Trabalho? Neste lugar retirado?

Poirot, com a fisionomia grave, balançou a cabeça numa aquiescência.

— Sim, meu amigo, nem todos os crimes são cometidos no meio das multidões, sabia?

O outro riu.

— Meu comentário foi mesmo imbecil. Mas qual o crime que está investigando por aqui, se não sou indiscreto.

— Não, não é — respondeu Poirot. — Na verdade fico satisfeito com a sua pergunta.

Harrison o olhou com curiosidade sentindo nas maneiras do amigo uma nuance diferente. O detetive o encarava, e seu olhar era tão estranho que ficou desorientado. Afinal, disse:

— Mas não ouvi falar em nenhum crime.

— Não, você não pode ter ouvido mesmo — disse Poirot.

— Quem foi assassinado?

— Até agora, ninguém.

— O quê?

— Foi por isso que não soube de nada. Estou investigando um crime que ainda não foi cometido — disse o detetive.

— Mas isso não faz sentido.

— Ao contrário, é muito melhor investigar um crime antes de ser cometido do que depois. Talvez seja possível até impedi-lo.

Harrison o encarou.

— Não está falando sério, M. Poirot.

— Estou, sim, e muito sério.

— Acredita mesmo que alguém está planejando um crime? Que absurdo!

Hercule Poirot ignorou a exclamação.

— A menos que nós possamos impedi-lo. É, *mon ami*, é isso mesmo.

— Nós?

— Preciso de sua cooperação.

Poirot lançou-lhe um olhar penetrante e mais uma vez Harrison sentiu-se preso de uma indefinível inquietação.

— Vim até aqui porque... bem... gosto do senhor, *Monsieur* Harrison — e num tom completamente diferente, acrescentou: — Já reparou naquela casa de marimbondos? Devia destruí-la.

À súbita mudança de assunto Harrison franziu a testa. Seguiu a indicação de Poirot e disse, numa voz que revelava a sua perplexidade:

— Para falar a verdade, é o que ia fazer, ou melhor, o que o jovem Langton vai fazer. Lembra-se de Claude Langton? Estava naquele jantar em que o conheci. Virá aqui daqui a pouco para acabar com os marimbondos. Considera-se um especialista na matéria.

— Ah! — fez Poirot. — E que método vai usar?

— Gasolina. Vai aplicá-la com a sua seringa de jardim. É de um tamanho mais adequado do que a minha.

— Não há outro método com cianeto de potássio? — perguntou Poirot.

Surpreso, Harrison respondeu:

— Há, sim, mas cianeto de potássio é uma substância venenosa, é um perigo tê-la em casa.

Poirot balançou a cabeça concordando.

— Sim, é um veneno mortal — esperou um minuto e repetiu: — um veneno mortal.

— Muito útil se alguém quiser se livrar da sogra, não? — disse Harrison dando uma risada.

Mas Hercule Poirot permaneceu sério.

— Tem certeza de que é com gasolina que *Monsieur* Langton pretende destruir aquela casa de marimbondos?

— Tenho, sim. Por quê?

— Tenho minhas dúvidas. Estive na farmácia de Barchester esta tarde e precisei assinar o registro de substâncias venenosas, devido a uma das compras que fiz. A assinatura anterior era de Claude Langton. Ele adquiriu cianeto de potássio.

Harrison olhou para Poirot.

— É esquisito. Langton disse-me outro dia que nem sonharia em usar isso. Em sua opinião a venda não devia sequer ser permitida.

Fitando as roseiras Poirot perguntou numa voz pausada:

— Gosta de Langton?

O outro teve um sobressalto. A pergunta o pegara desprevenido.

— Eu... bem... naturalmente. Gosto dele, sim.

— Tinha minhas dúvidas sobre o assunto — disse Poirot calmamente, e como o companheiro ficou em silêncio, acrescentou: — E será que ele gosta de você?

— Onde pretende chegar, *Monsieur Poirot*? Não consigo descobrir o que tem em mente.

— Vou ser franco. Está noivo, *Monsieur Harrison*. Conheço bem Miss Molly Deane. É uma linda moça, encantadora. Mas antes de ser sua noiva esteve comprometida com Claude Langton. Ela o deixou por sua causa.

Harrison aquiesceu balançando a cabeça.

— Não sei quais foram os motivos que a levaram a isso, mas ela deve ter tido suas razões. E digo-lhe uma coisa: é provável que Langton não tenha esquecido, nem perdoado.

— Está enganado, M. Poirot. Juro que está enganado. Langton tem espírito esportivo, enfrentou os fatos como um homem. Tem sido surpreendentemente decente, tentando ser amigo o máximo possível.

— E não acha isso estranho? Usou o termo “surpreendentemente” mas não parece surpreendido.

— O que quer dizer com isso, M. Poirot?

— Quero dizer que um homem pode dissimular seu ódio até chegar o momento propício — e havia uma nuance nova na voz de Poirot.

— Ódio? — Harrison sacudiu a cabeça e riu.

— Os ingleses são uns tolos — disse Poirot. — Julgam que podem tapear qualquer um, sem serem tapeados. Nunca pensam mal de seus camaradas. São todos uns caras decentes, de espírito esportivo! E por serem corajosos, mas tolos, algumas vezes morrem sem necessidade.

— Você está tentando me prevenir... — disse Harrison baixo. — Agora estou começando a compreender. Está me prevenindo contra Claude Langton. Veio até aqui para me dar aviso...

Poirot balançou a cabeça numa aquiescência muda. Harrison levantou-se de sopetão:

— Mas o senhor está maluco, M. Poirot! Isto aqui é a Inglaterra, coisas como essas não

acontecem por aqui. Pretendentes desprezados não andam por aí apunhalando nem envenenando ninguém. Está enganado a respeito de Laugton, ele é incapaz de matar uma mosca.

— Não estou preocupado com as moscas — retrucou Poirot com suavidade. — E embora diga que Laugton é incapaz de matar uma delas, ele está se preparando no momento para chacinar algumas centenas de marimbondos.

Harrison não respondeu logo. O detetivezinho levantou-se, andou até o amigo e colocou a mão em seu ombro. Estava tão agitado, que praticamente sacudiu o homem alto ao dizer:

— Acorde, meu amigo, antes que seja tarde. Olhe só, não está vendo junto àquela árvore na ribanceira o enxame de marimbondos retornando tranqüilamente ao lar, no fim do dia? Daqui a uma hora serão destruídos, e nem sabem. Não têm quem os avise. Não conhecem nenhum Hercule Poirot. *Monsieur* Harrison, estou aqui profissionalmente. Lido com assassinatos, antes e depois de terem sido cometidos. A que horas chega Mr. Langton para derrubar a casa de marimbondos?

— Langton nunca...

— A que horas?

— Às nove. Mas está enganado. Langton nunca...

— Esses ingleses! — exclamou Poirot furioso. Pegou o chapéu e a bengala e dirigiu-se para o jardim, mas antes virou a cabeça e disse: — Não vou mais discutir com você. Já estou perdendo a paciência. Mas voltarei às nove horas, entendeu?

Harrison abriu a boca para falar, mas Poirot o interrompeu:

— Sei o que vai dizer: Langton nunca... etc. e tal. Nunca mesmo! De qualquer maneira voltarei às nove horas. Vai ser divertido apreciar a destruição da casa de marimbondos, outro esporte essencialmente inglês!

Sem esperar resposta, ele atravessou o jardim rapidamente e saiu. Ao chegar à estrada, diminuiu o passo, e seu rosto perdeu a animação assumindo uma expressão grave e preocupada. Tirou o relógio do bolso. Marcava oito horas e dez minutos.

— Falta quase uma hora ainda — ele murmurou. — Talvez eu devesse ter esperado.

Parou, quase a ponto de voltar. Um vago pressentimento o assaltara. Entretanto

controlou-se, e com passo decidido dirigiu-se à vila. Mas ainda estava inquieto e umas duas vezes sacudiu a cabeça como alguém não de todo satisfeito.

Faltavam alguns minutos para as nove quando ele retornou ao jardim. Era uma noite clara, parada, nenhuma aragem leve sacudia a folhagem. A quietude era mesmo um tanto sinistra, como a calmaria que precede a tempestade.

Poirot apressou os passos, sentindo-se subitamente inseguro e alarmado, sem saber o que temia. Naquele instante, Claude Langton abriu o portão do jardim. Ao ver Poirot teve um sobressalto.

— Oh... Boa-noite.

— Boa-noite, *Monsieur* Langton. Chegou cedo.

Langton o encarou.

— Não sei do que está falando.

— Já tirou a casa de marimbondos?

— Para falar a verdade, não.

— Então não matou os marimbondos? — perguntou Poirot. — O que esteve fazendo, então?

— Só bati um papo com o velho Harrison. Preciso ir agora, M. Poirot. Não sabia que vinha

a estas bandas.

— Estou aqui a trabalho, sabe.

— Ah! Bem, o senhor encontrará Harrison no terraço. Sinto não poder ficar — disse e saiu apressado.

Poirot seguiu com o olhar o jovem nervoso. Era um bonito rapaz, mas faltava energia à sua boca.

— Então encontrarei Harrison no terraço... — murmurou Poirot. — Tenho minhas dúvidas — e apressando o passo atravessou o jardim rapidamente.

Harrison estava sentado ao lado da mesa, numa completa imobilidade, e não virou a cabeça quando Poirot se aproximou.

— *Mon ami*, você está bem? — perguntou ansioso o detetive.

Após um silêncio prolongado, Harrison respondeu numa voz estranha, longínqua:

— O que disse?

— Você está bem?

— Se estou bem? Estou bem, sim. E por que não haveria de estar?

— Então não lhe fez mal? Ótimo!

— Fez mal? O quê?

— O bicarbonato de sódio.

Harrison levantou-se de repente.

— Bicarbonato de sódio? De que está falando?

— Lamento muito — desculpou-se Poirot —, mas era necessário. Coloquei o bicarbonato em seu bolso.

— Colocou bicarbonato em meu bolso? Para que, com todos os diabos?

Harrison olhava fixamente para ele. Poirot respondeu num tom calmo e impessoal, como se dirigisse a uma criança:

— Sabe, na minha profissão, no trato com os criminosos, aprendi muitas coisas úteis e interessantes. Ajudei certa vez um batedor de carteiras, para variar ele estava inocente do que o acusavam, e grato, ele pagou-me da única forma a seu alcance: ensinou-me uns truques do seu ofício. Assim hoje posso tirar um objeto de um bolso sem que seu dono o perceba: coloco a mão em seu ombro, distraio sua atenção, e pronto. Foi desta maneira que retirei algo do bolso do seu paletó e deixei o bicarbonato em seu lugar.

— Sabe — prosseguiu Poirot como se expusesse uma longínqua teoria —, se alguém pretende colocar veneno num copo, com um gesto rápido, sem que o percebam, deve tê-lo ao alcance da mão, no bolso direito do paletó

— e demonstrando sua tese, retirou do bolso alguns fragmentos de um cristal leitoso. — É extremamente perigoso carregar esta substância solta, assim — acrescentou.

Com toda a calma, sem se apressar, retirou do outro bolso um vidro de boca larga, destampou-o, colocou os cristais em seu interior, e o encheu com a água que estava sobre a mesa. Tornou a tampá-lo cuidadosamente e o agitou até que os cristais se dissolvessem. Harrison o observava fascinado.

Quando a solução estava pronta, Poirot se dirigiu à árvore ao lado do terraço, destampou o vidro, virou a cabeça para o lado e derramou a solução dentro da casa dos marimbondos. Recuou alguns passos e ficou observando o resultado. Alguns insetos que entravam, estremeceram ligeiramente e ficaram inertes, enquanto outros saíam do ninho para cair logo adiante. Poirot olhou o espetáculo por alguns instantes, balançou a cabeça e voltou à varanda.

— É uma morte rápida, muito rápida mesmo — disse ele.

Harrison recobrou a voz:

— O que você sabe?

Poirot o encarou.

— Disse-lhe que vi a assinatura de Claude Langton naquele registro, mas não lhe disse que o encontrei logo depois. Contou-me ter comprado cianeto de potássio a seu pedido, para acabar com uns marimbondos. Achei o fato estranho, meu amigo, pois me lembrei daquele jantar em que você defendeu os méritos da gasolina, considerando perigoso e desnecessário o uso de cianeto para esse fim.

— Prossiga.

— Eu havia visto Claude Langton na companhia de Molly Deane, quando se julgavam a salvo de olhares indiscretos. Não sei os motivos da briga que a jogaram em seus braços, mas percebi que estavam sendo superados e Miss Deane voltaria ao antigo amor.

— Prossiga.

— Eu sabia de mais um detalhe: estava em Harley Street outro dia e o vi saindo do consultório de um médico conhecido. Sei qual é sua especialidade, e li a confirmação em seu rosto. Só vi essa expressão duas vezes em minha vida, mas é inconfundível. Seu rosto era o de um condenado à morte, não é verdade?

— Tem razão, ele me deu dois meses de

vida.

— Você não me viu, meu amigo, pois tinha coisas mais sérias a pensar. Li outro sentimento em seu rosto, o mesmo sentimento de que lhe falei essa tarde. Vi ódio, meu amigo. Você não tentava dissimulá-lo porque pensava que ninguém o estava observando.

— Prossiga — disse Harrison.

— Não tenho muito mais a dizer. Vindo aqui, vi acidentalmente o nome de Langton no registro de venenos, falei com ele e vim lhe procurar. Preparei toda a sorte de armadilhas para você. Negou ter pedido a Langton para comprar cianeto, ou melhor, mostrou-se surpreso ante o fato. A princípio minha presença o incomodou, mas logo concluiu que poderia me usar. Encorajou as minhas suspeitas, e disse-me para voltar às. nove, quando acreditou que tudo estaria acabado, pois Langton viria às oito e meia.

— Se você não tivesse aparecido... Por que veio?

Poirot levantou-se.

— Assassinato é o meu trabalho.

— Assassinato? Refere-se a suicídio, não?

— Não — a voz de Poirot era seca e cortante —, falo de assassinato. Sua morte

seria rápida e fácil, mas Langton morreria de uma forma atroz. Ele compra o veneno, vem visitá-lo e estão a sós quando você morre subitamente. Descubrem cianeto em seu copo e Claude Langton é enforcado. Foi esse o seu plano.

Harrison deixou escapar um gemido.

— Por que veio?... Por que veio?

— Há outra razão além da que já expus: gosto de você. Ouça, *mon ami*, vai morrer e perder a moça que ama. Mas você não é um assassino. Agora, diga-me, está satisfeito ou pesaroso por eu ter vindo?

Houve um momento de silêncio. Harrison ergueu o rosto. Havia nele uma nova dignidade, a expressão de um homem que conquistara seus demônios interiores. Estendeu a mão a Poirot.

— Graças a Deus você veio! — ele exclamou. — Graças a Deus!

A Dama em Apuros

Há algum tempo Poirot demonstrava uma insatisfação e um desassossego crescentes. Ultimamente não aparecera nenhum caso interessante, nada em que o meu amigo pudesse exercitar sua mente aguçada e seus consideráveis poderes de dedução. Nesta manhã ele jogou o jornal ao chão com um impaciente “*Tchach!*”, sua exclamação favorita, igualzinha a um espirro de um gato.

— Eles têm medo de mim, Hastings! Os criminosos da Inglaterra têm medo de mim! Quando o gato está presente os camundongos não aparecem para roubar queijo.

— A maioria deles nem sabe de sua existência — retruquei rindo.

Poirot me olhou com um ar de reprovação. Em sua imaginação o mundo inteiro só pensava e falava em Hercule Poirot. Era certo que fizera nome em Londres, mas não acreditava que sua existência provocasse o terror no mundo do crime.

— E aquele roubo de jóias à luz do dia, em Bond Street, na semana passada? — perguntei.

— Um golpe bem dado — disse ele com aprovação. — Mas *pas de finesse, seulement de l'audace!* Um homem com uma pesada bengala estilhaça a vitrina de uma joalheria, e apanha um lote de pedras preciosas. É agarrado por um grupo de cidadãos respeitáveis e preso em flagrante com as jóias em seu poder. Na delegacia descobrem que as jóias são falsas, ele passou as verdadeiras a um cúmplice, um dos tais “cidadãos respeitáveis”. É preso, mas quando for solto terá uma bela fortunazinha a sua espera. É, nada mal planejado, mas eu faria melhor. Hastings, algumas vezes lamento que meus padrões éticos sejam tão rigorosos. Seria divertido trabalhar contra a lei, para variar.

— Ora, Poirot, anime-se. Sabe que é o maior dentro da sua especialidade.

— Mas o que existe no momento dentro da minha especialidade?

Peguei o jornal.

— Um inglês é misteriosamente assassinado na Holanda ...

— Sempre dizem isso, até descobrirem que comeu peixe enlatado, e a morte é perfeitamente explicável.

— Bem, se prefere resmungar ...

— *Tiens!* — disse Poirot junto à janela. — Lá embaixo na calçada está uma dama misteriosa envolta em espessos véus, igualzinho aos romances. Ela subiu nossos degraus, e está tocando a campainha. Talvez seja uma possibilidade interessante. Quando é jovem e atraente, uma mulher só esconde o rosto por motivos muito sérios.

Um minuto mais tarde, a nossa visitante entrou. Como dissera Poirot seu rosto estava encoberto por um véu espesso. Foi impossível distinguir seus traços até que ergueu o véu negro de renda espanhola. A intuição de Poirot fora acertada: era belíssima, com cabelos louros e olhos azuis-claros. Pelo vestido sóbrio mas dispendioso deduzi que pertencia a uma classe social elevada.

— *Monsieur* Poirot — disse a moça numa voz doce e musical —, estou em apuros. Não sei se poderá me ajudar, mas ouvi contar tais maravilhas de sua habilidade, que em último recurso, venho lhe pedir o impossível.

— O impossível sempre me atrai — disse Poirot. — Prossiga, por favor, *mademoiselle*.

Nossa linda visitante hesitou.

— Seja absolutamente franca — acrescentou Poirot. — Não esconda nenhum

detalhe.

— Confiarei no senhor — exclamou a moça. — Já ouviu falar em *Lady Millicent Castle Vaughan*?

O meu interesse cresceu. Poucos dias atrás fora anunciado o noivado de *Lady Millicent* com o jovem Duque de Southshire. Ela era a quinta filha de um nobre irlandês arruinado e o Duque de Southshire um dos melhores partidos da Inglaterra.

— Eu sou *Lady Millicent* — continuou a moça. — Talvez tenham lido a notícia de meu noivado. Eu devia estar felicíssima, mas estou numa situação horrível. Escrevi uma caria quando tinha dezesseis anos. sinto até vergonha de lhe contar... E agora esse sujeito vil, de mau caráter, Lavington, ele...

— A carta foi para esse Mr. Lavington?

— Não! Para ele, não! Escrevi a um rapaz a quem era muito afeiçoada. Ele morreu na guerra.

— Compreendo — disse Poirot com brandura.

— Foi uma tolice, uma indiscrição minha, mas nada além disso, acredite, M. Poirot. Mas há frases nessa carta que podem ser interpretadas de outra maneira...

— Eu entendo, e agora Mr. Lavington está de posse dessa carta?

— Está e a menos que lhe dê uma quantia exorbitante em dinheiro, que não tenho possibilidades de obter, ameaça entregá-la ao duque.

— Que baixeza, sujeito nojento! — exclamei. — Desculpe-me, *Lady Millicent*.

— Não seria mais prudente confessar tudo a seu futuro marido?

— Não ousou, M. Poirot. O duque tem um temperamento apaixonado, é desconfiado e ciumento, e acreditará no pior. Seria o mesmo que desmanchar nosso noivado.

— Que situação! — exclamou Poirot com uma careta expressiva. — E o que deseja de mim, *Lady Millicent*?

— Eu poderia pedir a Mr. Lavington para o procurar, dizendo-lhe que o senhor tem plenos poderes para resolver o caso. Talvez possa reduzir suas exigências.

— Quanto ele quer?

— Vinte mil libras. Eu não conseguiria nem mil.

— Talvez *milady* pudesse conseguir um empréstimo, devido ao seu próximo casamento, mas certamente não obteria nem a

metade dessa quantia. Além disso essa chantagem é repugnante. *Eh bien*, Hercule Poirot derrotará os seus inimigos! Que esse Mr, Lavington me procure! Julga que ele trará a carta?

A moça sacudiu a cabeça.

— Não, ele é muito cauteloso.

— Tem certeza de que ele a tem?

— Mostrou-me a carta quando fui a sua casa.

— Esteve na casa dele? Foi uma imprudência, *milady*.

— Acha? Estava tão desesperada! Julguei que as minhas súplicas o comovessem.

— *Oh, là, là!* Sujeitos como Lavington não se comovem com súplicas. Ao contrário, deve ter ficado satisfeito ao certificar-se da importância que atribui ao documento. Onde mora esse distinto cavalheiro?

— Em Wimbledon, sua propriedade chama-se Buona Vista. Estive lá à noite — Poirot deixou escapar um gemido —, ameacei-o com a polícia, e ele riu, um riso desagradável e zombeteiro. “À vontade, querida *Lady* Millicent, faça como quiser”, ele me disse.

— Não é mesmo um caso para a polícia — murmurou Poirot.

— “Mas não creio que seja. tão tola”, ele acrescentou, “veja, nesta caixa de charão chinesa, aqui está sua carta”. Ele desdobrou a folha para que a pudesse ver bem. Tentei agarrá-la, mas ele foi mais rápido. Com um sorriso malévolo ele tornou a guardá-la na caixa de charão: “Aqui ela ficará em segurança, num esconderijo engenhoso que nunca o encontrará!” Olhei para o cofre de parede, mas ele sacudiu a cabeça e riu. “Tenho um cofre muito superior a esse!”, disse ele. Que homem odioso! Pode me ajudar, M. Poirot?

— Tenha confiança no papai Poirot. Darei um jeito.

Essas palavras tranqüilizadoras eram, sem dúvida, muito bonitas, pensei enquanto Poirot acompanhava nossa bela cliente à saída, mas na minha opinião, ele encontrara um osso duro de roer. Disse-o a Poirot quando ele voltou. Concordou, apreensivo.

— É, a solução não é evidente. Esse Mr. Lavington está literalmente dando as cartas, no momento. Ainda não vejo como iremos baldar seus intentos.

Naquela tarde recebemos a visita de Mr. Lavington. *Lady* Millicent com toda razão o descrevera como um homem odioso. Cheguei a

sentir cócegas no pé direito no ímpeto contido de chutá-lo escadas abaixo. Provocador, agressivo, zombou das tímidas propostas de Poirot, mostrando-se senhor da situação. Não posso elogiar a atuação de meu amigo, Poirot parecia abatido e desencorajado.

— Bem, cavalheiros, assim não chegaremos a um acordo — disse Lavington pegando o chapéu. — Eis minha última proposta: Farei um abatimento em deferência ao encanto de *Lady* Millicent. Dezoito mil libras. Vou a Paris hoje, tenho negócios a resolver. Voltarei na terça-feira. Se o dinheiro não estiver em minhas mãos até terça à noite, enviarei a carta ao duque. Não me venha com essa conversa de que *Lady* Millicent. não conseguirá arranjar o dinheiro. Se ela usar os argumentos certos, tenho certeza de que muitos de seus amigos estarão prontos a lhe conceder um empréstimo...

O sangue subiu-me ao rosto, e dei um passo em sua direção, mas Lavington virou-se e desceu as escadas.

— Meu Deus! — exclamei. — Precisamos fazer alguma coisa. Essa sua apatia me preocupa, Poirot.

— Você tem um coração de ouro, meu

amigo, mas suas células cinzentas não estão à altura. Não pretendia impressionar Mr. Lavington com atitudes enérgicas. Quanto mais fraco ele me julgar, melhor.

— Por quê?

— Não é curioso que eu tenha expressado o desejo de trabalhar do outro lado da lei, pouco antes da chegada de *Lady Millicent*?

— Vai revistar a sua casa enquanto ele está fora? — eu prendi a respiração.

— Por vezes os seus processos mentais são surpreendentemente rápidos, Hastings.

— E se ele levou a carta?

Poirot sacudiu a cabeça.

— É muito pouco provável. Ele tem evidentemente um esconderijo em casa que considera perfeito.

— Quando nós realizaremos essa... façanha?

— Amanhã à noite. Sairemos daqui às onze horas.

Na hora marcada, eu estava a postos, com um terno e um chapéu escuros. Poirot sorriu.

— Está vestido a caráter, não? — comentou. — Vamos pegar o metrô para Wimbledon.

— E as ferramentas para forçar a porta?

— Meu caro Hastings, Hercule Poirot não adota métodos tão primitivos!

Calei-me, melindrado, mas minha curiosidade não diminuiu.

Era exatamente meia-noite quando chegamos ao jardim de Buona Vista. A casa estava escura e silenciosa. Poirot dirigiu-se sem hesitar a uma das janelas dos fundos, abriu a veneziana com toda a facilidade e, com um gesto, convidou-me a entrar.

— Como soube que esta janela estava aberta? — sussurrei espantado diante de uma tão assombrosa intuição.

— Porque eu mesmo serrei o trinco hoje de manhã.

— O quê?

— Foi muito simples. Apresentei-me sob um nome fictício e mostrei um dos cartões do inspetor Japp. A Scotland Yard me enviara para instalar trincos à prova de roubos, a pedido de Mr. Lavington. A governanta recebeu-me com entusiasmo. Nesses últimos dias a casa foi assaltada duas vezes, sem que desaparecesse, entretanto, nenhum objeto de valor. Pelo jeito, outros clientes de Mr. Lavington tiveram idéias semelhantes às

nossas, Hastings. Corri todas as janelas, preparei esta aqui, e proibi os criados de tocá-las até amanhã, pois estavam eletrificadas.

— Poirot, você é mesmo genial!

— *Mon ami*, foi muito simples. E agora, ao trabalho. Os empregados dormem no sótão. Não correremos o risco de os acordar.

— Sabe onde está o cofre de parede?

— Cofre? Bobagem, não há nada no cofre! Mr. Lavington é um homem inteligente, deve ter concebido um esconderijo muito mais inexpugnável do que um cofre, o primeiro lugar que ocorreria a qualquer um.

Passamos uma revista minuciosa na casa inteira, mas várias horas de busca em nada resultaram. Vi sinais de irritação acumulando-se no rosto de Poirot:

— Ah, *sapristi*, Hercule Poirot não será derrotado! Nunca! Vamos fazer uma pausa para refletir, vamos raciocinar. *Enfin*, vamos empregar nossas células cinzentas!

Ficou silencioso alguns minutos até que a familiar luzinha verde acendeu-se em suas pupilas.

— Sou um imbecil! A cozinha!

— A cozinha? Impossível! E os criados?

— Exatamente o que diriam noventa e

nove pessoas em cem! Por isso mesmo, a cozinha é o lugar ideal, atulhada de objetos familiares. *En avant*, para a cozinha!

Cético eu o segui e fiquei observando enquanto ele remexia sacos de pão, destampava panelas e enfiava a cabeça dentro do forno. Afinal, cansei-me e voltei ao salão. Estava convencido de que ali, e só ali encontraríamos o que procurávamos. Fiz nova e meticulosa busca até perceber que eram quatro e quinze. O dia se aproximava. Voltei à cozinha.

Para meu espanto, encontrei Poirot dentro do depósito de carvão, com o terno claro completamente arruinado. Ele fez uma careta.

— É contra todos os meus instintos macular minha elegância, mas era o jeito, meu amigo.

— Acredita que Lavington escondeu a caixa embaixo do carvão?

— Se olhasse com atenção, veria que o meu objetivo não é o carvão.

Só então percebi umas toras de madeira empilhadas sobre uma prateleira por trás do depósito. Poirot, com gestos ágeis, as removia uma a uma. Subitamente deixou escapar uma exclamação.

— Dê-me seu canivete, Hastings.

Obedeci. Ele o inseriu numa fenda da madeira, e a tora abriu-se repentinamente ao meio. No interior oco, via-se uma caixa de charão com motivos chineses.

— Bravos! — exclamei entusiasmado.

— Fale mais baixo, Hastings, não faça tanto barulho. Vamos embora antes que o dia amanheça.

Colocando a caixa no bolso, ele pulou para fora do depósito e limpou-se como era possível. Deixamos a casa pelo mesmo caminho por onde entráramos, e começamos a andar em direção a Londres.

— Mas que esconderijo maluco! — protestei. — E se houvessem usado a tora?

— Em pleno verão, Hastings? E aquela tora estava bem embaixo da pilha. Constituía um engenhoso esconderijo, sem dúvida. Ah, aí vem um táxi. Vamos para casa e para um sono reparador, depois de um bom banho!

Após aquela noite de aventuras, dormi até tarde. Pouco antes da uma, dirigi-me à sala de estar e tive a surpresa de encontrar Poirot, com a caixa de charão sobre a mesa ao seu lado, calmamente entretido na leitura da carta comprometedora.

Sorriu-me afetuosamente e disse:

— *Lady* Millicent tinha razão, o duque nunca perdoaria esta carta. Ela contém as expressões de afeto mais extravagantes que já vi.

— Ora, Poirot! — protestei aborrecido. — Na minha opinião você não devia ter lido a carta. Isso simplesmente não se faz!

— Eu, Hercule Poirot, faço — retrucou imperturbável o meu amigo.

— E outra coisa — acrescentei —, não creio que usar um cartão oficial de Japp esteja dentro das regras do jogo.

— Não estou envolvido num jogo, Hastings. Estou resolvendo um caso.

Encolhi os ombros. Pontos de vista não se discutem.

— Há alguém subindo as escadas, deve ser *Lady* Millicent — disse Poirot.

Nossa bela cliente entrou. Sua expressão de ansiedade transformou-se em alegria ao ver a carta e a caixa de charão nas mãos de Poirot.

— Mr. Poirot! Que maravilha! Como conseguiu?

— Por métodos repreensíveis, *milady*. Mas Mr. Lavington não apresentará queixa. Esta é sua carta, não?

A moça correu os olhos pela folha.

— É ela mesmo. Como poderei lhe agradecer? O senhor é um homem maravilhoso! Onde estava escondida a caixa?

Poirot lhe contou nossas aventuras.

— Que dedução inteligente! — disse ela estendendo a mão para a caixinha de charão.
— Vou guardá-la como recordação.

— *Milady*, gostaria de que me permitisse conservá-la, também como recordação.

— Mandar-lhe-ei uma recordação muito superior a esta, M. Poirot. No dia do meu casamento verá que não sou ingrata.

— O prazer de lhe prestar um favor me é mais precioso do que um cheque. Permita-me conservar a caixa.

— Oh, não, M. Poirot, tenho que ficar com ela! — exclamou a moça. ainda risonha.

Ela estendeu a mão. mas Poirot foi mais rápido. Sua mão fechou-se sobre a caixa.

— Não — sua voz modificara-se.

— O que significa isso? — ela não sorria mais.

— Pelo menos permita-me conservar o seu conteúdo. Como vê, o fundo dessa gavetinha é falso. Em cima estava a carta comprometedora, e embaixo ...

Num gesto rápido ele estendeu a mão. Em sua palma re-fulgiam quatro enormes brilhantes lapidados e duas belíssimas pérolas.

— Creio que são as jóias roubadas em Bond Street, há poucos dias atrás — murmurou Poirot. — Japp nos dirá.

Para minha surpresa, a porta do quarto de Poirot abriu-se e o inspetor apareceu.

— Um velho amigo seu — disse Poirot com uma mesura a *Lady Millicent*.

— Com todos os diabos, me apanharam! — exclamou a moça num tom completamente diferente. — Seu velho demônio! — ela olhou para Poirot com admiração não isenta de afeto.

— Bem, Gertie, minha querida — disse Japp —, desta vez você perdeu. Não pensava revê-la tão cedo! Apanhamos o seu cúmplice também, o falso Lavington que aqui esteve ontem. O verdadeiro, vulgo Crocker, vulgo Reed, foi morto na Holanda. Aliás gostaria de saber qual o componente do bando que enfiou uma faca nele. Pensaram que as pedras estavam em seu poder, não foi? Ele os traiu, e escondeu a mercadoria em sua própria casa. Depois que os seus amigos não conseguiram encontrar a caixa, você recorreu a M. Poirot, que a achou, com uma sorte estupenda.

— Você gosta um bocado de falar, não é?
— disse a ex-*Lady* Millicent. — Fique quietinho que eu irei bem comportadinha. Você não poderá dizer que não sou uma perfeita dama. *Tchau* para vocês!

— Os sapatos dela não combinavam — disse Poirot enquanto eu estava por demais estupefato para falar. — Observei os costumes de seu país, sei que uma verdadeira dama, que tenha berço, é sempre exigente em relação ao seu calçado. Pode trajar um vestido modesto, mas os sapatos serão sempre de qualidade superior. Ora, esta *Lady* Millicent usava um vestido caro e elegante, e sapatos baratos! A verdadeira *Lady* Millicent não mora em Londres, e era pouco provável que você ou eu a conhecêssemos, e esta moça tem uma semelhança superficial com ela. Além dos sapatos que logo despertaram minha atenção, a sua história e os seus véus eram excessivamente melodramáticos, não concorda? O bando conhecia a caixa de charão com a falsa carta comprometedora, mas escondê-la na tora de madeira foi idéia exclusiva de Lavington!

E meu amigo acrescentou com um ar de satisfação:

— Espero que não torne a ferir meus sentimentos dizendo que as classes criminosas nem sabem de minha existência, Hastings. *Ma foi*, elas até recorrem a mim quando não conseguem seus objetivos!

Problema a Bordo

— Coronel Clapperton! — e o General Forbes acrescentou à exclamação uma fungadela de desprezo.

Miss Ellie Henderson inclinou-se para ele com um brilho divertido em seus olhos escuros. O vento brincava com seus cabelos prateados.

— Mas ele tem um ar tão marcial! — disse ela com malícia, tentando conter os cabelos rebeldes.

— Marcial? — protestou o General Forbes dando um violento puxão em seus próprios bigodes enquanto suas bochechas ficavam escarlates.

— Ele comandou a Guarda Real, não foi? — acrescentou Miss Henderson num toque final à provocação.

— Guarda Real? Que absurdo! Um sujeito que saiu do teatro de revista! Alistou-se durante a guerra e mandaram-no para a França, e ele ficou inventariando latas de presuntada até que os boches deixaram cair uma bomba lá pela cozinha. Ele acordou na Inglaterra com um ferimentozinho no braço, no

hospital de *Lady Carrington*.

— Então for assim que se conheceram...

— Exatamente. Ele bancou o herói ferido pois *Lady Carrington* podia ser uma tola, mas tinha montanhas de dinheiro. O velho Carrington fora fabricante de armamentos, e ela enviuvara há seis meses quando esse sujeito a passou na conversa. Foi ela quem lhe arranjou um cargo qualquer no Ministério da Guerra. Hum! Coronel Clapperton, pois sim! — e o General fungou novamente.

— Então antes da guerra ele era do teatro de revista... — murmurou Miss Henderson tentando fazer uma síntese entre a imagem do distinto oficial e a de um comediante vulgar dizendo piadas de duplo sentido.

— Exatamente, foi o velho Bassington-french quem me contou, e sua fonte de informações foi o velho Badge Cotteril, que por sua vez soube da história por Snooks Parker.

— Então não pode mesmo restar dúvida alguma! — afirmou Miss Henderson categórica.

Um leve sorriso passou pelo rosto do homem baixinho sentado ao lado deles. Miss Henderson, muito observadora, notou o sorriso provocado por sua ironia, ironia esta que o General fora incapaz de perceber.

O General, alheio a tudo isso, consultou o relógio, levantou-se e declarou:

— Está na hora dos meus exercícios, preciso conservar-me em forma — e dirigiu-se para o convés.

Miss Henderson virou-se para o homenzinho do sorriso, num discreto convite a uma conversa.

— Ele tem um bocado de energia, não é mesmo? — disse o companheiro.

— Costuma dar exatamente quarenta e oito voltas ao convés! E que velho fofoqueiro! Ainda dizem que as mulheres é que gostam de falar da vida alheia...

— Que falsidade!

— Os franceses são muito galantes — disse Miss Henderson sorrindo. Era quase uma pergunta.

O homenzinho respondeu prontamente.

— Sou belga, madame.

— Ah, belga...

— Hercule Poirot, às suas ordens.

O nome lhe era familiar. Onde o ouvira?

— Está gostando da viagem, M. Poirot?

— Para ser franco, não. Foi uma tolice da minha parte ter-me deixado persuadir. Eu detesto *la mer*, suas águas não ficam paradas

nem um único minuto.

— No momento está bem calmo.

Poirot admitiu o fato de má vontade.

— No momento, está, e sinto vida nova, tornei a me interessar pelo que me cerca. Por exemplo, pela sua habilidade em lidar com o General Forbes.

— Refere-se a... — Miss Henderson hesitou.

— Seus métodos de desenterrar aquelas informações picantes foram admiráveis.

Miss Henderson riu sem inibição.

— Calculei que o velho pularia à menção da Guarda Real! — ela inclinou-se para ele e confidenciou-lhe: — Confesso que adoro mexericos, quanto mais picantes, melhor!

Poirot fitou pensativo à silhueta esbelta, bem conservada, os penetrantes olhos escuros, e os cabelos grisalhos daquela mulher de quarenta e cinco anos que não se preocupava em esconder a idade.

De repente, Ellie exclamou:

— Agora me lembro! O senhor não é o grande detetive?

— É muita amabilidade sua, *mademoiselle* — respondeu Poirot com uma mesura.

— Que emocionante! Está investigando algum caso misterioso? Será que temos um criminoso entre nós, ou estarei sendo indiscreta?

— Não, nem um pouco. Sinto desapontá-la, mas estou aqui para me divertir, como todos os outros.

Ele fez esta declaração numa voz tão desanimada que Miss Henderson soltou uma gargalhada.

— Bem, o senhor poderá obter algum alívio dando uma volta por Alexandria. Já estive no Egito?

— Não, *mademoiselle*.

Inesperadamente Miss Henderson levantou-se.

— Acho que vou imitar o General — ela anunciou.

Poirot ergueu-se polidamente. Com um rápido cumprimento, ela saiu para o convés.

Levemente intrigado, Poirot dirigiu-se à porta e espiou o tombadilho. Encostado à amurada, Miss Henderson conversava com um homem alto de aspecto marcial.

Os lábios de Poirot contraíram-se num leve sorriso. Recuou diplomaticamente como uma tartaruga recolhendo-se a seu casco. O

salão estava vazio. Uma situação transitória, conjecturou Poirot acertadamente, pois dali a instantes Mrs. Clapperton, com os imaculados cabelos platinados protegidos por uma rede e a silhueta conservada por massagens e dietas num elegante costume esporte, apareceu na porta do bar. Tinha o ar seguro de alguém que sempre pudera oferecer o lance mais alto por um objeto desejado.

— John...? — disse ela. — Ah, bom dia, M. Poirot. Viu John por acaso?

— Ele está no convés de estibordo, madame. Deseja que eu...?

Ela o deteve com um gesto.

— Vou esperar aqui — e ela sentou-se a seu lado com a pose de uma rainha. A distância, ela aparentara uns vinte e oito anos, mas de perto, apesar da maquilagem perfeita e das sobranceiras impecáveis, dir-se-ia ter cinqüenta e cinco. em vez dos seus verdadeiros quarenta e nove anos. Seus olhos azuis-claros, de pupilas diminutas, eram duros e secos.

— Senti a sua falta no jantar de ontem — disse ela. — Mas o mar estava um pouco agitado, não é mesmo?

— *Précisément* — Poirot concordou plenamente.

— Eu nunca enjoô, felizmente — disse Mrs. Clapperton. — Digo felizmente porque se enjoasse poderia até morrei, com esse meu coração fraco.

— Sofre do coração, madame?

— Sofro. Preciso tomar o *máximo* cuidado. Todos os especialistas dizem que não posso me cansar. — E Mrs. Clapperton começou a discorrer, deliciada, sobre o fascinante tema de sua saúde precária. — John, pobrezinho, está sempre fazendo o possível para impedir que eu me canse. Vivo muito intensamente, sabe, M. Poirot.

— Faço idéia, madame.

— Ele está sempre me aconselhando: “Tente ser menos vibrante, Adeline”. Mas não consigo. A vida é para ser vivida. não concorda? Quando era mocinha, durante a guerra, trabalhei até quase a exaustão completa. Ouviu falar em meu hospital? Naturalmente tinha enfermeiras e auxiliares, mas quem dirigia tudo era eu — e ela deu um suspiro.

— Sua vitalidade é admirável, madame — disse Poirot cortesmente mas sem muita convicção.

Mrs. Clapperton soltou uma risada

juvenil.

— Todos me acham tão jovem! E nunca tento negar meus quarenta e três anos — prosseguiu ela com falsa candura. — Muitos acham difícil de acreditar. “Você tem tanta vida, Adeline”, eles me dizem, Mas se não nos esforçarmos para viver, o que acontecerá, M. Poirot?

— Morreremos — retrucou o detetive.

Mrs. Clapperton franziu a testa, a resposta não lhe agradara. O homenzinho está tentando ser engraçado, ela pensou.

— Preciso encontrar John — ela declarou levantando-se e deixando cair a bolsa, que se abriu espalhando o seu conteúdo. Poirot, galantemente, correu em auxílio. Dali a pouco, batons, estojos de pó, cigarreira, isqueiro e outras miudezas haviam sido devolvidos à dona. Mrs. Clapperton agradeceu-lhe educadamente e seguiu para o convés.

— John! — era uma ordem.

O Coronel Clapperton, entretido em animada conversa com Miss Henderson, virou-se e atendeu prontamente ao chamado da esposa. Debruçou-se sobre ela em atitude protetora. A espreguiçadeira estava em bom lugar? Não seria melhor...? Atencioso, cortês,

era o protótipo do marido dedicado.

Miss Ellie Henderson contemplou o horizonte como se este a desagradasse profundamente.

Em pé, na porta do salão, Poirot observava.

Uma voz rouca e poderosa comentou em suas costas:

— Se eu fosse o marido daquela mulher, cortava-lhe o pescoço! — era um senhor venerando conhecido pela turma mais jovem como “o mais velho plantador de chá do mundo”. — Ei, rapaz! Traga-me uma dose de uísque — pediu o velho.

Poirot abaixou-se para apanhar um pedaço de papel que sobrara dos pertences de Mrs. Clapperton. Era parte de uma receita contendo digitalina. O detetive colocou-a no bolso para devolvê-la mais tarde.

— Aquela mulher é uma megera. Faz-me lembrar uma outra que conheci em Poona em 1887 — disse o velho.

— Alguém cortou-lhe o pescoço? — perguntou Poirot.

O companheiro sacudiu a cabeça, pesaroso.

— Encheu tanto a paciência do marido,

que ele acabou morrendo em menos de um ano. Clapperton devia se impor, dar menos trela à mulher!

— Ela controla o dinheiro — explicou Poirot muito sério.

O velho deu uma gostosa risada.

— O senhor definiu muito bem o problema!

Duas mocinhas irromperam sala a dentro, com a impulsividade da juventude, uma sardenta de cabelos ruivos e a outra de rosto redondo e linda cabeleira escura.

— Serviço de Salvamento! — anunciou Kitty Mooney. — Pam e eu vamos salvar o Coronel Clapperton.

— Das garras da esposa — concluiu Pamela Cregan.

— Ele é um *amor...*

— E ela é simplesmente horrorosa, não o deixa fazer *nada!*

— E quando ele se livra dela, Ellie Henderson o agarra.

— Ela é boazinha, mas tão *velha...*

Elas saíram apressadas, anunciando entre risadinhas:

— Serviço de Salvamento... Serviço de...

À noite as moças demonstraram ter

firmes propósitos de salvar o Coronel Clapperton. Pam Cregan, com a impunidade de seus dezoito anos, murmurou ao ouvido de Poirot:

— Observe só, M. Poirot. Vamos pegá-lo bem no nariz dela e levá-lo para um passeio ao luar.

O Coronel estava dizendo:

— Admito que um Rolls Royce não é barato, mas é carro para uma vida inteira. O meu...

— O carro de *minha esposa*, John — corrigiu a voz cortante de Mrs. Clapperton.

Ele não se deu por achado. Aparentemente já se acostumara às indelicadezas dela, ou então...

Ou então...? Poirot formulou algumas respostas mentais àquela pergunta.

— Certamente, querida, o *seu* carro — Clapperton fez uma mesura à esposa e terminou a frase iniciada com perfeita compostura.

Voilà ce qu'on appelle le pukka sahib, pensou Poirot. Mas na opinião do General Forbes ele não é um cavalheiro. O caso me intriga.

Alguém sugeriu uma partida de bridge.

Mrs. Clapperton, o General Forbes e um casal de narizes aquilinos acolheram a idéia com entusiasmo. Miss Henderson pediu licença e se dirigiu ao convés.

— E seu marido? — perguntou o General hesitante.

— John não joga. É uma das suas manias irritantes — disse Mrs. Clapperton arrumando suas cartas.

Pam e Kitty cercaram o Coronel, e cada uma apoderou-se de um dos braços do oficial.

— O senhor tem que vir conosco — disse Pam. — Vamos ver a lua no convés superior.

— Não faça uma tolice destas, John. Vai apanhar um resfriado — interveio Mrs. Clapperton.

— Conosco não há perigo — disse Kitty. — Somos muito esquentadas!

Ele as acompanhou rindo. Ao chegar sua vez Mrs. Clapperton disse secamente:

— Eu passo.

Poirot saiu para o convés. Encostada à amurada, Miss Henderson virou-se esperançosa quando ele se aproximou, e seu rosto anuviou-se. Trocaram algumas frases amáveis e ele ficou em silêncio.

— O que o preocupa? — ela perguntou.

— As deficiências do meu inglês. Ao declarar: “John não joga” Mrs. Clapperton estava acaso querendo dizer que o coronel não sabe jogar?

— Certamente ela considera o fato uma afronta pessoal — disse Ellie em tom seco. — Ele foi um tolo em desposá-la.

Na escuridão Poirot sorriu.

— Não acha possível que o deles seja um bom casamento? — ele arriscou.

— Com uma mulher daquelas?

Poirot encolheu os ombros.

— Muitas megeras têm maridos devotados; é um dos enigmas da natureza. A senhorita precisa admitir que nada do que ela diz ou faz parece irritá-lo.

Miss Henderson procurava uma resposta quando a voz de Mrs. Clapperton ecoou através da janela do salão;

— Não, não estou com vontade de jogar outra partida, está muito abafado aqui. Vou apanhar um pouco de ar no convés superior.

— Boa-noite. Eu vou dormir — disse Miss Henderson e retirou-se abruptamente.

Poirot dirigiu-se para o salão de estar. A única mesa ocupada era a do coronel com as duas moças. Ele as entretinha com alguns

truques de baralho, e observando a destreza com que ele manejava as cartas, Poirot lembrou-se das histórias do general sobre o teatro de variedades.

— Vejo que apesar de não jogar bridge, gosta de baralho — comentou o detetive.

— Tenho minhas razões para não jogar — disse Clapperton com um sorriso encantador. — Vou lhe mostrar. Vamos jogar uma partida — e ele deu as cartas com rapidez.

— Que tal? — disse ele quando os companheiros arrumaram suas cartas, e deu uma risada ante a expressão estupefacta do rosto de Kitty. Colocou suas cartas na mesa e os outros o imitaram. Kitty tinha a seqüência completa de paus, M. Poirot a de copas, Pam a de ouros e ele próprio a de espadas.

— Estão vendo só? — disse o coronel. — É melhor manter-me afastado das mesas de jogo. Meus parceiros podem implicar com a minha sorte excessiva!

Kitty não se conformava.

— Como conseguiu fazer uma coisa destas? Eu não percebi nada!

— As mãos foram mais rápidas que os olhos — sentenciou Poirot.

Os olhos do coronel mudaram de

expressão, como se percebesse que havia, por alguns momentos, desafivelado a máscara.

Poirot sorriu. O prestidigitador, escondido sob o disfarce do perfeito cavalheiro, aparecera.

Na madrugada seguinte o navio atracou em Alexandria. Quando Poirot subiu para o café, encontrou as duas moças prontas para desembarcar, conversando com o Coronel Clapperton.

— Vamos logo — disse Kitty afobada. — Os funcionários da alfândega vão descer agora. O senhor virá conosco, não? Não vai nos deixar ir à terra sozinhas, vai? Pense nas coisas terríveis que podem nos acontecer...

— Não devem mesmo descer sozinhas — concordou o coronel sorrindo —, mas acho que minha esposa não está com disposição de passear.

— Que pena! — disse Pam. — Mas ela terá um dia inteirinho para descansar...

O Coronel Clapperton hesitou. Evidentemente seu desejo de dar uma escapadela era bem forte. Viu Poirot.

— Olá, M. Poirot, vai desembarcar?

— Não, penso que não — respondeu Poirot.

— Eu... vou falar com Adeline — decidiu-se o coronel.

— Vamos também — disse Pam piscando um olho para Poirot. — Talvez possamos persuadi-la a vir — acrescentou muito séria.

O coronel gostou da sugestão. Sua expressão era de alívio.

— Venham, então, todos — ele disse jovialmente e dirigiu-se para o convés B.

Poirot, cujo camarote ficava bem em frente ao do coronel, seguiu-o por pura curiosidade. O oficial bateu na porta com um pouco de nervosismo.

— Adeline, querida, está acordada?

A voz sonolenta de Mrs. Clapperton respondeu lá de dentro.

— O'diabos, o que é?

— Sou eu, John. Quer ir à terra?

— De maneira alguma — a voz era estridente e categórica. — Dormi muito mal. Vou passar o dia deitada.

Pam interveio prontamente:

— Que pena, Mrs. Clapperton! Gostaríamos tanto de que nos acompanhasse! Tem certeza de que não está disposta?

— Certeza absoluta — a voz de Mrs. Clapperton soou ainda mais estridente.

O coronel virava a maçaneta sem resultado

— O que é, John? Tranquei a porta, não quero ser incomodada pelos camareiros.

— Desculpe, querida. Só queria meus cigarros.

— Vai ter que passar sem eles — retorquiu Mrs. Clapperton. — Não vou me levantar. Vá logo embora, John, deixe-me em paz.

— Pois não, querida, pois não — o coronel afastou-se de braços com Pam e Kitty.

— Vamos logo. Felizmente seu chapéu está na cabeça. Nossa! E o passaporte? — disse uma das moças.

— Para falar a verdade, está em meu bolso... — começou a dizer o coronel.

Kitty apertou o seu braço.

— Que maravilha! Vamos embora!

Encostado à amurada, Poirot observou o trio descer as escadas para o cais. Alguém soltou uma exclamação a seu lado, e ele virou-se e deparou com Miss Henderson olhando na mesma direção.

— Então eles vão à terra — disse ela.

— E a senhorita não vai imitá-los?

Ela trazia um chapéu de abas largas e

uma bolsa elegante, próprios para um passeio. Entretanto, após uma ligeira hesitação, ela sacudiu a cabeça.

— Não, não vou descer. Tenho algumas cartas para escrever — disse e retirou-se.

Com a respiração ofegante, ao terminar sua quadragésima oitava volta, o General Forbes juntou-se a Poirot.

— Ha! — exclamou ao ver o coronel na companhia das duas mocinhas. — Que malandro! Então as coisas estão nesse ponto, hem? E onde está a infeliz consorte?

Poirot explicou que Mrs. Clapp pretendia passar o dia descansando.

— Não acredito! — e o velho militar piscou um olho. — Daqui a pouco ela vai aparecer e se o miserável não estiver por aqui, vai haver uma encrenca dos diabos!

Mas os prognósticos do general não se realizaram. Mrs. Clapp não compareceu ao almoço, e não havia se levantado ainda quando o coronel retornou às quatro da tarde.

Poirot, em seu camarote, ouviu as tímidas batidas na porta em frente. As batidas se repetiram, alguém girou repetidamente a maçaneta, e afinal ouviu a voz do coronel chamando o camareiro:

— Ei, venha cá. Ninguém responde, você tem uma chave?

Poirot ergueu-se rapidamente de seu beliche e saiu para o corredor.

A notícia espalhou-se como fogo em capim seco pelo navio. Os passageiros ouviram, incrédulos e horrorizados, que Mrs. Clapperton fora encontrada morta em seu beliche com uma adaga nativa enfiada no coração. Um colar de contas marrons fora achado no chão do camarote. Os rumores multiplicaram-se. Todos os vendedores de quinquilharias que haviam subido a bordo naquele dia foram detidos e interrogados. Desaparecera uma grande quantia em dinheiro de uma gaveta do camarote! Havia recuperado as notas! Não haviam recuperado as notas! Jóias valiosíssimas haviam sido roubadas! Que jóias, que nada! Um camareiro fora preso e confessara o crime!

— M. Poirot, onde está a verdade? — perguntou Miss Ellie Henderson. Seu rosto estava pálido e angustiado.

— Minha cara senhorita, como vou saber?

— O senhor sabe, sim — disse Miss Henderson.

Era quase meia-noite. A maioria dos

passageiros havia-se recolhido. Miss Henderson conduziu Poirot para duas cadeiras no convés.

— Conte-me agora — ela ordenou.

Poirot a fitou, pensativo.

— Este é um caso interessante — disse ele.

— Roubaram mesmo jóias valiosas?

Poirot sacudiu a cabeça.

— Não, não roubaram jóia alguma. Mas algumas notas que estavam numa gaveta desapareceram.

— Nunca mais me sentirei segura num navio — disse ela com um estremecimento. — Há alguma pista indicando qual daqueles vigaristas morenos a matou?

— Não — disse Hercule Poirot. — O caso é muito estranho.

— Que pretende dizer com isso? — Ellie foi incisiva.

— *Eh bien*, vamos aos fatos. Quando encontraram o corpo de Mrs. Clapperton ela estava morta há pelo menos umas cinco horas. Desaparecera algum dinheiro. No chão do camarote, um colar de contas. A porta trancada, sem a chave. A janela, ouça bem, *janela* e não escotilha, dando para o convés,

aberta.

— E daí? — perguntou ela impaciente.

— Não acha curioso um assassinato cometido nessas circunstâncias? Lembre-se de que os vendedores de cartões-postais, os cambistas e os camelôs que têm permissão para subir a bordo são bem conhecidos da polícia.

— E mesmo assim, os camareiros trancam as portas dos camarotes — retrucou Ellie.

— É verdade, para impedir a possibilidade de algum pequeno furto. Mas um assassinato é coisa diferente.

— Onde quer chegar, M. Poirot? — a voz dela traía nervosismo.

— Estou pensando na porta trancada.

Miss Henderson refletiu.

— Nada vejo de estranho nisso. O assassino saiu pela porta, trancou-a e levou a chave para retardar a descoberta do crime, uma providência inteligente, pois só descobriram o corpo às quatro da tarde.

— Não, não, *mademoiselle*. Não está percebendo aonde quero chegar. O que me preocupa não é como ele saiu, mas como ele *entrou*.

— Pela janela, naturalmente.

— *C'est possible*. Mas ela é bem estreita, e há sempre gente passeando pelo convés.

— Então ele entrou pela porta, ora — disse Miss Henderson já impaciente.

— Mas *mademoiselle* se esquece de que Mrs. Clapperton trancou a porta por dentro antes do coronel sair do navio. Ele tentou abrir a porta e vimos que estava trancada.

— Bobagem, provavelmente emperrou, ou ele não virou direito a maçaneta.

— Não estamos nos baseando só nas palavras dele. Nós ouvimos Mrs. Clapperton dizer que trancara a porta a chave.

— Nós?

— Miss Mooney, Miss Cregan, o coronel e eu.

Ellie Henderson bateu com a ponta do sapato elegante no chão. Ficou calada algum tempo, e então disse com ligeira . irritação:

— Bem, e o que deduz daí? Mrs. Clapperton pode muito bem ter destrancado a porta depois.

— Exatamente, exatamente — e Poirot voltou para ela o rosto sorridente. — E veja a que isto nos leva: *Mrs. Clapperton abriu a porta e deixou o assassino entrar*. Acha provável que

ela tenha aberto a porta a um camelô qualquer?

Ellie protestou:

— Talvez ela não soubesse quem era. O criminoso bateu, ela levantou-se e abriu a porta, ele forçou a entrada e a matou.

Poirot sacudiu a cabeça numa negativa.

— *Au contraire*, ela estava pacificamente deitada quando a apunhalaram.

Miss Henderson o encarou:

— O que deduz daí? — ela perguntou abruptamente.

O detetive sorriu.

— Bem, fica-nos a impressão de que ela conhecia bem esta pessoa que bateu em sua porta...

— Está querendo dizer que *o assassino é um passageiro do navio*? — disse Miss Henderson com alguma rispidez.

— É o que parece — respondeu Poirot balançando a cabeça.

— E o assassino tentou despistar-nos com o colar?

— Exatamente.

— E levou o dinheiro com o mesmo propósito?

— Isso mesmo.

Depois de alguns momentos de silêncio, Miss Henderson disse pausadamente:

— No meu conceito Mrs. Clapperton era uma mulher muito desagradável, e não creio que algum passageiro simpatizasse com ela. Mas isso não é motivo suficiente para matar ninguém.

— Talvez o marido tivesse um bom motivo — disse Poirot.

— O senhor não acredita... — ela calou-se.

— Na opinião geral dos passageiros, o Coronel Clapperton teria toda a razão “se lhe cortasse o pescoço”. Se não me engano, foi a expressão que ouvi.

Ellie Henderson olhava para ele, à espera.

— Mas devo confessar — prosseguiu Poirot — que não notei nenhum sinal de exasperação por parte do coronel, e o que é ainda mais importante, ele tem um álibi. Passou o dia inteiro na companhia das duas moças, e quando voltou para o navio às quatro, Mrs. Clapperton estava morta há várias horas.

Após outro minuto de silêncio, Ellie Henderson disse baixinho:

— Mas o senhor ainda pensa... num

passageiro do navio?

Poirot curvou a cabeça.

Ellie Henderson soltou uma súbita gargalhada, desafiadora e impudente.

— Será difícil provar sua teoria, M. Poirot. Há muitos passageiros a bordo.

O detetive fez-lhe uma mesura:

— Plagiando Sherlock Holmes, direi: “Tenho meus métodos, Watson.”

Na noite seguinte, na mesa do jantar, cada passageiro encontrou um bilhete pedindo seu comparecimento a uma reunião no salão principal às oito e trinta. Quando o grupo estava completo o capitão subiu na plataforma da orquestra e dirigiu-lhes a palavra.

— Senhoras e senhores, todos tomaram conhecimento da tragédia de ontem. Tenho certeza de que desejam cooperar para que o culpado desse monstruoso crime seja levado à Justiça — o oficial hesitou e pigarreou: — A bordo viaja M. Hercule Poirot, provavelmente conhecido de todos graças a sua ampla experiência em tais... assuntos. Espero que ouçam com atenção as suas palavras.

Neste instante, o Coronel Clapperton, que não subira para o jantar, entrou e sentou-se ao lado do General Forbes. Muito abatido, parecia

curvado sob o peso de uma grande tristeza, e não tinha absolutamente o aspecto de um homem aliviado. Ou era um ótimo ator, ou nutrira uma genuína afeição por sua desagradável esposa.

O capitão cedeu o lugar ao detetive. Poirot tinha uma aparência um tanto ridícula ao cumprimentar a platéia:

— *Mesdames, messieurs* — começou —, é muita indulgência de sua parte ouvirem o que tenho a dizer. *M. le capitaine* falou-lhes sobre a minha experiência nesses assuntos. Essa experiência me sugeriu uma pequena idéia, que poderá nos levar à verdade — ele fez um sinal e um camareiro adiantou-se com um volume informe, envolto num lençol.

— Talvez se surpreendam, e me considerem um excêntrico, talvez mesmo um louco — preveniu-os Poirot. — Entretanto, asseguro-lhes que há método em minha loucura, como costumam dizer na Inglaterra.

Seu olhar cruzou-se com o de Miss Henderson e ele começou a desembrulhar o volume.

— Tenho aqui, *mesdames* e *messieurs*, uma importante testemunha do assassinato de Mrs. Clapperton.

Com um gesto rápido ele retirou o lençol revelando um boneco de madeira quase do tamanho de um homem adulto, vestido num terno de veludo com gola de renda.

— Arthur — disse Poirot num inglês autêntico com um leve sotaque *cockney* —, você pode me contar alguma coisa a respeito da morte de Mrs. Clapperton?

O pescoço do boneco oscilou, seu maxilar de madeira abriu-se e uma voz estridente e aguda de mulher disse:

— O que é, John? Tranquei a porta, não quero ser incomodada pelos camareiros...

Ouviu-se um grito abafado, uma cadeira caiu ao chão, um homem levantou-se, cambaleando, com a mão no pescoço, tentando falar, tentando... Subitamente seus joelhos dobraram-se e ele estatelou-se no chão.

Era o Coronel Clapperton.

Poirot e o médico de bordo ergueram-se ao lado do corpo.

— Tudo acabado, infelizmente. Coração — disse o médico, sucinto.

Poirot balançou a cabeça.

— Foi o choque de ter sido descoberto — disse ele e virou-se para o General Forbes: — O senhor, general, deu-me uma indicação valiosa

quando mencionou o teatro de variedades. Fiquei pensando, até que me ocorreu uma idéia: imaginemos que Clapperton fosse um ventríloquo antes da guerra. Seria então perfeitamente possível que três pessoas ouvissem a voz de Mrs. Clapperton de dentro do camarote quando *ela já estava morta...*

A seu lado Ellie Henderson voltou para ele os olhos escuros cheios de sofrimento:

— O senhor sabia que o coração dele era fraco? — ela perguntou.

— Adivinhei... Mrs. Clapperton queixou-se de deficiência cardíaca, mas deduzi que era do tipo de mulher que adora queixar-se da saúde. Achei uma receita rasgada com uma dose muito forte de digitalina, um remédio para o coração. . Mas digitalina dilata as pupilas, e as de Mrs. Clapperton eram normais. Mas quando observei os olhos dele, descobri imediatamente que a receita lhe pertencia.

Ellie falou, e sua voz era um murmúrio:

— Então o senhor sabia... que isto poderia acabar... assim?

— Foi o melhor que poderia ter acontecido a ele, não acha, *mademoiselle*? — ele perguntou com brandura.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— O senhor sabia... sabia o tempo todo... que eu gostava dele... Mas não foi por mim que a matou... Foram aquelas moças... a juventude delas... que o fizeram sentir sua escravidão. Ele queria libertar-se antes que fosse demasiado tarde... Sim, foi o que aconteceu... Como o senhor adivinhou que ele a matara?

— O autocontrole dele era perfeito demais — disse Poirot com simplicidade. — Por mais exasperante que fosse a conduta da esposa, nunca o afetava. Podia ser uma indicação de que se acostumara ao fato, e não se irritava mais, ou então... *Eh bien*, concluí pela última alternativa... E eu estava certo. Na noite antes do crime ele fingiu revelar sem querer suas habilidades de prestidigitador. Mas um homem como Clapperton nunca age irrefletidamente, deveria haver uma razão para esse procedimento. Enquanto as pessoas julgassem que ele fora um mágico, não pensariam que pudesse ser um ventríloquo.

— E a voz que ouvimos? A voz de Mrs. Clapperton?

— Uma das camareiras tem uma voz semelhante à dela. Convenci-a a se esconder atrás do palco e a dizer aquela frase.

— Foi um truque cruel! — exclamou Ellie.

— Não aprovo assassinatos — disse Hercule Poirot.

Que Bonito é o seu Jardim?

Após empilhar a correspondência metodicamente, Hercule Poirot pegou o envelope de cima, examinou o sobrescrito por algum tempo, e o abriu com o auxílio de um cortador de papéis que guardava sobre a mesa do café expressamente para esse fim. Extraiu um segundo envelope fechado com lacre vermelho e marcado “Particular e Confidencial”, e ergueu as sobrancelhas:

— *Patience!* Chegaremos lá! — murmurou tornando-se a servir do cortador. Afinal, desta vez obteve uma carta escrita numa caligrafia trêmula e angulosa, com várias palavras sublinhadas com traços fortes.

Hercule Poirot iniciou a leitura. “Confidencial”, avisava de saída a missivista. Seguia-se seu endereço: O Roseiral, Charman’s Green, Bucks, e a data, vinte e um de abril. “Caro M. Poirot,

Uma velha e querida amiga, sabendo as *aflições* e as *tristezas* por que tenho passado nos últimos tempos, recomendou-me o senhor. Ela não conhece, entretanto, os *fatos* que provocaram esses sentimentos. Tenho sido

muito reservada, pois o assunto é estritamente *confidencial*. Minha amiga tranqüilizou-me quanto à sua descrição. Não desejo envolver-me com a polícia, mesmo que minhas suspeitas tenham fundamento. Esta solução não me agrada.

É possível, entretanto, que eu esteja *inteiramente enganada*. Ultimamente, devido à insônia e por não ter ainda me recuperado de uma doença grave que me acometeu no último inverno, não me julgo com a lucidez necessária para investigar o caso sozinha. Faltam-me *meios e capacidade*. Por outro lado, devo insistir que se trata de um assunto de família, muito delicado, e por várias razões é meu desejo abafar o caso. Uma vez de posse dos fatos, desejaria resolver o problema sozinha. Espero ter sido suficientemente clara nesse ponto. Caso esteja disposto a encarregar-se da investigação, escreva ao endereço acima.

Atenciosamente,

Amelia Barrowby.”

Com a testa levemente franzida Poirot tornou a ler a carta. Afinal, deixando-a de lado, prosseguiu com o exame da correspondência.

Precisamente às dez horas entrou na sala onde Miss Lemon, sua secretária particular,

esperava suas instruções diárias. Miss Lemon era uma mulher de quarenta e oito anos, tão pouco atraente quanto um lote de ossos unidos ao acaso. Sua paixão pela ordem quase se igualava à de Poirot, e embora fosse capaz de ter idéias próprias, só empregava a faculdade de raciocínio se lhe ordenassem.

Poirot entregou-lhe a correspondência matutina.

— *Mademoiselle*, tenha a bondade de responder negativamente, nos termos adequados a cada caso, a todas essas cartas.

Miss Lemon passou uma vista rápida pelo lote e marcou cada carta com um sinal misterioso de seu código particular: “resposta adocicada”, “ácida”, “mel puro”, “bem azeda”, e assim por diante. Concluída essa tarefa ela esperou novas instruções.

Poirot passou-lhe a carta de Amelia Barrowby. Ela a retirou do envelope duplo, leu-a e olhou indecisa para o patrão.

— E esta, M. Poirot? — perguntou com o lápis a postos.

— Gostaria de ouvir sua opinião, Miss Lemon.

Franzindo a testa, a secretária largou o lápis e releu a missiva. A correspondência só

interessava a Miss Lemon dentro dos limites rígidos de suas atribuições profissionais. Ca-bia-lhe dar-lhe a resposta adequada, e o seu teor emocional não á tocava.

Muito raramente seu patrão apelava para a sua intuição, e Miss Lemon sempre sentia um ligeiro aborrecimento nesses casos. Preferia ser a máquina perfeita, total e gloriosamente desinteressada dos problemas emotivos dos seres humanos. A verdadeira paixão de sua vida era o aperfeiçoamento de um sistema de arquivos que colocaria todos os já existentes no chinelo. À noite seus sonhos eram povoados por miraculosos arquivos. Entretanto Miss Lemon possuía bastante sensibilidade quanto aos problemas humanos, como Poirot já descobriria.

— O que acha? — ele perguntou.

Miss Lemon examinava o envelope duplo.

— Foi escrita por uma velhinha muito preocupada, e tão discreta que não nos revelou nada.

— Isso me chamou também a atenção — disse Hercule Poirot.

Esperançosa, ela retomou o bloco de taquigrafia. Desta vez Poirot a satisfez:

— Escreva-lhe que terei muito prazer em

visitá-la quando lhe aprouver, a menos que prefira vir aqui. Escreva a mão, não a máquina.

— Sim, M. Poirot.

O detetive entregou-lhe outros envelopes.

— Estas são contas.

As mãos eficientes de Miss Lemon classificaram-nas rapidamente.

— Pagaremos todas, menos estas duas.

— Por quê? Há algum erro nelas?

— Não, mas são de lojas onde abrimos contas recentemente. Dá má impressão saldar os débitos com muita presteza logo de início. Poderão pensar que estamos querendo impressioná-los porque somos na realidade maus pagadores.

— Ah! — fez Poirot. — Curvo-me diante do seu conhecimento das excentricidades dos comerciantes ingleses.

— Há pouca coisa sobre eles que eu desconheça — disse Miss Lemon carrancuda.

A carta para Miss Amelia Barrowby seguiu pelo correio seguinte, mas não obteve resposta. Talvez a velha senhora houvesse deslindado sozinha o seu enigma, pensou

Hercule Poirot, estranhando entretanto não ter recebido uma carta delicada comunicando-lhe não mais precisar de seus serviços.

Na semana seguinte, após receber suas instruções matinais, Miss Lemon disse-lhe:

— Não admira que Miss Barrowby não tenha respondido sua carta, ela faleceu.

— Ah, então faleceu? — disse Poirot lentamente. Parecia mais uma resposta do que uma pergunta.

A secretária retirou um recorte de jornal de sua bolsa.

— Vi isto aqui durante a viagem do metrô e rasguei o pedaço.

Poirot notou com aprovação que, embora Miss Lemon usasse o termo “rasguei”, havia na realidade recortado cuidadosamente o anúncio fúnebre do *Morning Post*. O recorte dizia:

“Amelia Jane Barrowby — falecida subitamente aos setenta e três anos de idade, no dia vinte e seis de março, no Roseiral, em Charman’s Green. A família pede que não sejam enviadas flores.”

— “Subitamente...” — murmurou Poirot e deu uma ordem incisiva à sua secretária: — Vou ditar uma carta, Miss Lemon.

Ela pegou rapidamente o bloco e começou

a anotar, enquanto sua mente divagava sobre as complexidades dos sistemas de arquivos:

“Cara Miss Barrowby,

Não tendo ainda recebido sua resposta, irei visitá-la na próxima sexta-feira, quando outros assuntos me levam a Charman’s Green. Poderemos assim discutir mais amplamente o problema mencionado em sua carta.

Atenciosamente, ...”

— Passe à máquina e coloque-a logo no correio. Assim estará em Charman’s Green hoje à noite.

Na manhã seguinte Poirot recebeu pelo segundo correio uma carta tarjada de negro: “Caro senhor.

Em resposta à sua carta, devo-lhe informar que minha tia, Amelia Barrowby, faleceu no dia vinte e seis, e portanto o assunto que menciona não tem mais relevância.

Atenciosamente,

Mary Delafontaine.”

Poirot sorriu.

— Não tem mais relevância, hem? Isso é o que veremos. *En avant*, para Charman’s Green.

O Roseiral era um nome bem adequado àquela propriedade, pensou Poirot, e não era

sempre que os títulos correspondiam à realidade. O detetive, no portão do jardim, olhou com aprovação os canteiros floridos com margaridas, as primeiras tulipas e jacintos azuis. As viçosas roseiras prometiam uma bela colheita nos meses seguintes. Conchas demarcavam parcialmente um canteiro num toque romântico.

— Como é mesmo aquele versinho que as crianças inglesas costumam cantar? — murmurou. Poirot e disse baixinho:

“Senhorita, tão catita,
Que lindo é o seu jardim!
Com seixos e brancas conchas
E raparigas sem fim...”³

E aí vem pelo menos uma bela rapariga para fazer jus ao cenário, pensou o detetive.

A porta da frente se abriu e uma bonita criadinha, de touca e avental, examinava com um ar desconfiado o estrangeiro de fartos bigodes que falava sozinho no jardim. A mocinha tinha lindos olhos azuis-claros e faces rosadas.

Poirot retirou o chapéu cortesmente e

³ Mistress Mary, quite contrary
How does your garden grow?
With cockle shells, and silver bells,
And pretty maids all in a row.

perguntou:

— *Pardon*, é aqui a casa de Miss Amelia Barrowby?

A criadinha prendeu a respiração e arregalou os olhos:

— Oh, o senhor ainda não sabe? Ela morreu, de repinte, na terça-feira à noite.

Ela hesitava, dividida entre dois fortes instintos: sua desconfiança natural pelos estrangeiros e o prazer próprio de sua classe de discorrer sobre casos de morte e doença.

— Mas eu não sabia! — mentiu Poirot. — Tinha uma entrevista marcada com essa senhora hoje. Talvez eu possa falar com a outra senhora da casa.

A criadinha ficou indecisa.

— Com a patroa? Bem, eu não sei se ela o receberá.

— Ela me receberá, sim — afirmou Poirot entregando-lhe um cartão.

Seu tom autoritário produziu resultados. A criadinha de faces rosadas recuou e, deixando Poirot na sala de estar à direita do vestibulo, retirou-se com o cartão para chamar a patroa.

Hercule Poirot correu os olhos pela sala. A decoração era convencional, com papel de

parede creme, estampados discretos, almofadas e cortinas rosas e grande número de bibelôs de porcelana. Nenhum detalhe no ambiente revelava uma personalidade marcante.

Subitamente Poirot, muito sensível, sentiu que era observado. Voltou-se e viu uma moça pálida, de cabelos negros e olhos desconfiados, em pé junto à porta envidraçada que dava para o jardim. Cumprimentou-a com um aceno e ela perguntou sem preâmbulos:

— O que veio fazer aqui?

Poirot não respondeu. Limitou-se a erguer as sobrancelhas.

— Não é um advogado, é? — o inglês dela era correto, mas ninguém a tomaria por uma inglesa.

— Por que eu deveria ser um advogado, *mademoiselle*?

A moça o encarou carrancuda.

— Pensei que fosse. Pensei que tivesse vindo para dizer-me que ela não sabia o que estava fazendo, que eu a influenciasse indevidamente. Mas não é verdade! Ela queria deixar o dinheiro para mim, e ele será meu. Preciso arranjar um advogado, o dinheiro é meu! Ela deixou escrito, e assim será — seu

aspecto não era atraente, com o queixo erguido num desafio e os olhos brilhantes.

A porta se abriu e uma mulher alta entrou.

— Katrina!

A moça recuou, ruborizou-se, e murmurando algumas palavras saiu pela porta envidraçada.

Poirot virou-se para a recém-chegada que controlara tão eficientemente a situação com uma única palavra. Sua voz revelara autoridade, desprezo e uma disfarçada ironia. O detetive percebeu imediatamente que estava diante da dona da casa, Mary Delafontaine.

— É M. Poirot? O senhor não deve ter recebido minha carta, não?

— Estive fora de Londres nos últimos dias.

— Ah, isto explica tudo. Sou Mary Delafontaine, e este é meu marido. Miss Barrowby era minha tia.

Mr. Delafontaine entrara tão silenciosamente que ele nem percebera sua chegada. Era um homem alto, grisalho, de aspecto indeciso. Acariciava o próprio queixo num tique nervoso, lançando freqüentes olhares à esposa. Obviamente esperava que ela

tomassem todas as iniciativas.

— Sinto tê-la incomodado nessa situação penosa — disse Hercule Poirot.

— Não foi sua culpa — disse Mrs. Delafontaine. — Minha tia morreu terça-feira à noite, de uma forma inesperada.

— Completamente inesperada — reforçou Mr. Delafontaine. — Foi um grande golpe para nós — ele observava a porta envidraçada por onde saíra a moça estrangeira.

— Aceitem minhas desculpas — disse Poirot dando um passo em direção a porta.

— Um momento — interveio Mr. Delafontaine. — O senhor tinha... uma entrevista marcada com a tia Amelia?

— *Parfaitement.*

— Talvez se nos disser do que se trata, possamos ajudá-lo — disse a mulher.

— O assunto era confidencial — retorquiu Poirot e acrescentou: — Sou um detetive.

Mr. Delafontaine derrubou uma pastora de porcelana que segurava. A esposa perguntou com uma expressão intrigada:

— Um detetive? E o senhor tinha uma entrevista marcada com titia? Que coisa estranha! — ela o olhava admirada. — Pode nos adiantar mais algum detalhe, M. Poirot?

É... tão fantástico!

Poirot ficou em silêncio por alguns instantes. Afinal disse escolhendo as palavras com cuidado:

— Não sei bem ainda o que devo fazer, madame.

— Olhe aqui, ela não mencionou russos, por acaso? — perguntou Mr. Delafontaine.

— Russos?

— Sim, russos, bolchevistas, comunistas, coisas assim...

— Não seja tolo, Henry! — disse a esposa. Mr. Delafontaine corou.

— Desculpe, desculpe, foi só uma idéia...

Mary Delafontaine encarou francamente Poirot. Seus olhos eram intensamente azuis, da cor de miosótis.

— Gostaria de que pudesse nos dar alguns esclarecimentos. Tenho uma razão bem forte para lhe fazer esse pedido.

— Cuidado, minha velha, pode não ser nada! — disse Mr. Delafontaine alarmado.

Sua esposa fuzilou-o com um olhar.

— O que nos diz, M. Poirot?

Lenta e gravemente Poirot sacudiu a cabeça, com visível pesar.

— Receio não poder dizer nada no

momento, madame — e fazendo uma medida, pegou o chapéu e dirigiu-se para a entrada. Mary Delafontaine acompanhou-o. Na porta ele voltou-se para ela:

— A senhora tem muito amor pelo seu jardim, não, madame?

— Eu? É verdade, entretenho-me muito com a jardinagem.

— *Je vous fais mes compliments* — disse Poirot e despedindo-se atravessou o jardim. Ao fechar o portão percebeu um rosto pálido que o observava de uma janela do sobrado. Na calçada em frente, um homem ereto, de passo marcial, andava de um lado para o outro.

Hercule Poirot balançou a cabeça.

— *Definitivement*, nessa toca há coelho! — disse ele. Tomando uma decisão dirigiu-se ao correio mais próximo onde deu dois telefonemas. Em seguida andou até a delegacia de polícia de Charman's Green e perguntou pelo Inspetor Sims.

O inspetor era um homem alto e vigoroso, muito cordial.

— É M. Poirot? Foi o que pensei. Acabo de receber um telefonema do chefe a seu respeito. Disse-me que o esperasse. Venha para o meu escritório.

Fechando a porta o inspetor ofereceu uma cadeira a Poirot. Acomodou-se na sua e dirigiu um olhar interrogativo ao visitante.

— O que despertou suas suspeitas, M. Poirot? Vem nos ver a respeito desse caso do Roseiral quase antes mesmo que tivéssemos certeza de se tratar de um crime.

Poirot estendeu a carta de Miss Barrowby ao inspetor.

— Muito interessante — disse o policial ao terminar a leitura. — O problema é que ela foi muito vaga. Se tivesse sido mais explícita nos seria de grande ajuda agora.

— Ou talvez nossa intervenção nem fosse necessária.

— O que quer dizer?

— Que ela ainda poderia estar viva,

— Suas suspeitas vão bem longe, não? E não me atreve a contradizê-lo.

— Inspetor, dê-me os fatos. Não sei de nada.

— Aí vai; a velha senhora começou a passar mal depois do jantar de terça-feira. Os sintomas eram alarmantes: convulsões, espasmos e tudo o mais. Chamaram logo o médico, mas quando ele chegou a velhinha já estava morta. A família pensou num ataque,

mas o médico não estava tranqüilo. Embromou, desconversou, e terminou dizendo-lhes que não poderia assinar o certificado de óbito. Isto é tudo que os parentes sabem; estão aguardando o resultado da autópsia. Mas o médico nos comunicou imediatamente suas suspeitas e auxiliou o médico legista. O laudo é categórico. A velha morreu envenenada com uma forte dose de estriquinina.

— Ah!

— É, assassinato. O problema é *quem* a envenenou? A morte deve ter ocorrido pouco tempo depois da ingestão da droga! Primeiro pensamos no jantar, mas já abandonamos a idéia. Miss Barrowby, e Mr. e Mrs. Delafontaine tomaram uma sopa de aspargos servida na própria mesa, de uma sopeira. Em seguida um pastelão de peixe e uma torta de maçã. A moça de origem russa, que era uma espécie de enfermeira da velha, não comia junto com a família. Jantava depois sozinha. Há uma empregada, mas era sua noite de folga. Ela deixou a sopa na panela, o pastelão no forno e a torta já pronta. Todos comeram a mesma coisa. Além disso não creio que alguém engolisse estriquinina em pó misturada à comida, a droga é amarga como fel. Segundo o

médico, é possível detectar o seu gosto numa solução de um para mil.

— E no café?

— No café seria mais provável, mas a velha nunca tomava café.

— Estou vendo o problema. Aparentemente é uma dificuldade intransponível, não? O que ela bebeu na refeição?

— Água.

— Enigma interessante, não acha? A velha senhora tinha dinheiro?

— Devia estar numa boa situação, mas ainda não conhecemos detalhes. Já os Delafontaine estão numa situação precária. A velha contribuía para a manutenção da casa.

Poirot deu um leve sorriso.

— Então suspeita do casal, não? Do marido ou da mulher?

— Não disse que suspeitava deles, mas são os únicos parentes próximos e sem dúvida herdam uma bela quantia com a morte dela. E conhecemos bem a natureza humana!

— É, muito pouco atraente, às vezes. A velhinha não comeu nem bebeu mais nada?

— Bem, para sermos exatos...

— Ah, *voilà!* Tive a intuição de que estava

escondendo alguma coisa! Sopa, pastelão, torta, *des bêtises*! Vamos ao que importa.

— Não posso assegurar nada. Mas a velha costumava tomar um preparado antes da refeição. Não era pílula, nem comprimido, mas aquelas cápsulas preparadas na farmácia contendo algum pó inofensivo para facilitar a digestão.

— Excelente! Nada mais fácil do que encher uma delas com estriquinina e colocar entre as outras. A velha senhora a tomaria com um gole d'água e não sentiria gosto algum.

— Tem razão. O problema é que foi a moça quem lhe deu a cápsula.

— A moça russa?

— Essa mesma. Katrina Rieger. Era uma espécie de acompanhante e enfermeira improvisada. Miss Barrowby a tiranizava. Vá buscar isso, vá buscar aquilo, esfregue minhas costas, prepare meu remédio, vá à farmácia, e assim por diante. Sabe como são essas velhas, não têm intenção de serem cruéis, mas são verdadeiras feitoras de escravos!

Poirot sorriu.

— Não consigo vê-la como assassina — prosseguiu o Inspetor Sims. — Por que a moça

iria envenená-la? Com a morte de Miss Barrowby ela perdeu o emprego, e não será fácil conseguir outro, pois não é formada nem tem qualificações especiais.

— Mas outras pessoas da casa podiam ter acesso à caixa de cápsulas — sugeriu Poirot.

— Estamos investigando essa possibilidade, discretamente. E onde esteve guardado o remédio depois que a receita foi aviada pela última vez? Obteremos a resposta com paciência e trabalho de rotina. Amanhã mesmo tenho um encontro com o advogado de Miss Barrowby e com o gerente do seu banco. Há muito ainda por fazer.

Poirot levantou-se.

— Peço-lhe um obséquio, Inspetor Sims. Gostaria de que me desse uma palavrinha se surgirem novidades. Eis o número do meu telefone.

— Ora, com certeza, M. Poirot. Duas cabeças pensam melhor do que uma. Além disso o caso também é seu. Foi a si que Miss Barrowby recorreu.

— Obrigado, inspetor — Poirot apertou-lhe a mão e despediu-se.

No dia seguinte à tarde, o detetive recebeu um telefonema:

— É M. Poirot? Aqui é o Inspetor Sims. Os fatos estão começando a se definir.

— É verdade? O que aconteceu?

— Em primeiro lugar, uma bomba: Miss Barrowby deixou uma pequena quantia para a sobrinha, e o restante de . todo o seu dinheiro pára Katrina, em reconhecimento à sua bondade e dedicação. É o que reza o testamento, e isto altera tudo.

Uma imagem ocorreu instantaneamente a Poirot: um rosto obstinado e seu protesto veemente. “O dinheiro é meu. Ela deixou escrito, e assim será!” A herança não surpreenderia Katrina, ela tivera ciência do testamento.

— Em segundo lugar — prosseguiu o inspetor —, só Katrina tocou naquelas cápsulas.

— Tem certeza?

— A própria moça admite o fato. O que pensa disso?

— Extremamente interessante.

— Só nos falta uma coisa: saber como ela obteve a estriquinina. Não deve ser difícil descobrir.

— Mas até agora não conseguiu, não foi?

— Mal comecei. O inquérito foi hoje de

manhã.

— Qual o resultado?

— Foi adiado por uma semana.

— E a jovem Katrina?

— Vou detê-la por suspeita. Não quero correr riscos. Ela pode ter neste país algum amigo metido a engraçadinho que tente tirá-la daqui.

— Não, não acredito que ela tenha amigos.

— Por que diz isto, M. Poirot?

— É só uma impressão. Há mais alguma coisa?

— Nada de muita relevância. Miss Barrowby parece ter feito algumas transações más com seus títulos ultimamente. Deve ter perdido uma quantia razoável. São umas operações meio confusas, mas em nada afetam o nosso problema.

— Bem, muito obrigado. Foi muita amabilidade sua telefonar-me.

— De forma alguma. Cumpro o que prometo, e além disso vi que estava realmente interessado. Talvez ainda nos possa dar uma ajudazinha antes do caso terminar.

— Isto me daria um enorme prazer. Seria de grande utilidade se eu pudesse encontrar

um amigo de Katrina.

— Pensei tê-lo ouvido dizer que ela não tinha amigos — retrucou o inspetor, surpreso.

— Eu estava errado — disse Hercule Poirot. — Ela tem pelo menos um. — E desligou antes que o Inspetor Sims pudesse fazer mais qualquer pergunta.

Com a fisionomia grave, voltou à sala onde Miss Lemon batia à máquina. À aproximação do patrão ela levantou as mãos do teclado e ficou à espera.

— Quero que a senhorita use a sua imaginação — disse Poirot.

Miss Lemon colocou as mãos no colo com um ar resignado. Gostava de bater à máquina, de pagar contas, arquivar papéis e marcar entrevistas. Mas usar a imaginação para colocar-se em situações hipotéticas era, na sua opinião, uma tarefa muito aborrecida.

— A senhorita é uma moça russa — principiou Poirot.

— Certo — disse Miss Lemon parecendo mais inglesa do que nunca.

— Está só e sem amigos nesse país. Tem razões fortes para não desejar retornar à Rússia. Está empregada como acompanhante de uma velha senhora. A senhorita é humilde e

estóica.

— Certo — disse Miss Lemon obedientemente, mas não conseguiu imaginar-se numa posição humilde diante de velha alguma.

— Esta velha senhora se afeiçoa à senhorita e resolve deixar-lhe o seu dinheiro, e lhe fala de seu testamento.

Miss Lemon repetiu:

— Certo.

— Então a velhinha descobre alguma coisa que a preocupa muito. Talvez seja uma questão de dinheiro, alguma desonestidade sua. Talvez seja algo ainda mais grave, como um remédio com um gosto estranho, ou alguma comida que lhe faça mal. De qualquer forma, ela começa a suspeitar da senhorita e escreve para um conhecido detetive, ou melhor, para o mais famoso de todos, eu! Ela está a minha espera, e as coisas vão ficar pretas, como dizem aqui. É preciso agir rapidamente. E então, antes que o grande detetive chegue, a velhinha morre, e o dinheiro é seu. Que tal, acha verossímil esta história?

— Plenamente — disse Miss Lemon. — Isto é, tratando-se de uma russa. Eu pessoalmente nunca aceitaria um emprego de

acompanhante. Gosto de tarefas bem definidas. Além disso nunca sonharia em matar ninguém!

Poirot deu um suspiro.

— Que falta me faz o meu amigo Hastings! Ele tinha tanta imaginação, um espírito tão romântico. Tirava sempre conclusões erradas, é verdade, mas até nisso me ajudava.

Miss Lemon ficou em silêncio. Já ouvira falar muitas vezes no Capitão Hastings, e o assunto não a interessava. Olhou esperançosa para a máquina a sua frente.

— Então achou razoável essa hipótese?

— E o senhor, não acha?

— Receio que sim — suspirou Poirot.

O telefone tocou e Miss Lemon levantou-se para atendê-lo na outra sala. Voltou dali a um minuto:

— É o Inspetor Sims outra vez.

Poirot apressou-se a atender.

— Alô, alô, o que disse?

Sims repetiu a frase:

— Encontramos estriquinina no quarto da moça, escondida embaixo do colchão. O sargento acaba de chegar com a polícia. É a prova de que necessitávamos.

— Sim, é a prova de que necessitávamos — a voz de Poirot modificara-se, tornara-se subitamente confiante.

Hercule Poirot sentou-se em sua escrivaninha e começou a arrumar os objetos mecanicamente. Falava sozinho:

— Havia qualquer coisa errada, eu senti. Não, eu não senti, eu devo ter visto. *En avant* células cinzentas! Esforcem-se, vamos, reflitam. Estava tudo em ordem? A moça... sua preocupação com o dinheiro... Mme. Delafontaine... seu marido... sua imbecil menção de russos, mas ele é um imbecil... a sala... o jardim... Ah! O jardim!

Ele ergueu a cabeça, uma luz verde brilhava em seus olhos. Levantou-se num pulo e dirigiu-se à sala contígua.

— Miss Lemon, quer ter a bondade de interromper o seu trabalho e me acompanhar numa investigação?

— Uma investigação, M. Poirot? Receio não ter muito jeito para isso...

Poirot a interrompeu.

— A senhorita disse outro dia que conhecia bem os comerciantes ingleses.

— E conheço! — afirmou Miss Lemon.

— Então não há problema. A senhorita

deverá ir a Charman's Green e descobrir uma certa peixaria.

— Uma peixaria? — perguntou Miss Lemon surpreendida.

— Precisamente. A peixaria onde a família do Roseiral comprava peixes. Quando a encontrar, quero que faça essa pergunta ao peixeiro — e Poirot lhe entregou um pedaço de papel.

Miss Lemon leu o bilhete com interesse, balançou a cabeça em sinal de aquiescência e fechou a tampa da máquina.

— Iremos juntos a Charman's Green — disse o detetive. — A senhorita irá à peixaria e eu à delegacia de polícia. Levaremos só uma meia hora de Baker Street para chegar lá,

Na delegacia o Inspetor Sims mostrou surpresa ao vê-lo:

— Ora, como é rápido, M. Poirot. Não faz nem uma hora que lhe telefonei.

— Tenho um pedido a fazer. Gostaria de ver a moça Katrina. Qual é mesmo o nome todo dela?

— Katrina Rieger. Bem, não tenho nenhuma objeção.

A moça estava mais pálida e taciturna do que nunca. Poirot falou-lhe com brandura:

— *Mademoiselle*, quero que acredite que não sou seu inimigo. Quero que me diga a verdade.

Ela assumiu uma expressão de desafio.

— Mas eu disse a verdade. Eu disse a verdade a todo mundo. Se a velha senhora foi envenenada, não fui eu quem a envenenou. Estão enganados, querem impedir que eu receba meu dinheiro — falava com aspereza. Parecia um miserável ratinho encurralado, pensou Poirot.

— Fale-me sobre as cápsulas de digestivo, *mademoiselle*. Ninguém mais as manuseou?

— Eu já disse que não, não disse? Foram aviadas na farmácia naquela mesma tarde. Eu as trouxe em minha bolsa, pouco antes do jantar. Abri a caixa e dei uma delas a Miss Barrowby com um copo d'água.

— Ninguém mais tocou nelas?

— Não.

O ratinho podia estar encurralado, mas era corajoso!

— E Miss Barrowby não comeu nada no jantar além da sopa, do pastelão e da torta?

— Não — um não sem esperanças, um olhar angustiado que não via luz em parte alguma.

Poirot colocou a mão no ombro dela.

— Tenha coragem, *mademoiselle*. Ainda poderá obter a liberdade e o dinheiro, e uma vida tranqüila.

Ela o olhou com desconfiança.

Quando ele saiu, Sims lhe disse:

— Não entendi bem as suas palavras ao telefone, algo a respeito da moça ter um amigo.

— Ela tem um amigo: eu! — disse Poirot e deixou a delegacia antes que o inspetor pudesse se recuperar da surpresa.

No salão de chá, Miss Lemon foi direto ao assunto:

— O nome do peixeiro é Rudge, M. Poirot. O senhor estava absolutamente certo, foi uma dúzia e meia, anotei tudo aqui — e ela estendeu-lhe uma folha de seu bloco.

— Haha! — fez Poirot e seus olhos brilharam de satisfação.

Caía a tarde quando Hercule Poirot chegou ao Roseiral. Mary Delafontaine, entretida em seu jardim, surpreendeu-se ao vê-lo.

— Está de volta, M. Poirot?

— Sim, eu voltei — o detetive fez uma pausa e acrescentou: — A primeira vez que estive aqui lembrei-me daqueles versinhos:

Senhorita, tão catita,
Que lindo é o seu jardim!
Com seixos e brancas conchas
E raparigas sem fim.

— Só que as conchas não são brancas, não é, madame? Estas conchas são de *ostras* — e Poirot apontou um dedo acusador.

Mary Delafontaine prendeu a respiração e ficou imóvel. Só os seus olhos interrogaram o detetive. Ele balançou a cabeça.

— *Mais, oui*, eu sei! A empregada deixou o jantar pronto, é certo. Ela e Katrina podem jurar à vontade que foi tudo o que comeram, mas a senhora e seu marido sabem que a senhora comprou uma dúzia e meia de ostras, um agradinho especial para *la bonne tante*. É tão fácil colocar estriquinina numa delas. Uma ostra engole-se de uma vez só, *comme ça!* Mas sobram as conchas. Não pode colocá-las na lata do lixo, pois a empregada as veria. E então a senhora resolveu demarcar um canteiro com elas, mas eram poucas, não foram suficientes para toda a volta. O efeito é desagradável, quebrou a simetria do seu encantador jardim. Essas poucas conchas são um detalhe pouco harmonioso, chamaram-me a atenção logo que as vi.

— O senhor deve ter adivinhado pelas informações da carta dela não? Eu sabia que ela lhe havia escrito, mas não sabia o quê.

Poirot mostrou-se evasivo:

— Deduzi que era um problema de família. Se o caso fosse com Katrina não haveria necessidade de discrição e nem razão para abafar a questão. Creio que a senhora ou o seu marido jogaram com os títulos de Miss Barrowby, a sua revelia, para obter lucros, até que ela descobriu.

Mary Delafontaine fez um sinal de aquiescência.

— Há anos vínhamos fazendo isso, ganhando um pouco aqui, um pouco ali. Nunca pensei que ela fosse esperta o bastante para notar. Então soube que ela chamara um detetive, e que pretendia deixar o dinheiro para Katrina, aquela criaturazinha miserável.

— E assim escondeu a estriquinina no quarto dela, não? A senhora livrava a si e a seu marido das conseqüências de suas ações e fazia uma criança inocente pagar pelo assassinato. Não sentiu piedade, madame?

Mary Delafontaine encolheu os ombros. Seus olhos azuis como miosótis encararam Poirot. Ele lembrou-se da impecável

performance dela naquele primeiro encontro, e dos movimentos desajeitados do marido. Era uma mulher bem acima da média, mas desumana.

Ela disse:

— Piedade? Por aquela miserável ratinha intrigante? — seu tom só continha desprezo..

Hercule Poirot escolheu as palavras devagar:

— Creio que a senhora só teve afeição por duas coisas em sua vida. Uma delas é seu marido.

Os lábios dela tremeram.

— E a outra é seu jardim — e Poirot correu os olhos em torno, parecendo pedir desculpas pelo que iria fazer.
